

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS-LINGÜÍSTICA

“NÉ”, (EU) “ACHO” (QUE) E “AÍ”: OPERADORES ARGUMENTATIVOS DO TEXTO FALADO

Tese submetida à Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do grau de Doutor em Letras, Área de Lingüística Aplicada ao Ensino de Português.

LUCIENNE CLAUDETE ESPÍNDOLA

FLORIANÓPOLIS - 1998

“NÉ”, (EU) “ACHO” (QUE) E “AÍ”: OPERADORES ARGUMENTATIVOS DO TEXTO FALADO

PRESIDENTES DA COMISSÃO

ORIENTADORA: Hilda Gomes Vieira
Prof^ª. Dra. Hilda Gomes Vieira

CO-ORIENTADOR: Heronides M. de Melo Moura
Prof^º. Dr. Heronides M. de Melo Moura

MEMBROS DA COMISSÃO

Ingedore G. Villaça Koch
Prof^ª. Dra. Ingedore G. Villaça Koch

Edwiges Maria Morato
Prof^ª. Dra. Edwiges Maria Morato

M. Marta Furlanetto
Prof^º. Dra. Maria Marta Furlanetto

Leonor Scliar Cabral
Prof^ª. Dra. Leonor Scliar Cabral

Terezinha Kuhn Junkes
Prof^ª. Dra. Terezinha Kuhn Junkes

Florianópolis, SC, 1998.

Dedico este trabalho:

- A todos aqueles para quem ele possa ser útil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

- à Prof^a. Dra. Hilda Gomes Vieira, minha orientadora, pelo carinho, confiança e liberdade proporcionada para que pudesse voar por novos horizontes.
- ao Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura, meu co-orientador, pelo aval, pela presteza e, acima de tudo, pelo profissionalismo.
- ao Cássio, pela compreensão na ausência, e pela colaboração técnica.
- à minha família, em especial à minha vó e à minha mãe pelas orações a distância.
- a todos os amigos que me deram incentivo e carinho nos últimos meses.
- ao Fábio, à Albertina, e à Terezinha, pelo companheirismo e cumplicidade cultivados na vida acadêmica.
- ao Carlos, pela ajuda carinhosa nos arremates da tese.
- ao professor Alexandrino pela colaboração.
- a meus professores.
- ao Prof. Dr. Dermeval da Hora de Oliveira por ceder e autorizar o uso das entrevistas do VALPB para constituírem o corpus desta pesquisa.

- às professoras Marcelle e Ana Berenice por terem revisado as traduções de francês e de espanhol.
- à CAPES, através da ACAFE, pela concessão de bolsa dentro do programa do PICD.
- à Universidade Federal da Paraíba que me liberou para a conclusão do doutorado.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

RÉSUMÉ

Convenções e Abreviaturas

INTRODUÇÃO 12

1. DA ARGUMENTAÇÃO À TEORIA DOS “TOPOI

1.0 Introdução 18

1.1 A argumentação em três perspectivas: Perelman & Olbrechts-Tyteca (1958), Toulmin(1958) e Anscombe-Ducrot(1983)..... 20

1.2 Teoria dos “Topoi”

1.2.0 Situando a teoria 45

1.2.1 “Topoi”, gradualidade e formas tópicas na versão standard:

Argumentação na Língua 54

1.2.2 A gradualidade dos “topoi”, o léxico e a Teoria dos Modificadores na versão recente: Teoria do “Topoi” 63

1.3 A Polifonia: de Bakhtin a Ducrot 80

2. ANÁLISE

2.0 Introdução 94

2.1 Considerações metodológicas..... 95

2.2	A entrevista como interação assimétrica.....	98
2.3	Considerações sobre o “né”	
2.3.1	Funções do “né” na Análise da Conversação.....	106
2.3.2	Funções do “né”, em posição medial, nas entrevistas.....	108
2.3.3	Subfunções dos RADs (requisito de apoio discursivo)	109
2.3.4	O “né” como indicador de “topoi”	114
2.3.5	O “né” e a gradualidade	134
2.3.6	O “né” e a polifonia.....	141
2.4	Considerações sobre (eu) “acho” (que	
2.4.1	Funções do (eu) “acho” (que) na Análise da Conversação.....	149
2.4.2	Funções do (eu) “acho” (que) nas entrevistas.....	151
2.4.3	(Eu) “acho” (que) na função de indicador de “topoi”	154
2.4.4	(Eu) “acho” (que), a polifonia e a gradualidade.....	161
2.5	Considerações sobre o “aí”	
2.5.1	Funções do “aí” na Análise da Conversação.....	163
2.5.2	O “aí” nas entrevistas	164
2.5.3	O “aí” na função de indicador de “topoi”	173
2.6	Discussão dos resultados	181
3.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	185
4.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	189
5.	ANEXOS.....	196

RESUMO

Neste trabalho é feito um estudo do funcionamento argumentativo dos marcadores “né”, (eu) “acho” (que) e “ai”, em entrevistas.

Para realizar esta tarefa utiliza-se como referencial teórico: a) a Análise da Conversação (AC) de cunho etnometodológico, como apoio para se conhecer a estrutura e o funcionamento do texto falado, principalmente o tratamento dado a esses marcadores; b) a Teoria do “Topoi” - versão atual - para alicerçar teoricamente as investigações em torno do funcionamento argumentativo dos marcadores citados. Estabelecido o referencial teórico, parte-se para a investigação propriamente dita: descrever todas as ocorrências dos marcadores “né” (eu) “acho” (que) e “ai”, identificar as funções textuais-interativas, evidenciando entre estas as argumentativas.

Os resultados verificados ratificam a hipótese básica deste trabalho: os marcadores “né”, (eu) “acho” (que) e “ai” são multifuncionais em muitas ocorrências - além da função de conectores do texto falado exercem, principalmente, função argumentativa.

ABSTRACT

In this study, the argumentative functioning of the markers “né”, (eu) “acho” (que) and “ái” in interviews is the subject of investigation.

To carry out this task, two theories served as theoretical guidelines: a) Analysis of Conversation (AC), an ethno-methodological tool, as a support for understanding the structure and functioning of the spoken text, specifically regarding the use of the above-mentioned markers; b) the “Topoi” Theory - current version - whose function is to provide a theoretical grounding for the investigations concerning the argumentative function of these markers. Having laid the theoretical foundation, the investigation itself began - describing all the occurrences of the markers “né”, (eu) “acho” (que) and “ái”, identifying their textual-interactive functions, focusing on the argumentative ones.

The results confirm the basic hypothesis of this study: the markers “né”, (eu) “acho” (que) and “ái” are multifunctional in many occurrences - in addition to their connective function in the spoken text, which is predominantly argumentative.

RÉSUMÉ

Ce travail a pour but l'étude du fonctionnement argumentatif des marqueurs "né", (eu) "acho" (que) et "ai", à travers des interviews.

Pour accomplir cette tâche, on se sert de l'appui théorique de: 1) l'Analyse de la Conversation (AC), d'inspiration ethnométhologique, en tant que référence permettant de connaître la structure et fonctionnement du texte parlé, surtout en ce qui concerne le traitement accordé à ces marqueurs; 2) la Théorie des Topoi - version actuelle - pour soutenir théoriquement les recherches concernant le fonctionnement argumentatif des marqueurs cités. Appui théorique établi, on part, à proprement parler, à l'investigation: décrire toutes les apparitions des marqueurs "né", (eu) "acho" (que) et "ai", identifier les fonctions textuelles-interactives, tout en mettant l'accent sur les argumentatives, parmi celles-ci.

Les résultats observés confirment l'hypothèse fondamentale de ce travail: les marqueurs "né", (eu) "acho" (que) et "ai" sont multifonctionnels à plusieurs occurrences - au delà de la fonction de connecteurs du texte parlé, ils exercent surtout la fonction argumentative.

CONVENÇÕES E ABREVIATURAS

AC - Análise da Conversação.

AL - Argumentação na Língua (versão padrão).

DD - dêitico discursivo.

EA - expressão argumentativa.

E1 - enunciador um.

E2 - enunciador dois.

FT - forma tópica.

I - informante.

IC- informação compartilhada.

L - locutor enquanto tal.

λ - locutor enquanto ser do mundo.

L1 - entrevistador.

L2 - entrevistado (informante).

MC - marcador conversacional.

MD - modificador derrealizante.

MR - modificador realizante.

OA - operador argumentativo.

P - primeiro segmento do enunciado.

Q - segundo segmento do enunciado (conclusão).

RAD - marcador de requisito de apoio discursivo.

T1 - topos um (concordante).

T2 - topos dois (discordante).

UD - unidade discursiva.

Obs. - As ocorrências extraídas do Projeto VALPB indicam, na ordem, “nº da entrevista”, “nome do informante”, “nível de escolaridade”, “sexo” e “linha”.

Nível de escolaridade: N = nenhum ano de escolarização

U = universitário

INTRODUÇÃO

“Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto; aliás, nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior as outras.” (Saussure, 1975:15)

Seguindo o que propõe Saussure, inicialmente, pretendo estabelecer o objeto alvo desta pesquisa e o ponto de vista através do qual ele será olhado. A língua, neste trabalho, é vista sob o ponto de vista argumentativo. Tal atitude justifica-se por acreditar no postulado que diz ser a habilidade de deliberar e de argumentar um sinal distintivo do ser racional.

Busco mostrar ser essa habilidade muito mais utilizada do que muitos acreditam ser; ou seja, essa habilidade não é somente requerida na produção de textos escritos, com determinados fins. Estão equivocados os que assim pensam, pois argumentar é um ato interativo mais corriqueiro do que se possa pensar. Se observarmos todas as vezes que ar

gumentamos desde que acordamos até a hora em que vamos dormir, constataremos o quanto a argumentação está presente nas nossas interações diárias.

E é a Teoria da Argumentação postulada por Anscombe e Ducrot - versão recente - o ponto de vista, através do qual olho o meu objeto de análise - o texto falado: a entrevista. Essa escolha deveu-se ao fato de esses lingüistas postularem que, nos sentidos dos enunciados, os valores argumentativos são os fundamentais. A tese que norteia essa teoria é a de que os valores argumentativos estão presentes, na estrutura profunda da significação; ou seja, a língua é fundamentalmente argumentativa.

Um dos motivos para querer trabalhar com a organização argumentativa do texto falado foi a constatação de haver, na literatura lingüística, muitos trabalhos sobre esse assunto em textos escritos e quase nada em textos falados, evidenciando a priorização do texto escrito, inclusive nas pesquisas. A partir dessa constatação, despertou-me a vontade de buscar, na Teoria dos "Topoi", subsídios para trabalhar a argumentação, enquanto característica intrínseca da língua, no texto falado. E, com este trabalho, contribuir com as pesquisas da área, propondo funções argumentativas para elementos lingüísticos característicos do texto falado, vistos, até então, como dispensáveis ou com funções textuais periféricas.

Um outro motivo é o fato de, por se conhecer pouco a estrutura argumentativa dessa modalidade de texto, evitá-lo em sala de aula, uma vez que faltam instrumentos para com ele trabalhar. Os recursos utilizados para trabalhar com os textos escritos não dão conta das particularidades do texto falado, então a solução mais 'fácil' é não incluí-lo no rol de textos a serem levados para a sala de aula.

Ressalto, no entanto, que o texto falado vem sendo objeto de estudo de lingüistas - um exemplo é a amostra do trabalho da Análise da Conversação (AC) que trago para esta pesquisa - os quais buscam evidenciar a estrutura desses textos, as funções textuais-interativas dos elementos que os compõem, bem como outras particularidades específi-

cas, porém pouco ou quase nada em relação à função essencial do texto argumentar.

O corpus utilizado, neste trabalho, é constituído de oito entrevistas sociolingüísticas (com duração de uma hora cada uma em média), integrantes do Projeto de Variação Lingüística no Estado da Paraíba - VALPB. O referido me foi, gentilmente, colocado à disposição pela área de Sociolingüística da UFPB.

Na escolha dos informantes, observaram-se os seguintes requisitos:

a) ser natural de João Pessoa ou morar nessa cidade desde cinco anos de idade;

b) nunca ter passado mais do que dois anos consecutivos fora de João Pessoa.

As oito entrevistas são de informantes com idade entre vinte e seis e quarenta e nove anos, sendo quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Em relação à escolarização, quatro pertencem ao grupo dos não escolarizados e quatro são universitários.

Na discussão dos resultados, será considerada somente a variável escolaridade, para verificar se as estratégias argumentativas averiguadas mudam de acordo com a escolarização ou se têm o mesmo comportamento nos dois níveis extremos. Ressalte-se que o uso desses marcadores, na maioria das vezes, é estigmatizado pelas pessoas escolarizadas - são vistos como sinônimo de pobreza textual. Como os informantes pertencem aos dois níveis de escolaridade extremos, pretendo verificar se essa variável condiciona o uso desses marcadores, salientando que a minha intenção é a de apenas constatar e não a de quantificar.

O método utilizado para a obtenção do corpus foi a aplicação de um questionário, depois de ter havido uma seleção dos prováveis informantes e a aplicação de uma ficha social, esta visando manter um primeiro contato com os futuros informantes e, principalmente, minimizar o paradoxo do observador, postulado por Labov(1972).

Os tópicos abordados nas entrevistas foram voltados para o cotidiano dos informantes, considerando as especificidades de cada um, evidenciadas na ficha social aplicada previamente.

Essas interações chamaram a minha atenção por revelarem relações assimétricas quanto aos papéis ocupados pelos participantes: entrevistador e entrevistado (informante). O primeiro introduz ou retira os tópicos que serão abordados; o segundo restringe-se a responder às perguntas na ordem estabelecida por aquele. Interessa verificar até que ponto a falta de espontaneidade inibe o informante, fazendo-o ser pouco argumentativo.

Como não se pode, neste momento, buscar todas as estratégias argumentativas utilizadas nas interações em análise, restrinjo minha pesquisa à descrição do funcionamento argumentativo dos marcadores¹ “né”, (eu) “acho” (que) e “aí” nas entrevistas.

A seleção desses marcadores foi guiada pela frequência com que ocorrem no corpus. Esse critério justifica-se porque, para verificar a multifuncionalidade dos referidos marcadores, faz-se necessário estar de posse de um corpus com um número significativo de ocorrências dos mesmos. Após fazer a descrição das ocorrências dos marcadores citados, busco as funções exercidas por eles nas entrevistas, sendo que o meu interesse estará centrado nas ocorrências que indicam a presença de “topoi”; ou seja, em função argumentativa.

Visando esse objetivo, primeiro, haverá um rastreamento nos trabalhos da Análise da Conversação (AC) de cunho etnometodológico, cujo objeto de estudo tenham sido os marcadores conversacionais. Na análise dos dados, procuro confirmar as funções propostas pela AC para os marcadores em estudo e levantar possíveis funções novas que se apresentem.

Em um segundo momento, apoiada na Teoria dos “Topoi” - fase atual da Teoria da Argumentação desenvolvida por Anscombe e Ducrot

¹ A Análise da Conversação assim denomina essas partículas e eu adoto essa nomenclatura até verificar o funcionamento dos mesmos nas entrevistas.

- procuro delimitar as ocorrências em que esses marcadores não são apenas responsáveis pela tessitura dos textos ou são elementos utilizados para manter a interação entre os participantes da fala. Ou seja, buscarei descrever o funcionamento argumentativo dos marcadores em estudo. Ressalte-se que a hipótese básica é de que haverá contextos em que os marcadores (eu) “acho” (que), “né” e “ai” além de funcionarem como elementos estruturadores do texto falado também e, principalmente, funcionam como indicadores de “topoi”. Em outras palavras, esses marcadores trazem para o discurso pontos de vista (“topoi”) que são utilizados como argumentos para determinadas conclusões visadas pelo locutor (informante).

Insisto na observação de que, na Análise da Conversação, apenas buscarei o tratamento já dado a esses marcadores. Além disso, o corpus pertence a uma das modalidades da conversação - a entrevista. O referencial teórico que dá suporte para as observações relativas ao funcionamento argumentativo dos três marcadores é o veiculado pela Teoria dos “Topoi”, sem que haja nenhuma pretensão de combinar essas duas teorias lingüísticas ou de questionar a Análise da Conversação.

A tese é constituída de dois capítulos. O primeiro apresenta os fundamentos teóricos relativos à Teoria da Argumentação. Apresento um panorama dos estudos sobre a argumentação, sob três pontos de vista: 1) o trabalho de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1958), com a nova Retórica, em uma perspectiva filosófico-retórica, cuja prioridade é o discurso jurídico; 2) o trabalho de Toulmin (1958) - inscrito em uma perspectiva lógica; 3) os trabalhos de Anscombe-Ducrot - de 1983 até os dias atuais. A ênfase é dada aos trabalhos de Anscombe e Ducrot - mais precisamente à quarta fase dessa perspectiva - pois é nesta fase que busco os fundamentos teóricos que alicerçam a minha pesquisa. A Teoria da Argumentação proposta por Anscombe e Ducrot é dividida em quatro fases cronológicas, sendo a última denominada Teoria dos “Topoi”, ancorada pelos conceitos de “topoi”, formas tópicas, gradualidade, os quais norte-

arão o meu trabalho, juntamente com a teoria da Polifonia, proposta por Ducrot.

O segundo capítulo traz alguns resultados de investigações com os marcadores “né”, (eu) “acho” (que) e “ai”, na perspectiva da AC de cunho etnometológico desenvolvida, no Brasil, por Marcuschi, Silva e Macedo, Urbano e outros e a análise das entrevistas. Como o corpus é constituído de entrevistas, procuro determinar em que tipo de interação - simétrica ou assimétrica - essa modalidade de conversação se enquadra. Para esse fim apresento os trabalhos sobre interações verbais de Marcuschi e de Gonçalves. Em seguida descrevo as ocorrências dos três marcadores e as respectivas funções, nas entrevistas. Embora realize a descrição de todas as ocorrências de cada um dos marcadores, detenho-me naquelas em que os marcadores estejam exercendo função argumentativa. Além das funções postuladas pela AC e confirmadas no corpus, as funções argumentativas é que constituem o ponto alto desta pesquisa. Levanto outras funções que surjam no corpus, observando, porém, não constituírem a meta principal. É, neste capítulo, que utilizo, na prática, os conceitos de “topoi”, gradualidade, polifonia e operador argumentativo, objetivando provar a hipótese que norteia minha pesquisa: “né”, (eu) “acho” (que) e “ai” podem ser multifuncionais - marcador conversacional e indicador de “topoi” (partícula argumentativa) - em determinados contextos. Nesta etapa, cada marcador é analisado separadamente e, ao final do capítulo, apresento um panorama geral dos resultados.

CAPÍTULO 1

DA ARGUMENTAÇÃO À TEORIA DOS “TOPOI”

1.0 - Introdução

Neste capítulo, inicialmente, dou um panorama dos estudos sobre a argumentação, sob três pontos de vista. O trabalho de Perelman & Olbrechts-Tyteca, com a Nova Retórica - em uma perspectiva filosófico-retórica -, prioriza o discurso jurídico de argumentação. E, conservando da retórica tradicional a noção de auditório, propõem construir uma teoria de argumentação objetivando analisar os meios de prova veiculados na área de ciências humanas, direito e filosofia.

Na segunda perspectiva, está o trabalho de Toulmin (1958), que se inscreve em uma perspectiva lógica. A partir de uma redefinição da atividade do lógico, juntamente com a epistemologia, o referido autor propõe o estudo da estrutura das argumentações nas diferentes disciplinas.

E, como terceira perspectiva, estão os trabalhos de Anscombe-Ducrot (1983) sobre a argumentação. Esta perspectiva diferencia-se das duas primeiras pelo fato de Anscombe-Ducrot proporem uma reconstru-

ção lingüística dos conceitos fundamentais da argumentação. Ou seja, estes - reintroduzindo em semântica lingüística o alvo argumentativo - trazem, em conseqüência, aos estudos da argumentação uma perspectiva de língua não explorada até então.

Ressalte-se que o trabalho de Anscombe e Ducrot é contínuo e pode ser dividido em quatro fases: *Descritivismo Radical* - em que a língua e a argumentação ainda são vistas, seguindo a retórica da época; *Descritivismo Pressuposicional* - representa um ajuste da primeira fase; *Argumentação na Língua* - a argumentação passa a ser constituinte da significação, ou seja, os valores argumentativos estão na língua; e a quarta etapa chamada de *Argumentatividade Radical* - começa com a Argumentação na Língua até as pesquisas atuais.

A segunda parte deste capítulo será dedicada à quarta etapa dos trabalhos de Anscombe e Ducrot - Teoria dos "Topoi" -, fazendo sempre uma ponte com a terceira, uma vez que se torna necessário ver como a teoria evoluiu até os nossos dias. Em outras palavras, será abordada a versão recente da teoria, sempre relacionando-a à versão standard.

Neste capítulo também abordarei conceitos como "topoi", formas tópicas e gradualidade - conceitos que ancoram a Teoria dos "Topoi" - relacionando-os ao léxico. E por fim darei uma atenção especial à teoria da polifonia - de fundamental importância para as pesquisas atuais sobre a Teoria dos "topoi".

Observo, porém, que, para o trabalho a que me proponho, alguns conceitos da referida teoria serão considerados fundamentais: *operador argumentativo (OA)* - partícula da língua que pode indicar o topos (ponto de vista do enunciador= forma tópica) a ser atualizado, para se chegar à conclusão visada pelo locutor; *gradualidade*- força de aplicação de um determinado topos; e *modificadores realizantes (MR)* e *derrealizantes (MD)* - palavras que determinam os predicados de uma língua, especialmente aquelas cuja presença diminui ou aumenta a aplicabilidade de um predicado.

1.1 - A Argumentação em três perspectivas: Perelman & Olbrechts-Tyteca (1958), Toulmin (1958) e Anscombre-Ducrot (1983)

Embora venha sendo objeto de pesquisa de muitos estudiosos desde Aristóteles, darei, de forma bastante rápida, um panorama dos estudos sobre a argumentação em três vertentes : Chaïm Perelman e Lucie Olbrecht-Tyteca com *Traité de L'argumentation - La Nouvelle Rhétorique* (1958) - Stephen Toulmin com *The uses of argument* (1958) - e Jean C. Anscombre e Oswald Ducrot *L'Argumentation dans la langue* (1983).

Os dois primeiros autores representam o impulso dos estudos sobre a argumentação no período pós-guerra e é principalmente nos Estados Unidos que encontram aceitação. Por outro lado, *A Teoria da Argumentação na Língua*, de Anscombre e Ducrot, propõe uma reconstrução lingüística dos conceitos fundamentais da argumentação.

O trabalho de Perelman integra a teoria da argumentação a uma filosofia do conhecimento e a uma filosofia da decisão e ação, uma vez que ele é também filósofo do direito. Assim sendo, a prioridade, na *Nova Retórica*, foi para o discurso jurídico de argumentação - com a apresentação de um paradigma de racionalidade que deve substituir o paradigma lógico na análise dos raciocínios cotidianos. Não havia a pretensão de impor a estes discursos noções extrapoladas do discurso jurídico. Em outras palavras, o discurso jurídico, nessa perspectiva, não preenche a função propriamente heurística (metadiscurso), assim como a análise, na teoria de Perelman, não pressupõe uma formação jurídica.

A Retórica Clássica recorria à argumentação quando se tratava de:

- . regular as escolhas políticas - gênero deliberativo;
- . sancionar condutas repreensíveis - gênero jurídico;

fortalecer as normas sociais, morais e estéticas (belo/feio) - gênero epídico.

Na *Nova Retórica*, há a hierarquização desses três tipos de discurso, com priorização para a linguagem do tribunal - gênero jurídico. Nessa perspectiva, os argumentos têm sua estrutura modelada por uma situação retórica pensada sobre o modo jurídico e definida pela presença de um auditório-juiz.

De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), a intenção foi construir a teoria da argumentação,

“analisando os meios de prova usados pelas ciências humanas, o direito e a filosofia; examinaremos argumentações apresentadas pelos publicitários em seus jornais, pelos políticos em seus discursos, pelos advogados em seus arrazoados, pelos juízes em suas sentenças, pelos filósofos em seus tratados”.(p.11)

Da retórica tradicional, Perelman conservou a noção de auditório. Influenciar o auditório é a noção central que diferencia as abordagens lógicas (estruturais) das abordagens retóricas da argumentação. Para Perelman, trata-se de um conceito básico que orienta todas as atividades de fala, mesmo no discurso interior, definido como uma deliberação. Por outro lado, os lógicos não consideram o auditório.

Na *Nova Retórica* há, ainda, a distinção entre **auditório particular** - que se desdobra, no diálogo, em interlocutor, a quem o autor se dirige, e no próprio sujeito, quando este delibera consigo mesmo - e **auditório universal** - constituído por toda a humanidade, os homens em geral, todo ser de razão.

A partir da classificação do auditório, o referido autor estabelece que **persuadir** é um ato de argumentação, que procura atingir a vontade, o sentimento do(s) interlocutor(es) através do uso de argumentos plausíveis; e **convencer**, por outro lado, é buscar a razão através de procedi-

mentos racionais. O ato de persuadir está ligado a um auditório particular, enquanto que o ato de convencer dirige-se a um auditório universal.

“Propomo-nos chamar persuasivo a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar convincente àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional.”(op.cit.,p.31)

Embora Perelman tenha proposto, como elementos imprescindíveis, para que se concretize o ato de argumentar, a existência de argumentos destinados a convencer e a persuadir, tanto na modalidade oral quanto na escrita, no *Tratado de Argumentação*, dedicou-se apenas a esta última modalidade.

É, essencialmente, a noção de auditório que permite colocar sobre novas bases o problema da avaliação dos argumentos. Ou seja, considera-se que a força do argumento é proporcional ao grau de aumento da adesão que ele provoca.

Perelman vai submeter a força dos argumentos a uma norma de racionalidade social externa: um argumento tem o valor do auditório que o admite. Ou seja, não propõe nenhum critério direto da força de um argumento ou de sua validade. O problema da avaliação, se assim deslocado, não está nos argumentos mas nos auditórios que os aceitam. Em outras palavras, a argumentação situa-se fora da língua.

Nessa ótica, a argumentação tem por função regular os conflitos que sobrevivem no domínio da ação e são produzidos pelos sistemas de valores incompatíveis dos diferentes agentes. Dessa idéia fundadora deriva a rejeição às definições rigorosas da razão, que assimilam o raciocínio ao demonstrável, pois a redução do primeiro ao segundo tornaria impossível toda lógica dos valores.

A Nova Retórica constrói uma teoria da argumentação que, de acordo com Perelman, visa completar a teoria da demonstração proposta

pela lógica. Para tanto, outros conceitos fundamentais são desenvolvidos, como a distinção entre o **ato de argumentar** e o **de demonstrar** - que não se limita a distinguir duas noções, mas dois campos de estudo: a retórica e a lógica formal, respectivamente.

A demonstração, objeto da lógica formal, parte de premissas verdadeiras ou supostamente verdadeiras e deve chegar a conclusões verdadeiras ou de uma probabilidade calculável. Por outro lado, a argumentação visa “provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento.”(op.cit.,p.4)

Perelman coloca como ponto de partida, para a sua análise da argumentação, em primeiro lugar, o que é aceito como ponto de partida de raciocínios e, em segundo, a maneira como estes se desenvolvem, presumindo um acordo por parte do auditório, ou seja presumidamente admitido pelos ouvintes.(op.cit., p.73)

Esse acôrdo pode ser avaliado sob três aspectos pelos seus ouvintes: quanto às premissas, à sua escolha, e à sua apresentação. Para o panorama a que me propus, parece suficiente abordar o objeto dos acordos que podem servir de premissas. Tais objetos são agrupados por Perelman em duas categorias: “uma relativa ao *real*, que comportaria os fatos, as verdades e as presunções, a outra relativa ao *preferível* que conteria os valores, as hierarquias e os lugares do preferível” (op.cit.,p.74)

Ressalte-se que, embora a concepção do *real* possa variar conforme opiniões filosóficas, na argumentação, tudo que se presume sobre o *real* é nada mais nada menos do que a pretensa validade para um auditório universal. Em oposição, o que versar sobre o *preferível*, determinante das escolhas sem considerar uma realidade preexistente, é identificado a um ponto de vista de um auditório particular.

Os *fatos* - efeitos ou resultados da descrição de certos dados - referem-se a uma realidade objetiva e são aceitos pelo auditório universal. As *verdades* representam o conhecimento que permite fazer generalizações sobre fatos. Ou seja, as verdades “são sistemas mais complexos,

relativos a ligações entre fatos, quer se trate de teorias científicas ou de concepções filosóficas ou religiosas que transcendem a experiência".
(*op.cit.*, p. 77)

Fato 1: A escola X é uma escola pública.

Verdade: Escolas públicas são ineficientes.

Fato 2: A escola X é ineficiente.

Tanto os fatos quanto as verdades podem ser utilizados como ponto de partida da argumentação. O que vai permitir passar do argumento (verdades e fatos) para a conclusão são as suposições (presunções) admitidas por todos os auditórios. Há presunções de uso corrente como "a presunção de que a qualidade de um ato manifesta a da pessoa que o praticou" (*ob.cit.* p.79)

As presunções estão relacionadas a uma base, a um parâmetro tomado como 'normal' pelos auditórios, dentro de uma sociedade. E, é a partir desse normal que se constroem as argumentações (discurso).

O normal, de acordo com Perelman (1996), abrange mais amiúde, ao mesmo tempo e de uma forma diversamente acentuada, conforme os casos, as idéias de média, de modo e, também, de parte mais ou menos extensa de uma distribuição (p.80).

Por exemplo, ao dizer que

Quase todo político é desonesto.

presume-se que tal afirmação revela a concepção de um grupo de referência - que, dentro de uma sociedade, é a categoria em relação à qual o normal é estabelecido - no caso, o conjunto dos políticos.

Tanto os *fatos*, as *verdades* quanto as *presunções* são objetos de acordo caracterizados pela adesão dos auditórios universais e constituem a categoria do real. Porém, há aqueles objetos de acordo caracterizados

pela adesão de grupos particulares: os valores, as hierarquias e o preferível, que constituem a categoria do preferível.

No campo da argumentação

“tudo o que se presume versar sobre o real se caracteriza por uma pretensão de validade para o auditório universal. Em contrapartida, o que versa sobre o preferível, o que nos determina as escolhas e não é conforme a uma realidade preexistente, será ligado a um ponto de vista determinado que só podemos identificar com o de um auditório particular, por amplo que seja”.
(*op.cit.*, p.74)

Como já disse anteriormente, há alguns objetos de acordo, entre o produtor do discurso e o auditório, responsáveis pela busca de adesão de grupos particulares - auditório particular. São eles *os valores, as hierarquias e o preferível*.

“Estar de acordo acerca de um valor [**grifo meu**] é admitir que um objeto, um ser ou um ideal deve exercer sobre a ação e as disposições à ação uma influência determinada, que se pode alegar numa argumentação, sem se considerar, porém, que esse ponto de vista se impõe a todos.”(*op.cit.*, p.84)

Os valores, considerados como objeto de acordo, evidenciam formas particulares de agir e de pensar e, além disso, reforçam a existência, em uma dada sociedade, da multiplicidade de grupos. Os valores diferem das verdades por não poderem ser considerados generalizações sobre fatos. A validade dos valores está restrita a grupos; ou seja, apresentam um aspecto não-universal. Descartes considera os valores como *opiniões*.

Segundo Perelman (1996), os valores (opiniões) intervêm, num dado momento, em todas as argumentações (p.84). Nos raciocínios da área científica, os valores estão restritos à elaboração de conceitos e regras. O raciocínio, na área científica, é, na medida do possível, isento delas. Porém, nas áreas jurídica, política, filosófica, os valores funcionam como base de argumentação no decorrer de todo o discurso. As opiniões (valores) são utilizadas como justificativas para certas escolhas e não outras, as quais, em última instância, pretendem persuadir o ouvinte, para que as mesmas sejam aceitas por ele.

Em relação à argumentação, o papel dos valores “é, pois, justificar escolhas sobre as quais não há acordo unânime, inserindo essas escolhas numa espécie de contexto vazio, mas sobre o qual reina um acordo mais amplo”. (op.cit.,p.86)

Outro objeto do acordo - base na argumentação - são as *hierarquias*. Além dos valores, tanto concretos como abstratos, o ato de argumentar se alicerça em hierarquias explícitas ou implícitas. Tais hierarquias são expressas e apreendidas através dos valores veiculados no discurso. As explícitas podem ser do tipo ‘a superioridade dos homens sobre os animais, dos deuses, sobre os homens’ etc.; as implícitas ali estão, porém, assumidas de forma não declarada. E a escolha dos valores utilizados no processo discursivo, os quais veiculam as hierarquias admitidas por eles, constituirão o *preferível*.

No mesmo ano em que foi publicado *Traité de L’argumentation* de Perelman, foi publicado *The Uses of Argument* de S.E. Toulmin, marcado pelos postulados metodológicos da ‘análise lingüística’ no campo da Filosofia, nos trabalhos de Hare, Urmson, Ryle e Austin.

De acordo com Plantin(1993), a palavra ‘uses’ (do título) remete, certamente, ao famoso slogan “meaning is use”, pelo qual Wittgenstein identifica a significação de uma palavra ao seu uso. De forma geral, essa filosofia orienta todo o trabalho para uma análise das práticas argumentativas concretas (a pluralidade constatada nos domínios da argumentação).

Munido da mesma inspiração, Toulmin propõe uma análise das modalidades em que a análise semântica dos modos é substituída por uma análise pragmática, meio performativa, meio argumentativa. Distingue, pois, no funcionamento dos modais como *possível*, *certo*, de uma parte, um componente performativo ou “força” pela qual se marca o engajamento do locutor no seu enunciado, como por uma promessa; e de outra, um componente criterial, dependente do contexto, que, no enunciado, remete globalmente aos procedimentos de justificação, e aos tipos de argumentação capazes de sustentar a afirmação de possibilidade ou de certeza, e indiretamente às leis que funcionam com “permissão de inferir” no processo argumentativo. (Plantin, 1993:23)

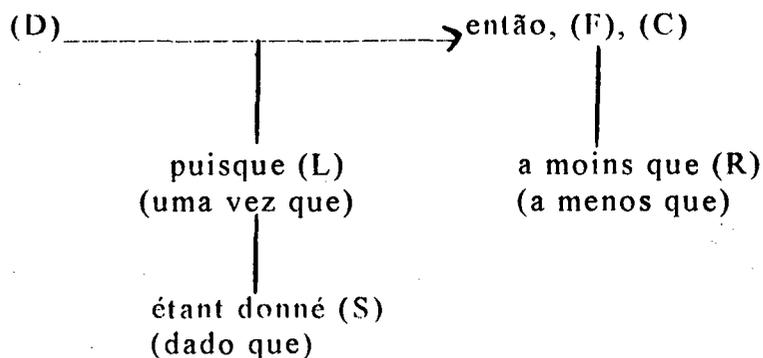
Toulmin mostra que as definições aristotélicas, as questões e as intenções fundadoras da disciplina não foram determinadas, mas proibidas pelos desenvolvimentos formais da lógica moderna. Ele reafirma a função original da lógica, que é analisar os passos pelos quais se chega a uma conclusão racional.

Após discutir a função da lógica nas duas perspectivas - na original (aristotélica) e na moderna (matemática) - Toulmin busca uma redefinição da atividade do lógico - uma lógica comparada - que, juntamente com a epistemologia, vai estudar a estrutura das argumentações nas diferentes disciplinas.

No modelo proposto por ele, a asserção racional não é concebida isoladamente, mas entre uma rede complexa de enunciados.

Esse modelo é, em primeiro lugar, justificativo. Trata-se de caracterizar a técnica pela qual um locutor fornece uma justificativa para uma asserção que ele adiantou, e que é colocada em dúvida pelo interlocutor.

O esquema argumentativo proposto por Toulmin passa por algumas fases de inserções até chegar à fase completa.



D= dados factuais

F= indicador de força

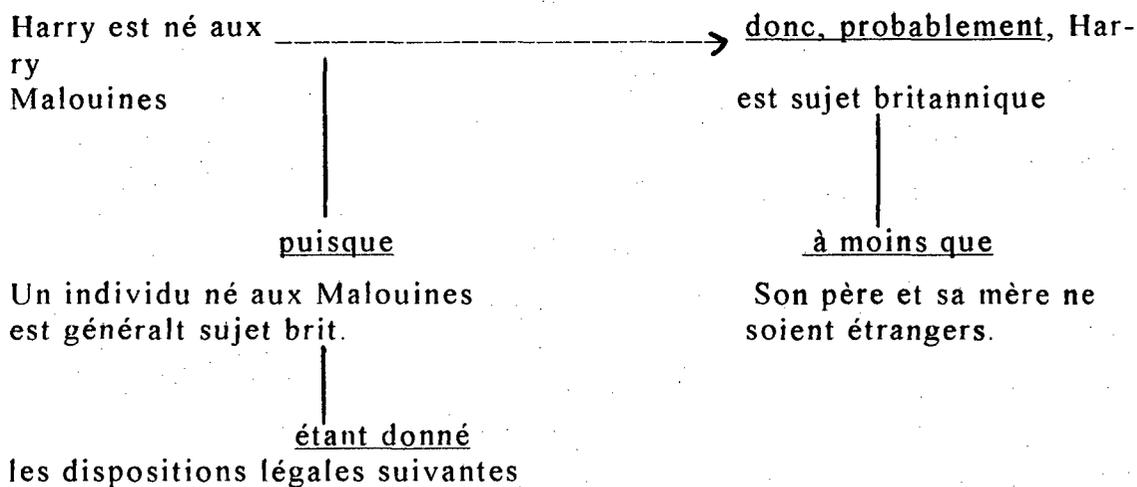
C= conclusão

L= 'permissão de inferência'²

S= suportes ou justificativas

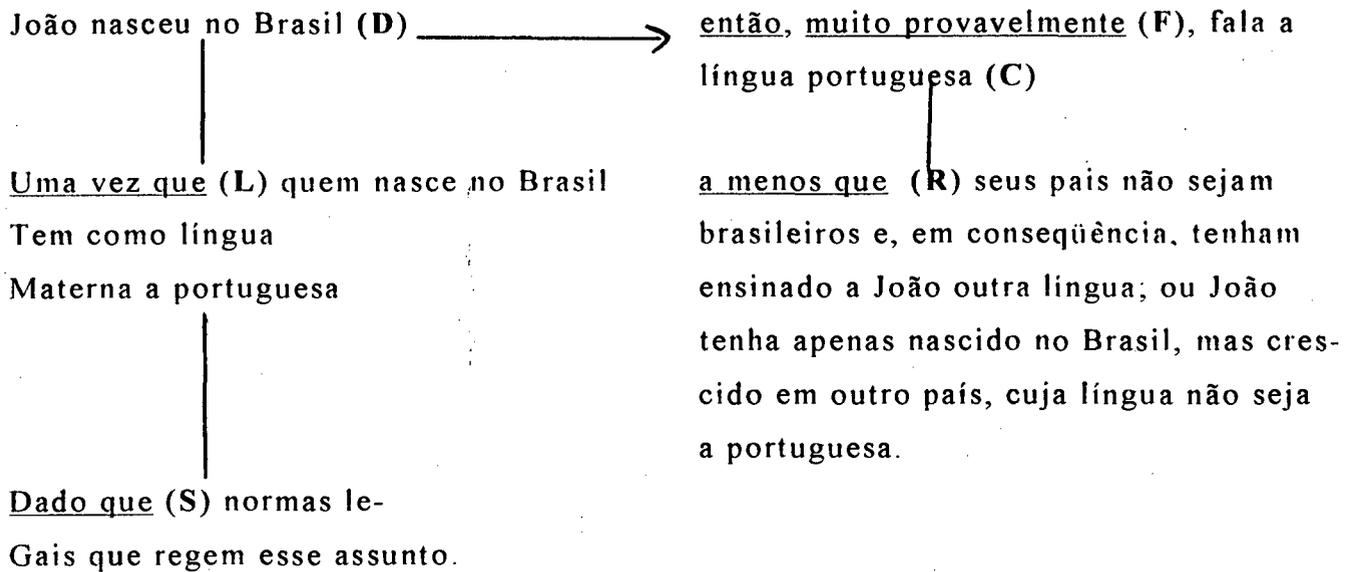
R= restrição (refutação potencial) (tradução minha)

Exemplo (op.cit.,p.28)



Vejamos um exemplo nosso.

² Princípio geral capaz de servir de fundamento a essa inferência, de pôr um ponto entre (D) e (C).



Plantin (1993, *passim*) elenca como aspectos mais importantes, no trabalho de Toulmin: a lei de passagem como lugar comum; a rede argumentativa, uma abordagem vericondicional.

A introdução da lei de passagem (L), em sua teoria, tem por função assegurar a repercussão do primeiro enunciado (D), o argumento, sobre o segundo (C), a conclusão. A introdução dessa noção, na teoria da argumentação, faz com que Toulmin redescubra a noção de topos, ou lugar comum, utilizado na retórica antiga.

Ressalte-se, aqui, que Ducrot reelabora dois desses conceitos postulados por Toulmin: o de licença de inferir (L) e o de indicador de força (F), os quais correspondem, na teoria de Ducrot, respectivamente, à noção de topos e de força argumentativa.

O modelo proposto mostra como funciona a rede argumentativa, a partir do esquema principal: dado - lei de passagem - conclusão, e como as argumentações secundárias se agregam à argumentação principal.

A noção de verdade é, nesse trabalho, gradual e, neste sentido, Plantin considera o modelo vericondicional, com o objetivo de conservar a noção tradicional de verdade, porém relativizando-a, e relacionando-a aos critérios de apreciação em vigor no domínio que marca o enunciado-conclusão.

(...) “ le modèle de Toulmin n’est pas rhétorique mais vériconditionnel. Ce qui a, entre autres, por conséquence logique, l’absence de la notion d’auditoire, qui n’est jamais prise en compte dans ce modèle, non plus que celle de locuteur.”(op.cit.,p.30)³

Embora, em um primeiro momento, Toulmin tenha definido argumentação como um encadeamento regulado de proposições, a presença, no seu modelo, do indicador de restrição (R), funcionando como uma objeção potencial, denuncia, implicitamente, um mecanismo de concessão. O que, nesse momento, era implícito torna-se bastante claro quando o referido autor passa a definir argumentação, também do ponto de vista funcional, como uma “interação humana”.

Uma argumentação é “l’exposition d’une thèse controversé, l’examen de ses conséquences, l’échange des preuves et des bonnes raisons que la soutiennent, et une clôture bien ou mal établie”⁴ (op.cit.,p.31)

Para Plantin (op.cit.), o modelo de Toulmin lança os alicerces de uma unidade que se poderia chamar célula argumentativa, articulada às dimensões de um texto. Tal célula seria constituída de:

... uma argumentação, conectando uma posição (tese, conclusão) a um dado que a sustenta (um argumento);

³ (...) o modelo de Toulmin não é retórico mas vericondicional. Isso tem, entre outras, por consequência lógica, a ausência da noção de auditório, que não é jamais levada em conta nesse modelo, nem a de locutor.

⁴ Uma argumentação é a exposição de uma tese controversa, o exame de suas consequências, o intercâmbio das provas e das boas razões que a sustentam, e um fechamento bem ou mal estabelecido.

uma refutação, quer dizer uma alusão à posição de um adversário, sustentando uma outra conclusão, e uma negação dessa posição.

Perelman preocupou-se com a argumentação, numa perspectiva retórica e filosófica - voltada principalmente para o discurso jurídico; Toulmin buscou redefinir o papel do lógico, propondo uma lógica comparada, associada à epistemologia, para estudar a estrutura das argumentações nas diferentes disciplinas; Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombe tiveram como objeto de pesquisas também a argumentação, porém na perspectiva lingüística - a argumentação descrita considerando frase, enunciado, enunciadores, enunciação. Os dois primeiros trabalhos concebem a argumentação como externa à língua, enquanto que o último postula que a própria estrutura da língua é argumentativa.

Enquanto Ducrot-Anscombe sempre reivindicaram a vinculação dos seus trabalhos ao domínio lingüístico mais estrito de suas pesquisas de pragmática integrada, Perelman inscrevia o seu, no campo da filosofia do direito e da filosofia da ação. Este último não se interessou pela linguagem ordinária e sua filosofia político-moral do consenso repousa sobre uma ética do discurso que pressupõe a neutralidade da língua, da qual Ducrot duvida.

Por outro lado, tanto Perelman quanto Ducrot buscam determinar as estruturas intencionais das transações lingüísticas. Nos dois trabalhos, o termo fundamental não é a verdade, mas as regras que direcionam o discurso.

Influenciar o auditório é a noção central que diferencia abordagens lógicas - Toulmin - das abordagens retóricas da argumentação - Perelman. As primeiras não consideram a noção de auditório enquanto que, para as últimas, ela é fundamental, orienta todas as atividades de fala, mesmo no discurso interior, definido como uma deliberação. Em outras palavras, para Perelman, a verdade de um enunciado é medida através da adesão engajada por um auditório; por outro lado, Toulmin mede a ver-

dade de um enunciado conservando a noção tradicional de verdade - é uma abordagem vericondicional.

De acordo com Plantin (1993), os pontos comuns entre as três teorias sobre a argumentação, é preciso procurá-los mais no tratamento de certos problemas que no nível de idéias ou proclamações gerais. Por exemplo, tanto Toulmin quanto Perelman e Anscombre-Ducrot redescobrem a noção de lugar comum (*topos*), mas este desempenha papéis completamente diferentes em cada uma das teorias.

A teoria da argumentação na língua nasceu da constatação de que certos encadeamentos não se comportavam como o previsto por uma análise semântica clássica. Anscombre e Ducrot postulam que algumas relações argumentativas, que não são retóricas no sentido próprio do termo, não estariam acrescentadas ao valor semântico fundamental do enunciado, mas deveriam ser consideradas elas mesmas como fundamentais, como lingüísticas no sentido pleno, isto é, presentes desde o nível mais profundo de análise.

Em outras palavras, para Anscombre e Ducrot, há presentes, nos sentidos dos enunciados, alguns valores semânticos que não podem ser nem deduzidos, nem mesmo derivados, de valores informativos mais fundamentais. Tais valores, considerados argumentativos, passam a ser considerados fundamentais na significação; enquanto os valores informativos deixam de ser fundamentais e passam a ser derivados daqueles.

A teoria da argumentação na língua - desenvolvida pelos referidos lingüistas - não estabelece a oposição objetivo/subjetivo, como também se distancia das teorias representacionistas. Ou seja, a teoria da argumentação insere-se no grupo das teorias que rejeitam a concepção de língua como conjunto de estruturas e regras independentes de toda enunciação e contexto. E, conseqüentemente, choca-se com a tradição lógico-filosófica, que postula que a língua tem como função principal representar a realidade, por extensão, que a significação das frases tem *per se* um valor de verdade.

“Ducrot niega la idea según la cual la lengua tiene primeiramente una función referencial que remite a una materialidad externa, y por lo tanto que el sentido del enunciado se juzgue en términos de verdad o falsidade.” (Anscombe & Ducrot, 1994:17)⁵

Há que ressaltar que Anscombe e Ducrot continuam pesquisando sobre a argumentação. E, desde 1983 - com *L'argumentation dans la Langue* - reformulações ocorreram em torno da teoria, mostrando que a mesma não está acabada e que evolui graças às pesquisas. Essa evolução pode ser observada, na conceituação do que seja argumentação, nas quatro fases⁶ de pesquisas dos referidos autores.

Na primeira etapa - *Descritivismo Radical* - a língua e a argumentação são vistas separadamente, seguindo a tradição retórica da época. A relação da língua com a argumentação resume-se ao fato de que as palavras têm o poder de descrever fatos. A língua não é vista como argumentativa, mas serve para evidenciar a existência de encadeamentos argumentativos, através de conectores como *portanto, por conseqüência, porque* etc.

Tais conectores, nesse momento, quando ligam enunciados, indicam que os fatos mencionados por um enunciado devem levar à admissão dos mencionados pelo outro. Em outras palavras, os conectores são descritos como introdutores de relações entre fatos.

A argumentação é descrita assim.

“Si, en un discurso, un enunciado E favorece la conclusión C, es porque E señala un hecho F y porque, además, ciertas leyes reconocidas por los interlocutores

⁵ Ducrot nega a idéia segundo a qual a língua tem primeiramente uma função referencial que remete a uma materialidade externa, e portanto que o sentido do enunciado é julgado em termos de verdade ou falsidade.

⁶ Essa cronologia é estabelecida pelos próprios autores da Teoria da Argumentação - Anscombe-Ducrot (1994) - no artigo Argumentatividade Informatividad.

autorizan a creer C desde o momento em que se tem F.”⁷
(*op.cit.*, p. 195)

A semântica lingüística imposta pelo “*descriptivismo radical*”, para dar conta da diferença de significação entre *pouco* e *um pouco*, nos exemplos

(1) *João estudou pouco.*

(2) *João estudou um pouco.*

postula que a argumentação se fundamenta em meros fatos, ou seja, que (1) e (2) representam fatos diferentes. Ou seja, *pouco* e *um pouco* designam quantidades diferentes (*pouco* é menos do que *um pouco*). A oposição postulada pelas duas expressões está no nível semântico, puramente factual, da diferença de duas quantidades. Essa diferença é que torna irônico o encadeamento [*João estudou pouco, corre, portanto, o risco de ser aprovado no vestibular*], enquanto ficamos na mais absoluta banalidade quando extraímos a mesma conclusão de (2).

De acordo com os autores citados, as teses postuladas pelo *Descriptivismo Radical* são:

a) os encadeamentos argumentativos do discurso estão fundamentados nos fatos que os enunciados veiculam;

b) as estruturas lingüísticas realizadas pelos enunciados (as frases) têm por função semântica primeira a descrição dos fatos;

c) as informações veiculadas pelos enunciados são derivadas, por um lado, do valor semântico das frases (que é informativo) e, por outro, da aplicação eventual a este valor de leis discursivas relativas à transmissão de informação.

⁷ Sc. em um discurso, um enunciado E favorece a conclusão C, é porque E assinala um fato F e porque, além disso, certas leis reconhecidas pelos interlocutores autorizam a creer C desde o momento em que se tem F.

A segunda etapa - *Descritivismo Pressuposicional* - representa um ajuste da primeira. Os encadeamentos argumentativos continuaram sendo realizados no nível factual, porém tais encadeamentos não mais se realizam com todos os fatos veiculados pelos enunciados. Passou-se a uma seleção determinada pela propriedade das próprias frases, que passaram a ter valor posto e pressuposto. As informações, nesse momento, podem estar afirmadas ou pressupostas; os encadeamentos argumentativos realizam-se somente ao nível dos valores afirmados (postos). A partir do momento em que se reconhece que o posto e o pressuposto correspondem a duas atitudes do locutor com relação a informações veiculadas, fica implicado, também, que a argumentação está relacionada aos atos ilocutórios.

A teoria da pressuposição (1a. versão), proposta nesse momento por Ducrot (1977), postula a descrição lingüística da pressuposição “não como uma modalidade (no sentido técnico dos lógicos), mas como um ato de fala particular, do mesmo modo que a afirmação, a interrogação ou a ordem”. (p.77)

De acordo com o mesmo autor, “pressupor não é dizer o que o ouvinte sabe ou o que se pensa que ele sabe ou deveria saber, mas situar o diálogo na hipótese de que ele já soubesse”. (*ibid.*)

(3) *Paulo não sai mais à noite.*

Analisando o exemplo, na perspectiva da pressuposição lingüística, ter-se-ia:

(3a) *Paulo saía à noite.* (em um tempo anterior à enunciação)-
pressuposto

(3b) *Paulo não sai, à noite, atualmente.* - posto

Observando (3a), constata-se apenas uma parte do conteúdo veiculado pelo enunciado (3), mas não a informação evidenciada por ele.

(3a) está contido em (3), porém, de certa forma, subjacente a este, uma vez que é o conteúdo de (3b) que é privilegiado. Por outro lado, a informação de (3a) é apresentada como sendo de domínio dos integrantes da interação.

Ducrot propõe três critérios para testar, ou melhor, evidenciar conteúdos pressupostos. Para que uma informação seja considerada pressuposta terá de continuar a ser afirmada quando submetida à negação e à interrogação. Além desses dois testes, um terceiro virá: qualquer encaideamento discursivo possível, para o enunciado em questão, terá de ser ligado ao posto, nunca ao pressuposto.

Aplicando esses testes ao exemplo (3) Paulo não sai mais à noite? e É falso que Paulo não sai mais à noite, percebe-se que em ambos os enunciados é mantido, tal como o faz (3), que Paulo saía à noite. Observe-se ainda que, quando a (3) é encadeado um outro enunciado - *Paulo não sai mais à noite, porém continua sendo conhecido como boêmio* - o elo de ligação não se estabelece com o elemento pressuposto (3a), mas com o restante do conteúdo de (3) - o posto - ou seja, afirma-se que atualmente Paulo não sai.

Ducrot situa o ato de pressuposição no *componente lingüístico*, enquanto que o subentendido seria conseguido a partir do *componente retórico*. Esses dois componentes constituem a descrição semântica proposta por ele, concebida

“como um conjunto de conhecimentos que permitem prever o sentido que recebe efetivamente cada enunciado da língua em cada uma das situações em que é empregado.”(op.cit., p.116)

Na descrição semântica, o componente lingüístico assume a função de atribuir a A (enunciado qualquer) significação A' - “toma como ponto de partida os enunciados considerados fora de qualquer contexto e atri-

bui-lhes significações”(op.cit., p.124); enquanto que o componente retórico prevê o sentido de A na situação X.

Em outras palavras, o pressuposto é o resultado da descrição semântica ocorrida no componente lingüístico, uma vez que aquele está inscrito na significação dos enunciados. Já o componente retórico, dada a significação (CL) a um enunciado, e as circunstâncias nas quais este é utilizado, prevê um dos sentidos- o subentendido - desse enunciado em uma situação determinada .

Os pressupostos estão inscritos na língua, ou seja, são fatos de língua, o que leva Ducrot (1987) a declarar que “a língua, independentemente das utilizações que dela podem ser feitas, apresenta-se, fundamentalmente, como lugar de debate e da confrontação das subjetividades” (p.30).

A pressuposição, nesse momento, exerce, pelo menos, três funções, na atividade lingüística: funciona como elemento de coerência e coesão, pelo fato de evitar a repetição no encadeamento discursivo, ao mesmo tempo em que faz com que haja recorrência semântica; uma condição de progressão, que se dá via posto: por fim, aparece como evidência, verdade óbvia que não pode ser questionada.

Considerando as funções/efeitos apresentados, pode-se dizer que a pressuposição é uma forma de obrigar (persuadir) o meu destinatário, com meu discurso, a admitir o que está nele pressuposto, sem, contudo, permitir-lhe que prossiga a interação em cima do pressuposto. Ou melhor, utilizar-se da pressuposição na construção discursiva é dispor de uma das estratégias argumentativas de que a língua dispõe.

Cabe ressaltar que a argumentação ainda é construída de fato a fato, e consiste principalmente em concluir a partir dos fatos com uma diferença com relação ao primeiro estágio - agora somente são utilizados argumentativamente os fatos afirmados (postos). A proposta de distinção entre posto/pressuposto e sua função no encadeamento dos enunciados

representa um caminho para a postulação de que a argumentação está na língua.

E, na medida em que a argumentação só afeta o afirmado (posto), tem-se conclusões diferentes para os enunciados

(1) *João estudou pouco.*

(2) *João estudou um pouco.*

distribuindo de forma diferente o posto e o pressuposto. Em (1) o pressuposto seria *João estudou* e o posto *A quantidade de estudo que João efetivou é débil*. Em (2) o pressuposto *Se houve estudo, a quantidade foi débil* e o posto *João efetivou uma certa quantidade de estudo*. Na medida em que a argumentação só afeta o posto, os encadeamentos possíveis a (1) somente poderão referirem-se à debilidade do estudo de João; e a (2) somente conclusões que digam respeito ao fato de João ter estudado.

De acordo com Anscombe-Ducrot (1994), a vantagem dessa solução com relação ao que acontecia no primeiro estágio reside no fato de que evita postular uma diferença quantitativa entre *pouco* e *um pouco*, e dá conta, de certa maneira, de suas potencialidades argumentativas opostas.

O terceiro estágio é o referente às pesquisas reunidas em *L'argumentation dans la langue 1983*. De acordo com Anscombe e Ducrot, esta etapa funcionou como transição para a quarta. Eles a denominam de *argumentação como um constituinte da significação*.

Os enunciados continuam veiculando indicações factuais, determinadas por um componente factual, presentes já na significação da frase e os movimentos argumentativos repousam, ao menos parcialmente, nesse elemento factual inerente à significação. A novidade está no fato desse estágio ter introduzido valores argumentativos na língua. Ou seja, as frases, nesse momento, impõem que seus enunciados sejam utilizados argumentativamente e que o sejam em uma direção dada. Essa fase está

baseada nas noções de *expressão argumentativa*, *potencial argumentativo* e *ato de argumentar*.

O ato de argumentar resulta da concatenação de segmentos do discurso, de dois enunciados: um constituindo o argumento e o outro, a conclusão. Porém, esta última não, necessariamente, realizada explicitamente, pode ser somente potencial - segundo Ducrot, seria um 'alvo argumentativo' de um enunciado argumento. O potencial argumentativo de um enunciado constitui o conjunto de enunciados que podem se unir a esse enunciado na qualidade de conclusões - classe de conclusões.

A classe de conclusões seria o conjunto de conclusões (r) circunscritas pela instrução ligada à frase. Isto porque, ao nível da frase, não há conclusão específica. O que encontramos são algumas funções, sob a forma de instruções como buscar as conclusões r1, r2, r3 etc.

De acordo com Anscombe (1995a)

(...) un enoncé ou bien argumente en faveur d'une conclusion effective (non nécessairement explicite), ou bien vise une telle conclusion."⁸ (p.35)

Uma dessas conclusões possíveis será atualizada com a introdução de alguns elementos (expressões argumentativas), nos enunciados, suscetíveis de mudar a classe de conclusões.

As expressões argumentativas (EA) são expressões da língua que impõem um valor argumentativo aos enunciados onde aparecem. Figuram, nessa classe, palavras cheias ou lexicais (adjetivos, substantivos e verbos) e operadores de frase (palavras que ao serem introduzidas em uma frase produzem outra frase), que indicam a direção argumentativa da frase.

⁸ (...) um enunciado ou argumenta em favor de uma conclusão efetiva (não necessariamente explícita), ou visa uma tal conclusão.

Os operadores de frase (sentido amplo) são de dois tipos: aqueles que articulam enunciados, determinando (instruindo) a orientação argumentativa - os conectores argumentativos; e os operadores argumentativos, que têm a função de introduzir a argumentatividade na estrutura semântica das frases. Em consequência, pode-se ter frases de valor informativo (sem operadores) e frases argumentativas (com operadores).

“x é um operador argumentativo (OA) se um enunciado de P e um enunciado de P' (onde $P' = P + X$) permitem conclusões diferentes - diferença impossível de derivar de sua oposição no nível factual.” (Ducrot, 1989:20-21)

L'argumentation dans la langue, de acordo com os seus autores, vem resolver alguns problemas no que diz respeito às soluções dadas, no segundo estágio, para a descrição dos *pressupostos* e dos *operadores argumentativos*. As soluções propostas nem sempre davam conta de descrever determinados enunciados.

Um dos problemas constatados por Anscombe-Ducrot foi com relação à pressuposição. Um exemplo é a descrição em termos de posto/pressuposto de enunciados com as expressões *pouco/um pouco*.

Retomando o exemplo

(1) *João estudou pouco.*

(1a) João estudou.

(1b) A quantidade de estudo efetivado por João foi débil.

e aplicando os critérios tradicionais: interrogação, negação, constata-se que o pressuposto (1a) resiste a eles, porém em relação a *um pouco*, o mesmo não acontece.

(2) *João estudou um pouco.*

(2a) Se houve estudo, a quantidade foi débil.

(2b) João efetivou uma certa quantidade de estudo.

Nesse momento é postulado que (2a) não aparece em (2), quando se faz a interrogação *João estudou um pouco?*. Esse fato revela que o pretendido pressuposto não se mantém na interrogação e na negação.

A solução dada a essa dificuldade do segundo nível foi a seguinte. (1) e (2) são, do ponto de vista factual, perfeitamente sinônimos: expressam uma quantidade representável, na significação da frase, pelo mesmo parâmetro, e, portanto, destinada a ser interpretada da mesma forma no nível do enunciado. A diferença entre as duas expressões se situa somente no nível argumentativo. (1) deve ser utilizado para o conjunto das conclusões na direção de [*João não estudou*], enquanto que (2) estaria argumentativamente direcionado para a conclusão [*João estudou*]. (1) e (2) apresentam potenciais argumentativos diferentes - permitem conclusões diferentes. A orientação argumentativa de *pouco* é negativa, enquanto que a de *um pouco* é positiva.

Ressalte-se que *potencial argumentativo* era concebido “como el conjunto de enunciados que pueden servir de conclusión, o sea el conjunto de enunciados que pueden unirse a ese enunciado en calidad de conclusiones”.⁹ (Ducrot, 1988:91)

Para verificar se uma certa expressão era argumentativa ou não, bastava encontrar uma conclusão que poderia ser atribuída ao enunciado em que aparecia tal expressão e que não pudesse ser atribuída ao enunciado desprovido de tal expressão. Em consequência, os operadores seriam elementos que, se introduzidos nos enunciados, modificariam a classe das conclusões (estariam suscetíveis a provocar essa mudança).

Porém, há exemplos em que a introdução de um operador argumentativo não satisfazia a tese proposta - modificar a classe das conclu-

⁹ O potencial argumentativo o conjunto de enunciados que podem levar a determinadas conclusões, ou seja, o conjunto de enunciados que podem se unir a esse enunciado na qualidade de conclusões.

sões. Nesse caso tais expressões não se enquadrariam na classe dos operadores argumentativos.

Um exemplo com conclusões possíveis, ligadas a uma mesma frase.

(4) *É cedo, são oito horas.*

(5) *É tarde, são oito horas.*

Ao enunciado base *São oito horas* Ducrot (1988) acrescentou dois operadores argumentativos *presque*[quase] e *à peine* [apenas] e tentou descrever o potencial argumentativo, em termos de conclusões, dos enunciados

(6) *São quase oito horas.*

(7) *São apenas oito horas.*

A constatação foi que ao enunciado (6) (*São oito horas*), com ou sem a introdução do operador argumentativo *quase*, poder-se-ia encadear uma conclusão do tipo *É tarde*. O mesmo foi verificado com *apenas*: o enunciado (7) permite a mesma conclusão - *É cedo* - com ou sem a referida expressão. O que ficou evidenciado, com essa demonstração, é que a introdução de um operador em um enunciado não limita as conclusões possíveis, pois, dependendo da intenção do locutor e do contexto, a conclusão *É tarde* pode ser ligada ao enunciado '*São oito horas*', independente deste apresentar ou não o operador *quase*. O mesmo acontece com o enunciado (7). Ressalte-se que esse é apenas um exemplo da descrição do valor semântico dos OA (operadores argumentativos) *quase* e *apenas*; outras conclusões podem ser obtidas do enunciado de (6) e (7).

A diferença do segundo para o terceiro estágio é que este introduz valores argumentativos na língua.

A argumentação passa a ser definida como

“(…)es un rasgo constitutivo de numerosos enunciados, o que no se los pueda emplear sin pretender orientar al interlocutor hacia un tipo de conclusión (por el hecho de que se excluye otro tipo de conclusión).”¹⁰ (Anscombe-Ducrot, 1994:48)

A quarta etapa - *Argumentatividade Radical* - começa com a publicação da *L'argumentação dans la langue* (1983) (observe-se, aqui, que pertencem à quarta etapa apenas alguns capítulos desta obra; de modo geral ela está associada à terceira etapa) até as pesquisas atuais. A argumentação passa a estar inscrita na língua, nas frases. A partir dessa hipótese é formulada a tese geral da teoria.

“(…) a significación de la frase contiene, en sí, misma, instrucciones que conllevan una serie de constricciones.”¹¹ (op.cit., p.18)

E o ato de argumentar assim foi formulado

“Se de un enunciado A se concluye un enunciado B, no es porque A señala un hecho F, B un hecho G, ni porque la existencia de F haya que G sea inevitable; sino es porque A presenta F de tal modo que convierte en legítima la aplicación de un topos (o de una cadena de topoi) que conduce a un enunciado B en donde se puede ver una envoltura lingüística de G.”¹² (op.cit., p. 207)

¹⁰ (...) um traço constitutivo de numerosos enunciados, fazendo com que não se possa empregá-los sem pretender orientar o interlocutor para uma determinada conclusão (pelo fato de que se exclui outra conclusão).

¹¹ (...) a significação da frase contém, em si mesma, instruções que toleram uma série de restrições.

¹² Se de um enunciado A se conclui um enunciado B, não é porque A assinala um fato F. B um fato G. nem porque a existência de F fez com que seja inevitável; mas porque A apresenta F de forma que converte em legítima a aplicação de um topos (ou de uma cadeia de “topoi”) que conduz a um enunciado B donde se pode ver uma envoltura lingüística de G.

Nesta etapa das pesquisas, os referidos autores postulam a não existência de frases puramente informativas, muito menos a existência, na significação da frase, de componente informativo. O que pode haver, segundo eles, são usos informativos das frases. No entanto, tais usos (pseudo) informativos são derivados de um componente mais profundo, completamente argumentativo.

A adoção da concepção de discurso argumentativo automaticamente reformula a função (concepção) dos operadores argumentativos e dos conectores argumentativos. Eles não mais introduzem a argumentação (esta já está presente na língua sob a forma de "topoi"), mas servirão para especificar (instruir) que forma tópica atualizar, que força argumentativa terá o enunciado, no momento da enunciação. Em outras palavras, tanto os operadores argumentativos quanto os conectores argumentativos fornecem instruções sobre qual topos deve ser atualizado.

"Nuestra concepción del discurso argumentativo implica, por lo tanto, que vean en la lengua misma - es decir, en el nivel de las frases - instrucciones relativas a *los topoi* que se han de utilizar en el momento de la enunciación."¹³ (op.cit., p.208)

O termo topos - introduzido nesta etapa - é o princípio responsável pelos encadeamentos argumentativos.

É nessa etapa que o meu trabalho será situado. Por esse motivo o desenvolvimento de todos os conceitos relativos a esse momento serão abordados no item a seguir.

¹³ Nossa concepção de discurso argumentativo implica, portanto, que se veja na língua mesma - quer dizer, no nível das frases - instruções relativas aos "topoi" que se há de utilizar no momento da enunciação.

1.2 - Teoria dos “Topoi”

1.2.0 - Situando a Teoria

Como já disse anteriormente, minha pesquisa dar-se-á, utilizando a Teoria dos “Topoi”, versão atual. Em alguns momentos, penso, pode ser necessário fazer um ‘feedback’ para que alguns conceitos sejam melhor explicados. Se isso ocorrer o farei, porém sem atribuir ao trabalho uma perspectiva diacrônica.

A Teoria dos “Topoi” - como já se observou - é uma teoria semântica de interpretação de enunciados ou do sentido dos enunciados.

“Numa semântica argumentativa (ao menos como postulada na Teoria da Argumentação de Ducrot e colaboradores), o sentido dos termos é definido não em relação aos objetos aos quais eles se referem, mas pelos encadeamentos discursivos que esses termos propiciam.”(Moura, 1996:129)

Para falar dessa teoria semântica que trabalha com o sentido dos enunciados, faz-se necessário introduzir conceitos como frase/significação, enunciado/sentido, enunciação.

Para Anscombe e Ducrot (1994 e 1995a), a **língua** é um conjunto de frases que servem para construir discursos (compromisso estruturalista) e o **discurso** é o encadeamento de enunciados - definição linguística. A **frase**, por sua vez, é uma construção do linguista que serve para explicar a infinidade de enunciados (é uma entidade teórica). Por outro lado, o **enunciado** é uma das ocorrências da frase - é a manifestação, “na superfície”, da estrutura profunda que é a frase. Se a frase é uma

entidade teórica, por extensão, a **significação** também será, uma vez que esta é o valor semântico da frase, consistindo em um conjunto de instruções diretivas que permitem interpretar os enunciados da frase. Em outras palavras, a significação de uma frase, na perspectiva dos topoi, passa a ser

“el conjunto de los topoi cuya aplicación la frase autoriza en el momento en que es enunciada”. (Anscombe-Ducrot, 1994:207)¹⁴

Para Ducrot, o sentido de um enunciado é a descrição que faz da sua **enunciação** - acontecimento histórico (e portanto único), que consiste na aparição de um enunciado. Considerando a oposição processo/produto, a enunciação representa o processo, enquanto o enunciado, o produto.

Para exemplificar, veja-se a frase.

(8) *Faz bom tempo.*

A enunciação dessa frase - em um espaço X, em um tempo X, por um sujeito X, em condições X - fará surgir o enunciado que indicará todos esses outros dados que não se encontram na frase. O enunciado da referida frase também, por outro lado, carrega certos atos de fala: constatação, conselho, ameaça etc. Isso tampouco está inscrito na significação da frase, mas resulta da enunciação da referida frase: efeitos de sentido.

O surgimento da *L'argumentation dans la Langue* está ligado à constatação feita por Anscombe e Ducrot de que, no valor semântico profundo (significação) de certas palavras, expressões e enunciados, há indicações que não são de natureza informativa, são argumentativas.

¹⁴ o conjunto de “topoi” cuja aplicação a frase autoriza no momento em que é enunciada.

A partir dessa constatação, eles lançam a tese fundamental da teoria. Há, presente nos sentidos dos enunciados, alguns valores semânticos que não parecem ser nem redutíveis nem derivados de valores informativos. Seriam os valores argumentativos - que seriam os fundamentais. A hipótese é de que esses valores argumentativos estejam presentes, portanto, na estrutura profunda da significação.

E, com o desenvolvimento de suas pesquisas, eles lançam a hipótese mais forte: fundamentalmente a língua é somente argumentativa. E, se há um valor informativo, este é derivado daquele (argumentativo).

Anscombe (1995a) postula a existência de uma semântica de natureza argumentativa, em que as indicações factuais (postuladas pela lógica, como fundamentais) são secundárias, derivadas do nível argumentativo. Essa posição obriga a repensar o sentido literal - que, na acepção tradicional, é um valor semântico constante. Isto porque o sentido do enunciado passará a ser concebido como uma função, à medida que permitirá alusões ao enunciado que o precede ou aquele que o sucede. (p.33)

Outro conceito repensado foi o de *potencial argumentativo*, que era definido como um conjunto de enunciados-conclusões possíveis a partir de um enunciado. Em outras palavras, o potencial argumentativo seria o conjunto de enunciados que podem se unir a um enunciado na função de conclusão.

Para saber se uma expressão era argumentativa ou não, segundo Ducrot (1988),

“Me basta entonces con encontrar una conclusión que pueda atribuir al enunciado donde aparece tal expresión y que no pueda atribuir a un enunciado que no la contenga.”¹⁵ (p.91)

¹⁵ Basta encontrar, então, uma conclusão que possa ser atribuída ao enunciado em que aparece tal expressão e que não possa ser atribuída a um enunciado que não a contenha.

Ainda de acordo com Ducrot, dizia-se que a inclusão de uma EA em um enunciado alterava o potencial argumentativo do mesmo. Embora tenha ficado mais que provado que esse critério não dá conta de descrever o valor semântico de tais expressões, continua válido para se detectar quais são as EA de uma determinada língua.

A versão recente da teoria da argumentação propõe que os operadores argumentativos (OA) sejam descritos, definidos, a partir da noção de “topoi”, uma vez que não foi possível descrevê-los em termos de conclusões - terceiro estágio - porque nem sempre a inclusão, em um enunciado, de um OA modificava a conclusão. Agora já não se trata somente de buscar a conclusão, além disso há que buscar o topos convocado. De acordo com a versão recente, enquanto não se descobre o topos, não se pode entender o que o argumentador pretendia.

“Lors d’une énonciation, le locuteur donne des indications sur le chemin qu’il a choisi, et l’interprétant tente de reconstruire un itinéraire à partir des indications fournies. Nous appellerons “**topoi**” ces indications qui permettent d’operer un choix parmi les chemins.”¹⁶
(Anscombe, 1995a:38)

Examinando os exemplos,

(9) *João estudou um pouco, terá êxito.*

(10) *João estudou pouco, vai fracassar.*

(11) *João estudou pouco, terá êxito.*

(12) *João estudou um pouco, vai fracassar*

à luz da definição de operador argumentativo postulada pelo terceiro estágio, as partículas *pouco* e *um pouco* não estariam na classe de opera-

¹⁶ Durante uma enunciação, o locutor faz algumas indicações sobre o caminho que ele escolheu, e o receptor tenta reconstruir um itinerário a partir das indicações fornecidas. Chamaremos “topoi” estas indicações que permitem operar uma escolha entre os itinerários.

dores argumentativos, pois ambos podem orientar para uma mesma conclusão. Esses exemplos mostram que, mesmo por caminhos diferentes, pode-se chegar à mesma conclusão.

Os enunciados (9) e (10) serão perfeitamente aceitáveis se se pensa que o estudo conduz ao êxito, porém se cremos que o estudo não leva ao êxito, são perfeitamente possíveis os enunciados (11) e (12). Sabe-se, no entanto, que “*estudar pouco*” e “*estudar um pouco*” não têm os mesmos valores argumentativos, não permitem a mesma argumentação, ainda que autorizem a mesma conclusão.

A partir dessas constatações, os autores da AL sentiram a necessidade de propor modificações (ajustes) na teoria padrão.

A primeira delas está relacionada à definição de *potencial argumentativo*, que deixou de ser concebido em termos de conclusões possíveis a partir de um enunciado. Na versão recente, o potencial argumentativo passa a ser definido, utilizando-se a noção de topos. O segundo ponto fundamental de mudança é o fato de a argumentação passar a ser descrita em nível de enunciadores apresentados pelo discurso e não mais em nível de enunciados. Em consequência, o conceito de operador argumentativo também foi reformulado

(...)” un opérateur argumentatif n’est pas (ou du moins pas nécessairement) un opérateur qui modifie la classe des conclusions tirables d’une énoncé. C’est simplement un opérateur qui agit au niveau des parcours que l’on peut faire pour aller de l’énoncé envisagé à la conclusion viséé.” ¹⁷(op.cit.,p. 41)

Inicialmente tentarei exaurir a noção de topos e tudo que a ele esteja ligado, para depois abordar a Teoria Polifônica, necessária na nova concepção de argumentação.

¹⁷ (...) um operador argumentativo não é (aos menos não necessariamente) um operador que modifica a classe das conclusões tiráveis de um enunciado. É simples-

Mesmo que se considere que a relação argumentativa é do tipo binário, do segmento-argumento ao segmento-conclusão (abordarei, logo abaixo, a argumentação inscrita no léxico), há um caminho a ser percorrido. E, esse itinerário não pode ser arbitrariamente escolhido pelo leitor (receptor), já que o locutor faz algumas indicações sobre o caminho escolhido por ele. Ao leitor cabe tentar reconstruir tal itinerário a partir dessas indicações.

Essas indicações serão fornecidas por princípios gerais- os “topoi”. Dir-se-á que o encadeamento discursivo de um segmento-argumento a um segmento-conclusão será feito pela aplicação de tais princípios. Por extensão, a significação de uma *frase* será o conjunto dos “topoi” cuja aplicação a frase autoriza no momento em que é enunciada.

Ducrot e Anscombe definem os “topoi” (termo utilizado na Retórica Clássica) - como princípios gerais que servem de ponto de articulação entre a língua e o discurso.

(..)”Cette théorie [la théorie de l’argumentation dans la langue], je le rapelle, pose que les mots et les structures phrastiques (en d’autres termes, la langue) contraignent les enchainements argumentatifs indépendamment des contenus informatifs véhiculés par les énoncés. Je peux maintenant indiquer l’endroit précis où s’exerce la contrainte, c’est-à-dire le point d’articulation entre la langue et le discours argumentatif il s’agit des “topoi” mis en oeuvre dans ce discours.¹⁸ (Ducrot, 1995a:86)

A partir da inclusão do conceito de topos na teoria da argumentação, a significação de uma *frase* passou a ser concebida como o conjunto

mente um operador que age no nível dos percursos que se pode fazer para ir do enunciado considerado à conclusão pretendida.

¹⁸ Esta teoria [a teoria da argumentação na língua], lembro, postula que as palavras e as estruturas frásticas (em outros termos, a língua) restringem os encadeamentos argumentativos independentemente dos conteúdos informativos veiculados pelos enunciados. Posso agora indicar o lugar preciso onde se exerce a restrição, quer dizer o ponto de articulação entre a língua e o discurso argumentativo, trata-se dos “topoi” acionados neste discurso.

dos “topoi” cuja aplicação a frase autoriza no momento em que é enunciada. E o encadeamento discursivo de um segmento-argumento a um segmento-conclusão se faz sempre pela aplicação de princípios gerais, que chamamos “topoi”.

Adotar essa concepção de discurso argumentativo implica, portanto, que se veja na própria língua - no nível da frase - instruções relativas aos “topoi” que serão utilizados no momento da enunciação. O topos seria o ponto de articulação entre a língua e o discurso argumentativo. Além do mais, pesquisas recentes dão conta de que os “topoi” não se encontram só no nível dos encadeamentos, mas também no nível lexical, fundamentando o sentido das palavras.

No exemplo fornecido por Anscombre(1995a:40)

(13) “*Pierre est un ingrat: je lui ai rendu service, il ne m'a même pas remercié.*”

(Pedro é um ingrato: eu fiz um favor a ele, ele nem mesmo agradeceu.)

constata-se que o topos utilizado ‘quando alguém faz um favor a outrem, merece reconhecimento’ está fundamentado na noção de gratidão, mostrando, assim, que os “topoi” podem estar nas palavras, como é o caso de ‘*gratidão*’.

Na fase atual das pesquisas sobre a argumentação, Ducrot e seus colaboradores postulam que nem sempre há um encadeamento do tipo argumento + conclusão. Algumas vezes os encadeamentos discursivos são do tipo em que Q constitui uma explicitação de P na relação (P,Q).

Tal posição advém de uma das hipóteses básicas da Teoria dos “Topoi”: “(...) que derrière les mots, il y a non pas des objets du monde, mais d’autres mots”¹⁹ (Anscombre, 1995a:65). Com o desenvolvimento

¹⁹ (...) que sob as palavras, não há objetos do mundo, mas outras palavras.

da teoria, a argumentação não está mais restrita às frases completas, mas se encontra também no léxico (substantivos, adjetivos e verbos).

A partir dessas considerações, observemos os dois exemplos

(14) *Pierre est riche: Il peut (donc) s'offrir tout ce qu'il veut.*

(Pedro é rico: ele pode (portanto) ter tudo o que quiser.)

(15) *Pierre est riche: il est donc avare.*

(Pedro é rico: ele é portanto avaro.)

Anscombre (1995a), (1995b) postula que esses dois encadeamentos têm estruturas sintáticas muito próximas, mas com funcionamento semântico diferente. No caso de (14), não há propriamente um encadeamento do tipo argumento + conclusão. Ou seja, o segundo segmento desse encadeamento somente explicita o primeiro. Se à palavra *rico* está ligado um feixe de formas tópicas²⁰ ditas (+P, +Q1), (+P, +Q2), (+P, +Q3) etc, um encadeamento como o de (14) tem como única função precisar qual forma tópica do feixe foi escolhida e convocada. No exemplo citado, teríamos (+P, +Q1) = (+ *possuir*, + *poder de compra*). Para o autor, nesse exemplo, há a ilusão de que se construiu um encadeamento conclusivo, pelo fato de utilizar duas palavras distintas, como se elas tivessem colocado em cena dois conceitos distintos.

Anscombre (1995a), (1995b) mostra que há uma diferença entre deduzir Q a partir de P e explicitar P a partir de Q. (14) baseia-se simplesmente no valor lexical profundo da palavra *rico*; enquanto que (15) é um encadeamento conclusivo, que serve para construir representações ideológicas. O enunciado (14) é um exemplo de *topos intrínseco* e o (15),

²⁰ Na Teoria dos "topoi" ... o sentido de uma unidade léxica é um feixe de "topoi", a saber o conjunto dos "topoi" cuja aplicação esta unidade autoriza (...). Há uma dinâmica léxica na medida em que, para nós, a manifestação de uma unidade léxica autoriza a aplicação de um topos. (Anscombre-Ducrot, 1994:24)

de *topos extrínseco*- conceitos que serão abordados um pouco mais adiante.

Os “topoi” são descritos a partir de três características: são *commons*, *gerais* e *graduais*.

São considerados *commons*, por serem apresentados como sendo de consenso a certa comunidade da qual, ao menos, fazem parte locutor e alocutário. Supõe-se que esse princípio preexista ao momento enunciativo.

Os “topoi” são considerados *gerais* por serem válidos não somente na situação particular daquele discurso, mas em diferentes situações. Essa característica está diretamente relacionada à primeira, pois ao afirmar, em dado momento,

(16) *Hace buen tiempo, vamos a la playa.*

(*Faz bom tempo. Vamos à praia.*)

pretende-se estar usando o *topos* ‘*o bom tempo torna a praia agradável*’ que revela, naquela comunidade, ser um ponto de vista consensual, válido para outras situações discursivas.

A gradualidade - terceira característica dos “topoi” - será abordada em duas etapas: a primeira compreenderá a fase standard da Teoria dos “Topoi”; a segunda fase foi denominada, por Ducrot e seus colaboradores, fase recente. Tal divisão deve-se ao fato de o conceito de gradualidade ter sido modificado em virtude de problemas apresentados pela versão anterior e de novas pesquisas.

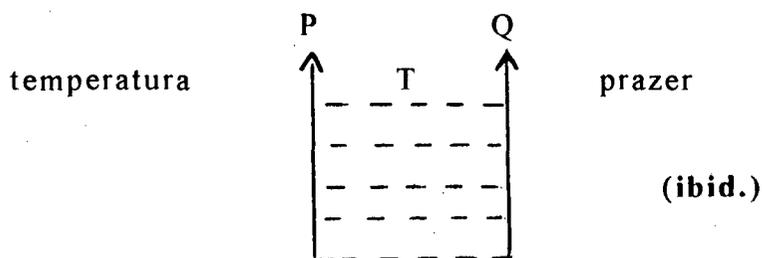
1.2.1 -“Topoi”, gradualidade e formas tópicas na versão standard: Argumentação na Língua

Os “topoi” são caracterizados como graduais porque põem em relação dois predicados graduais, duas escalas, e a relação entre esses predicados é, ela mesma, gradual.

“Diré que un topos T pone en relación una escala anterior P con una escala posterior Q, un antecedente P con un conseqüente Q”.²¹ (Ducrot, 1988:106)

(16) *Faz bom tempo, vamos à praia.*

Na perspectiva da Teoria dos “topoi”, esse enunciado é composto de dois segmentos: “*Faz bom tempo*”, correspondendo ao argumento P; e “*vamos à praia*”, que corresponde à conclusão Q. Os dois segmentos, segundo Ducrot, estão ligados pelo topos ‘*o bom tempo torna a praia agradável*’. Esse topos também vai estabelecer uma correspondência entre a escala do calor e a escala do prazer (agradável), que é assim representada.



²¹ Direi que um topos T põe em relação uma escala anterior P com uma escala posterior Q, um antecedente P com um conseqüente Q.

Algumas vezes, o predicado do topos utilizado é parecido com o predicado do segmento anterior ((P) no caso). Porém, nem sempre isso ocorre, pois nem sempre o predicado do primeiro segmento é gradual, sendo que esse fato não impede que o topos convocado coloque em relação propriedades graduais.

(17) *Cássio foi aprovado na seleção da ETEPB. Ele estudou muito.*

No exemplo, o predicado do primeiro segmento do enunciado - 'Cássio passou na seleção na ETEPB' - não é um predicado gradual, uma vez que não há graus no ato de ser aprovado na prova de seleção: ou é aprovado ou não é aprovado. Esse fato, porém, não impede que o topos de base - T1 'o estudo leva ao sucesso' - coloque em relação duas propriedades, duas escalas graduais, através da FT [quanto mais se estuda, maior é a chance de ser aprovado na ETEPB].

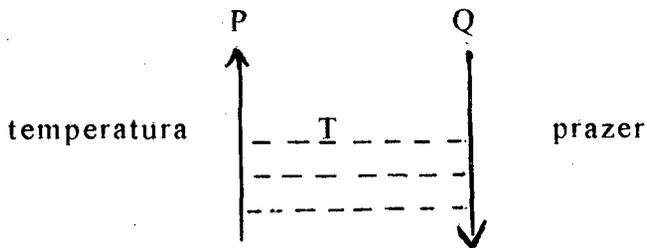
Além de colocar em relação duas propriedades graduais, o topos estabelece, entre as duas escalas utilizadas, uma relação gradual. Ou seja, quando se percorre uma escala - isso pode ser feito em duas direções: para cima e para baixo - percorre-se a outra também; sejam ambas no mesmo sentido ou não. Na escala do tempo, tanto se pode ir do mau tempo ao tempo ótimo, como também, no sentido contrário, pode-se ir do bom tempo ao tempo péssimo. Considerando a escala do prazer, também se pode percorrê-la no sentido do menor para o maior prazer, e, no sentido contrário, do maior para o menor prazer.

Voltando ao exemplo de Ducrot (16), constata-se que nele os dois predicados - segmento P e segmento Q - percorrem a escala no mesmo sentido: [quanto melhor o tempo, mais prazerosa a praia]. Porém, alguém poderia, no papel de locutor B, objetar

(18) *"A mi no me gusta ir a la playa cuando hace buen tiempo sino cuando llueve".*

(*Eu não gosto de ir à praia quando faz bom tempo, mas quando chove.*)

Ter-se-ia, nesse enunciado, a convocação do Topos 2 (T') '*quanto pior o tempo, mais prazerosa é a praia*'. A representação gráfica



mostra que, ao percorrer a escala da temperatura, percorre-se, no sentido inverso, a escala do prazer.

A partir do exposto, Ducrot (1988) diz que

“el topos establece un vínculo entre una determinada dirección del trayecto de la escala antecedente y una determinada dirección del trayecto del consecuente.”²²
(p.107)

A partir dessa definição, o topos convocado pelo exemplo (16) seria algo do tipo [quanto mais se sobe na escala do bom tempo, mais se sobe na escala do prazer] - chamado *topos concordante*. A forma conversada do mesmo topos seria [quanto mais se baixa na escala do bom tempo, mais se desce na escala do prazer]. A uma direção na escala do antecedente (no caso do bom tempo) corresponderá uma direção na escala do conseqüente (no exemplo, o prazer).

²² o topos estabelece um vínculo entre uma determinada direção do trajeto da escala antecedente e uma determinada direção do trajeto da conseqüente.

Por outro lado, no exemplo (18), o locutor convocou o *topos discordante* (T2) [quanto mais se desce na escala do bom tempo, mais se sobe na escala do prazer].

O exemplo (18) confirma o fato de que o topos não postula que, em qualquer situação, se P aumenta, Q obrigatoriamente também aumenta.

O que o topos postula é que

“en cualquier situación, si se guardan las proporciones, cuando P aumenta, Q aumenta, lo que podríamos expresar diciendo que P es un factor de Q.”²³ (op.cit., p.110)

Dito de outra forma, se todas as circunstâncias são iguais, a situação x' é mais agradável do que a situação x se o calor é maior em x' do que em x.

Para o mesmo autor, um enunciador, quando argumenta(...) faz duas coisas. Em primeiro lugar escolhe o topos e em segundo lugar situa o estado de coisas de que fala em um certo ponto da escala antecedente do topos. Este segundo ponto significa que o enunciador dá um certo grau de argumentatividade, fraco ou forte, ao seu argumento. (op.cit., p.109)

Há que salientar que o que se pretende postular, nessa fase, é que a argumentação, enquanto fenômeno lingüístico, funciona com princípios graduais (não se postula que o pensamento funciona com princípios graduais). Para tanto, Ducrot e seus colaboradores enumeram quatro razões como justificativas para a postulação da gradualidade dos “topoi”.

A primeira justificativa para Ducrot seria o fato de os elementos que compõem o segmento argumento serem graduais (segundo o mesmo autor, justificativa muito fraca, senão nula). Como exemplo, ele cita predicados como *inteligente, caro, calor*. De acordo com Moura(1996),

²³ (...) em qualquer situação, se se guardam as proporções, quando P aumenta, Q aumenta, o que poderíamos expressar dizendo que P é um fator de Q.

“(...) ao se construir um enunciado como “ele é inteligente, passará no concurso”, o predicado inteligente, ao intervir no argumento, faz com que a argumentação em si mesma seja gradual, ou melhor, que o topos que a sustenta seja gradual, algo como “Quanto mais se é inteligente, mais se obtém sucesso” (p.97).

Ressalte-se que, na versão recente, Ducrot chama a atenção para o fato de que nem sempre o predicado do primeiro segmento é gradual, não impedindo que o topos convocado coloque em relação propriedades graduais.

A segunda justificativa dada por Ducrot (1988) é a de que quando se tem a seqüência A e até mesmo A': 1) A e A' vão no mesmo sentido, A' com maior força do que A. Esta é a descrição geral dada ao conector *mesmo*; 2) supõem-se que A' e A utilizam o mesmo topos. Para explicar com essas hipóteses a argumentação indicada acima, há que se ter admitido a gradualidade dos “topoi”. A hipótese (1) postula que, no exemplo

(19) *“Il fait 18 degrés et peut-être même 20. Allons nous promener.”* (Faz 18 graus e até mesmo 20. Vamos passear).

18 e 20 graus vão na mesma direção e que 20 graus é mais forte do que 18. Por outro lado, a hipótese (2) diz que 18 e 20 graus utilizam o mesmo topos. Isso nos leva a concluir que o topos é gradual e dá muito mais força ao argumento 20 graus que ao argumento 18 graus. Se o topos não fosse gradual não se poderia entender por que o argumento 20 graus pode ser um argumento mais forte que 18. Se se admite as hipóteses 1 e 2, então tem-se que admitir a gradualidade dos “topoi” para explicar o enunciado (19).

O terceiro argumento para a gradualidade dos “topoi” é o uso de refutações, pelo interlocutor, que expressam que o argumento utilizado pelo locutor não é suficiente para a conclusão.

Utilizando-se do enunciado

(16) *Faz bom tempo. Vamos à praia.*

Ducrot(1989) supõe uma rejeição ao convite do tipo

(20) *É verdade, o tempo está bom, mas não o suficiente.*

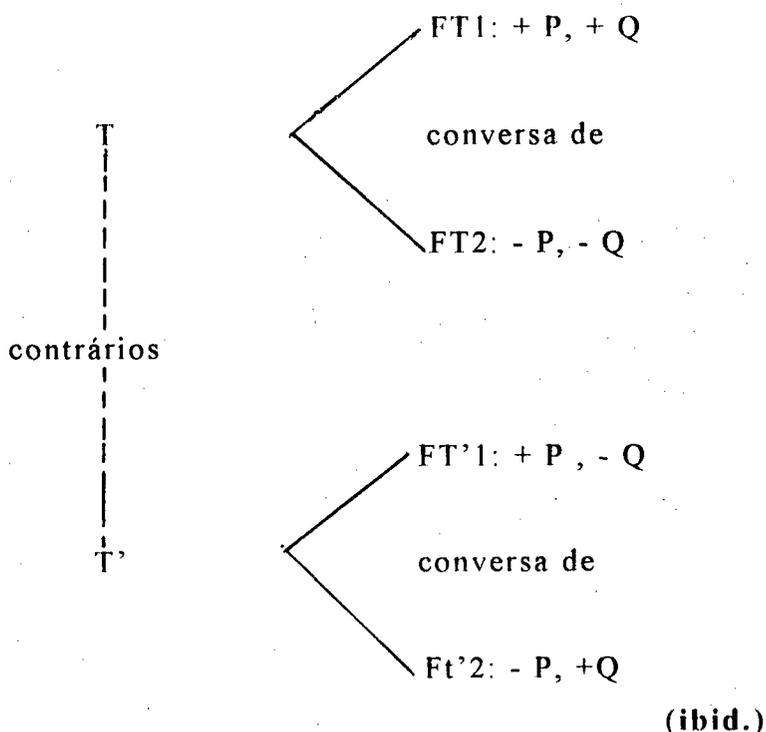
A refutação apresentada pelo interlocutor de (20) não deixa de aceitar o argumento postulado por (16), no entanto, deixa claro que o grau de bom tempo, apresentado no argumento de (16), está aquém daquele exigido, no seu ponto de vista, para que a praia seja prazerosa. A introdução do *Mas* (OA), nesse exemplo, indica que o interlocutor aceita o argumento apresentado pelo primeiro segmento, porém se identifica com a conclusão contrária à evocada por esse argumento. O locutor que recusa a conclusão ‘vamos à praia’ o faz por não aceitar como suficiente a temperatura apresentada para a conclusão. Tal fato evidencia a gradualidade entre os predicados ‘temperatura’ e ‘prazer’, que “é assim intrínseca ao próprio funcionamento do topos” (Moura,1996:102).

A última das quatro justificativas para alicerçar a tese do caráter gradual dos “topoi” é a noção de forma tópica. A afirmação de que o topos estabelece uma relação gradual entre escalas acarreta que cada topos pode ter duas formas não equivalentes do ponto de vista lógico e conversas do ponto de vista argumentativo.

“(…) o topos T: “P es un factor favorable a Q”, tiene dos formas tópicas, a saber: FT1 “cuanto más P, más Q”; Y FT2 “cuanto menos P menos Q”.²⁴ (Ducrot, 1988:129)

²⁴ (...) o topos T: “P é um fator favorável a Q”, tem duas formas tópicas, a saber: FT1 “quanto mais P. mais Q”; e FT2 “quanto menos P menos Q”.

O fato de se postular a existência de duas escalas permite poder, com essas escalas, construir dois “topoi” - contrários - cada um deles com duas formas tópicas.



O conceito de *formas tópicas* - que pressupõe a aceitação da gradualidade dos “topoi” - tem sua introdução, na teoria da argumentação, justificada pelo fato de permitir a nova definição de operadores argumentativos (OA). “Los operadores argumentativos determinam la naturaleza de las formas tópicas utilizadas.” (op.cit., p.150). Em outras palavras, os OA determinam qual(is) forma(s) tópica(s) será (ão) convocada(s).

Segundo Moura(1996), essa nova solução

“estaria mais em consonância com os objetivos da teoria da argumentação, entre os quais se destaca o de tentar representar na própria língua os processos argumentativos que se tenta descrever, reduzindo ao máxi-

mo o recurso a um 'componente retórico' para a explicação de fatos argumentativos". (p.105)

Observe-se como são tratados os exemplos (9), (10), (11) e (12), na teoria padrão (item 1.2.0) - em que os OA eram definidos em termos de conclusões - e na teoria recente - com a introdução das formas tópicas e o conseqüente conceito novo de OA.

Se o locutor Y enunciar "*João estudou muito, será aprovado no vestibular*" - sendo que estudar representa o predicado P, pré-requisito para a concretização do predicado Q= ser aprovado - um locutor X pode refutar o locutor Y com o enunciado

(21) *Muitas pessoas não estudam, e são aprovadas no vestibular.*

O que o locutor Y refuta é a afirmação de que o não-estudo (não-P) leva sempre à não-aprovação (não-Q). Essa refutação, segundo Ducrot e colaboradores, na perspectiva lógica, não é aceita, uma vez que, para a lógica, dizer [P → Q] não equivale a dizer [-P → -Q], pois o topos (equivalente a uma implicatura) não é equivalente ao princípio lógico expressado pela implicação recíproca (conversa).

Ducrot (1988) postula que não é o mesmo dizer:

- "Si uno es hombre, es mortal". (que é geralmente considerado verdadeiro)e

- "Si uno no es hombre, no es mortal". (o que geralmente se considera falso, pois cães e gatos etc. não são homens e são mortais). (p.130)

O fato de o topos poder ser atualizado via duas formas tópicas é que permite a refutação (21). Aliás, refutação inadequada do ponto de vista lógico, pois o locutor de "*João estudou muito, será aprovado no vestibular*" atualiza FT1 [quanto mais se estuda, mais êxito], enquanto que o locutor de (21) refuta a FT2 [quanto menos estudo, menos êxito],

ou seja a forma tópica conversa do mesmo topos. Saliente-se que essas formas tópicas são equivalentes argumentativamente, uma vez que são formas tópicas de um mesmo topos (T1). Em outras palavras, através do uso das formas tópicas, pode-se explicar a possibilidade da refutação (21) em uma língua natural. O enunciado (21) não pode ser caracterizado como um contra-argumento do ponto de vista lógico, mas sim do ponto de vista argumentativo. O que Ducrot diz é que a refutação (21) não é logicamente válida, embora se use normalmente na língua. Isso se explica porque (+P, +Q) é equivalente a (-P, -Q).

Como já disse no item 1.2.0, os OA passaram a determinar qual forma tópica deve ser convocada (atualizada) - considerando a gradualidade dos "topoi" convocados.

Retomando os enunciados

(9) *João estudou um pouco, terá êxito.*

(10) *João estudou pouco, vai fracassar.*

(11) *João estou pouco, terá êxito.*

(12) *João estudou um pouco, vai fracassar.*

constata-se que a introdução do conceito de formas tópicas possibilitou a aceitação dos enunciados (11) e (12), pelo fato de que eles são resultado da utilização do topos T2 '*o estudo leva ao fracasso*', sendo que (11) atualizou a forma tópica [quanto menos estudo, mais êxito] e (12) [quanto mais estudo, menos êxito]. No caso de (9) e (10), o topos convocado foi o T1 '*o estudo leva ao êxito*', sendo que (9) atualiza a forma tópica [quanto mais estudo, mais êxito] e (10), a forma tópica [quanto menos estudo, menos êxito].

Como bem observa Moura (*op.cit.*), "*pouco e um pouco não se distinguem por acarretarem conclusões divergentes, mas por exigirem diferentes formas tópicas dos "topoi" utilizados*" (p.106).

1.2.2 - A gradualidade dos “topoi”, o léxico e a Teoria dos Modificadores na versão recente: Teoria dos “Topoi”

Na versão recente da Teoria dos “Topoi”, a gradualidade passa a ser concebida não mais como estando no topos - ao menos não necessariamente - mas na força de aplicação desse topos. (Anscombe, 1995a:82)

De acordo com Moura(1996), a gradualidade

“(...) passa a ser definida como o grau de aplicabilidade dos “topoi”. A gradualidade não seria apenas uma equivalência entre escalas, mas significaria a variabilidade da força argumentativa de um topos. Assim, um topos T pode ser aplicado com maior força a uma situação A e com menos força a uma situação B.”(p.126)

O novo conceito de gradualidade resulta da distinção postulada entre dois tipos de “topoi”: aqueles que fundam a significação de unidade lexical - “*topoi*” *intrínsecos*, e os que são utilizados para fundar encadeamentos conclusivos (servem para construir representações ideológicas) - “*topoi*” *extrínsecos*.

Dessa distinção resulta uma das hipóteses de base da Teoria dos “Topoi” - hoje - sob as palavras há outras palavras, e não objetos.

Essa questão é derivada da perspectiva central das pesquisas recentes: a descrição do léxico, em que as palavras passam a ser definidas como sendo um ‘feixe de “topoi”’(‘paquets de “topoi”’). De acordo com Ducrot (in Moura(1998)), dizer que uma palavra é um feixe de “topoi” é vê-la como possibilitando um leque de encadeamentos possíveis, de possibilidades discursivas.

A partir do momento em que se passou a conceber as palavras como feixe de “topoi”, houve a necessidade de distinguir, na constituição das palavras, os “topoi” ligados à própria significação das palavras - “*topoi*” *intrínsecos*; e os “topoi” ligados a certos conhecimentos - “*topoi*” *extrínsecos*.

Assim, para Ducrot (1996/Fpolis), à palavra ‘riqueza’ temos associados “topoi” intrínsecos como ‘*trazer felicidade*’, que pertence ao sentido mesmo da palavra riqueza, e “topoi” extrínsecos, como ‘*pagar mais impostos*’ (na França, não é o caso do Brasil).

A partir do momento em que as palavras passam a ser concebidas como feixe de “topoi”, aplicar essas palavras a determinados objetos ou situações é indicar certos tipos de discursos possíveis a propósito desses objetos ou situações. Conseqüentemente, conhecer o sentido de uma palavra é saber quais “topoi” são fundamentalmente ligados a ela. E, como os “topoi” são graduais e por isso podem, de forma geral, ser aplicados com maior ou menor força, as palavras, conseqüentemente, serão graduais. Por exemplo, um *parente* pode ser mais *parente* do que outro e um *deslocamento* pode ser mais *deslocamento* do que outro. Mas não é suficiente dizer que um parente é mais ou menos próximo, é necessário mostrar que as palavras têm, de acordo com sua própria semântica, graus de aplicabilidade diferentes.

Para, do ponto de vista lingüístico, explicar a gradualidade intrínseca aos predicados da língua, Ducrot propõe a Teoria dos Modificadores.

Na Teoria dos Modificadores, Ducrot propõe que as palavras de uma língua sejam dispostas em dois grupos: os predicados (nomes e verbos) e os modificadores (as palavras que determinam os predicados). Para a gradualidade, os modificadores que interessam são aqueles cuja presença diminui ou aumenta a aplicabilidade de um predicado; ou seja, a força com a qual se aplica, a propósito de um objeto ou de uma situação, os “topoi” que constituem sua significação. (Ducrot, 1995b:146)

A teoria dos modificadores propõe dois tipos de modificadores: os *realizantes* (MR), aqueles que aumentam a força com a qual se aplica

determinado topoi; e os *derrealizantes* (MD) os que diminuem essa força.

Uma palavra lexical Y é modificador derrealizante (MD), em relação a um predicado X, se e somente se o sintagma XY:

- i) não for contraditório;
- ii) tiver uma orientação argumentativa inversa ou uma força argumentativa inferior àquela de X.

Se XY apresentar uma força argumentativa igual ou superior àquela de X, e de mesma orientação, Y será um modificador realizante (MR).

Nos exemplos

(22) *João estudou, mas pouco.*

(onde: “estudou” é o predicado (X) e “pouco”, o modificador (y))

(23) *João estudou e mesmo muito.*

(onde: “estudou” é o predicado (X) e “muito”, o modificador (Y))

de acordo com a definição de modificador derrealizante (MD) e modificador realizante (MR), *pouco* em (22) é um MD, pois tem por efeito diminuir a aplicabilidade dos “topoi” associados ao termo *estudar*. Enquanto que *muito*, em (23), funciona como um MR, uma vez que os “topoi” intrínsecos a X (*estudar*) são aplicados com maior força em decorrência da presença desse modificador.

Para testar se um modificador Y é realizante ou derrealizante, em relação ao predicado X, Ducrot (1995b) propõe que, para (Y) ser derrealizante (MD), há que ser possível enunciar ‘X, mas XY’, sem ter uma razão argumentativa precisa para opor X a XY.

(24)” *Pierre é un parent, mais (un parent) éloigné.*”

(Pedro é um parente, mas (um parente) distante).

Em relação aos modificadores realizantes (MR) - sem intenção argumentativa particular - o critério proposto é a aplicação de uma frase '*X e mesmo XY*'. Esse critério permite que se conclua que o adjetivo (proche) *próximo*, em relação ao predicado (parent) *parente*, seja um modificador realizante (MR).

(25) *Pierre est un parent, et même (un parent) proche.*

(Pedro é um parente e mesmo (parente) próximo).

Os modificadores derrealizantes (MD) são divididos em atenuadores e inversores de força argumentativa do predicado a que são aplicados. No sintagma (XY) 'parente próximo', *próximo* (Y) é um modificador realizante (MR) em relação ao predicado *parente* (X); enquanto que, no sintagma (XY) 'parente distante', *distante* (Y) é um modificador derrealizante inversor em relação ao predicado *parente* (X).

Anscombe(1994) aplica o conceito de modificadores derrealizantes aos operadores argumentativos *pouco* e *um pouco* nos predicados

(26) *Max trabalhou um pouco.*

(27) *Max trabalhou pouco.*

No primeiro exemplo (26), *um pouco* (Y) funciona como um *modificador derrealizante atenuador* em relação ao predicado *trabalhar* (X); enquanto que, em (27), *pouco* (Y), em relação ao predicado *trabalhar* (X), funciona como um *modificador derrealizante inversor*.

Em outras palavras, considerando que uma unidade léxica será derrealizante se a "combinação X + Y tem uma orientação argumentativa inversa ou uma força argumentativa inferior a de X", pode-se fazer algumas observações. A partícula *um pouco* combinada ao predicado *trabalhar* diminui (atenuador) a força argumentativa do predicado. Já a partícula *pouco* inverte totalmente a orientação argumentativa do predi-

cado 'trabalho'. Em ambos os casos, tem-se um *modalizador derrealizante*: atenuador no primeiro e inversor no segundo.

Para Ducrot (1995b), "Les phénomènes de réalisation et de déréalisation ne relèvent pas des croyances, mais explicitent directement les significations"(150).²⁵

A intenção de propor as noções de modificadores derrealizantes (MD) e de modificadores realizantes(MR) é a de colocar a gradualidade na significação mesma dos predicados.

Ressalte-se que , para Ducrot, os conceitos modificadores derrealizantes e realizantes só fazem sentido em uma semântica argumentativa, em que noções de verdade e de falsidade são inadequadas para descrever as intenções de uma língua.

"Numa semântica argumentativa (ao menos como postulada na Teoria da Argumentação de Ducrot e colaboradores), o sentido dos termos é definido não em relação aos objetos aos quais eles se referem, mas pelos encadeamentos discursivos que esses termos propiciam."(Moura, 1996:129)

A descrição das frases, aqui exemplificadas em termos de modificadores derrealizantes e modificadores realizantes, ratificou a idéia de que a gradualidade se encontra na significação mesma dos predicados. A gradualidade assim postulada significa que há diferentes graus entre os quais se pode escolher quando se decide aplicar um predicado a um objeto ou a uma situação. Uma maneira de compreender essa gradualidade é identificá-la com as diferentes forças de acordo com as quais se pode aplicar os princípios argumentativos ("topoi") que constituem a significação mesma desse predicado (Anscombe & Ducrot, 1994:164).

²⁵ Os fenômenos de realização e de derrealização não têm a ver com crenças, mas explicitam diretamente as significações.

Para determinar o grau de aplicabilidade de um predicado, a língua dispõe dos operadores argumentativos, os quais, como se pode verificar nos exemplos (25) e (27), fornecerão instruções quanto à força argumentativa a ser aplicada ao predicado. Em (25), o operador '*e mesmo*' - modificador realizante - intensifica a aplicação do predicado 'parente'; e, em (27), o operador '*pouco*' - modificador derrealizante atenuador - diminui a aplicabilidade do predicado 'trabalhar'.

Da terceira característica dos "topoi" - a gradualidade - surgem as formas tópicas (uma das justificativas que alicerçam o caráter gradual dos "topoi") possíveis de serem aplicadas por um mesmo topos. Cada topos pode aparecer sob duas formas tópicas, diferentes do ponto de vista lingüístico, porém argumentativamente equivalentes.

$$T1 - FT1 = [qto + P, +Q]$$

$$FT2 = [qto - P, -Q]$$

Ter-se-á um *topos concordante* quando se recorrer a duas gradações no mesmo sentido (crescente ou decrescente). E essa possibilidade de poder atualizar duas gradações de um mesmo topos dá origem a duas formas tópicas (1 e 2), conversas entre si e equivalentes argumentativamente.

Exemplificando retomo a frase

(16) *Faz bom tempo. Vamos à praia.*

Essa frase, enunciada por uma pessoa que convocou o topos '*calor torna a praia agradável*', atualiza a forma tópica [quanto mais calor, mais agradável a praia], caracterizando a vinculação do calor ao ato de ir à praia. A forma tópica atualizada, aqui, foi a que apresenta duas gradações no sentido crescente = FT1.

Poder-se-ia ainda convocar o topos1, agora sob a *forma tópica conversa*- FT2 - que apresenta as duas gradações no sentido decrescente.

(16') *Não faz calor. Não vamos à praia.*

Por outro lado, se a frase enunciada fosse:

(16'') *Não faz calor. Vamos à praia.*

ter-se-ia o Topos 2 - *topos discordante* - aquele que recorre a duas gradações em sentido inverso. Esse topos, como o topos1, também pode ser atualizado sob duas formas tópicas diferentes, conversas entre si e argumentativamente equivalentes.

T2 - FT1 [qto +P, -Q]

FT2 [qto -P, +Q]

No enunciado (16''), a forma tópica convocada foi FT2 [quanto menos calor, mais atrativa a praia]; como também poderia ter sido a sua forma tópica conversa (FT1) [quanto mais calor, menos atrativa a praia], em (16''').

(16''') *Faz calor. Não vamos à praia.*

Segundo Anscombre e Ducrot (1994)

“si hemos llamado a los topoi T1 y T2 “inversos”y no “contrarios” o “contradictorios”, es porque no queremos considerar a priori como absurdo que un mismo sujeto hablante tenga a la vez por válidos esos dos topoi”²⁶ (p.220)

²⁶ (...) se chamamos aos “topoi” T1 e T2 “inversos” e não “contrários” ou “contraditórios”, é porque não queremos considerar a priori como absurdo que um mesmo sujeito falante considere válidos esses dois “topoi”.

Essa observação corrobora o que até aqui foi dito com relação aos “topoi” e às formas tópicas. Ou seja, a aplicação de uma ou outra forma tópica constitui e depende, ao mesmo tempo, da apreensão argumentativa da situação, que é a função discursiva por excelência, na perspectiva que assumo e proponho no meu trabalho.

Como declara Ducrot (1995a)

“(...) on ne peut discourir sur un état de choses sans lui appliquer des FT. (...) je pense qu’elle (“l’a appréhension argumentative”) se réalise en général dès que l’on formule le moindre énoncé à propos d’une situation quelconque: il y a dans le sens même de cet énoncé (j’ai envie de dire qu’il y a avant tout) des indications sur les FT applicables à cette situation”²⁷ (p.89)

E, novamente, tenho que fazer referência à teoria da polifonia - desenvolvida por Ducrot - que postula que a convocação de um topos, mediante a aplicação de uma FT, é a atualização do ponto de vista de um dos enunciadores.

A aplicação de uma ou outra forma tópica a uma dada situação constitui a apreensão argumentativa, que pode ser concretizada através de uma *forma tópica intrínseca* ou de uma *forma tópica extrínseca*.

Ter-se-á convocado uma forma tópica intrínseca, quando o segundo segmento (Q) for a expansão (explicação) do primeiro (P). Em outras palavras, o segundo segmento explica o que estava em forma de topos no primeiro.

(14) *Pierre est riche: Il peut (done) s'offrir tout ce qu'il veut.*

(*Pedro é rico: ele pode (portanto) ter tudo o que quiser.*)

²⁷ (...) não se pode discorrer sobre um estado de coisas sem aplicar-lhe FTs. (...) penso que ela (“a apreensão argumentativa”) se realiza em geral logo que se formula o menor enunciado a propósito de uma situação qualquer: há no sentido mesmo desse enunciado (gostaria de dizer que há antes de tudo) indicações sobre as FTs aplicáveis a essa situação.

(15) *Pierre est riche: il est donc avare.*

(*Pedro é rico: ele é portanto avaro.*)

Na perspectiva de Anscombre (1995a), (1995b), o enunciado (14) concretiza uma forma tópica intrínseca, na medida em que o segundo segmento é a explanação do que já está contido no primeiro, na forma de topos (ou FT). Por outro lado, no enunciado (15), o encadeamento se faz mediante outro topos distinto dos “topoi” intrínsecos. Mesmo que, frequentemente, associe-se a *riqueza* à *avareza*, *avaro* não faz parte da significação intrínseca de *riqueza*. A ligação de *avareza* à *riqueza* é o resultado de valores sociais, representados, nesse enunciado, pelo *topos extrínseco*.

De acordo com a teoria da polifonia, o locutor do enunciado (15) se opõe à ideologia de um possível enunciador implícito - de acordo com este a *riqueza* leva à *filantropia*. Embora o *topos extrínseco* concretizado no enunciado (15) seja corrente, não significa que seja o único possível nem que todos o admitam.

Anscombre (1994),(1995b), em seu artigo *Topique or not topique: formes topiques intrinseques et formes topiques extrinseques*, propõe alguns critérios que permitem distinguir os “topoi” intrínsecos dos extrínsecos. Embora já os tenha definido anteriormente, antes de discorrer sobre os critérios, penso ser necessário retomá-los.

Os “topoi” intrínsecos são definidos como sendo aqueles que fundam a significação de uma unidade lexical; ou seja, o topos (ou forma tópica) posto em jogo é o topos (ou forma tópica) que funda a significação de uma palavra (unidade léxica).

Ressalte-se que o próprio Ducrot põe em dúvida a oposição “topoi” intrínsecos e “topoi” extrínsecos: “(...) é muito difícil fazer a separação entre os “topoi” intrínsecos e os “topoi” extrínsecos no sentido de

uma palavra. Esta distinção é mais teórica do que prática” (Moura, 1998:181b).

No exemplo

(28) *João é jogador de futebol; tem de manter a forma física.*

estar em forma física faz parte da significação do predicado *jogador de futebol*. O predicado *jogador de futebol* é definido por um feixe de “topoi” e, nesse feixe, está contemplado *estar em forma* - o topos convocado nesse enunciado. Em outras palavras, o segundo segmento (Q) somente explicita o que já está contido no primeiro segmento (P).

Por outro lado, se tivermos o enunciado.

(29) *João é jogador de futebol; é, portanto, rico.*

percebe-se que, embora aparentemente tenha a mesma estrutura de (28), não tem o mesmo funcionamento semântico, pois *ser rico* não está contido na significação intrínseca da unidade lexical *jogador de futebol* (pelo menos, para mais ou menos 90% dos jogadores brasileiros). O que ocorre, nesse exemplo, é um encadeamento conclusivo e, portanto, temos um exemplo de *topos extrínseco*. Dai poder dizer que os “topoi” *extrínsecos* manifestam-se nos encadeamentos resultantes da convocação de dois “topoi” distintos.

A distinção proposta é feita através de critérios lingüísticos. O primeiro critério proposto por Anscombe (1994), (1995b) é o da utilização do *mas*, para verificar se o topos convocado, em um enunciado, é intrínseco ou extrínseco; ou qual topos foi convocado pela utilização de uma determinada unidade lexical (uma vez que as unidades lexicais (predicados) são definidas como ‘feixe de “topoi”’ - em outras palavras, aos predicados lingüísticos estão ligados “topoi” intrínsecos).

A regra é a seguinte: seja M e N dois termos em relação aos vértices, respectivamente inicial e final, de um topos intrínseco, a estrutura

discursiva do tipo M, mas não- N é possível, caracterizando um topos intrínseco; enquanto que a estrutura M, mas N é pouco natural, ao menos fora de contexto.

(30) *Pierre a cherché une solution, mais il n'a pas trouvé.*

Pedro procurou uma solução, mas não a encontrou.

(31) *Pierre a cherché une solution, mais il a trouvé.*

Pedro procurou uma solução, mas a encontrou.

No exemplo (30), verifica-se a estrutura discursiva M, mas não-N, que marca a aplicação do T1 'quem procura, encontra'. O topos convocado é o T2 'a busca não leva ao encontro', caracterizando a convocação de um topos intrínseco. Ressalte-se que o exemplo (30) parece mais natural do que o (31), uma vez que o segmento Q (encontrou) já está previsto em P (Pedro procurou uma solução); ou seja, dizer que 'alguém procura' é lhe atribuir a atitude de alguém que deseja 'encontrar'. O exemplo (31) caracteriza a estranheza, pois não respeita o topos intrínseco.

Aplicando esse critério ao exemplo (28), temos:

(28a) *João é jogador de futebol, mas não tem de manter a forma física.*

(28b) *João é jogador de futebol, mas tem de manter a forma física.*

Quando o *mas* aparece na estrutura M,mas não-N em (28a), temos o uso natural do predicado 'ser um jogador de futebol', que pressupõe 'manter a forma física'; ou seja, no sentido do predicado 'ser um jogador de futebol' está potencialmente o ato de 'manter a forma física'. Por

outro lado, em (28b), aplicando a estrutura M,mas N, temos um uso estranho, caracterizando o não respeito ao topos intrínseco.

Anscombe (1995b) enumera outros pares de predicados que têm o mesmo funcionamento de *procurar/encontrar*. Segundo o autor, apresentam relação análoga os pares: *perguntar/responder*, *tentar/conseguir*, *problema/difícil*, *solução/fácil*, aos quais acrescento *partir/chegar* e *jogador de futebol/forma física*.

Como segundo teste, surge a utilização de *pourtant* (no entanto) que, segundo Ducrot, se apóia em “*topoi*” *extrínsecos* - em francês - (exclusivamente), enquanto que *mas* admite os dois tipos. Outros exemplos analisados por Anscombe corroboram uma outra hipótese.

Anscombe observa que os pares intrínsecos *chercher/trouver*, *demandar/repondre* colocam em jogo princípios tópicos representados pela sabedoria popular do tipo: “*Cherchez, vous trouverez*” (Procure que achará), “*Demandez on vous réprondra*”. Tal constatação deveu-se ao fato de *pourtant* (todavia) - que deveria combinar-se apenas com topos extrínseco - poder figurar em seqüências como:

“Pierre a cherché une solution, (mais, pourtant) il n'a rien trouvé”

Pedro procurou uma solução, (no entanto, mas) não a encontrou.

Nesse exemplo, os dois encadeamentos são possíveis porque, de uma parte, *mas* (mais) admite tanto os “*topoi*” *intrínsecos* quanto os *extrínsecos*; e de outra, a possibilidade de *no entanto* (*pourtant*) deve-se ao fato de existir uma ligação tópica entre *procurar* (*chercher*) e *encontrar* (*trouver*), também, sob a forma tópica extrínseca a essas palavras. (Anscombe: 1995b: 131)

Alguns testes complementares foram propostos, para identificar os “*topoi*” *intrínsecos*.

O primeiro é relativo à aplicação, especificamente, aos verbos da expressão *de tanto V1, V2*. Em alguns casos essa “fórmula” pode ser aplicada aos substantivos. Há duas possibilidades de encadeamento com essa expressão, as quais permitirão distinguir um *topos extrínseco* de um *intrínseco*.

a) Uma relação do tipo causal, na medida em que a causalidade é externa. Compreende-se que este tipo de interpretação seja possível com um *topos extrínseco*.

(32) “*A force de regarder par les trous de serrure, il avait le yeux tout rouges.*”

(*De tanto olhar pelo buraco da fechadura, seus olhos ficaram vermelhos*).

b) Há uma relação direta entre V1 e V2. V2 aparece como o prolongamento de V1. Tudo parece indicar que a ligação entre V1 e V2 repousa sobre um *topos intrínseco*. É preciso lembrar que não se pode dizer *De tanto V1, não V2*, exceto com intenção irônica.

(33) “*A force de chercher, il a fini par trouver.*”

De tanto procurar, ele acabou por encontrar.

Na construção acima o predicado V2 é, aos olhos da língua, apenas um prolongamento de V1.

Outro teste proposto por Anscombe refere-se à combinação dos verbos com as expressões *com/sem sucesso*, as quais também funcionam como filtros para os “*topoi*” *intrínsecos*. Ou seja, essas duas expressões não convocam “*topoi*” *extrínsecos*.

(34) *Ele procurou com sucesso (=Ele encontrou)*

Ele procurou sem sucesso (=Ele não encontrou)

Esse teste apresenta dois problemas. O primeiro é que não somente filtra os "topoi" *intrínsecos*, mas também os resultados naturais.

(35) *Maria atravessou o rio com sucesso.*

O segundo problema é que as duas expressões (*com/ sem sucesso*) não podem ser aplicadas a enunciado cujo agente é não-humano.

(36) *A flecha atravessou a armadura com sucesso.*

O terceiro e último teste complementar é o das *formas semi-passivas*. De acordo com Anscombe, além de funcionar como teste, essas formas apresentam a vantagem de apontar os cenários subjacentes aos substantivos. Ou seja, certos verbos transitivos (ou usados no sentido transitivo) permitem, de forma igual, o ativo ou o passivo na mesma construção.

(37) *Os dicionários são feitos para serem consultados.*

(38) *Os dicionários são feitos para consultar.*

Há que ressaltar que nem todos os verbos permitem essa dupla possibilidade. A construção semi-passiva (com infinitivo ativo) é possível com um verbo V, mas é geralmente difícil (exceto em contexto muito particular) com um verbo V', exprimindo o inverso de V.

(39) *Os dicionários são feitos para nunca serem consultados.*

(40) *Os dicionários são feitos para jamais consultar.*

Generalizando, Anscombe diz que as formas passivas parecem ser muito seletivas. Isso leva a pensar que os roteiros ligados a certos verbos são parte intrínseca do valor semântico de certas palavras.

(41) *As casas são feitas para habitar.*

No caso de *casa*, percebe-se que são possíveis os verbos que vão no sentido de habitação, em particular *habitar*. O autor postula que o verbo pode ser interno (inerente) a um nome. Ou seja, tanto por trás de certos nomes como subjacente a certos verbos há conceitos humanos, nos quais intervêm os “topoi” intrínsecos. Nesse sentido, as formas semi-passivas fornecem indicações sobre “topoi” intrínsecos.

“si l’on préfère, de la même façon que l’on dit parfois qu’un nom est objet interne d’un verbe (ainsi *sommeil* dans *dormir son sommeil*), il semble qu’il puisse se faire qu’un verbe soit verbe interne d’un nom.”²⁸ (Anscombe, 1995b: 135)

A Teoria dos Modificadores e os critérios para evidenciar “topoi” intrínsecos ratificam o postulado da versão recente da Teoria da Argumentação na Língua: tanto as palavras quanto as estruturas frásticas são responsáveis por encadeamentos argumentativos, independentemente dos conteúdos informativos veiculados pelos enunciados.

As palavras de conteúdo lexical - nomes, verbos e adjetivos - passam a ser descritas como ‘paquets de “topoi”’ (Ducrot, 1995b: 145), a argumentatividade passa a ser constitutiva do léxico. Em outras palavras, a seleção lexical passa a ser vista como indicação de certos tipos de discursos possíveis a propósito de objetos e situações.

“O modelo recente da Argumentação na Língua, a Teoria dos Topoi, foi consideravelmente alterado nestes últimos anos a partir, segundo me parece, de uma intuição básica: o processo argumentativo não se aplicaria

²⁸ (...) se se prefere, da mesma forma que se diz, às vezes, que um nome é objeto interno de um verbo (assim sono em dormir seu sono), parece que pode ocorrer que um verbo seja verbo interno de um nome.

apenas sobre frases completas (argumentos do tipo: *Faz calor hoje, Pedro trabalhou muito*), mas também sobre os predicados lingüísticos, ou seja, o léxico (substantivos, adjetivos e verbos). O léxico disporia de uma carga argumentativa tanto quanto as frases completas que servem de argumentos.”(Moura, 1996:107)

Com a introdução da noção de “*topoi*” *intrinsecos*, na Teoria da Argumentação na Língua, as palavras de conteúdo lexical passaram a ser concebidas como sendo potencialmente argumentativas. Ou seja, a significação das palavras passou a ser constituída por “*topoi*”.

Assim, aplicar os “*topoi*” intrínsecos à palavra *trabalho*, mais fortemente a uma atividade A de que a uma atividade B, leva a considerar A como sendo ‘mais’ trabalho do que B. Da mesma forma posso dizer que *uma família* é mais *família* do que outra, na medida em que admito que há *família unida* e *família desunida*, utilizando-me dos modificadores ‘unida’ e ‘desunida’, respectivamente realizante(MR) e derrealizante(MD). Ducrot(1995b) pretende provar que as palavras têm, de acordo com sua semântica própria, graus diferentes de aplicabilidade. (p.146)

Segundo o mesmo autor, não são todas as palavras potencialmente argumentativas, somente aquelas de conteúdo lexical. Essas palavras foram distribuídas em dois grupos: os predicados (nomes e verbos) e os modificadores (adjetivos e advérbios). Estes últimos são concebidos como as palavras que determinam (modificam) os verbos e os nomes. Na teoria dos “*topoi*”, os modificadores- já definidos no item gradualidade - determinarão a força com que se aplicará um *topos*.

Além dos predicados e dos modificadores (estes últimos denominados operadores argumentativos, na teoria padrão), ressalto os conectores argumentativos cuja função não se restringe a articular porções discursivas, mas que também indicam a orientação argumentativa objetivada pelo locutor - na teoria recente, esta orientação é indicada pelos “*topoi*” (pontos de vista) colocados em cena. Essas partículas (conectivos

argumentativos), desprovidos de conteúdo lexical, funcionarão como indicadores de “topoi”; ou seja, indicarão qual o topos (qual forma tópica) deverá ser atualizado naquele contexto e com que força argumentativa essa FT deve ser atualizada.

A Teoria dos Modificadores vem evidenciar que se pode atribuir uma orientação argumentativa a alguns nomes e verbos e não somente a enunciados. Essa teoria permite descrever a orientação argumentativa imputada ao discurso pelas palavras lexicais, o que, na versão padrão, era restrito aos conectivos e operadores argumentativos.

Resumindo, no decorrer das pesquisas, Anscombre-Ducrot mostram que a língua é essencialmente argumentativa - do léxico ao texto. E, para indicar a orientação argumentativa intencionada pelo locutor em uma determinada interação lingüística, a língua dispõe dos operadores argumentativos, os quais indicam a orientação argumentativa (topos alicerce da argumentação) e a força com que esse topos deve ser atualizado. Em outras palavras, os operadores argumentativos, na Teoria dos “Topoi”, têm por função especificar o tipo de utilização que se deve fazer dos “topoi”- “topoi” diretos, conversos ou ambos - e determinar a força argumentativa do enunciado.

Há que ressaltar, aqui, que o termo **operador argumentativo (OA)** - em sentido amplo (como o defini no parágrafo antecedente) - abrange: **operador argumentativo** (sentido estrito) - partícula da língua que, aplicada a um enunciado, indicará o topos e a força com que este será atualizado; **conector argumentativo** - partícula da língua que articula duas porções textuais, indicando o topos e a respectiva força com que será atualizado; e **modificador** (realizante e derrealizante) - palavras cuja função é modificar os predicados de uma língua (nomes e verbos), indicando o topos e a força com que serão aplicados a uma determinada situação/pessoa/fato.

Neste trabalho, principalmente na análise das entrevistas, utilizei a nomenclatura operador argumentativo (OA) no sentido amplo, colocado acima.

1.3 - A Polifonia: de Bakhtin a Ducrot

Originalmente, a noção de polifonia foi utilizada para denominar uma classe de composição musical na qual se superpunham diferentes vozes. E, há mais ou menos sessenta anos, Michel Bakhtin - teórico de Literatura- utilizou esse termo metaforicamente, quando estudou o romance de Dostoiévski.

Em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (1981) - edição revisada e ampliada da que saiu inicialmente em 1929 com o título de *Problemas da Obra de Dostoiévski* - Bakhtin institui o princípio fundamental da obra de Dostoiévski: “afirmação do “eu” do outro não como objeto mas como outro sujeito”(1981:6). O romance de Dostoiévski está povoado de diversas vozes que representam convicções ou pontos de vista diferentes acerca do mundo.

Para Bakhtin, Dostoiévski

(...) soube colocar e resolver em toda a sua amplitude e profundidade: a tarefa de construir um mundo polifônico e destruir as formas já constituídas do romance europeu, principalmente do romance monológico (homofônico). (op.cit.,p.03)

Em Dostoiévski, o(s) ponto(s) de vista sobre o mundo são introduzidos em sua obra via personagens. Estes têm voz, não são apenas veiculadores de pontos de vista do autor; e este “já não focaliza a realidade da personagem mas a sua autoconsciência enquanto realidade de segunda ordem” (op.cit.,p.41).

Bakhtin, objetivando caracterizar o discurso na obra de Dostoiévski, define o que é discurso: “a língua em sua integridade concreta e viva (...)” (op.cit.,p.157); e postula que

“a linguagem vive apenas na comunicação dialógica daqueles que a usam (...) Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas”.(*op.cit.*, p. 158)

A dialogia aqui postulada pode ser verificada não apenas em uma enunciação integral, mas em qualquer uma das partes significativas de um enunciado, inclusive em uma única palavra, se nesta palavra identifica-se a posição de um outro, pois

“A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo (...) Um membro de um grupo nunca encontra previamente a palavra como uma palavra neutra da língua (...) A palavra ele a recebe da voz de outro e repleta de voz de outro. (...) impregnada de interpretações de outros.”(*op.cit.*, p. 176)

No dia a dia, o discurso do outro, em minha fala, é somado ao meu conhecimento prévio (discurso prévio) , e não mais será o discurso do outro nem o meu discurso, mas a soma dos dois. Para Bakhtin, esse processo gera o que ele chamou de discurso bivocal. Em algumas situações, o meu discurso está povoado de palavras de outros, sendo que de algumas delas eu me aproprio, esquecendo-me de quem são, e elas acabam fundindo-se a minha voz; em outras, a inclusão de determinadas palavras em meu discurso vem reforçar as minhas ‘próprias’; e por último, há casos em que me utilizo de determinadas palavras - de outros - para veicular minhas próprias intenções, que são estranhas a essas palavras.

Bakhtin propõe o discurso dialógico, em substituição ao monológico, e, nessa concepção dialógica, distingue três variedades de discurso bivocal : *o de orientação única*- em que, “reduzindo-se o grau de concreticidade, tendem para a fusão das vozes, isto é, para o discurso do

primeiro tipo” (p.173); *o de orientação vária* - em que, “havendo redução do grau de concreticidade, tornam-se internamente dialógicas e tendem para a decomposição em dois discursos (duas vozes) do primeiro tipo”(p.173); *e o tipo ativo (discurso refletido do outro)* - em que “o discurso do outro influencia de fora para dentro; são possíveis formas sumamente variadas de interrelação com a palavra do outro e variados graus de sua influência deformante”(p.173).

Essa classificação proposta ainda é desmembrada pelo citado autor, porém não me deterei neste aspecto uma vez que meu objetivo é fazer um histórico breve do termo polifonia. Ou seja, buscar como Bakhtin concebeu e aplicou a noção de polifonia na literatura, mais especificamente na obra de Dostoiévski.

Aplicando a noção de polifonia à obra de Dostoiévski, assim se pronunciou Bakhtin (1981)

“Nos romances de Dostoiévski tudo se reduz ao diálogo, à contraposição dialógica enquanto centro. Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina e nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida, o mínimo de existência.” (p.223)

Bakhtin postula que a polifonia “pode ser de vozes conciliadas ou de vozes em luta e inteiramente cindidas” (p.221). Nos romances de Dostoiévski, o referido autor constatou o segundo tipo de polifonia.

“Em cada obra de Dostoiévski, verificamos em diferentes graus e em diferentes sentidos ideológicos casos em que a voz do outro cochicha ao ouvido do herói as próprias palavras deste com acento deslocado e uma resultante combinação singularmente original de palavras e vozes orientadas para diferentes fins numa mesma fala, num mesmo discurso, verificamos a confluência de duas consciências numa consciência.”(p.194)

A partir do conceito de polifonia, Bakhtin distinguiu dois tipos de literatura. Na primeira, *chamada dogmática*, se expressam sob uma única voz - a do autor - vários personagens que, de alguma forma, são julgados pelo autor, de tal maneira que a cada momento o leitor escuta a voz do autor dizer o que se deve pensar de determinado personagem. Na segunda - *denominada popular, polifônica* ou ainda *carnavalesca* - vários personagens se apresentam por si mesmos, não são julgados pelo autor e o sentido global da obra resulta simplesmente da confrontação desses personagens, sem evidenciar o ponto de vista do autor. O romance de Dostoiévski é, segundo Bakhtin, o melhor exemplo de romance polifônico.

E é essa noção de polifonia que é adaptada, por Ducrot, à Linguística com o objetivo de pôr em dúvida a unicidade do sujeito até então inquestionável ou aceitável. Essa concepção da unicidade do sujeito fica evidente pela afirmação corrente de “que cada enunciado possui um, e somente um autor” (Ducrot, 1987:161)

Ducrot propõe - em um primeiro momento - aplicar a noção de polifonia aos enunciados que compõem os textos, uma vez que, até aquele momento, essa noção só fora aplicada a textos como um todo (seqüência de enunciados). Ducrot pretende então provar que um enunciado isolado também pode ser perpassado por mais de uma voz; ou seja a não-unicidade do enunciado. Entendo enunciado, aqui, como “manifestação particular, como ocorrência *hic et nunc* de uma frase”(op.cit.,p.168). Lembro, também, que a teoria da polifonia proposta por Ducrot passou por três fases: a primeira figura em *Les Mots du Discours* (1980) e a segunda, em *O Dizer o Dito* (1987), e que, na fase atual das pesquisas, a teoria da polifonia está sendo concebida na perspectiva dos “topoi”. Ressalte-se, também, que não farei uma apresentação cronológica da referida teoria; apenas farei observações quando constatar mudanças, fazendo um paralelo entre aspectos específicos nos dois momentos.

Este sujeito único - objeto de questionamento na teoria que o concebe como tal - é descrito a partir de certas propriedades: 1) “é dotado de toda atividade psico-fisiológica necessária à produção do enunciado; 2) ser autor, a origem dos atos ilocutórios realizados na produção do enunciado (atos do tipo da ordem, da pergunta, da asserção, etc.); ser designado em um enunciado pelas marcas da primeira pessoa” (op.cit.,p.178-9).

Ducrot postula que essas características serão impossíveis de serem atribuídas a um sujeito falante único, em um enunciado em que haja uma forma qualquer de retomada.

(42) *Ah! eu sou imbecil; muito bem, você não perde por esperar.*

Nesse exemplo, A censurou B, chamando-o de imbecil, e B retrucou com esse enunciado. Segundo Ducrot (1987), “L é aqui ainda o produtor das palavras e é ele igualmente que é designado pelo *eu*. Mas a responsabilidade do ato de afirmação realizado no primeiro enunciado não é certamente L que assume - já que justamente L tem a imodéstia de o contestar: ao contrário, L o atribui a seu interlocutor I (mesmo que I não tenha, de fato, falado de bobeira. Mas somente feito uma censura que, segundo L, implica em boa lógica para I, a crença na imbecilidade de L)”. (p.180)

Ducrot propõe que o enunciado seja a descrição da enunciação e que a origem da enunciação possa ser atribuída a um ou a vários sujeitos. Então “é necessário distinguir entre estes sujeitos pelo menos dois tipos de personagens, os **enunciadores e os locutores[grifo meu]**” (op.cit.,182)

O uso de locutores no plural refere-se a enunciados cujos responsáveis são em número plural. Um exemplo é o do discurso relatado em estilo direto (REL).

O locutor (L) é definido como “um ser que é (...) apresentado como responsável pelo enunciado (...) é a ele que se refere o pronome *eu* e as outras marcas da primeira pessoa”(ibid.)

Há que ressaltar que há casos em que o autor real não é o mesmo locutor que se apresenta como responsável pelo enunciado. Um exemplo é o do atestado por tempo de serviço expedido por repartições - o funcionário que o emite - ou aquele que tem autoridade para emití-lo - apenas o preenche e assina, pois quem o elaborou é desconhecido. Ou seja, não se sabe quem é o autor empírico do texto, sabe-se quem é o locutor do enunciado: o funcionário que o emitiu e assinou, identificado pelas marcas de primeira pessoa (atesto). Porém Ducrot assinala que saber quem é o produtor efetivo não é tarefa do lingüista. Ao semanticista cabe descrever o que disse o enunciado - o sentido deste. O que interessa é o que está no enunciado.

O locutor também pode ser distinto do sujeito falante efetivo, como é o caso de um trabalho apresentado em congressos não pela pessoa a quem as marcas de primeira pessoa se referem, mas por outra. As marcas de primeira pessoa não se referem ao apresentador, à pessoa que expõe o trabalho, mas ao seu produtor efetivo. É o caso de você se inscrever em um congresso, para apresentar trabalho. Não podendo ir, há casos em que outra pessoa pode ler o seu trabalho. A pessoa que o escreveu é o locutor nesse caso.

Um mesmo enunciado também pode ter dois locutores. Ou seja, algumas vezes o enunciado global (principal) apresenta outros enunciados subordinados àquele. Um exemplo “*João me afirmou vou embora*” em que as duas marcas de primeira pessoa (*me, vou*) referem-se a dois locutores diferentes. Não só o discurso relatado em estilo direto (RED) apresenta dupla enunciação, também estariam, nesse grupo, os ecos, os diálogos internos, os monólogos etc.

“Certamente do ponto de vista empírico, a enunciação é ação de um único sujeito falante, mas a imagem que o enunciado dá dela é a de uma troca, de um diálogo, ou ainda de uma hierarquia das falas.”(op.cit.,p.187)

Ducrot ainda distingue o 'locutor enquanto tal' (L) do 'locutor enquanto ser do mundo' (λ).

L - "é o *responsável* pela enunciação, considerado unicamente enquanto tendo esta *propriedade*". (op.cit., p.188)

λ - "é *uma pessoa completa*, que possui, entre outras propriedades, a de ser origem do enunciado". (ibid.)

Ressalte-se ainda que o ser a quem se atribui o sentimento, quando se usa uma interjeição, é L, pois a interjeição está situada na própria enunciação; enquanto que a λ são atribuídos os enunciados declarativos do tipo "estou alegre".

De acordo com o mesmo autor (1988), a distinção entre λ/L permite conceder a palavra a seres incapazes de falar. Como exemplo, Ducrot cita as lixeiras, nas quais aparece o enunciado "use-me" em que o *me* não é o λ , mas é apresentado como o locutor do enunciado. (p.18)

É possível também construir enunciados sem um locutor identificado no enunciado, porém, ainda que não identificado, sempre há um L para todo e qualquer enunciado. Benveniste (apud Ducrot, 1988) afirma que os enunciados sem um locutor - também chamados de impessoais - têm a ver com a *história*, em oposição àqueles com locutor marcado e que pertencem ao discurso. Exemplo de locutor impessoal (não-marcado) são os provérbios.

A essa possibilidade de dupla aparição de locutor em um só enunciado é que Ducrot denomina *polifonia de locutores* ou *dupla enunciação* - "fenômeno que se torna possível pelo fato de o locutor ser um ser de discurso, participando desta imagem da enunciação fornecida pela enunciado"(1987:191).

Já definido o locutor, falta definir o enunciador. Para Ducrot (1987), os enunciadores são

"estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuem palavras precisas; se eles "falam" é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando

seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras” (p.192).

O par enunciador/ locutor é comparado ao par /personagem/autor de Bakhtin(1981). Para Ducrot, “o autor coloca em cena personagens que (...) exercem uma ação lingüística e extralingüística, ação que não é assumida pelo próprio autor” (p.192). De forma semelhante, “o locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes” (p.193), assimilando-se a eles ou não.

Ducrot compara o par locutor/ enunciador da teoria polifônica ao par narrador/centro de perspectiva proposto por Genette (1972), em sua teoria narrativa. Para Genette, o narrador é “quem fala” e o centro da perspectiva é “quem vê”.

Como já foi dito, há situações em que o locutor se assimila a algum (uns) do(s) ponto(s) de vista colocado(s) pela enunciado, em outras situações, coloca-se a uma certa distância dele(s).

Para exemplificar essas duas possibilidades de atitude do locutor, em um enunciado, Ducrot traz para a análise, na perspectiva da polifonia, o enunciado de humor e o enunciado negativo. A negação é apresentada como exemplo da assimilação do locutor a um dos pontos de vista apresentados, enquanto que, no enunciado de humor, o locutor mantém-se à distância dos pontos de vista veiculados.

(43) “*Pedro não é gentil.*”

O enunciado declarativo negativo, na primeira versão da teoria da polifonia - em *Les Mots du discours* (1980) - é concebido como sendo resultado de dois atos ilocutórios distintos: A1 representa uma declaração sobre a gentileza de Pedro; A2 nega a gentileza de Pedro. A1 e A2 não são imputados ao mesmo autor: A1 é de responsabilidade de um su-

jeito diferente do locutor - pode ser o alocutário ou outro sujeito; A2 é, geralmente, assimilado ao locutor - responsável pelo enunciado.

Em *O Dizer e o Dito* (1987), Ducrot retoma a negação, reformulando o seu tratamento no que diz respeito aos atos ilocutórios atribuídos aos enunciadores. O autor reconhece que não pode atribuir um ato ilocutório aos enunciadores - uma vez que estes não detêm falas, mas apresentam pontos de vista. A partir dessa constatação passa a conceber “A1 e A2 não como atos, mas como pontos de vista opostos”(p.202).

Antes de construir o quadro da teoria da polifonia para os enunciados, Ducrot (1972) descreve a negação, estabelecendo dois tipos de negação: a polêmica e a descritiva. A negação descritiva foi concebida como sendo

“a negação que serve para representar um estado de coisas, sem que seu autor apresente sua fala como se opondo a um discurso contrário”. (Ducrot *apud* Ducrot, 1987:203)

Para exemplificar esse tipo de negação, pode-se pensar em uma situação em que A pergunte a B sobre o estado de saúde de João, e B responda.

(44) *João não está bem.*

A resposta representa um enunciado que não pretende opor-se a um outro, pretende apenas exprimir um estado de coisas. Por outro lado, se o enunciado (44) fosse utilizado por B para replicar a afirmação de A do tipo “Creio que João está bem”, estar-se-ia diante da negação polêmica - “destinada a opor-se a uma opinião inversa” (Ducrot, 1987:203).

Em um segundo momento, Ducrot (1987) distingue não mais dois tipos de negação, mas três: *a negação descritiva, a metalingüística e*

a *polêmica* (as duas últimas resultaram de um desdobramento da negação polêmica).

Em relação à negação descritiva, o referido autor a conserva, inclusive a denominação. Quanto à negação metalingüística “- é definida como “uma negação que contradiz os próprios termos de uma fala efetiva à qual se opõe” (op.cit.,p.203). Esse tipo de negação contesta um locutor que enunciou seu positivo correspondente. Em outras palavras, a negação metalingüística anula os pressupostos veiculados pelo enunciado positivo, subjacente ao enunciado negativo. É o que se verifica em “*Pedro não parou de estudar, mas ele nunca estudou*”. Este “*não parou de estudar*”, que pressupõe “*estudava antes*”, só será possível como resposta a um locutor que dissera que “*Pedro parou de estudar*”.

A negação polêmica - que Ducrot (1987) supõe seja a maior parte dos enunciados negativos - é descrita nos mesmos moldes da primeira abordagem. Ou seja, o locutor de (44) *João não está bem*, assimilando-se ao enunciador E2 da recusa, opõe-se ao enunciador E1, que coloca em cena o seu ponto de vista: “*João está bem*”. O ponto de vista de E1 não é assimilado ao autor do discurso. Enquanto a negação metalingüística tem efeito de explicitar e descartar os pressupostos, a negação polêmica apresenta efeito rebaixador e mantém os pressupostos. (p.204)

Hoje, na perspectiva da teoria dos “Topoi”, em um enunciado não-P, há pelo menos dois enunciadores: um primeiro enunciador E1 que expressa um ponto de vista representado por P, e um segundo enunciador E2 que apresenta uma refutação (recusa) desse ponto de vista. Em outras palavras, E1 e E2 põem em jogo “topoi” diferentes e o locutor, geralmente, irá se assimilar ao topos convocado por E2. A negação aqui considerada é a que anteriormente foi denominada polêmica.

(45) *Não é só mulher bonita que passa pela cabeça dos homens.*

No enunciado acima, o locutor (L) coloca em cena: através do enunciador 1 (E1), o topos1 (feminista) ‘homem só pensa em mulher’;

e, através do enunciador 2 (E2), L discorda desse ponto de vista introduzindo o topos 2 'homem pensa em outras coisas além de mulher'. Observa-se, neste enunciado, que L põe em cena E1 não para negá-lo totalmente, pois E2 constrói o topos 2 tendo o topos 1 incluído naquele. Embora L não negue totalmente o ponto de vista veiculado por E1, é a E2 que ele vai assimilar-se. Ressalte-se que o enunciado aparece em um anúncio publicitário de um gel para cabelo chamado Brylcreem. Outro dado importante é que o anúncio é veiculado na Revista Playboy.

Com a negação, ficou demonstrada uma das atitudes do locutor em relação aos pontos de vista que são veiculados pelo enunciado - o locutor assimila-se, geralmente, a um desses pontos de vista. Agora, abordarei o enunciado irônico, como exemplo de distanciamento do locutor dos pontos de vista apresentados. Na teoria dos "Topoi", na negação, E1 atualiza o topos concordante e E2 atualiza o topos discordante e, geralmente, L assimila-se a E2. Na ironia, por outro lado, L põe em cena dois "topoi", através de E1 e de E2, porém não se identifica com nenhum deles.

Para Ducrot (1988), um enunciado será humorístico se cumprir três condições:

- 1) entre os pontos de vista apresentados no enunciado, pelo menos, há um que obviamente é absurdo, insustentável no contexto;
- 2) o ponto de vista absurdo não é atribuído ao locutor;
- 3) no enunciado, não se expressa nenhum ponto de vista oposto ao ponto de vista absurdo (ele não é retificado por ninguém). Entre os enunciados de humor, está o irônico - definido como aquele em que o ponto de vista absurdo é atribuído a um personagem determinado, aquele que se deseja ridicularizar. (p.20)

Para ilustrar, Ducrot (1988) lança mão de uma pequena história, a qual reproduzirei.

“Ocorre em um restaurante de luxo em Paris. Em uma mesa se encontra um cliente e como única companhia tem a seus pés um cachorro teckel. O dono do restaurante achando-se obrigado a estabelecer uma conversa com o solitário cliente, lhe dirige a palavra: “Suponho que o senhor aprecia a superioridade da nossa comida. Sabe? Nosso mestre é um antigo cozinheiro do rei da Suécia”. O cliente não responde, o dono continua: “Vejo que o senhor escolheu um vinho de excelente qualidade, como todos os que seleciona nosso despenseiro; é que tive a sorte de poder contratar o antigo despenseiro do rei da Inglaterra”. Tampouco o cliente se manifesta. Sem desanimar-se o dono continua: “Veja, se nossos garçons são tão determinados, discretos, asseados, rápidos, é porque nosso chefe de cozinha esteve a serviço do rei da Espanha. O cliente permanece mudo; o dono compreende que é prudente mudar a conversa e olhando o cachorro exclama: “O senhor tem um precioso teckel!” Imediatamente o cliente responde: “Meu teckel, senhor, é um antigo São Bernardo”. (p. 21)

Neste último enunciado, tem-se claramente um locutor L, marcado pelo pronome adjetivo *meu*: é o cliente. Há, em primeiro lugar, um ponto de vista obviamente absurdo, segundo o qual o teckel seria um antigo São Bernardo. A presença desse ponto de vista absurdo satisfaz a primeira condição. A segunda é satisfeita igualmente, pois esse ponto de vista absurdo não é atribuído ao locutor L (cliente), mas ao dono do restaurante. A resposta do cliente significa: “*falando segundo sua lógica, tão certo como que seu despenseiro é um antigo despenseiro do rei da Inglaterra, meu teckel é um antigo São Bernardo*”. Não se constata, também, nenhuma retificação do enunciado absurdo. Portanto, temos um enunciado humorístico que é, inclusive, irônico, uma vez que objetiva atacar uma pessoa: aquela a quem se atribui o ponto de vista absurdo.

Além de enunciados já consagrados como polifônicos - os negativos e os de humor - há fenômenos lingüísticos que permitem a construção de enunciados polifônicos como a *locução adverbial pelo contrário*, os *pronomes anafóricos*, a *pressuposição*, o *uso de aspas*, o *discurso in-*

direto livre. Não me deterei nesses fenômenos por dois motivos: já foram trabalhados por vários lingüistas e, também, porque meu objetivo é esboçar o quadro da teoria polifônica, pela importância da mesma para o estudo da argumentação, na perspectiva da Teoria dos “Topoi”.

Como já se observou anteriormente, a argumentação passa a ser descrita em nível de enunciadores apresentados no enunciado, e não mais em nível de enunciados. Agora o enunciador (E) é o argumentador. E, conseqüentemente, a polifonia poderia ser definida como o confronto de “topoi”, em que se nega ou se aceita um dos topos, mas se identifica com o outro, cuja conclusão esteja nele calcada. Lembro que, no caso da ironia, não se toma partido em relação aos “topoi” apresentados.

Antes de fechar a discussão sobre polifonia, gostaria de salientar a reflexão feita por Koch (1991) a respeito de polifonia e intertextualidade, no sentido de verificar se designam um só fenômeno, ou fenômenos diferentes.

De acordo com a referida autora, intertextualidade e polifonia equivalem-se quando se tomam os referidos conceitos em um sentido amplo: “todo texto evoca outros textos e é perpassado por vozes de diferentes enunciadores, ora consonantes, ora dissonantes (...)” (p.539).

Considerando-os do ponto de vista estrito, a autora defende a posição de que o conceito de polifonia é mais amplo que o de intertextualidade. Isto porque, para esta última, a alteridade é marcada (explícita) no texto, ou seja, “a fonte do intertexto é explicitamente mencionada no texto que o incorpora ou cujo produtor está presente”(ibid.). Para a polifonia, essa concretude não é uma exigência (pré-requisito), pois não é necessário que os enunciadores, cujos pontos de vista são colocados em cena, sejam reais. O que importa é que “topoi” são colocados em cena pelo locutor do enunciado; sejam “topoi” para alicerçar o ponto de vista do locutor, ou para refutá-los.

Nessa perspectiva, Koch(1991) conclui que

“(...) o conceito de polifonia recobre o de intertextualidade, em sentido estrito, isto é, todo caso de intertextualidade é caso de polifonia, não sendo, porém, a recíproca verdadeira: há casos de polifonia que não podem ser vistos como manifestações de intertextualidade.”(p.539)

CAPÍTULO 2

ANÁLISE

2.0 - Introdução

Este capítulo constitui a análise propriamente dita das entrevistas que integram o corpus deste trabalho, no intuito de validar ou derrubar a hipótese número um desta pesquisa: os marcadores “né” , (eu) “acho” (que) e “aí” são responsáveis pela tessitura e, principalmente, pelo encadeamento discursivo-argumentativo do texto falado.

Inicialmente, como o corpus alvo pertence a uma das modalidades da conversação - a entrevista - busquei, na literatura sobre o referido assunto, determinar em que tipo de interação a entrevista se enquadra. Essa classificação tornou-se possível, através dos trabalhos que buscam classificar as interações verbais, a partir do comportamento dos participantes. Para essa classificação, duas noções foram básicas: simetria e assimetria, trabalhadas, principalmente, por Marcuschi (1988, 1995) e Gonçalves (1995).

Analisou, separadamente, cada um dos marcadores, evidenciando, inicialmente, as funções postuladas pela AC - na perspectiva de Marcuschi, Urbano, Silva e Macedo, Galembeck, Rosa entre outros - como ponto de partida. Após marcar todas as ocorrências de cada marcador nas entrevistas, começo a investigar as funções que esses marcadores exercem no corpus. Minha investigação está voltada para as ocorrências em que tais marcadores estejam exercendo função argumentativa, no entanto não deixo de levantar outras funções textuais-interativas - algumas postuladas pela AC e outras que surgiram no corpus; estas, ressaltado, carecem de investigações específicas.

Trago para o corpo deste trabalho muitas seqüências em que se constata a utilização de "topoi", evidenciados pelo uso de um dos marcadores, como forma de demonstrar exaustivamente a função argumentativa desses elementos.

Após mostrar as análises separadas de cada um dos marcadores, faço algumas observações gerais acerca dos resultados obtidos com a investigação, tecendo algumas considerações sobre os três marcadores.

2.1 - Considerações metodológicas

Embora o corpus deste trabalho seja constituído por entrevistas, na verdade, ocupei-me, apenas, das respostas dos informantes, não perdendo de vista, porém, as perguntas. Não me pareceu interessante analisar o texto dos entrevistadores, pois, observando o comportamento do

entrevistador e do entrevistado²⁹, constatei que ao primeiro cabe ‘apenas’ o papel de fazer as perguntas e de conduzir a interação; enquanto que ao entrevistado cabe a função de responder às perguntas feitas por aquele. Por outro lado, observei que a maioria dos entrevistados fala bastante, inclusive com respostas bastante longas, o que me leva a pensar que estão à vontade e sendo cooperativos.

Para recortar as entrevistas, de modo a ter seqüências com sentido, respeitei as particularidades inerentes à tipologia do texto. Por serem textos orais e construídos através do recurso pergunta-resposta, utilizei o mesmo recurso para segmentá-los. O par pergunta-resposta (P-R) é um dos recursos que funciona, ao mesmo tempo, como mecanismo de organização textual e seqüenciador da conversação.

Houve casos, no entanto, em que o par conversacional (“... seqüência de dois turnos que coocorrem e servem para a organização local da conversação”(Marchuschi, 1986:35)) não foi suficiente para constituir uma unidade mínima significativa. Nesses casos, os recortes constituem-se de mais de um par conversacional.

O segundo passo foi recortar as respostas de modo a eleger os trechos que contivessem os referidos marcadores. O meu objetivo principal era evidenciar os marcadores na função de indicador de “topoi”, não desprezando, porém, o restante das respostas uma vez que ‘esse restante’ é o contexto lingüístico dos recortes feitos, que não pode ser desconsiderado. No entanto, para conseguir alcançar esse objetivo, foi necessário observar as partículas analisadas em todos os contextos, levantando, inclusive, outras funções que as mesmas desempenham além daquela que eu buscava.

Em virtude dessa atitude, os recortes que ilustram esta pesquisa não são uniformes e não seguiram nenhuma regra preestabelecida, mas

²⁹ Na análise propriamente dita, convencionei utilizar L1, quando me referir ao entrevistador e L2, para designar o entrevistado (informante), uma vez que, na teoria da polifonia, E equivale a enunciador.

ilustram o uso funcional dos marcadores pesquisados em uma seqüência mínima, que é integrante de um texto maior.

Embora tenha considerado o 'corpus' como sendo um tipo específico, com características próprias - considere o par pergunta-resposta como um texto dentro de um texto maior, que é a entrevista. Essa postura deve-se ao fato de observar que não havia uma continuidade temática nas perguntas. Algumas vezes (muito poucas), a pergunta subsequente era uma continuação do tópico abordado na pergunta anterior. Na maioria das vezes, porém, cada par pergunta-resposta versava sobre um tópico diferente, caracterizando a entrevista como a soma de vários tópicos, preestabelecidos pelo entrevistador.

Não fiz nenhuma consideração em relação ao tipo de texto em que os marcadores "né", (eu) "acho" (que) e "aí" ocorreram. Neste trabalho, pelo menos, não é um aspecto produtivo, uma vez que a atualização de um topos não depende da tipologia textual, mas da intenção do informante.

Como já observei, no fim do capítulo teórico sobre a teoria da argumentação, utilizarei, na análise, o termo *operador argumentativo* (AO) - em sentido amplo - para denominar (eu) "acho" (que), "né" e "aí", sempre que assumirem função argumentativa: indicarem o topos e a força com que será atualizado em uma seqüência do corpus.

Antes da análise propriamente dita, faz-se necessário explicitar também a diferença entre *informação compartilhada* e *topos*, uma vez que os marcadores "né" e (eu) "acho" (que), em alguns contextos, ativam informação compartilhada ao invés de topos. Ressalte-se que não é tão fácil diferenciar um do outro e que todo topos é uma informação compartilhada, porém nem toda informação compartilhada é um topos.

Neste trabalho, *informação compartilhada* será concebida como uma proposição acerca de um fato/pessoa/objeto/situação, cujo conteúdo, embora filtrado por valores de um grupo de referência, não traduz um valor. Em outras palavras, *a informação compartilhada* é uma proposição acerca de um fato/pessoa/objeto/situação julgada verdadeira

pelo senso comum, ou seja, não pode ser contestada. O *topos* não deixa de ser uma informação compartilhada. Mas além de pertencer ao senso comum, o *topos* traduz um princípio geral (opinião) que reflete os valores de um grupo de referência, é geral e gradual; ou seja, pode ser aplicado a outras situações e, por constituir um ponto de vista, pode ser contestado.

O *topos*, para exemplificar, corresponde, mais ou menos, ao que Fávero (1985) denominou crença - "fatos que uma pessoa ou grupo consideram aplicáveis a alguma situação ou evento real ou recuperável" (p.17); enquanto que informação compartilhada corresponde ao que a referida autora chamou de fatos - "são as proposições julgadas verdadeiras nesse mundo" (*ibid.*).

2.2 - A entrevista como interação assimétrica

Na Análise da Conversação, faz-se distinção entre dois tipos de interação: as casuais e as institucionalizadas.

Na primeira classe estão

" (...) todos os tipos de eventos interacionais para os quais não há uma preparação prévia nem tema definido; os parceiros em geral se conhecem; as interações são geralmente privadas e as possibilidades de intervenção por parte dos falantes são em princípio igualitárias".
(Marcuschi, 1988:52)

Fazem parte do segundo grupo

“(...) os eventos interacionais que usualmente têm um objetivo definido; as situações são geralmente públicas e os contextos caracterizados por normas convencionalizadas; os participantes nem sempre se conhecem e um deles representa, em princípio, um papel específico e predominante derivado de sua posição institucional”.
(*ibid.*)

Rotular uma interação de casual ou institucionalizada é, em outras palavras, tentar evidenciar as relações de poder que a permeiam. E dependendo do poder que cada um dos participantes detém, essa interação será simétrica ou assimétrica, respectivamente casual ou institucionalizada.

Na interações assimétricas, um dos participantes tem o direito de conduzir a interação. Nesta modalidade de interação, inclui-se as entrevistas de modo geral, os inquéritos, interação entre professor e aluno, consultas médicas etc.

Por outro lado, nas interações caracterizadas como simétricas, todos os participante têm, pelo menos na teoria, os mesmo direitos na condução da interação (escolha do tema, tempo de uso da palavra etc.). Como exemplo dessa modalidade tem-se as conversações diárias e naturais. Considerando a classificação das interações e suas respectivas características, ter-se-ia que as interações institucionalizadas são assimétricas enquanto que as casuais são simétricas.

No entanto, Marcuschi, apesar de propor essa classificação, reconhece que as desigualdades podem ser constatadas tanto nos discursos espontâneos quanto nos formalizados (institucionalizados). E essas desigualdades, quase sempre, proporcionam controle a um dos participantes da interação. Até mesmo nas interações mais íntimas pode-se constatar que o controle da interação está nas mãos de um dos participantes. No entanto, não é objetivo deste trabalho pesquisar até que ponto há a di-

cotomia interações verbais simétricas/assimétricas; ou se há, na verdade, uma gradação em relação à simetria ou à assimetria.

Meu objetivo é discorrer sobre as duas classificações propostas (interações verbais casuais e interações verbais institucionalizadas), para então situar o corpus utilizado nesta pesquisa - a entrevista - em um desses grupos. E, a partir daí, tecer algumas considerações em relação à natureza do corpus, as quais podem servir de suporte para a análise.

Em relação à entrevista, Marcuschi (1988) postula que

“(...) não é apenas um tipo de discurso, mas um mecanismo de controle de um indivíduo sobre o outro, o que pode ser considerado um poder institucionalmente derivado, ou seja, intrínseco ao tipo de evento.”(op.cit.,p.53)

E, assim, situa a entrevista no rol das interações institucionalizadas, ou seja, no rol das interações assimétricas, em que um dos participantes (o entrevistador) será o responsável pela condução da interação, em alguns casos, impondo, inclusive, o tema (como exemplo, cito as entrevistas que compõem o corpus do meu trabalho).

Na citação acima, aparece a expressão poder, que requer seja discutida, dentro da perspectiva do discurso. Marcuschi (1988) postula que essa noção se manifesta em dois níveis na interação verbal: no macro-nível, enquanto poder econômico, político, cultural, entre outros; e no micro-nível, enquanto “exercício de prerrogativas dessas estruturas mais altas que se manifestam na condução local das relações interpessoais”(p.54). É no micro-nível que a noção de poder caracteriza as interações verbais assimétricas, embora sejam o reflexo (atualização) do macro-nível.

“A entrevista pode ser tida, de um modo geral, como um exemplo prototípico de relações de poder e controle nas práticas sociais devido à desigualdade de papéis a que os participantes estão submetidos.”(Fowler *apud* Marcuschi, 1988:57)

Em outras palavras, as relações de poder constatadas no nível lingüístico - não restritas a esse nível - são reflexos do controle social, econômico, entre outros, que predominam em determinadas (ou em todas) relações interpessoais. As relações de poder geram interações assimétricas, devido “a um relação de desigualdade ou desequilíbrio entre os membros participantes de um evento de fala” (*op.cit.*,p.58).

A desigualdade geradora da assimetria pode ser resultado de diferenças várias: poder social, pessoal, institucional, seleção e uso de recursos lingüísticos, personalidade, status. Diferenças que poderão ser constatadas em encontros institucionalizados, como também , embora pareça ser menos freqüente, em conversações casuais.

Na interação interpessoal assimétrica, um dos participantes exercerá o controle da situação em vários níveis. A este membro será dado o poder de

- “. selecionar preferencialmente os falantes;
 - . iniciar e concluir eventos;
 - . introduzir, incentivar ou retirar tópicos discursivos;
 - . coordenar as alocações dos turnos, sua extensão etc.;
 - . produzir preferencialmente determinados tipos de atos de fala;
 - . definir as formas de polidez;
 - . definir o estilo, o léxico etc.;
 - . coordenar as seqüenciações;
 - . avaliar posições, opiniões, situações etc. e muitos outros aspectos, geralmente ligados a relações de desigualdades ou assimetrias”
- (*op.cit.*,p.61)

Em 1995, Marcuschi retoma a discussão acerca das noções de assimetria e poder, mais especificamente acerca do que se quer dizer quando se declara que uma produção discursiva é “adequada” ao contexto. E postula que a adequação é relativa e não pontual; ou seja, há produções discursivas mais e menos adequadas a um determinado contexto.

A noção de adequação origina-se em um modelo padrão preestabelecido, que pressupõe institucionalização, conhecimento e poder, e, conseqüentemente, assimetria.

Quando um grupo determina o que deve ser adequado, revela seu poder, conhecimento para instituir determinado padrão de produção discursiva como modelo e sua força superior para impor o referido modelo.

A partir dessas considerações, então, Marcuschi postula dois tipos de assimetrias nas interações verbais: as globais - “relacionam-se a padrões que exorbitam as horas dialógicas manifestas nas trocas de turnos e dizem respeito ao evento como um todo” (p.84). Essa assimetria manifesta-se, através da dominação, desigualdade social, imposição; o segundo tipo são as assimetrias locais que “dizem respeito a enunciados individuais, turnos, pares adjacentes, atos de fala e outras relações imediatas (...) fundadas nos próprios mecanismos da interação”(p.85).

Embora o autor postule a existência de interações simétricas e assimétricas, ele chama a atenção de como não é tão claro e fácil rotular uma interação verbal de forma dicotômica, de forma polarizada. Por exemplo, uma interação assimétrica no aspecto global do tipo institucionalmente marcada - professor / aluno - pode, no decorrer do processo, apresentar trocas simétricas.

E, a partir dessas reflexões, o referido autor concorda com Linell (apud Marcuschi, 1995) quando postula

“que é um equívoco analisar as interações como se fossem cada uma ou simétrica ou assimétrica. Pois as in-

terações podem apresentar aspectos de uma e de outra dessas duas perspectivas e não se pode caracterizá-las tão polarmente”(p.85).

Depois de assumir a postura de não dicotomizar as interações, mas relativizá-las, o referido autor propõe uma classificação para as interações verbais, tomando as dimensões simetria-assimetria e cooperação-competição:

1) *simétrica e cooperativa* : há igualdade de direitos e de voz; as conversas espontâneas entre amigos seria o melhor exemplo;

2) *simétrica e competitiva* : nessas interações, predominam a confrontação e o conflito, embora haja igualdade entre os participantes (discussão entre ‘não-amigos’);

3) *assimétrica e cooperativa*: embora haja diferenças de status, competência, responsabilidade, são interações em que se verifica a colaboração e a cooperação. É o caso das interações institucionalizadas, nas quais “os papéis são complementares e as responsabilidades também” (*op.cit.*, p.86);

4) *assimétrica e competitiva*: não são interações institucionalizadas, muito menos rotineiras. Nessas interações há, claramente, a intenção de se exercer o controle da interação e, conseqüentemente, impor poder.

A partir dessa nova proposta, o que se verifica, nos discursos, são os efeitos de sentido que as relações de poder geram nas mais diversas interações. Ou seja, em todas as interações, as relações de poder estão presentes, porém em umas mais evidentes do que em outras. Sempre (ou quase sempre) haverá algum tipo de dominação, pelo menos, em algum ponto da interação se não for em toda.

“(…) boa parte da interação informal do dia a dia é caracterizada por assimetrias. As interações mais comuns e pelas quais todos nós nos iniciamos, isto é, as interações adulto-criança (pais-filhos) são assimétricas, pois tanto os direitos

como os conhecimentos e as condições são desiguais”.
(*op.cit.*, p.89)

Embora as noções de simetria e de assimetria tenham sido reavaliadas, o que exigiu que a caracterização de um discurso em termos das duas noções não seja polarizada, as interações continuam sendo classificadas em casuais e institucionalizadas.

E, parece-me, a classe mais afetada com a revisão das duas noções foi a das interações casuais, naturais, que, nem sempre, são tão simétricas, quanto pareciam.

E, voltando às interações institucionalizadas, tomo os critérios reguladores da institucionalização do discurso, postulados por Gonçalves(1995), para aplicá-los ao corpus da minha pesquisa. São eles:

1) *o controle do tópico* : um ou mais participantes são investidos do poder para (pré)determinar o assunto, iniciá-lo, interrompê-lo, continuá-lo etc.; ou seja, “não só sobre o que se fala; mas também como, quando e porque se fala é determinado pelo participante com maior poder para direcionar o discurso”(p.266);

2) *a organização tática da interação* : caberá também ao(s) participante(s) da interação investido(s) do poder institucionalizado a tarefa de impor como será a participação dos integrantes da interação verbal;

3) *o grau de planejamento e conseqüentemente o nível de formalidade da interação*: o discurso institucionalizado é planejado previamente, e por esse motivo aproxima-se do discurso formal, ou seja, da língua escrita;

4) *a reciprocidade, não-reciprocidade do discurso*: “o grau de reciprocidade é menor nos gêneros discursivos institucionalizados, uma vez que

a participação no discurso é monitorada por um ou mais falantes”.
(*ibid.*)

5) *a linguagem funcional*: os atos de fala que constituem o discurso institucionalizado caracterizam-se por funções específicas: ordens, perguntas, respostas etc.;

6) *o conhecimento ou saber técnico*: há um discurso com características específicas da área específica, tanto em nível de conteúdo, sintático como lexical.

Aplicando esses critérios às entrevistas que constituem o corpus desta pesquisa, verifiquei que o controle dos tópicos desenvolvidos no decorrer das interações foram de iniciativa e responsabilidade do entrevistador; a organização estrutural da entrevista também coube ao entrevistador. Embora haja planejamento, a situação (o contexto) é mais formal do que o discurso, mesmo o do entrevistador. A reciprocidade por parte do entrevistado resume-se às respostas dadas ao entrevistador, até porque o primeiro assume a função de apenas responder ao que o segundo pergunta, sem, pelo menos nas entrevistas por mim analisadas, ousar, em momento algum, assumir o papel de entrevistador.

Tais constatações levam-me a caracterizar as entrevistas em questão como pertencendo à classe dos discursos institucionalizados assimétricos, uma vez que a maioria dos parâmetros reguladores do discurso institucionalizados apontam para esse resultado. Porém, lembro que Marcuschi (1995) postula uma possível simetria mesmo nas interações ditas assimétricas. Ou seja, nessa retomada, já não se postula uma dicotomização radical entre relações simétricas e assimétricas, mas uma relativização (gradação): há interações mais ou menos simétricas ou assimétricas. Nessa perspectiva, penso que as entrevistas objeto desta análise podem ser caracterizadas como interações institucionalizadas mais assimétricas e cooperativas.

2.3 - Considerações sobre o “né”³⁰

2.3.1 - Funções do “né” na Análise da Conversação (AC)

Após rastrear alguns trabalhos cujo objeto de pesquisa tenha sido a partícula “né”, constatei que há, inicialmente, duas funções gerais para essa partícula.

Originalmente, o “né” é empregado para marcar perguntas que exigem do interlocutor uma resposta do tipo ‘sim’ ou ‘não’.

“Mamãe vai sair hoje, né? Responda logo, porque, se ela for, eu quero ir com ela.”

No entanto, segundo Marcuschi, Urbano, Silva e Macedo, Galembeck, o “né” vem se distanciando do sentido original - como pergunta referencial ou pergunta não-retórica. Esse distanciamento origina a segunda função do “né”: a de marcar perguntas essencialmente retóricas; passa a ser considerado como um elemento estruturador do discurso, cuja função não é única.

Além de ser um dos elementos que garante ao texto falado coesão e coerência - função naturalmente retórica - o “né”, nos autores consultados, pode assumir, pelo menos, uma função interativa:

³⁰ Sobre o “né” há outras pesquisas, uma delas na perspectiva do funcionalismo lingüístico in Martelotta, Votre e Cezário (1996), não utilizada por esta pesquisa por ser em uma perspectiva diferente da utilizada aqui.

Requisito de apoio discursivo (RAD)³¹ - na maioria das vezes, em posição final de turno ou de unidade comunicativa, o “né” serve para mostrar ao interlocutor a validade do que está sendo dito; o locutor declara a posição que deseja do interlocutor.

FM: *e:: sempre (.) quem manda é:: (.) os (.) as:: (.) a::
(.) como é que se diz v (.) a especulação imobiliária né
→ /.../*

(Marchuschi, 1989:314)

V: *éh: (.) agora sabe o que é que ia servi v (.) ia servi
no terraço mas choviscou não foi v*

B: *mas naquela hora não tava choviscando né v*

V: *diz que tava choviscando eu tava lá dentro → /.../*

(*ibid.*)

De acordo com Silva e Macedo(1996), os RADs, confirmando a hipótese das mesmas, ocorrem, com maior freqüência, em textos cujos assuntos são conhecidos (partilhados por locutor e interlocutor) (p.21). E, o “né”, enquanto RAD, ocorre mais em textos argumentativos e em trechos mais longos (*op.cit.*,p.26).

³¹ Marchuschi e Urbano usam, para denominar as partículas que têm a mesma função que o né, a nomenclatura *busca de aprovação discursiva*. Galembeck (1992) denomina-os de marcadores mediais de sustentação- “os quais servem para testar a atenção ou a compreensão do ouvinte”.

2.3.2 - Funções do “né”, em posição medial, nas entrevistas

Após analisar o conectivo “né” nas oito entrevistas - as quais pertencem à categoria das interações assimétricas - tecerei algumas observações.

O meu interesse centrou-se no “né” em posição medial devido à farta ocorrência do mesmo nessa posição, o que não acontece, nesse corpus, em posição final de turno. Ressalte-se que o uso do termo medial, neste trabalho, não é o mesmo utilizado pelos estudiosos do texto falado, citados anteriormente. Uso posição medial como me referindo à posição do “né” em qualquer posição intraturno. Independente do conectivo estar no meio ou no final do enunciado, interessa saber se essa partícula está funcionando como indicador de topos ou não.

Embora sendo esse o objetivo principal do meu trabalho, não pude deixar de observar outras funções textuais-interativas exercidas pelo “né”.

Mesmo que esse conectivo, genericamente, sempre sugira um pedido de aprovação do locutor para o interlocutor, outras funções mais específicas podem ser delimitadas. As funções às quais me refiro, parece-me, são subtipos dessa mais ampla, já postulada por Marcuschi (1986,1989), Urbano (1994,1995,1997) e Silva e Macedo (1996).

Pelo menos, duas dessas funções - subtipos - foram observadas no corpus deste trabalho, na procura da função que me interessava - indicador de “topoi”. Porém, ressalto que estas carecem de investigações específicas para ratificá-las ou para refutá-las.

2.3.3 - Subfunções dos RADs (requisito de apoio discursivo)

1- Introduz uma informação nova, aparentemente, de domínio do entrevistador e do informante. O 'né', após essa informação nova, funciona como um pedido de aprovação para o que está sendo declarado. Porém não é uma informação comum aos dois participantes da interação, apenas ao informante ela é de domínio, podendo ser caracterizada como informação pessoal.

(02.SMS.N.F.76)

E Em que bairros de João Pessoa você já morô?*

I Só aqui mehmo, (inint) quond'eu nayci, morei- nu~ lugá chamado: Paratibe, Laranjêra, Mussumago, qui agora, é tudo conjunto, né? antigamente era só siyto.)*

(02.SMS.N.F.436)

E Cante um pôco da música qui você mais goxta.*

I Ah! (risos I) (falando rindo) iss'ai vai sê difici, né? nu~ goxto de cantá não, (I) é difici eu cantá eu nu~ goxto não, eu só goxto mais de iscutá as musga0 dele*

(04. JS.N.F.13-5)

E Porque você foi para outro bairro?*

I Teve que tirar as nossas casas então agente saimos [do]- do bairro que agente morou, Padrizé e fomo noutro bairro alugado, né? Noutra casinha, foi- agente foi prá Bayê morar numa casinha alugada. Então, eu- aí agora pocu eu vltei de novo Padre Zé, né? Tô continuando, lá né? Fiz uma casinha e tô lá. |Mais|, problema mesmo de- que a minha vida sempre foi trabalho, né? Só trabalhar.*

(04.JS.N.F.233)

E Você apanhava de seu pai?*

I Ah, <apanha-> nós apanhava muito. Meu pai era muito ignorante. Agente sofreu muito na mão de meu pai. |Mais| agente dissimula que é pai. Hoje em dia agente ainda tem contato- meu pai é vivo, né? Mais somos disligados um com outro da minha mãe.*

Nesses exemplos, o informante pretende que o seu interlocutor (o entrevistador) acredite em suas declarações, mesmo que não sejam compartilhadas pelos dois. Ou seja, o informante coloca, em cena, informações que não são comuns aos dois - entrevistador e informante - mas apenas a este. No momento da enunciação, o informante divide essas informações com o entrevistador e solicita a aprovação deste.

Ressalte-se que as informações dos exemplos podem ser consideradas informações pessoais , que dizem respeito à vida do informante. Não são informações de conhecimento geral, do senso comum. Então, para o entrevistador (interlocutor), elas representam informações novas, e o informante espera que sejam aceitas como verdadeiras.

2 - Após uma explicação ou uma justificativa, o informante solicita o apoio do interlocutor. O informante assume uma posição , justifica-a e solicita do entrevistador (interlocutor) aprovação para essa justificativa, utilizando-se do “né”.

(06.RTO.U.F.53)

I Eu goxtava de portuguêys.*

E Pur que?*

I Eu acho qu'è a miló matéria, apesá de sê dificiw, |mays| eu ainda acho u~a das milores, e qui a gente necessita mais no nosso dia#a#dia, né? portuguêys é (“recriá”) pra toda vida;*

Informação compartilhada: *a língua portuguesa, embora difícil, é necessária ao brasileiro.*

(07.AL.U.M.93)

E Das escolas que você estudou, qual a que mais gostô?*

I Da Escola Técnica Federal da Paraíba. Eu terminei lá. [Uma]- uma- é um grupo mais assim- [uma <equi->]- uma equipe, né? Mais organizada.*

Informação compartilhada: *A ETEFPB funciona como uma equipe.*

Esses exemplos constituem uma pequena amostragem do “né” posicionado após uma explicação e/ou justificativa. O locutor faz uma determinada declaração e a explica e/ou justifica, posicionando o conectivo no final dessa justificativa, como forma de solicitar a aceitação da mesma pelo interlocutor. O “né”, nesse contexto, parece-me, é uma forma de colocar essa justificativa como do senso comum. É uma forma de justificar e/ou explicar atos ou declarações individuais, a partir de informações compartilhadas em uma determinada sociedade.

(06.RTO.U.F.105)

E Como você conseguiu o seu atuaw imprego?*

I foi bem faci w, foi tão faci w naquela época era faci w, você terminava um curso, chegara lá, pid'imprego você ti~a. *Eu entrei assim (inint) Oj'é atravéys de concuso, né? tudo, até professor'auxiliá tem qui fazê concuso.*

Informação compartilhada: *para entrar no serviço público, você tem de fazer um concurso.*

(01.IMS.N.F.278)

*E*Dêpois di casada em que sua vida mudô?*

*I*Minha vida mudô [in]- in bucadu di coisa,]- mudô assim, libe'hdadi assim, qui eu sô mandada né, sempri as pessoa0 qui guvehna, us omi0 sempri*

que|| se|| mandão, mandã|| nas mulê0 né, antis eu trabalhava mais logu nu cumeçu, eli num {quis} qu'eu trabalhassi, depois eu butei na cabeça di trabalhã|| i oji trabalhu mudô, eu mudei, mudô meu cohpu né tudu qui era meu si mudificô né, num é mais comu anti0, mudô minha vida em tudu poh tudu im tudu qui a pessoa que# respeitã# é u maridu né, num respeitô num muda nada, mas pra mim mudô pa pió# pohque em tudu qui eu goxtava deli, pra mim tudu era bom, mas a pahti# du mome~tu qui eli cumeçô mi mawtrata#, cumecei se# mawtratada, eu pehdi meu sussegu, meuh nehvu acabô qu'eu num tenhu comu antigamenti né, i eu achu qui jamai0 vai vowta# au meu tempu qu'eu era antigamenti, puqu'eu tô ficandu maiz velha né, eu achu qui muda assim, si um dia eu tessi um pôcu di sussegu

Informações Compartilhadas: **né3** e **né4**: 'o casamento é uma grande mudança na vida de uma pessoa';

né5: 'nossa sociedade é patriarcal';

né6 e **né7**: 'o tempo não volta'.

(06.RTO.U.F.510)

E Conte um caso de violência qui le marcô.*

I Eu achei muito trixte. aquele+ do Rio de Janêro, viu? puqu'eu acho qui+ pur mais+ ruim qui você seja, você nu~ tem direito de+ ninguém tirá a sua vida você durmino, comu da Candelara Eles nu~ pensa não nem pense qu'eles pensã não, [|\mayφ|]- |\mayφ| pur'isso a gente nu~ [vai+ querê]- vai odiá e querê maw das pessoas também, né? eles também têm o lado delex também /.../*

Informação Compartilhada: 'a vida é um direito de todo ser humano'.

(04.JS.N.M.395)

E Você criaria um filho de sua esposa com outro homem?*

I Não. Ah, porque isso pra mim- (inint) aí já é demais, né? Agente pegar um filho de outro homem com nossa esposa, e criar. Num pode de jeito nenhum.*

Informação Compartilhada: *'comportamentos errados são condenáveis'*.

(01. IMS.N.F.343-356)

E U quê você <a-> acha da infide'lidadi?*

I- U qui é infilidadi? - infiew, eu achu uma coisa boa né im tudu qui eli mereça também quandu um cara num me'reci a mulé se# fiew a eli, eli só me'reci le'va# só issu mehmu (ris), puhquê qui nem y meu, eli miricia le'va# caligaid (rts) mehmu né, 'ixxalamenti, mi manda ill m'imbora todú dia di casa, eu achu qui uma pe^ssoa dessa num me'reci re^speitu pohquê eu tenhu medu di mo^rre#, é claru né, i jamais ninguém ia, jamais us vizim, as pe^ssoa0 ia fala# dissu né, mezmú qu'eli teja e'rradu, mais ah mulé0 sempri tem qui <ou-> tem qui re^speitá# uh maridu0 né, eu achu otimu aí, a pe^ssoa se# re^speitá#, mais pra quem me'reci/.../*

Nesta seqüência, o L2 coloca em cena dois enunciadores que atualizam duas informações compartilhadas contrárias, caracterizando a seqüência como polifônica. O E1 (enunciador genérico) atualiza a informação compartilhada bastante geral (né1) *'comportamentos errados merecem punição'*, que alicerça a IC1 (né2) *'mulher maltratada pelo marido deve ser infiel a ele'*. O E2 (enunciador genérico) coloca em cena a IC2 (né5) *'a família é uma instituição patriarcal'*. Os dois enunciadores atualizam informações compartilhadas que apontam para conclusões opostas. L2, embora tenha proposto a IC1 (E1) e com ela concorde, mostra que é a IC2 (E2) que prevalece em nossa sociedade; ou seja a IC *'comportamentos errados merecem punição'* é aplicada somente quando for conveniente à parte que detém o poder de uma determinada relação (interação).

2.3.4 - O “né” como indicador de “topoi”

Essa função, para mim, é a mais importante, pois coloca o marcador “né” no rol das partículas que organizam o discurso argumentativo. Ele deixa de ser apenas um elemento estruturador do discurso falado, ou um elemento utilizado pelo informante para solicitar o apoio do interlocutor. O “né” não deixa de exercer a função postulada pelos estudiosos do texto falado, o que se pretende é mostrar que a sua função é argumentativa em uma grande parte dos contextos em que aparece.

Há que ressaltar, aqui, que Urbano (1997) aponta, mesmo que de forma geral, a função que pretendo atribuir ao marcador “né”, quando postula que, no momento em que o locutor utiliza o “né”, ao mesmo tempo em que assevera uma proposição, caracteriza-a como verdadeira e conhecida pelo interlocutor; e espera que este compartilhe essa posição.

Constatei que o “né” assume a função de indicador de um topos - um princípio geral partilhado por, pelo menos, locutor e alocutário. Nessa função, o “né” não deixa de funcionar como um RAD (requisito de apoio discursivo), ele vai acumular as duas funções, pois quando esse marcador coloca em cena um determinado topos, ao mesmo tempo, solicita a aprovação do alocutário e atualiza um determinado topos.

Quando o informante (L2) utiliza o conectivo “né” - em função de indicador de topos - este indica que ponto de vista deve ser atualizado em seu discurso. Na maioria das vezes, os “topoi” são atualizados através de pontos de vista já cristalizados em nossa sociedade; pontos de vista que traduzem valores sociais, religiosos, políticos além de valores oriundos da sabedoria popular. O “né” indica o ponto de vista em relação a determinado assunto que o locutor quer ver atualizado em seu discurso. Ponto de vista que ele utiliza em defesa de determinada posição, ou seja, argumentativamente.

Aplicando as características atribuídas a um topos aos pontos de vistas atualizados pelo uso do “né”, nesta pesquisa, observa-se que tais posições traduzem/representam, geralmente, princípios comuns para a comunidade da qual fazem parte locutor-alocutário ou, pelo menos, para uma parte dessa comunidade. Tal afirmação pode ser comprovada, observando as seqüências que contêm “topoi”.

A essa característica - serem comuns a um determinado grupo - alia-se uma segunda - os “topoi” são gerais. Ou seja, os “topoi” atualizados nas seqüências evidenciadas não são válidos apenas para a situação específica da entrevista. Sempre que os mesmos temas forem abordados, esses mesmos “topoi” poderão ser atualizados, dependendo dos objetivos dos participantes da interação. O uso desses “topoi” é extensivo a outras situações, a outros grupos. Por exemplo, o topos *'o diálogo e a calma levam à solução de problemas'* pode ser utilizado em uma situação familiar, profissional, ou de descontração.

As seqüências abaixo exemplificam a utilização do “né”, indicando que o locutor trouxe para o discurso um topos que servirá para alicerçar suas posições.

(04.JS.N.M.303-5)

E O que você sentiu nesse momento?*

I Ora, o qu'eu senti? Ah, eu senti muita coisa de perder meu irmão naquela hora. |Passamos uns dias abalados, mais foi coisa da vida. E aí tinha de acontecer, né? Aconteceu, né? Agente num pode fugir. Agente sente um estranho quanto mais um irmão, né? Então agente- ver um irmão perdendo sangue, pra gente é muita tristeza naquela hora, naquele momento.*

Informação compartilhada: **né1/né2** - (sabedoria popular) *'as pessoas já nascem com destino traçado'*.

Topos: **né3** - *'quanto maior o parentesco, maior é a perda'*.

(04.JS.N.M.375)

E E o que você menos gosta?*

I [O qu'eu menos gosto]-? O qu'eu menos gosto dela, é quando começa a falar alto dentro de casa. Eu num gosto. Eu num gosto porque sempre na calma dentro de casa se resolve tudo. E no grito num se resolve nada, né? Só isso mesmo.*

Topos: 'o diálogo e a calma levam à solução de problemas'.

FT [quanto mais diálogo e calma, maior a possibilidade de entendimento]

(05.JNA.U.F.182)

E Ii, si você ganhassi na loteria, você ajudaria quem, primeramenti?*

I Primeiramenti?--- Agora você mi pegô di suhpresa, em? A principiu, eu achu qui é [uma] u-u-uma situaçãu naturaw di quawque# ser'umanu procura# ajuda# a família, né? I depois...é...nada impedi qui ajudi, também, as pessoas qui mais pricisam /.../*

Topos: 'a família é um valor fundamental'.

(03.JM.N.M.29)

E Você trabalharia numa profissão qui não goxtasse só por <caha>- do di-êro?*

I Eu (gaguejo) [rapayz]- rapayz, eu trabalharia. *(inint) acho (inint) [qui]- qui eu nu~ goxtasse da profissão, né? *[E ga~asse]- e ga~asse muito di-êro, esse eu trabalharia porque eu acho- aí é qui tá: acho (inint) [o bom]- o bom é ga~a@ di-êro.*

Topos: 'mais poder aquisitivo, mais poder de ação'.

(04.JS.N.M.67)

E Se você pudesse ajudar algum vizinho seu, quem você ajudaria?*

I Ah! Eu ajudaria um compadre meu qu'eu tenho lá. Ele é muito bom pra mim, ótimo. É Inácio. É ele- tudo o qu'eu preciso [ele me]- ele me serve, né? Então, eu acho que esse único vizinho- s'eu pudesse, eu ajudaria a ele.*

Topos: 'somos gratos às pessoas que nos ajudam'.

FT: [quanto maior é ajuda, maior é a gratidão]

(05.JNA.U.F.417)

E Você si deparô cõ preconceitus cõ relaçuã à inexpe- riência, a você se# uma mulhe# , à poca idadi, etycete- ra i taw?*

I Poca idadi si~. Mi deparei cõ us trêys., poh seh mulhe, qui nohmawmenti elis [nãu] nãu olham com boyns olhus, né? Sempri botam um defeitu, porém, is- quecem qui, atuawmenti, as mulheris ixtãu si sobres- saindu, né? Enclusivi em concuhsus recentis di juizis du trabalho, juizis, é, da juxtiça comu~, a maioria das pessoas qui passaram, sãu mulheris.*

Topos: **né1** - 'quanto mais forte, mais poder de fazer algo'.

Informação Compartilhada: **né2** - 'a mulher está ocupando o seu espaço profissional'.

(07.AL.U.M.239-247)

E Se você tivesse que escolher outro curso, qual es- colheria?*

I É engenharia mecânica, qu'eu terminei técnico me- cânico na escola técnica. Só que [pela]- pela- é mesmo pela necessidade, né? Porque engenharia mecânica é um curso diurno. Então, pela família da gente. Até mesmo a minha, né? Uma família pobre então tu tem que ajudar, tem até mesmo- me levantar, né? Então, ou é administração qu'eu gosto muito ou contabilidade qu'eu num gosto, e economia. Aconteci que eu escolhi economia, e pretendo terminar. Caso- tomara qui num aconteça nada, né? Porque ninguém sabe o destino, ninguém sabe o futuro.*

“Topoi” - **né1** : *‘mais poder aquisitivo, maior o leque de escolhas’*
né2 e né3: *‘a família é um valor fundamental’*

(08.RVA.U.M.9)

E Comu você vê u extudu di oji?*

I U ixtudu di oji, u nivew mesmu tá muito baxu, né?
 Coleju ixtaduaw (hes) nu~ tá sihvi~du, muito maw tem
 aulas i só us pahicularis, qui’agenti vêu nivew layci-
 ma, né? U rextanti tá muito baxu.*

Topos: *‘o poder aquisitivo leva ao sucesso’*

(08.RVA.U.M.403)

E Você acha [$\langle q \rangle$] qui oji u jogado# [eli] eli joga
 puhque ama a profissãu ou pelu di~eru?*

I Ixixti jogadoris qui iscolhem aquela profissãu, né?
 Ixixti oji qui tá ali só pelu di~eru. É u casu di multus
 qui agentis vê ai qui+ u qui impohta p’ra eli é u dinheru
 i nãu u tjimi qui eli ixtá. Nu~é amo# à camisa.*

Topos: *‘mais poder aquisitivo, mais poder de ação’*

(01.IMS.N.F.544)

*E*Você acha qui as pe^ssoas qui matam [devem]- de-
 vem mo^rre#?*

*I*De’pendi, [de’pendi]- {qual} u mutivu qu’elis mati
 né, pur’izempru, si um [mata]- mata um, si uma
 pe^ssoa mata ôtu poh eli faze# mawdadi cum as cum
 criança, ixtuprá# uma criança, essi aí me’rece môrre# -
 - /.../*

O “né” atualiza o topos *‘quanto maior um crime, maior a punição’*

- topos que não é unânime em nossa sociedade, mas representa uma

grande massa - logo quem comete crimes hediondos deve ser condenado com a pena de morte.

(01. IMS. N. F. 594-607)

E Comu você acha qui a fomi podi acaba#?*

I É comu eu já dissí, é a fomi podi acaba# [tem]- tem qui arruma#, tem qui apare^ce# muito impregu pas pe^ssoa0 né --- é trabalhú, pas pe^ssoa0 trabalha#, /.../ si eu fosse prísidenti da re^publica, eu acabaria cum issu tudu, apesa# di eu sé#, di sé# uma mulé#, mays si eu fossi um omi, eu tinha muito pensamento pa faze#, eu tinha muita idéia pra faze# essas coisa0 + agora eu qui- eu só pobi, num tenho ixtudu, né? + mayz [pêlu pôcu]- pêlu pôcu [qui eu]- qui eu pensu, eu tinha uma saída pra issu, prá {passa#} fomi.*

Informação compartilhada: **né2** - 'para poder fazer alguma coisa 'grande' você não pode ser mulher, ser pobre e não ter estudo', baseada em um topos bastante geral 'quanto mais forte, mais poder de fazer algo'.

(02. SMS. N. F. 19)

I Acho, e mu~to, muito importante o ixtudo.*

E Por quê?*

I Porque a gente- aprende, é principawmente meus fiλo0, né? (inint) eu tem fiλo e agora, eu tô dano a ele [o qu'ele nunca]- [o qu'eu]- a chance qu'eu nunca tive /.../*

L2, através do **né**, lembra ao L1 o topos 'o estudo leva ao sucesso'.

(02. SMS. N. F. 329)

E Como você acha que a fome pode acabá?*

I E depende do Prísidente, né? que se o prísidente-quisesse isso já ti~a acabado/.../*

Topos 'quanto mais forte, mais poder de fazer algo'.

(02.SMS.N.F.568)

E Se você pudesse o que mudaria no mundo?*

I Ah! mudaria muita coisa, mudaria muita coisa mehmô s'eu pudesse, [may0] com'eu nu~ posso fica onde tá mehmô, na violência qui tá, né? Puque- [may0] iss'ê da vida!...*

Topos: 'quanto menos forte, menos poder de fazer algo'.

Nas duas seqüências acima, constata-se a aplicação das duas formas tópicas de um mesmo topos 'o poder leva ao sucesso'. A primeira seqüência atualiza a FT1 [quanto mais forte, mais poder] e a segunda, [quanto menos forte, menos poder]. Esse topos já foi utilizado anteriormente.

(03.JM.N.M.57)

E Como foi a sua infância?*

I <Rapay>-, mi~a infância- [bem]- bem, pra mim foi divertida pu@que eu nunca ixtudei, eu fazia [só brinca@]- [só brinca@]- até oje também- *Só tô só nesse trabalho só (gaguejo) porque [eu]- eu nu~ te~o extudo- acho- nu~ te~o extudo- pu@que você sabe, né, acho qui a pessoa sem extudo [só fica]- só fica nesse trabalho: pedrêro, guarita, taw (gaguejo) [esse]- esse negócio.*

Topos : 'o não estudo leva ao fracasso'.

(03.JM.N.M.111)

E O qui acha dessa nova seleção brasileira?*

I <Rapay>-, acho uma porcaria. *Esses jogadô nu~ joga nada- ê- sei lá, acho qui eleh joga maiφ (inini) interesse ao di~êro, né? *Acho qui @pesa@ de tudo também é bom, [|mais|]- |maiφ| ai acho qui [nu~ dá]- nu~ dá não pra |ele| i@ p@a Copa não, essa seleção não.*

O “né”, nesta seqüência, ativa o topos ‘*o dinheiro fala mais alto*’, que permite justificar a má atuação da seleção brasileira. Na mesma seqüência, surge “acho” para salientar uma opinião positiva sobre a seleção, apesar do que foi dito antes; e, logo em seguida, o “ai” introduz a conclusão contrária ao argumento imediatamente anterior à conclusão. O “ai” assume, neste contexto, o valor do ‘mas’ adversativo - estabelece uma relação semântica de contraste entre as duas porções textuais imediatamente relacionadas, sendo que a proposição introduzida pelo “ai” apresenta-se como a dominante; ou seja, atualiza o topos que vai alicerçar a conclusão visada pelo L2.

A estrutura argumentativa desta seqüência pode ser descrita, a título de ilustração, da seguinte forma.

P1 - *Esses jogadô nu~ joga nada- é- sei lá, acho qui eleh joga maiφ (inint) interesse ao di~êro, né?*

P2 - *Acho qui @pesa@ de tudo também é bom*

Q - *[|mais|]- |maiφ| ai acho qui [nu~ dá]- nu~ dá não pra |ele| i@ p@a Copa não, essa seleção não*

L2 coloca em cena: um topos veiculado pelo (E1) ‘*o dinheiro fala mais alto*’, como argumento para uma conclusão negativa - o Brasil não ganhará a copa; uma informação - através do E2 - aparentemente pessoal, mas que é compartilhada em nossa sociedade, que aponta para uma conclusão positiva - ‘o Brasil vai ganhar a copa’. No entanto, L2 aceita a informação de E2 como verdadeira, mas opta pela conclusão orientada por E1. O discurso de L2 é polifônico porque ele aceita a informação compartilhada posta em cena por E2, mas é com E1 que se identifica. O “ai”, neste exemplo, introduz uma posição adversa daquela que vinha sendo declarada.

(03.JM.N.M.137)

E E como você vê a situação das crianças de rua?*

I* [Rapayz]- rapayz, (inint) também- ela < tamém >-
 -xivia ixtuda®, né, p@a se® (gaguejo) acho awguém na
 vida, [não]- não (inint) vagabundo.

Topos: 'o estudo leva ao sucesso'.

(04.JS.N.M.25-6)

E* Comu você acha que seria sua vida se tivesse estu-
 dado?

I* (inint) seria melhor, né? Eu tinha mais- uma vida
 mais- tranqüila, tinha estudo, podia arrumar um em-
 prego melhor, né? Hoje em dia eu vivo mais- trabalho
 mais se for assinar o nome /../

Topos: **né1** e **né2** : 'o estudo leva ao sucesso'.

(04.JS.N.M.71-7)

E* Você acha que através do estudo você poderia con-
 seguir alguma coisa? Mudanças em sua vida?

I* Eu creio que [eu]- eu conseguiria, né? De mudar. O
 estudo ajuda muito as pessoas, né? A conseguir empre-
 go. [Ter mais um]- ter mais uma vida [é]- é- uma vida
 tranqüila, né? Então, agente analfabeto vai fazer o
 que? Trabalhar de construção, obra. Então isso-
 agente num tem como ajudar ninguém, né? Num tem
 condições.

"Topoi": **né1**, **né2** e **né3** : 'o estudo leva ao sucesso'.

né4: 'o não estudo leva ao fracasso'.

(04.JS.N.M.82)

E* Que profissão você gostaria de ter hoje?

I* Hoje, eu gostaria mesmo- minha profissão [é]- é- eu
 gostaria mesmo de ser um mecânico. Um mecânico.
 [E]- e pra gente ser um mercantico tem que ter estudo,
né? mais, eu num posso conseguir essa profissão, por-
 que- apesar- eu num tenho estudo.

Topos: **né2**: 'o estudo leva ao sucesso'

(04.JS.N.M.95)

E Você trabalha em quê?*

I [Eu trabalho]- eu trabalho na Enlur tomo conta d'um pessoal na rua e já [faz]- faz cinco anos qu'eu trabalho no campo, com o povo na rua. (hes) limpando rua. Então isso, eu já consigo através de amigo meu que conseguiu pra mim, né? Tomar conta [d'um]- d'um bocado de gente na rua. Porque se fosse pra mim conseguir- fosse estudo, eu num conseguiria. Porque ia precisar de estudo, fazer curso e lá vái. Então eu num tinha chance nenhuma de arrumar esse emprego.*

Topos: 'o não estudo leva ao fracasso

(04.JS.N.M.118-133)

E Conte uma estória marcante que aconteceu no seu trabalho?*

I Lá no meu trabalho aconteceu- eu trabalhava [numa]- numa fabrica. Então meu encarregado /../Ele num foi bem ca minha cara, então ficou mi marcando no serviço. ele chegava perto de mim, e dizia qu'eu [era]- era ruim de serviço, num gostava de trabalhar. E, eu morrendo no trabalho. [mais] quando foi um dia eu fui me aborrecendo com ele, né? Então, [nessa]- nessa noite eu perdi a cabeça, tive que partir [pra]- violência cum ele, e foi um reboição. Pra mim assinar uma carta- saí sem direito a nada. Eu reagi contra-parti pra violência com meu encarregado de serviço mas porque ele me abusou, né? Eu tive que fazer isso. S'eu tivesse estudo, fosse um cabra [bem]- bem <dialogado> que pensasse direito. O cabra ia- acho qu'ele é ignorante. Então, eu podia ter tirado de menos, né? [Mais]- tudo analfabeto tudo n aignorância.*

“Topoi”: né2 e né4 - ‘violência gera violência’.

né5 - ‘o estudo leva à polidez’.

(04.JS.N.M.173-7)

I Ora, passar fome é agente acordar de manhã e num ter que comer, um café pra tomar. Na hora de almoço*

agente num ter o que comer. Chega em casa a noite, num tem o que comer.

E* O que você sentia nesses momento?

I* Ah, eu acho [qu'isso aí]- qu'isso aí pra um pai de família assim como eu, isso aí é muito triste, né? Na <vi-> na- um pai de família chegar a noite e num ter o que comer. Eu acho qu'isso aí- (inint) é aí, que as vezes agente faz besteira, né? Alguém [pega]- pega um revolver e sai no mundo robando. (inint) eu acho que através disso, né? Da fome, né? Isso aí num- isso aí é que [é]- é o que é passar fome.

Informação compartilhada: **né1** - 'A manutenção econômica da família cabe ao pai'.

Topos: **né2**, **né3** e **né4** - 'a fome leva à delinquência'.

(04.JS.N.M.281-4)

E* E seu irmão, porque ele se matou?

I* Ora, meu irmão se matou na época- [em]- [em setenta]- em setenta e cinco. Ele trabalhava no posto aquario ali no Miramar, e na época ele era muito tolo ainda, bobo. O dono do carro- o dono do posto mandou ele lavar o carro, então, na hora que tava lavando o carro, ele pegou o revolver do homem e levô pra casa. E sempre rodava o tambor do revolver só c'uma bala. [mais] ele quando rodou o tambor que acerto o dedo- [aí se matou-se] a bala saiu. Então aí- no caso eu me lembro qu'eu peguei na arma ora, né? Qu'eu tomei o revolver da mão dele aperriado [joguei]- joguei na casa [da]- da sogra dele. Então nisso aí me acusaro que eu tinha matado meu irmão, né? Qu'eu peguei na arma do crime, né? Aí foi meu cunhado, apareceu adeogado. Então foi isso que aconteceu. Ele teve medo de integrar o revolver o homem, o dono do revolver.

Né1, **né2** e **né3** topos : 'quanto mais indícios, mais uma pessoa é suspeita'.

(04.JS.N.M.318)

E* Sua mãe ainda é viva?

I Minha mãe ainda é viva, graças a Deus! Ela ainda sente muito ainda. Ainda fala muito nele. Alias, nós todos da família, |todo irmão|- agente ainda se lembra, né? E pra mim foi hoje ainda.*

Topos: 'quanto mais próxima for a realção, menor é a possibilidade de esquecimento'.

(04.JS.N.M.339)

E Você bate nos seus filhos?*

I Não, bater nos meus filhos eu num bato não. |mais| sempre eu dou grito, né? Eu falo alto, p'eles ver se obedece, né?| Mais bater mesmo, eu num bato não.*

Topos: **né1** e **né2** - 'quanto mais força, mais poder'..

(04.JS.N.M.574)

E Você acha que bandido tem que morrer?*

I Na minha opnião- olhe [bandido]- bandido que olhas vezes tem muito bandido que- as vezes vira bandido porque, as vezes a cidade obriga, né? Vamos supor, um pobre mesmo ve uma família passando fome, aí ele se ve doído.*

Topos: 'quanto menos civilizado, menor a possibilidade de o homem corromper-se'.

(04.JS.N.M.643-8)

E Se você fosse presidente, o que você faria pelo povo?*

I S'eu fosse presidente [eu <fa->]- eu faria muitas coisas |pelo pobre.| que o que agente da p'os pobres-(hes) comida e dormida- isso num faz falta pra ninguém. Pra quem tem, né? Já da mais escola p'esse pessoal mais analfabeto, que num tem estudo. (hes) então, [eu ia]- eu ia acabar mais com o sofrimento do povo na rua. O rico não, né? O rico já tem muito. Ele num precisa de mais nada, né? Que já tem- já é o suficiente,*

né? *Pra viver. [Eu ia olhar mais o]- eu ia olhar mais esse pessoal pobre.*

Topos: **né1**- 'mais poder aquisitivo, mais poder de ação'

(06.RTO.U.F.53)

I Eu goxtava de portuguêys.*

E Pur que?*

I Eu acho qu'ê a milô matéria, apesá de sê dificiw, |mays| eu ainda acho u~a das milores, e qui a gente necessita mais no nosso dia#a#dia, **né?** portuguêys é ("recriá") pra toda vida; e q'eu fui reprovada (falando rindo) na sigunda seri, (1) pova de ixtória.*

Topos: 'quanto mais algo é útil, mais devemos conhecê-lo'.

(06.RTO.U.F.555-579)

E A TV na sua opinião contribui par'os'atos de violência?*

I Eu acho. [Televisão]- televisão oje nu~ tem- s'eu pudesse, oje, a mi~a casa nu~ ti~a maiφ televisão *Toda criança oje sabe o qui é sexo mi~a fila, esse meu minino tem doze anoφ ele sabe de tudo agor'ele **né** minino+ de sai+ dizeno o qu'ele sabe não el'ê- |mayφ| sabe. Ahente liga [na]- a televisão [o report'ê]- [é um <cho->]- o repórte só dá notícia ruim, e quando nu~ dá aumento de gasolina, **né?** qu'@ind'ê pió ainda.- eu não sei por que o pessoaw copia, fica copiano o qui acontece, principawmente aqui, **né?** fim de mundo qui ninguém nu~ sabe nem quem é João Pessoa.*

Topos: **né3** - 'violência gera violência'.

L2 utiliza um topos bastante genérico '*violência gera violência*', atualizado pelo né3, e aplica-o à situação específica dos programas televisivos.

(07.AL.U.M.26-29)

E I seu relacionamento com os vizinhos, como é?*

I [É complicado]- é complicado, porque- [pela]- pela faixa de idade, né? Até agora, porque- vamos supor: I os vizinhos realmente- principalmente esse vizinhos qu'eu tenho. Tanto de um lado, e do outro. São pessoas mais adultas - di viver na dela assim. Agente, sempri faz uma festinha, né? Bota um sonzinho mais alto, (hes) conversa mais tarde da noite, essas coisas.*

Topos- **né1**: '*quanto maior for a diferença de idade, maior é a chance de relacionamentos conflituosos*'.

Informação compartilhada: **né2** : '*os mais jovens têm costumes diferentes dos mais velhos*'.

A informação compartilhada introduzida pelo né2 é derivada do topos '*quanto maior for a diferença de idade, maior é a chance de relacionamentos conflituosos*'. Isso mostra que, a partir de um topos, pode-se fazer inferências bem específicas.

(07.AL.U.M.58-9)

E Você acha o estudo algo importante?*

I Fundamental o istudo, né?*

** Eu acho- sem estudo agente já- as coisas aqui são mais difíceis né? Principalmente aqui no Brasil.*

Topos - **né1** e **né2**: '*o estudo leva ao sucesso*'.

(07.AL.U.M.145)

E Você teve algum professor especial?*

I Sim tive.*

** Tive, ele é um professor- ele hoje é um empresário e professor também. Nunca deixou [de]- de ser professor, porque- [s'ele]- s'ele quisesse, [ele dexasse] pela vida qu'ele leva. Quer dizer ele- realmente ele dá [um]- um exemplo, né? [De]- [de]- de gostar [de]- de ensinar.*

Topos: '*quanto mais prazer, mais eficiência no fazer*'.

(07.AL.U.M.182)

E U seu curso atual, comu veio a decisão?*

I Eu tenho interesse de política. Simplismente política. A família- (hes) eu tenho pessoas dentro da minha família [são políticos]. [E]- e num adianta você ser- fazer um curso de medicina, i num saber de nada. Terminar o curso- vai terminar matando gente. I comu hoje tem, né? A operação mata um, a outra operação mata outro.*

Topos: '*quanto mais prazer, mais eficiência no fazer*'.

Constata-se, nesta seqüência, a atualização do topos já convocado na seqüência anterior a esta, e, a partir dele, faz-se uma inferência específica para uma situação particular. Essa constatação ratifica o caráter geral atribuído a um topos.

(07.AL.U.M.217-225)

E Quais as dificuldades que você encontra no seu curso?*

I "É do ensino." Principalmente economia é escasso os professores. Tem professor de economia- setenta anos na universidade. E vai lá c'uma preguiça de ensinar. Sae- eu sei que sabe. Setenta anos [de] de vida, e mais estudando, lendo, principalmente lendo tem o que ensinar, né? [Mais] ele ta perto de apusentar, num ta com aquela preocupação, não. Tem que fazer alguma*

coisa, que incentive mais os alunos. [Ou]- ou mesmo facilitar mais (hes), ou até incentivar [mais]- mais os professores [de]- [de]- de ensinar (hes) os alunos, né? [De]- du curso de economia. Porque se num for assim, a tendência é u quê? [De]- de diminuir cada vez mais.

“Topoi” - **né1** : ‘o estímulo incrementa a produção’.

FT: [quanto menos estímulo, menos produção]

(07.AL.U.M.472)

E Você admira algum jogador de futebol?*

I Admirar mesmo assim, não. eu gosto daquele time que tá sempre organizado “A vida, um grupo, ou uma igreja organizada, ela sempre vai vencer.” Desorganizou-se-- eu acho que num venci né? Num chega lá no objetivo.*

Topos: ‘a organização leva ao sucesso’.

FT: [quanto menos organização, menos sucesso]

(08.RVA.U.M.44)

E Si você tivessi qui'iscolhe# outra profissãu, quaw você Escolheria?*

I Medicina*

E Poh que?*

I Poh que medicina é um imprego já garantidu, né? Nu casu, si você é um hom ixtudanti, você, automaticamenti você já é aproveitadu, né?*

Topos: ‘quanto maior o papel social , mais poder’

(08.RVA.U.M.52)

E Quandu você era criança, comu você si relacionava co~ uys ixtudus?*

I Ixtudus mesmu, assi~, eu nu~ca goxtei (inint) meu negóciu mais era brinca#. Mays tem, di todú jeitu, ahenti ti~a qui'ixtuda#, né? Nu~podia dexa# di ixtuda#.*

Topos - 'o estudo leva ao sucesso'

(08.RVA.U.M.543)

E U que seu pai sempri lh'ensinou?*

I Eli sempri m'ensinou, sempri mi mostrou u caminhu corretu p'ragenti, né? Moxtrou as condições deli+ p'ra pode agenti nãu quere# uwtrapassa# aquela limite, né?*

Topos : 'quanto mais idade, mais experiência'.

Outra constatação que vem ratificar as duas características atribuídas aos "topoi" - serem comuns e gerais - é a incidência de "topoi" originários da sabedoria popular, atualizados através de ditos populares e de provérbios³². Alguns exemplos.

(02.SMS.N.F.280)

E O que você acha dessa violência que aumenta a cada dia?*

I eu quiria- pelo meno0 acabasse a violença pelo meno0 inquanto ele s'intendesse de gente e, puque quond'ele [<fi->]- ficá rapayzi~já, cumeça a andá pur'ái, ele [nu~]- nu~ vai aguentá levá- impurrão, nem tapa, nem piada, qui- ninguém goxta disso, né? ai pronto. *[Eu te~o (inint)]- eu quiria tanto qui acabasse pelo meno0 os meus fião0 [nu~]- te~ pa mim qui nu~ ia sofrê muito.*

Topos: 'violência gera violência'.

04.JS.N.M.328-334)

E E o seu relacionamento com os filhos, como é?*

³² Anscombre(1995a) diz que esses textos fazem parte de uma classe mais geral denominada "formes sentencieuses"- cujas características são : a) o aspecto relativo a fórmulas; b) a prescrição; c) o alcance geral, universal. (p.66)

I Ah, meu relacionamento com meus filhos eu- [eu <go->]- eu só gosto mais de educar. Então, eu gosto de sempre te-los em casa. (inint) mais eu num quero |com amizade com amigo|, com menino de jeito nenhum. Porque hoje em dia [as <a->]- a amizade da- num é mais aquela amizade de antigamente, né? Que agente- que nos tinha. Hoje agente- solta mesmo os filhos d'agente se juntar com quem num presta vai fazer o que num deve. E num são mais educado, |mais| ainda porque [eu num <te->]- eu num tenho condições, né? De botar numa escola melhor (inint) [prá aprender]- pra aprender aquilo que eu num <apren-> qu'eu nunca aprendi antes, né?*

Informação compartilhada: **né1** - '*amizade é rara*'.

Topos: **né2** - '*quanto melhor a escola, melhor a educação*'.

(04.JS.N.M.357-8)

E Você não gosta que a mulher trabalhe fora?*

** Por mim a mulher é pra trabalhar mesmo pra ajudar o homem. Sempre dois trabalhando é mais um a força pra dentro de casa, né? Agora só que a minha num trabalha mesmo, porque ela num tem condições, né? Tem duas meninas piquenas. Tem [uma]- uma menina com [um ano]- um ano e seis meses, tem outra com cinco meses. Então ela num tem condições de trabalhar.*

"Topoi": **né1** - '*quanto mais união, maior é a força*'.

né2 - '*quanto maior o obstáculo, mais difícil de se fazer algo*'.

L2 utiliza um raciocínio tópico '*quanto maior o obstáculo, mais difícil de se fazer algo*': se a mulher tem filhos, e ainda pequenos, então é difícil trabalhar. Se ela tivesse um filho pequeno doente, seria ainda mais difícil.

(01.IMS.N.F.124)

E Comu foi a ultima briga qui você tava co~seu vizi-nhu?*

I (Ris) tivi briga cu~ eli não ultima briga qui eu tivi cu~ meu vizinhu foi <umas brig-> pühqué eli tava buli~du cümigo né, chega na minha casa, chega mi ape'rrianu, eu peçu p'eli si aqueta# p'assixti# te'le'visão, eli [nu~] nu~ si aqueta/.../*

L2 justifica, novamente, seu comportamento com os vizinhos, utilizando-se de um provérbio, colocado em cena através de um enunciador genérico E1: 'bateu, levou', através da FT [quanto maior for o ataque, maior será a possibilidade de contra-ataque].

(07.AL.U.M.50-5)

E Se você tivesse que ajudar algum vizinho seu, quem você ajudaria? Si tivessi numa posição bem melhor do que eles. S'eu tivesse condições. "Condições mesmo." Amplas condições, né? Que alem [de]- de ter condições de ajudar a mi e a familia, de ter como também ajudar.- dando dinheiro não. Ajudando mais na forma social, né? Do que assim...*

Topos: **né1**: 'quem pode, pode'.

FT: [quanto mais poder aquisitivo, mais poder de ação].

Informação compartilhada: **né2**: 'não dê dinheiro (esmola), dê trabalho'.

(07.AL.U.M.445-551)

E Como foi a sua infância?*

I Minha infância num foi muito- assim: "De brincar, eu não brinquei muito." Como qualquer criança normal. [Mais] assim [de]- de [Mais] (hes) foi bom prá mim, porque [eu]- eu (hes) com'é que se diz: "Virei homem <ma-> bem mais cedo do que uma criança poderia- virá a ser, se fosse bem manhosa, né? Têm tudo nas mãos, né? Eu acho que [isso tudo]- isso tudo foi experiência. "Se aquela pessoa nasceu numa familia de classe média baixa, [ela]- ela tem uma dificuldade até de estudar, de ter as coisas na vida." [Mais] quando tem, é um coisa glorificante. [Né]- num é igual a uma*

criança da classi média, alta não, que com tudo o que sonhar tem nas mãos, né?

** Então, até [pra ela]- ela- na vida vai dificultar isso.*

Informação compartilhada: **né2** e **né4**: *'não se valoriza o que se ganha fácil'*.

Topos: **né3**: *'quanto mais sofrida a batalha, mais saborosa é a vitória'*.

(07.AL.U.M.543-6)

E Como é seu relacionamento com a família?*

I É o mais normal possível.*

** Eu num sô bem apegado assim:*

** "Meu filho você vai pra onde?"*

** Fica naquela preocupação."*

** Porque? [Porque <se->]- porque sempre eles confiaram em mim, né?*

** [É comu eu tinha falado ates, (hes) um filho de papai, hoje, ele tem a vida muito fácil então, [a]- a preocupação dos pais hoje [é]- [é <dos>]- [é]- é cuidar mais, né?*

** [De]- [de]- de ter mais preocupação cum os filhos.*

Topos: **né1**: *'quanto mais confiança, menos cobrança'*.

Informação compartilhada: **né2**: *'filho mimado, filho problema'*

É importante evidenciar que tanto as informações compartilhadas quanto os "topoi" atualizados, nas referidas seqüências, constituem verdades compartilhadas por uma determinada sociedade que traduzem valores, e que essas verdades são trazidas para o espaço discursivo com intenção argumentativa.

Segundo Anscombre (1995a), o uso de "topoi", como a maioria dos que evidenciei em minha análise, tem por finalidade construir representações ideológicas (p.57). Os "topoi" que procedem da sabedoria popular não são afirmados, são invocados, colocados em cena. Essa colocação em cena de princípios ("topoi") vem corroborar a nova concepção

de argumentação, em que o argumentador passa a ser o enunciador ou os enunciadores. E, embora com toda a dificuldade de sustentar a distinção feita entre “topoi” intrínsecos e extrínsecos, o referido autor classifica essa maioria aqui evidenciada como “topoi” extrínsecos.

(...) é muito difícil fazer a separação entre “topoi” intrínsecos e os “topoi” extrínsecos no sentido de uma palavra. Essa distinção é mais teórica que prática.”
(Moura,1998:6)

O que importa, neste momento, é mostrar que, quando nos comunicamos, colocamos em cena pontos de vista (“topoi”), e que estes precisam ser apreendidos pelos nossos interlocutores. E, para reforçar essa intenção, a língua tem à disposição determinadas partículas as quais podem, em determinados contextos, funcionar como indicadores desses pontos de vista. É nesse rol que incluo o conectivo “né” - elemento indicador de “topoi” - em determinados contextos, os quais estão demonstrados nesta pesquisa. O “né”, nos contextos aqui evidenciados, assume a função de operador argumentativo - partícula da língua que, aplicada a um predicado ou enunciado, indicará o topos a ser atualizado, orientando o leitor para uma determinada direção argumentativa.

2.3.5 - O “né” e a gradualidade

Como já foi dito anteriormente, há duas definições de gradualidade propostas por Anscombe-Ducrot - em dois momentos diferentes - para poder dar conta da evolução da teoria. Basicamente, essa evolução

constitui a ampliação da abrangência da argumentação, que passa a estar não somente em enunciados, mas também no léxico.

Na versão padrão, sem considerar a argumentatividade inscrita no léxico, Ducrot (1994), assim se posicionou:

“un topos consiste en una correspondencia entre dos gradaciones no numéricas, a pesar de que se puede que ciertas interpretaciones consistam en adherir a estas gradaciones escalas numéricas habituales.”(207)

Na versão recente - Teoria dos “Topoi” - para dar conta da descrição dos “topoi” intrínsecos, a definição de gradualidade foi alargada.

“(...)a gradualidade passa a ser definida como o grau de aplicabilidade dos “topoi”. A gradualidade não seria apenas uma equivalência entre escalas, mas significaria a variabilidade da força argumentativa de um topos. Assim, um topos T pode ser aplicado com maior força a uma situação A e com menos força a uma situação B.”(Moura, 1996:126)

O operador argumentativo “né” indica o topos a ser atualizado em determinado enunciado e, conseqüentemente, intensifica a força de aplicação desse topos.

(08.RVA.U.M.520)

E [Você acha qui nu] Você acha qui nu Brasiw ispohti é valorizadu?*

I Nãu! Ispohti nu Brasiw, di jeitu ne~u. <Nãu> Nunca foi valorizadu. Puhque nenhuma impresa que# bota# di~eru {nas mãos assi~} i perde#, né. Ela só que# bota# di~eru si ela vê# si vai te# retohnu imediatu i nu Brasiw, u pessoaw nãu dá valo# a issu.*

Topos: *'as empresas têm fins lucrativos'*.

A presença do operador "né", nessa seqüência, reforça a possibilidade de o interlocutor (o entrevistador) atualizar o topos *'as empresas têm fins lucrativos'*, embora, segundo Ducrot, na própria definição de 'empresa' já esteja contido o termo 'lucro' - um dos "topoi" associados a este termo. Isso ocorre, talvez, porque os "topoi" sejam potenciais, isto é, podem ou não ser ativados, com maior ou menor força. O informante (entrevistado) explicita o termo 'empresa' - "topos" intrínseco - como forma de fortalecer o ponto de vista que está defendendo. O ato de explicitar o termo 'empresa' decorre também de o informante querer verificar se o seu interlocutor compartilha com ele o mesmo conceito do referido termo.

Outros exemplos concretizam essa mesma estrutura - o segundo segmento do topos como um explicitador do primeiro - mesmo que o topos seja considerado como extrínseco como é o caso da seqüência abaixo.

(02.SMS.N.F.401)

E Como você imaginaria um encontro com Lucéla Santos?*

I Ah! eu acho qu'ela nem ligava pra mim, né? eu do reito qu'eu sô pobe, eu acho qu'ela fazia de conta qui nem mi~cu~icia/...*

Topos: *'pessoas ricas e/ou famosas não dão bola para os pobres/humildes'*.

Nessa seqüência, seguindo o que foi postulado em relação a distinguir um topos intrínseco de um extrínseco, o topos atualizado é extrínseco, pois *'não dar bola a pessoas pobres'* não está contido no sintagma 'pessoa rica'; e, além do mais, nem todas as pessoas ricas têm

esse comportamento. Ou seja, esse topos traduz a imagem que algumas pessoas têm do que sejam ‘pessoas ricas’.

O conceito atribuído a uma determinada palavra nem sempre é unânime, conhecimentos prévios, contexto e intencionalidade podem ser os elementos responsáveis por essa variação. A não unanimidade nos conceitos de determinadas palavras pode encontrar explicação na definição atribuída à palavra por Ducrot (1998): “feixe de “topoi”. Aceitando essa definição, pode-se explicar por que, nas duas seqüências abaixo, a palavra *criança* é definida diferentemente; ou seja, sob duas perspectivas. Ao termo ‘criança’ foram ligados “topoi” diferentes. No primeiro caso, à palavra ‘criança’ foi atribuída a característica de brincar ‘*criança brinca*’; no segundo, à palavra ‘criança’, a característica de ser barulhenta: ‘*criança faz barulho*’.

(01. IMS. N. F. 189)

E Como era as suas brincadeiras na infância? di boneca, quando tinha tempu pe' gava tumati umas pehinha0
I* Minha brincaadeira na infancia era a brinca#
feitu as galinha0 brincadeira só essa [muitu pôcu brincava]- né, muito pôcu eu brincava.*

L1 utiliza-se de um topos bastante geral T1 ‘*criança precisa brincar*’ e L2 aceita esse topos, porém declara que no seu caso não é totalmente válido porque precisou trabalhar. Ou seja, é um raciocínio normal dizer “crianças brincam, mas eu não brinquei”.

(02. SMS. N. F. 92)

E Como é seu relacionamento com os vizi-os?
I* Ay0 vey0 são bom0, né? [aliay]- tem muito qui, pra mim são muito bom0, [may0]- tem uns qui as vey0 qué impricá pu caso de minino que você sabe qui- onde tem minino tem tudo, né? [e]- aí até oje, graças'a*

*Deu0 eu goxto mu~to [de]- do vizi~, nu~ te~o o qui di-
zê deles.*

L2 coloca em cena uma informação compartilhada: **né1** - 'nem sempre as relações com vizinhos são amistosas'; e um topoi: **né2** - 'crianças incomodam'.

Essa constatação ratifica a afirmação de Ducrot de que "uma palavra é um feixe de "topoi": alguns inerentes à própria significação da palavra, outros ligados a certos conhecimentos. Ou seja, os "topoi" podem não ser unânimes, como bem coloca o informante da seqüência abaixo ao se posicionar sobre o sentido da palavra 'casamento'.

(06.RTO.U.F.310-8)

E Tem subri~os?*

I Ah! te~o, (inint) vô sê ti'avó. mi~'irmã nu~ goxtô não, qui ach'ele muito novo, /.../ casamento não qui oje ninguém qué casá maiφ, qué mora. Foi [a]- a namorada dele disse: "Casá não, né mulé? eu vô mi~amigá"
*Eu digo: "*Oh! mulé, pel'amó, nu~ dig'esse negoço não, puq'eu acho (falando rindo) esse negoço tão fei, tão brega, mi~ amigá, iss'é coisa de favelado, |maih| né não?" (I) "*E eu vô dizê o quê?"*

"Topoi": - **né1** - 'casamento é morar junto'.

né2 - 'casamento é uma relação civil'.

Os dois conceitos atribuídos ao predicado 'casamento' caracterizam o texto como polifônico. O L2 coloca em cena dois enunciadores: o E1 que atualiza o T1 'casamento é morar junto' - associado a uma posição social desvalorizada - e o E2 - representante da posição social valorizada - atualizando o T2 'casamento é uma relação civil'. Porém, é ao

E2 que L2 se assimila, pois compartilha o ponto de vista veiculado pelo T2.

Alguns dos “topoi”, nesse corpus, indicados pelo operador “né” expressam, também na superfície, a gradualidade inerente aos “topoi”. Ou seja, os “topoi” são sempre graduais, porém a gradualidade não é, necessariamente, expressa no nível superficial. Alguns exemplos.

(01.IMS.N.F.110)

E Si você tivessi qué mo'ra# e~outru bairru quaw e^sco^lhe^ria?*

I Crui da'zahma0 ou e~tau~ jaguaribi*

E Pühqué?*

I Pühqué eu achu [u~] u~ bârru mais familia# né , mais me'lhó# pa pe^ssoa mo'ra#*

L2 coloca em cena o T1 ‘quanto mais familiar for o bairro, melhor para se morar’.

(01.IMS.N.F.182-4)

*E*Você acha que sua vida têria sidu melhó# si tivessi sidu criada pô# seu pai?*

*I*Eu [nu~]- nu~ nu~ sei nem dizê#,maiz'eu achu assim si eli tivessi vivu i tivessi mi criadu, se'ria muito melhó# pohquê eli tinha co~diçõe0 di mi criá#, nessa épua quem tinha [dois]- dois, trêys motô#0 di agavi era u~ ricu i eli tinha né bem cinco /.../tawveyz'eu fossi ôta pessoa dife'renti né,[tessi meu]- tessi meu ixtudu, tessi u~ ho~ i~prêgu, tawveyz nem mãe eu <sej-> tinha sidu ai~da né.*

L2, para justificar porque teria sido melhor sua vida se criado pelo pai, introduz um topos que pode ser elaborado assim ‘maior poder aquisitivo, melhores as condições para criar os filhos’, cujo responsável é um enunciador genérico (E1).

(08.RVA.U.M.359)

E [Comu <vo->] Comu você vê u machismu di oji?*

I Eu achu qui oji i~ dia ixixti, mas achu qui muito pouco. Issu ai tá mais nas pessoas [mais] mais aduwtas, né qui ainda ixixti, mais, eu achu qui u pessoaw mais novus, na faix'etária di até vinti i cincu, trinta amus, u pessoaw tá cu~ otru pensamentu.*

Topos: *'quanto mais adultos, mais machistas'*.

Os três "topoi" indicados pelo operador "né", nas seqüências acima, são chamados de concordantes. Em outras palavras, a uma direção na escala do antecedente (no caso do último exemplo, na escala da idade) corresponderá uma direção na escala do conseqüente (no exemplo, o machismo). Tanto o primeiro segmento (antecedente) como o segundo (conseqüente) vão em uma mesma direção. Observe-se que os predicados colocados em relação gradual não expressam, necessariamente, graduações numéricas.

Essas seqüências ilustram a fase padrão da teoria da argumentação. Nessa fase, a argumentação, enquanto fenômeno lingüístico, funcionava com princípios graduais. Porém, na fase atual das pesquisas, em que a palavra passa a ser definida como um feixe de "topoi", a gradualidade deixa de ser expressa no topos (ao menos não necessariamente); a gradualidade passa a ser a força de aplicação desse topos. Exemplos, colhidos no corpus em estudo, evidenciam a necessidade da mudança operada. Porém, essa mudança não invalida a possibilidade de um topos ser atualizado através de uma das formas tópicas e não deixa de haver uma gradualidade na aplicação de um determinado topos.

A Teoria dos Modificadores surge em função dessa nova concepção de gradualidade: para explicar a gradualidade intrínseca aos predicados da língua. Os modificadores propostos por essa teoria serão as palavras cuja presença junto dos predicados aumentará ou diminuirá a aplicabilidade dos mesmos, ou seja, a força com que serão aplicados.

Ducrot propôs a Teoria dos Modificadores porque, segundo ele, a primeira (formas tópicas) indica 'quantidades' (+P, +Q), (-P,-Q) (não necessariamente numéricos), enquanto que a segunda - os modificadores - não quantifica, apenas intensifica ou diminui a aplicação de um topos - age mais no nível argumentativo.

Essa preferência deve-se ao fato de haver um grande número de predicados lexicais que não podem ser expressos através das formas tópicas, pois veiculam valores não quantificáveis. É o caso do predicado 'casamento'. Não é possível determinar o grau de aplicabilidade desse predicado via forma tópica. Mas pode-se determinar a força com que o mesmo foi aplicado a uma determinada situação, utilizando-se um modificador que aumentará a força de aplicação (modificador realizante = perfeito) ou a diminuirá (modificador derrealizante = imperfeito).

O conectivo "né" não pertence à classe das palavras potencialmente argumentativas - com conteúdo lexical. O "né" se enquadra na classe dos elementos que articulam porções textuais, indicando o topos que deve ser atualizado pelo interlocutor - ou que o locutor deseja que o interlocutor atualize- para que a argumentação seja eficaz; ou seja, o "né" deve ser incluído no rol dos operadores argumentativos.

2.3.6 - O "né" e a polifonia

Reúno, aqui, algumas seqüências, para mostrar que o "né" na função de operador argumentativo, algumas vezes, figura em discursos polifônicos. O "né", na verdade, não é o responsável pela polifonia constatada nas seqüências abaixo. Na nova perspectiva da argumentação - Teoria dos "Topoi"- são os diversos "topoi", atualizados pelo locutor, através dos enunciadores, que determinarão o discurso como polifônico.

Embora o “né” não seja o responsável direto pela instauração do discurso polifônico, esse operador, enquanto solicitador de aprovação, ratifica a dialogia do enunciado., quando esta houver. Perceber-se-á, pelos exemplos abaixo, que a polifonia não está atrelada à presença de “topoi”. Há polifonia também quando se coloca em cena duas ou mais informações compartilhadas (IC), em duelo ou não.

(02.SMS.N.F.500)

E O que le dêxa mais trixte?*

I Ah! é quonde eu discuto cu~meu marido, fico muito triste, /.../ nu~ ixixte esse casaw qui viva sempe bem, né? tem qui discuti mehmo, todos casaw eles discute.*

Informação compartilhada: *‘casamentos têm altos e baixos’*.

Quando o L2 (informante) enuncia “*nu~ ixixte esse casaw qui viva sempe bem, né? tem qui discuti mehmo, todos casaw eles discute.*”, o uso do “né” é uma forma de solicitar ao L1 (entrevistador) que atualize a IC bastante comum em nossa sociedade *‘casamentos têm altos e baixos’*. L2 coloca em cena um ponto de vista que é de um enunciador genérico (sabedoria popular)- E1 - e espera que o entrevistador (L1) aceite a IC como verdadeira, pois L2 concorda com esse ponto de vista. A polifonia está no fato de L2 colocar em cena um ponto de vista que é de consenso geral (a voz do povo) para concordar com ele. Há que ressaltar que é uma informação compartilhada, utilizada por L2 para justificar um problema seu, particular.

Sempre que L2 coloca em cena uma IC em seu discurso - seja para refutá-la, seja para assimilar-se a ela - ter-se-á um confronto de pontos de vista - um discurso polifônico. Ou seja, o discurso de L2 incorpora o ponto de vista de um enunciador genérico que passa a ser o argumentador. O argumento mais forte, nesta seqüência, é o veiculado pelo enun-

ciador genérico (E1) com o qual o L2 se identifica. Ou seja, “el enunciador E es argumentador” (Ducrot, 1988:99). O ponto de vista do E1 (‘casamentos têm altos e baixos’) - colocado em cena pelo L2 e reforçado pelo “né” - é utilizado para justificar a conclusão postulada ‘tem qui discuti mehmo, todos casaw eles discute’.

Quando se tem a atualização de um ponto de vista que não seja o particular de L2, nas entrevistas, ter-se-á a polifonia de enunciadores e, conseqüentemente, o discurso argumentativo. Ou seja, outros pontos de vista (“topoi” ou informações compartilhadas) são incorporados ao discurso de L2, para serem assimilados ou refutados, dependendo da intencionalidade deste.

(01. IMS.N.F.147)

*E*Comu sua mãe criô você?*

*I*Minha mãe, minha mãe mi criô, minha mãe mi criô, minha mãe não mi criô né, quem mi criô foi minha vô né i minha vô foi quem mi criô, fui criada k'a minha vô trabalhanu na i~xada, lutanu cu~ bichu, carreganu água, lenha sas'coisa0 fui criada assim, sem amô|| di pai, di mãe, nunca tinha amô|| di ni~guém*

L2 retoma o topos a IC ‘as mães criam os filhos’ que é proposta pelo L1, porém aquele retoma a IC1 para negá-la, uma vez que a sua realidade é traduzida pelo pela IC2 ‘as mães não criam os filhos’. Ocorre aqui a polifonia explícita: L2 retoma a fala de L1, para negá-la, embora o ponto de vista do interlocutor (L1) seja o ‘normal’. O “né” indica que a IC, colocada em cena pelo L1 (E1), não é válida para a vida de L2, e que a IC2 é a que traduz a vida de L2.

(01. IMS.N.F.4-9)

E Você axa u ixtudu awgu impohta~ti?*

I Sim [<ach->]achu*

E Poh quê?*

I Puhquê u [ixtudu]-u ixtudu i~sina a pessoa a tudu né a pessoa sei~ u ixtudu nu~é quazi nada na vida quem sabi lê# é [quem sabi lê#]- é quem sabi lê# tem a {coisa} {muitu} impohta~ti na vida né--[oji]-oji eu ixtô <as> sófrendu may pu cauza qui eu nu~ tenhu ixtudu né, si eu tivessi u ixtudu tesi aprendidu lê# eu oji tinha u~trabahu mais méelho# né /.../*

Nesta seqüência, todas as ocorrências do “né” indicam o topos que L2 tenta atualizar como sendo uma informação não só conhecida pelo interlocutor (L1) como também compartilhada. L2 atualiza o topos T1 ‘o estudo leva ao sucesso’ - através da FT1 [quanto mais estudo, mais sucesso]. L2 coloca em cena o ponto de vista de um enunciador genérico (E1), responsável pelo T1, que serve para fortalecer o seu próprio ponto de vista. Todas as demais ocorrências do “né” orientam para o fortalecimento do ponto de vista do E1 (enunciador genérico), utilizado para defender o estudo.

Em outras palavras, nesta seqüência, o “né” indica o ponto de vista do L2, buscando a adesão do L1 no sentido de que este confirme a crença comum: ‘o estudo leva ao sucesso’. E essa crença comum é colocada em cena, através de um enunciador genérico, para alicerçar a argumentação do L2.

(01. IMS.N.F.29)

E U ixtudu lhi feyz fawta em awguma coisa?*

I Feyz i muita primêru eu não <te~> eu tenhu muita vo~tadi di fazê cahta, di lê uma coiza, tenhu qui pidi# oh pessoá prá lê as vezi eu queru iscrevê pra uma amiga minha pra u~ parenti meu, u~ cahtãu di fexta, u~ negôciu, eu nu~ tenhu condiçoi~ tenhu qui pidi as pessoa as vezi as pessoa nu~ queri fazê né-- feh muita fawta a mi~ mezmu u ixtudu pra mim a coiza mai'zi~pohtanti é u ixtudu da pessoa.*

Aqui o topos veiculado ainda é o mesmo 'o estudo leva ao sucesso'. A FT atualizada é FT2 [quanto menos estudo, menos sucesso]. L2 enumera as dificuldades conseqüentes do fato de não ter estudo. O "né" indica, novamente, uma informação genérica (assim pressupõe o L2) - 'nem sempre as pessoas alfabetizadas ajudam as que não são' -, através do enunciador genérico (E1), que é aceita pelo L2; e este espera seja também aceita e conhecida pelo L1. O argumento de L2 está baseado em uma opinião de consenso.

(01. IMS. N. F. 62-3)

E Si você pudessi quem você goxtaria di chamá pra awmuçá com você u~ dia?*

I Si eu pudessi sempri minha mãe. Minha mãe qui é sempri ixpeciaw prá noys. né--- somenti [as <peço- / as peçoã sau~ {essa} minha mãe, minha ihmã, meu ihmãu--- né? u~ vizinhu da peçoã tambey~, u~ vizinhu bacana da peçoã né /.../*

L2 coloca em cena um enunciador genérico (E1) que postula a IC 'os laços de família são fortes', sendo que a mãe é a mais especial. L2 espera, com o uso repetido do né, que o seu interlocutor (L1) comungue dessa posição. Pela enumeração feita por L2, constata-se que a forma tópica atualizada foi FT1 [quanto mais próximo for o parentesco, mais especial é a pessoa].

(01. IMS. N. F. 71-4)

E Si você ganhassi na loteria u que faria co~ u dinhêru!*

I U que faria primêramê~txi co~prava uma caza pra mi~ né @plicava a me'tadi nu ba~cu i u restu eu @judava as pe^ssoa0 qui não tei~ condiçau~s as crianca0 carente0/.../ de^püsitava pras cria~ça0 né eu fazia issu só issu mezmú*

Duas informações compartilhadas são defendidas pelo L2, na ordem de suas prioridades: IC1 '*todo cidadão tem direito à moradia*'; IC2 '*crianças carentes devem ser assistidas*'. E é, no final da atualização dessas ICs, que aparece o "né", como forma de deixar claro o ponto de vista de L2, que também, presume L2, é o do seu interlocutor (L1), uma vez que essas ICs traduzem o ponto de vista que é consenso em nossa sociedade. Em outras palavras, as ICs 1 e 2 são atualizadas por L2, através de um enunciador genérico (E1), ao qual aquele se assimila.

(01. IMS. N. F. 142)

E Comu você trata seus filhus?*

I Eu tratu uma ora bem outra ora tratu muit' agre 'ssiva cu~ elis, tem ora qu' eu sô muit' agre 'ssiva mais mehmú te~pu eu goxtu muitu dus meus filhu0 po^rissu qu'eu oji sofru {u qui eu} sofru pu'casa delis puhque elis nu~ tem culpa di nada né, di vi# au mu~du eu fui quem hutei, e~tão eu tenhu qui passa# tudu, ague~ta# tudu po'reli0 até elis cre^sceri.*

Outra IC de consenso em nossa sociedade é utilizada por L2: '*a mãe deve suportar qualquer sofrimento pelos filhos*'. Essa IC é veiculada através de E1 (enunciador genérico), com o qual L2 concorda e utiliza para justificar suas atitudes junto aos filhos.

Concluindo as observações sobre o "né", parece-me que a análise evidenciou que o "né" não pertence ao grupo de palavras que contêm "topoi", mas ao grupo que indica como utilizar determinados "topoi", como devem ser as formas tópicas sob as quais um topoi é convocado - o "né" é um operador argumentativo.

O "né" não é apenas uma repetição do discurso falado, mas um elemento estruturador do discurso argumentativo, como ficou demonstrado. Além disso, como previa, o "né" é um elemento multifuncional, pois quando assume a função de indicador de "topoi", ele não deixa de

estar solicitando a aprovação do interlocutor para o topos colocado em cena.

Como foi demonstrado no início da análise do “né”, este, além de funcionar como indicador de “topoi” (operador argumentativo), introduz no discurso falado: informação pessoal (apenas de domínio do informante) e informação compartilhada, para justificar e/ou explicar atitudes, atos etc. Essas três funções, evidenciadas nas entrevistas, são subfunções da função interativa atribuída ao “né” pela AC - busca de apoio discursivo. Essa constatação ratifica a minha hipótese de multifuncionalidade do “né”.

Comparando as funções do “né”, aqui evidenciadas, aos objetos de acordo que podem servir de premissas para a argumentação - na perspectiva de Perelman - constatar-se-á que o “né” é o marcador da língua portuguesa que se aplica a três níveis diferentes: observações pessoais, informações compartilhadas (proposição acerca de um fato/pessoa/objeto/situação julgada verdadeira pelo senso comum) e “topoi” (princípios gerais, comuns e graduais).

A principal função do “né” é a de buscar o assentimento do interlocutor, para as proposições do locutor, porém, dentro dessa função geral, distinguem-se, pelo menos, as três funções citadas.

As informações pessoais introduzidas pelo “né” podem ser relacionadas aos fatos - Perelman - que seriam os efeitos ou resultados da descrição de certos dados; e as informações partilhadas, às verdades - generalizações sobre fatos.

Ressalte-se que tanto os fatos quanto as verdades pertencem à categoria do real, portanto, presume-se serem válidos para um auditório universal - constituído por toda a humanidade, os homens em geral. Conseqüentemente, presume-se serem verdades incontestáveis.

Por outro lado, os “topoi” - oriundos das presunções - de uma base, de um grupo de referência - constituem um parâmetro tomado como ‘normal’ pelos auditórios. Os “topoi” seriam relacionados aos va-

lores - opiniões - objeto de acordo no campo do preferível - válidos para um auditório particular.

Tanto os fatos (informação pessoal) ,as verdades (informações compartilhadas) quanto os valores (“topoi”) podem ser utilizados como ponto de partida para uma argumentação, salientando que tanto os fatos, quanto as verdades e os valores são concebidos (são filtrados) pela ótica das presunções - ou seja, a partir de um grupo de referência.

O fato de as informações compartilhadas e os “topoi” serem filtrados por um grupo de referência dificulta, muitas vezes, a distinção. Porém, é necessário lembrar que os “topoi” expressam princípios comuns,gerais e graduais que alicerçam valores políticos, religiosos, morais etc., enquanto que as informações compartilhadas, embora constituam generalizações, não expressam diretamente valores. O que é possível é que uma generalização (informação compartilhada) seja inferida a partir de um topos. Ou seja, sabe-se que houve um topos que filtrou essa informação geral, porém ela é menos abstrata que o topos.

Embora não tivesse pretendido quantificar, não posso deixar de dizer que - em função medial - registrei 567 ocorrências do “né”, e que, em muitas dessas ocorrências, ele assumiu a multifuncionalidade - elemento de requisito de apoio discursivo e indicador de “topoi” , evidenciando que não se pode deixar de considerá-lo, quando se falar de argumentação no texto falado. Ou seja é um elemento recorrente com função argumentativa. A grande incidência de “topoi” colocados em cena ratifica o que já disse Ducrot “falamos através de “topoi””.

A variável escolaridade não influenciou no comportamento discursivo dos entrevistados, mais especificamente em relação ao uso do “né”. O número de realizações do “né” no grupo de pessoas não escolarizados é praticamente o mesmo do grupo de universitários, com uma particularidade : o número de realizações do “né”, enquanto indicador de “topoi”, é um pouco maior no grupo dos não escolarizados do que no grupo dos universitários. O primeiro grupo utiliza mais “topoi” indicados pelo “né”, quando interage, do que o segundo grupo. Em outras palavras, o

“né” é apenas uma das estratégias para atualizar “topoi” no discurso. Outros “topoi” devem estar subjacentes a esses textos, atualizados através de outros recursos lingüísticos.

2.4 - Considerações sobre (eu) “acho” (que)

2.4.1 Funções do (eu) “acho” (que) na Análise da Conversação

Na AC, quanto à forma, esse marcador é considerado oracional; enquanto marcador intratextual, independente da posição em que figure, funciona como outros marcadores - encadeador textual; enquanto elemento com função interacional, não é unânime o tratamento dado a esse marcador. Marcuschi (1989) denomina-o abrandador, cuja função seria veicular uma opinião pessoal sobre um determinado assunto. Rosa (1992) classifica-o como um marcador de opinião, cuja função é expressar a opinião do locutor como também a sua incerteza em relação ao que ele está asseverando.

No entanto, os próprios exemplos citados pelos referidos autores nos fazem atentar para tipos específicos de opiniões. Ou seja, há opiniões e opiniões.

Observe-se os exemplos citados pelos autores.

“Vai chover muito, eu acho, pois o céu está bem escuro.”

“Acho que a economia é mais forte do que a lei... ainda.”
 (Rosa, 1992:37)

V: /.../ *aquela é profissional*→
 B: *ah mas não é tão boa como Miloca*
 V: *[como*
Miloca não é→
 B: *não*→(.) *qué dizê eu achei né*→ (.) /.../
 (Marcuschi, 1989:311)

Segundo Rosa (1992), os dois primeiros exemplos parecem desempenhar a mesma função, a incerteza em relação ao que foi asseverado. No entanto, discordo da autora, pois “eu acho”, no primeiro exemplo, exerce função modalizadora equivalente a “parece que”, “é provável que” ou “é possível que”; enquanto que, no segundo exemplo, não marca uma incerteza e, embora pareça ser, não é uma opinião pessoal. Tem-se aí uma opinião do senso comum (pelo menos de um grupo) com a qual o locutor do enunciado não só compartilha, como também a incorpora em seu discurso como se fosse dele.

Em relação ao exemplo de Marcuschi, aquele exemplifica a denominação utilizada pelo autor para nomear o referido marcador - abrandador - , porém penso que essa nomenclatura não dá conta de outras funções desempenhadas pelo referido marcador. Além do mais, usar o marcador (eu) “acho” (que) , em quase todas as situações em que se pretende introduzir uma opinião, é uma forma de abrandar uma posição autoritária; embora haja ocorrências em que essa expressão pode expressar incerteza.

2.4.2 - Funções do (eu) “acho” (que) nas entrevistas

Nas entrevistas, identifiquei, pelo menos, duas funções gerais para o marcador (eu) “acho” (que), independente da posição em que o referido figure no turno dos informantes³³. À segunda função - marcador de opinião - proponho uma subdivisão: marcador de opinião pessoal, marcador de opinião compartilhada e indicador de “topoi”. Saliento, também, que a função que interessa à minha pesquisa é a que o referido marcador indica “topoi”. Mesmo não considerando a posição, não pude deixar de observar que (eu) “acho” (que), geralmente, figura em início de enunciados.

1. Marcador de incerteza - quando utilizado para introduzir uma posição e/ou fato sobre a qual o locutor tem dúvidas.

(03.JM.N.M.310)

E Já passô por awguma situação de pirigo de morte naquelas oraφ qui você pensô assim: chegô a mi~a veyz?*

I <Rapay>-, já bicho. *Já, acho qui foi no clube.*

(05.JNA.U.F.124)

E Fali di awgum fiwmi qui você assixtiu i qui foi muito mahcanti:*

I A Noviça Rebewdi.*

E Assixtiu quantas vezis?*

I Achu qui umas patru ou cincü...*

³³ No corpus em estudo, todas as ocorrências do (eu) “acho” (que) foram em início e meio de enunciado, nunca em final.

Nos dois exemplos acima, a expressão em estudo não marca uma opinião, ou funciona como abrandador, mas funciona como um marcador de incerteza.

2. Marcador de opinião - a) marca uma posição pessoal do locutor em relação a um assunto/fato/pessoa etc;
- b) marca uma informação compartilhada - uma proposição acerca de um fato/pessoa/objeto julgada verdadeira pelo senso comum; ou seja, não pode ser contestada;
- c) indica uma posição (princípio) - incorporada pelo locutor - que é comum, geral e gradual;

A subdivisão que proponho é o resultado da análise de um grande número de ocorrências do (eu) “acho” (que). Observei que há casos em que esse marcador introduz uma opinião que não é pessoal, mas coletiva. Dito de outro modo, algumas opiniões são subjetivas (relativas à marca lingüística “eu”) , porém, somente na aparência. Essas opiniões representam o senso comum, são princípios políticos, morais, religiosos que norteiam determinados grupos sociais. O locutor os incorpora fazendo-os parecerem seus. Na verdade, o L2 compartilha com esses princípios, e, em consequência, os incorpora em seu discurso. Ou seja, esses princípios representam o ponto de vista de um enunciador genérico (E1) que é assimilado, na maioria das vezes, pelo locutor. Há situações em que L2 não compartilha com o senso coletivo, e utiliza esses princípios para rechaçá-los, introduzindo uma opinião contrária à cristalizada. Em outras situações, o (eu) “acho” (que) marca a presença de uma informação compartilhada. É uma proposição geral, aceita pelo senso comum, mas não constitui um topos, pois não é geral nem gradual.

Observe-se as ocorrências abaixo.

(05.JNA.U.F.153)

E Você acha qui'atuaw situaçãu du Brasiw, essa situaçãu tãu dificiw é cuwpa só du govehnu ou u povu tem a sua pahcela di cuwpa?*

I U povu tem a sua pahcela di cuwpa. pohqui é...cada povu tem u govehnu qui mereci, eu achu qui aí, também extá a educaçãu. Pohque, si você é bem educadu, você sabi <voh-> votah bem.*

Topos: *'quanto mais educação, mais poder de escolha'.*

(02.IMS.N.F.369)

E Quaw o programa do Síwvio Santo0 que você assiste?*

I Topa tudo pu di-êro, eu acho muito legaw aquele programa dele.*

(01.IMS.N.F.277)

*E*Dêpois di casada em que sua vida mudô?*

*I*Minha vida mudô [in]- in bucadu di coisa, i eu achu qui jamai0 vai vowta# au meu tempu qu'eu era antigamenti, puqu'eu tô ficandu maiz velha né!..!*

Informação compartilhada: *'o tempo não retroage'.*

As três ocorrências veiculam opiniões que, do ponto de vista da Teoria dos "Topoi", são diferentes. A primeira traduz uma posição em relação à situação do Brasil, a segunda, sobre um programa televisivo e a terceira, sobre um fenômeno natural. A diferença entre essas três posições (opiniões) é que, na primeira ocorrência, (eu) "acho" (que) atualiza um princípio que é consenso para uma grande parte dos brasileiros; na segunda, a opinião não está alicerçada em uma opinião coletiva cristalizada - cristalizada no sentido associado às palavras; e na terceira, tem-se

a introdução de uma informação compartilhada, orientando a argumentação.

Na perspectiva da Teoria dos “Topoi”, no primeiro exemplo, o L2 põe em cena um ponto de vista (topos) que é aceito por uma grande parcela da nossa sociedade, para com ele concordar. Esse ponto de vista é posto em cena, através de um enunciador genérico (E1), que é assimilado pelo L2. Nessa seqüência, constata-se a polifonia - dois pontos de vista são colocados em cena, mesmo que sejam convergentes. Ressalte-se que, aparentemente, esse exemplo parece pertencer ao discurso monofônico, pelo uso da marca de primeira pessoa (eu), no entanto, sabe-se que esse “eu” é a soma de outros ‘eus’.

2.4.3 - (Eu) “acho” (que) na função de indicador de “topoi”

Sempre que se depara com um texto cujo ponto de vista seja introduzido pela expressão (eu) “acho” (que), automaticamente, rotula-se esse ponto de vista como sendo pessoal, subjetivo. A partir do momento em que a unicidade do sujeito foi questionada, por extensão, também foi questionada a unicidade do texto, mesmo aquele discurso com marcas lingüísticas de primeira pessoa.

Nas entrevistas, essa falsa unicidade fica demonstrada, uma vez que analiso todas as ocorrências em que figura o referido marcador e pude constatar que, em grande parte dessas ocorrências, o (eu) “acho” (que) introduz um ponto de vista (princípio) que é comum, geral, gradual e, algumas vezes, de consenso, em nossa sociedade, utilizado em um posicionamento sobre um tema/fato/evento/pessoa. De certa forma, é uma argumentação muito mais convincente, pois traz para o discurso pontos de vista que traduzem determinados princípios nortecedores de

grupos. Ressalte-se que há casos em que o L2 utiliza um ponto de vista contrário ao do senso comum. Na maioria das vezes, o topos concordante é o que traduz os princípios mais comuns de determinada sociedade, ou seja, é o mais esperado.

Como já observei com o conectivo “né”, (eu) “acho” (que) introduz pontos de vista (“topoi”) de natureza diversa, seja para com eles o locutor concordar, seja para refutá-los.

01. IMS. N. F. 179)

*E*Você acha que sua vida têria sidu melhó# si tivessi sidu criada pô# seu pai?*

*I*Eu [nu~]- nu~ nu~ sei nem dizê#, pohquê eli {mi} dizia qu'eu nu~ era filha deli, maiz'eu achu assim si eli tivessi vivu i tivessi mi criadu, se'ria muito melhó# pohquê eli tinha co~diçõe0 di mi criá#, nessa épua quem tinha [dois]- dois, trêys motô#0 di agavi era u~ ricu i eli tinha né bem cinco*

Topos: ‘quanto mais dinheiro, mais fácil educar’.

(01. IMS. N. F. 568)

*E*U qui você pensa sobri a vio'lencia nu mundu di oji?*

*I*U qui'eu pensu olhi, eu pensu mûtu nissu aí, sabi, pensu mûtu, i eu pensu qui si Deus num tive# paixão di noyz, ahenti num vai ispe'ra# uma me'lhora não, si não tive# compaixão minha filha, a vio'lença achu qui não vai acaba# nunca/.../*

Topos: ‘a falta de amor leva à violência’.

FT: [quanto menos amor, mais violência]

(03. JM. N. M. 20)

E [Como é o seu dia]- como é o seu dia-a-dia lá no trabalo?*

I Rapayz, o meu sirviço é muito pesado, sabe, (inint) carrega muita pedra,/.../ *Ahente não, ahente qui é burro, nu~ ga~a nada- *Ayφ <vey>- eu acho muito diferençe, [pois]- pois [a gente]- a gente qui não extuda, nu~ tem ixtudo bom [ahente]- agente isforça muiço.*

Topos: 'quanto mais estudo, mais pesado o trabalho'.

(03.JM.N.M.86)

E Quaw a importância do isporte para o omem, na sua opinião?*

I <Rapay>- , acho a importância qui ele- é- ahente cuida do |seu| corpo, [ga~a]- ga~a também muiço. di~êro- e (gaguejo) faze@ vários negócios qui eles goxta, sei lá, um monte- negócio.*

Topos: 'o esporte leva à saúde'.

FT: [quanto mais esporte, mais saúde].

(04.JS.N.M.417-421)

E Porque sua mãe não queria o casamento*

I Porque |ela acharia| qu'esse casamento um dia num ia dar certo. * Então eu acho qu'ela tinha razão mesmo. * Num deu certo de jeito nenhum. * [As vezes]- as vezes a mãe sente né? Que um filho vai si dar bem.* Quando num vaidar certo a mãe sente. * Ela [num]- num diz <na-> sente no coração e deiz. * Então realmente, se agente for pensar direito é verdade. * Tudo qui uma mãe falar, e o filho escutar, eu acho que no fim ele num vai se arrenpeder não. * Ela tá certa- porque sena época eu tivesse tomado os conselhos dela/.../*

Topos: 'quanto mais idade, mais experiência'.

Algumas ocorrências veiculam valores (pontos de vista) que são comuns e gerais. Os “topoi” evidenciados são introduzidos pelo (eu) “acho” (que) no discurso do informante (L2), mas, na verdade, não são posições pessoais e sim princípios que norteiam muitas atitudes e ações do homem em nossa sociedade, tornando o argumento bastante aceitável, por estar baseado em uma ‘verdade’ consensual.

Outras ocorrências colocam em cena valores (princípios) válidos para determinadas sociedades, considerando, inclusive, valores religiosos, culturais, entre outros.

(03.JM.N.M.12)

E O qui você acha das pessoas qui estudam?*

I O qué qui eu acho? *Acho qui- o qui pra elas é- [têm um <fu>]- têm um futuro mais próximo [é]- é [do que]- [do]- do que a gente, eles são anawfabetoφ, ahente [é]- é-*

Topos: ‘o estudo leva ao sucesso’.

(04.JS.N.M.421)

E Porque sua mãe não queria o casamento*

I Porque [ela acharia] qu’esse casamento um dia num ia dar certo. Num deu certo de jeito nenhum. Quando num vai dar certo a mãe sente. Tudo qui uma mãe falar, e o filho escutar, eu acho que no fim ele num vai se arrenpedir não.*

Topos: ‘quanto mais idade, mais experiência’.

(05.JNA.U.F.276)

E Mas você pretendi...puhque você falou, previamente, qui tem dois filhux, nu~ é issu? É...você pretende in-quadrá-lu im awgumas iscolas, em relaçaũ à ispohti ou nãu? Você..*

I Si~! Cõ certeza! I quandu elis ixtiverem maioris eu mesma vou começa# a pratica# ispohtis. I, inclusivi, eu achu qui u ispohti é até uma fohma di afaxta# a criança é...p'ras...das drogas, dn fumu, da hibida.*

Topos: 'o esporte gera saúde, vitalidade'.

FT: [quanto mais esporte, mais saúde]

(07.AL.U.M.185)

E U seu curso atual, comu veio a decisão?*

I [Eu]- eu sempre- né sempre eu gostei, né? Eu tenho interesse de política. Um curso bem feito, seja ele qual for, a pessoa se sai bem. De todo jeito vai se sair bem. Então sendo o melhor, eu acho que é válido.*

Topos: 'o sucesso profissional está ligado à vocação'.

FT: [quanto mais vocação, mais sucesso]

(07.AL.U.M.110)

E Das escolas que você estudou, qual a que mais gostô?*

I Da Escola Técnica federal da Paraíba. [Uma]- uma- é um grupo mais assim- [uma <equi->]- uma equipe, né? Mais organizada. A coordenação- a diretoria fica em cima dos professores. E na escola técnica, desde quando eu entrei- quando eu sai os professores sempre dando apoio, [até]- até mesmo pra pessoa arranjar um emprego. |Mais| eles lá são- eu acho que [a]- a coordenação à funciona.*

Topos: 'quanto mais equipe, mais positivos os resultados'.

((04.JS.N.M.579)

E Você acha que bandido tem que morrer?*

I Na minha opinião bandido que sai por'ai robando e matando... Eu acho qu' esse daí é- deveria morrer todos eles. Qu'eu num sou- eu num sou a favor qu' eles viva no mundo cometendo esse crime.*

Topos: *'quanto maior um crime, maior a punição'*.

Em algumas situações, observa-se a negação polifônica dos “topoi” comuns a uma maioria. Essa negação é compartilhada por grupos menores. O topos atualizado na seqüência abaixo é o discordante, aquele que “costuma apresentar idéias que *fogem* ao que é mais comum na sociedade”(Tavares, 1997:14). As seqüências abaixo exemplificam a atualização de diferentes “topoi” para definir o predicado ‘ser infiel’.

(01. IMS.N.F.343)

*E*U quê você<a-> acha da infide'lidadi?*

I- U qui é infilidadi? - infiew, eu achu uma coisa boa/.../*

Topos : *'a infidelidade é algo positivo'*.

A polifonia está no fato de L2 trazer, para o seu discurso, o ponto de vista do enunciador genérico (E1) - o topos concordante - para negá-lo. O ponto de vista do L2 não é o mesmo do E1. O topos concordante é atualizado no exemplo abaixo.

(08.RVA.U.M.90)

E U qui você acha da infidelidadi?*

I A infidelidadi? Eu achu qui'é u siguinti, [si você] si você escolheu uma companhe~ra p'ra tá au sen ladu, intãu, nãu tem qui procuha# ni~guém, né?*

Topos: *'a infidelidade á um ato condenado'*.

Nas seqüências acima, o (eu) “acho” (que) funcionou como indicador de “topoi”; ou seja, o uso desse marcador funcionou como indicativo do ponto de vista (princípio) que L2 queria ver atualizado em seu discurso. O uso desse marcador não só indica como já impõe o ponto de vista desejado por L2 como conclusão. L2 deixa muito clara a conclusão que ele defende e espera que seu interlocutor (L1) a aceite.

(05.JNA.U.F.153)

E Você acha qui 'atuaw situaçãu du Brasiw, essa situaçãu tãu dificiw é cuwpa só du govehnu ou u povu tem a sua pahcela di cuwpa?*

I U povu tem a sua pahcela di cuwpa. pohqui é...cada povu tem u govehnu qui mereci, entãu, si nóx temus aqueli tipu di <go-> nóx temus aqueli tipu di govehnantis, fomus nós qui ô colocamus lá! Entãu, à principiaw, eu achu qui aí, também extá a educaçãu. Pohque, si você é bem educadu, você sabi <voh-> votah bem. Si você vota bem, você tem u~ bom govehnanti.*

A presença de “eu acho que”, na seqüência acima, permite ao L2 eximir-se da responsabilidade pelo que foi afirmado. A responsabilidade de que falo aqui é a de ter feito uma generalização apressada, então o L2 protege-se deixando claro que é uma posição sua, pessoal, mesmo sabendo que o topos ‘quanto mais educação, mais poder de escolha’ constitui um princípio válido para uma grande parte da nossa sociedade. Essa atitude do L2 justifica-se, também, pelo fato de determinadas verdades serem de difícil comprovação, por serem de uma abrangência muito grande. L2 indica o desejo de que o interlocutor (L1) atualize determinado topos, através do uso de (eu) “acho” (que), visando uma determinada conclusão. O uso do operador explicita justamente essa indicação, permitindo, de acordo com a Teoria dos “Topoi”, incluir (eu) “acho” (que) no rol dos operadores argumentativos.

2.4.4 - (Eu) “acho” (que), a polifonia e a gradualidade

Sempre que, em enunciados introduzidos por (eu) “acho” (que), identifique-se um princípio comum, geral e gradual, ter-se-á um enunciado polifônico, como já demonstrei anteriormente. Nesses casos, ter-se-á uma opinião atualizada, através de um enunciador genérico (E1), colocada em cena pelo L2, para, na maioria das vezes, com ela concordar, e, em poucas situações, para refutá-la, no caso das entrevistas. No primeiro caso, a colocação dessa opinião geral vem alicerçar e dar credibilidade ao ponto de vista, aparentemente pessoal, do L2.

(03.JM.N.M.12)

E O qui você acha das pessoas qui estuda?*

I O qué qui eu acho? *Acho qui- o qui pra elas é- [têm um <fu>]- têm um futuro mais próximo [é]- é [do que]- [do]- do que a gente, eles não são anawfabetoφ, ahente [é]- é-*

Observando a seqüência acima, pode-se perceber que a presença do operador argumentativo vem intensificar a força de aplicação do topos aqui colocado em cena ‘o estudo leva ao sucesso’. Tal constatação vem mostrar que o uso do referido operador impõe uma certa gradualidade na aplicação do topos colocado em cena. A partir do momento em que se usa (eu) “acho” (que) para introduzir um ponto de vista (princípio), impõe-se àquele enunciado uma força de aplicação, que será maior do que aquela imposta ao enunciado sem o referido operador. Ou seja, a presença de (eu) “acho”(que), além de indicar o topos a ser atualizado pelo interlocutor, também dá a idéia de que o locutor acredita nesse ponto de vista e quer vê-lo aceito.

Ao fechar as observações sobre o (eu) “acho” (que), reafirmo uma das hipóteses deste trabalho: esse marcador não é apenas um elemento estruturador do texto falado - elemento coesivo. É mais do que isso: é um elemento que introduz princípios no discurso, os quais funcionam como argumentos fortes para determinadas conclusões.

O (eu) “acho” (que) não funciona como o “né”, uma vez que este funciona - já demonstrado - como uma forma de solicitar apoio do interlocutor para um topos que o L2 põe em cena. Ou seja, a argumentação será um sucesso se o interlocutor (L1) atualizar o topos que o L2 pretendia. Por outro lado, (eu) “acho” (que) impõe um ponto de vista, atualizando um determinado topos que, aparentemente, é pessoal, indicando o topos e a forma tópica a serem atualizados pelo interlocutor (L1). Embora o “né” seja uma forma de pedir o apoio do interlocutor (L1), para o topos que está atualizando e (eu) “acho” (que) seja, de certa forma, uma imposição do topos que deverá ser atualizado, ambos indicam o topos (ponto de vista) a ser atualizado, para se chegar à conclusão pretendida pelo locutor.

Não discordo dos autores que classificaram o marcador (eu) “acho” (que) como sendo um marcador de opinião. Mas faço uma classificação das opiniões: opinião pessoal e coletiva. A análise demonstrou que o número de opiniões introduzidas pelo (eu) “acho” (que) que representam valores de grupos é bastante expressivo. Na maioria das vezes, utiliza-se determinados “topoi” sem se perceber que eles são princípios, absorvidos e utilizados por muitos indivíduos de um mesmo grupo.

A partir da constatação de que (eu) “acho”(que) indica (atualiza) “topoi” os mais diversos, oriundos, na maioria, do consenso social, fica evidenciado, conseqüentemente, que a presença do referido operador argumentativo - na função de indicador de “topoi” - implica na presença de discurso polifônico.

Considerando a variável escolaridade, observou-se que o uso desse marcador foi menor no grupo de pessoas não escolarizadas do que no

grupo de universitários. E (cu) “acho”(que) enquanto indicador de “topoi” também é maior no grupo dos universitários.

2.5 - Considerações sobre o “aí”

2.5.1 - Funções do “aí” na Análise da Conversação

A AC prevê, para a partícula “aí”, a função geral de conector textual - partícula que atua como elemento de ligação entre elementos do texto falado, em nível local ou global.

Em nível global, Silva e Macedo (1996) postulam que a partícula “aí” pode indicar mudança de assunto.

Em nível local, tanto Marcuschi (1989) quanto Silva e Macedo(1996) incluem o “aí” no grupo de marcadores que funcionam como encadeadores do texto falado. E, além de amarrar a continuidade e a progressão textual, mais especificamente, a presença do referido marcador sinaliza idéia de seqüência temporal bem como apresenta função conectiva de adição.

Marcuschi (1997) amplia o número de funções exercidas pelo marcador “aí”, incluindo-o no grupo dos dêiticos que, além de funcionarem como dêiticos propriamente ditos, figuram como dêiticos discursivos (DD), cuja função é estabelecer relações de uma parte discursiva com outra e orientar o leitor quanto a essas relações.

Os dêiticos, nesta função, diferem dos anafóricos porque não só estabelecem referência com outras partes do texto, mas orientam o foco de atenção.

Risso(1996) apresenta uma pesquisa com o marcador “então”, em que este pode ser substituído pelo marcador “aí” , em dois contextos,

sem prejuízo de sentido. No primeiro, o “aí” e/ou “então” funcionam como conectores de eventos sucessivos (apresentam tanto a idéia de soma quanto de sucessividade); no segundo, estabelecem relações entre partes discursivas, em que a segunda parte é apresentada como sendo a conclusão/efeito/consequência da primeira.

2.5.2 - O “aí” nas entrevistas

Na análise dos dados, inicialmente procurei constatar a presença da partícula “aí” nas funções determinadas pelos estudiosos da AC, para, somente depois verificar a hipótese principal da minha pesquisa: verificar se o “aí” pode funcionar como indicador de “topoi”. Após rastrear o corpus, cheguei aos resultados abaixo.

A primeira função detectada - a mais comum - foi a de dêitico propriamente dito. O “aí” figura em alguns contextos, nas entrevistas, na função de fazer referência a um espaço da enunciação.

(01. IMS. N. F. 446)

*E*Po^hque eli foi presu?*

*I*Po^que eli furô um rapayz, (...) minha mãe chegô na pohta i dissì: "Ivanilda, {dissì} minha fia num tenha medu não a puliça vem aí, atraí di neguim".*

(03. JM. N. M. 140)

E E como você vê a situação das crianças de rua?*

I [Rapayz]- rapayz, (inint) também- ela <tamém>- di- via ixtuda®, né, p@a se® (gaguejo) acho awguém na*

*vida. */[Eleφ]- eles nu~ ixtuda. (risos F) */[Fica ai]-
fica ai (inint) pela rua, acho é bom.*

(06.RTO.U.F.330-1)

*I*Essas minini~aφ oj'aqui de dizesseis'anoφ, tudi~-
você pode fazê ai (hes) u~a sondag'ai pa vê quem - nu~
tem futuro não, é logo sexo sexo sexo.*

(08.RVA.U.M.166-7)

E [comu} comu você conheceu sua primera namora-
da?*

I Ela ixtudava nu coléju. Nu mesmu coléju qu'eu ixtu-
dava, foi ai... Na mesma sala, i ai qu'agenti si conhe-
ceu.*

O “ai”, na função de marcar a mudança de assunto, não foi encontrado no corpus deste trabalho. Uma possível explicação pode estar no fato de a entrevista ser constituída de perguntas prévias, em que as respostas devem se restringir ao que foi perguntado, sem que o informante tenha liberdade para mudar o rumo da conversa.

A maior incidência nas entrevistas foi a ocorrência da partícula “ai” na função de articulador de porções discursivas, ligando ações que se sucedem em uma linearidade temporal. Esse conectivo assume a função de marcar uma continuidade de ações em uma seqüência temporal. Alguns autores propuseram critérios para separar as ocorrências em que o “ai” indica apenas soma de eventos e quando sinaliza soma em uma seqüência temporal. Não os adoto aqui por dois motivos. Primeiro, porque, em textos narrativos (maior incidência do conectivo “ai”), parece-me muito difícil ligar eventos ou fatos sem considerar a noção de tempo, pois, geralmente, dois eventos cujos participantes sejam os mesmos não podem ocorrer simultaneamente. Em segundo lugar, essa função

não é o objetivo principal desta pesquisa. Por esse motivo, achei complicado separar essas duas funções, optando por colocá-las sob o mesmo rótulo - marcar adição e/ou tempo.

(01. IMS. N. F. 222-5)

E Comu era sua vida di sowtêra?*

I Minha vida di sowtera era um pôcu ruim eu cum quinzi anu0, eu sai di casa, fui i~bora ai né, ai fui i~bora, passei seti mesi0 fora di casa, ai lá [eu]- eu [num]-num- -lá eu fui mulé né, sem minha mãe sabê# ai eu fiquei seti mesi0 fora di casa, ai vovtei cum meus dize'sseti amu0 já-- pro~tu, ai quandu cheguei aqui, i~contrei Negin né,*

(02. SMS. N. F. 85)

E O qui foi qui aconteceu com seu pai?*

I Meu pai ficô cego, [ele]- ele vendia- cawvão, ai u~a veyz ele vi~a caiu do cavalo, ai, bateu cu~ o olo no taco, ai cumeçô a se tratá, ai [ficô]- o médico disse qu'ele ia ficá cego du~ olo somente, ficô cego du~ olo e cu~s tempo ele ficô cego do otô.*

(03. JM. N. M. 313-7)

E Já passô por awguma situação de pirigo de morte naquelas oraφ qui você pensô assim: chegô a mi~a veyz?*

I <Rapay>- , já bicho. *Já, acho qui foi no clube. *Eu tava dançano- sei qui ele puxô a ispada. *Ai quando foi enfia@ (inint) eu joguei a cumad@e em cima dele. *Ai bateu na cumad@e dele, eu peguei e curri. *Ele chamô (inint) a gang dele vi~a atráyφ de mim. *Ai quem <vei>- na frente (gaguejo) foi maiφ Joberto. *Joguei uma pedra na cabeça dele, ai abri correno. *Ai [oje]- [até oje]- [até oje]- até oje, graçaφ a Deuφ, nu~ aconteceu nada.*

(04. JS. N. M. 272-3)

E E seu irmão, porque ele se matou?*
I Ele tinha uma namorada- aí foi- tumou bainho foi namorar à noite, né? Aí chegou lá começou brincar com revolver.*

(06.RTO.U.F.296)

E Fale um pôco de cada membro de sua familia.*
**Fico só cumigo nu~goxto de cunvera não. *("Não qu'ele ixixte") né?" *Ola Rejane fulano me disse isso." *Aí, vai diz'ôto aí o ôto diz'ôto /.../*

O marcador "aí" enquanto dêitico discursivo (DD) - ou seja, quando estabelece relação entre uma parte discursiva com outra, orientando o leitor quanto a essa relação (orientando o foco) - foi a terceira função mais produtiva nas entrevistas analisadas.

(01. IMS.N.F.258)

*E*Dêpois di casada em que sua vida mudô?*
*I*Minha vida mudô [in]- in bucadu di coisa, minha vida sobi ne'gosu di [<di ve'htas->]- -dive'htação, divihtime~tu, issu aí/num mi]- num mi influi muito não qu'eu num goxtu muito não sabi/.../*

(04 .JS.N.M.56)

E Você já teve algum problema com vizinho?*
I S'eu já tive? Ele abriu a porta logo cedo da manhã, a minha mulher caiu fora ele chamou a mulher de puta e lá vai, e eu tive que reagir Então na caso aí, foi único problema qu'eu tive cum vizinho.*

(05.JNA.U.F.211)

I A mohti.*
E Puh quê da mohti? Que qui você acha da mohti?*
I Bem. Fazer aqui na terra u qui goxtariamus [qui fizessem] qui fizessem puh nóys. Entãu, pelu menus issu*

aí, agenti fazendu aqui, eu creu qui na otra vida agenti só vá tê melho#, né?

(06.RTO.U.F.722)

*I*Ele mandô mi~ chamá eu fui. *("Aí ele") disse: "*Oi Rejane você tem qui faz~e um dotrinamento, iss'ái é puque você é meydum, se você quisé."*

(08.RVA.U.M.242)

E As pessoas dizem qui us faveladus têm cuwpa di estarem lá. Você acha issu?*

I Nãu. Eu achu qui nãu.*

E Poh que?*

I Pohque nãu. Puhque issu aí] [nãu]... eu achu qui fayz pahti], achu qui di quawque# um. [Nu~].*

Durante a análise das entrevistas, tomei conhecimento do trabalho realizado por Tavares(1997), cujo objeto de estudo é o "aí". Esse trabalho aponta para uma outra função do "aí" : pode também assumir a função do 'mas' adversativo. Nessa função, o "aí" introduz o inesperado, na conclusão - uma posição contrária à que vinha sendo postulada pela porção anterior à introdução do 'mas'.

Se já tinha morrido lá, já estava lá, nem precisava isso, né? Era só liberar, né? Aí não podiam liberar sem o médico chegar. (op.cit. p.8)

No corpus, embora com pouquíssimas ocorrências, encontrei o "aí" com o valor da conjunção 'mas'. O "aí", nessa função, introduz - no segmento Q - uma idéia que contrasta com a que era apontada pelo segmento P e elege para conclusão a proposição veiculada por Q. O "aí", em contextos análogos ao que descrevi, caracteriza o discurso como polifônico, pois o locutor coloca em cena, pelo menos, dois enunciadores e um locutor: E1 - responsável pelo segmento considerado P (argumento

para Q); E2 - responsável pelo segmento considerado Q (conclusão) , que é contrário ao que vinha sendo proposto por P; e o locutor (L2) que, embora concorde com E1, apresenta o ponto de vista de E2 como mais forte.

04.JS.N.M.(14)

E Porque você foi para outro bairro?*

I Ai, foi necessidade mesmo, né? * Teve que tirar as nossas casas então agente saímos [do]- do bairro que agente morou, Padrizé e fomo noutro bairro alugado, né? * Noutra casinha, foi- agente foi prá Bayê morar numa casinha alugada. * Então, eu- aí agora pocu eu vltei de novo Padre Zé, né?*

No exemplo acima, constata-se uma estrutura do tipo argumento (P) e conclusão (Q), em que L2 não nega P, mas, em Q, introduz uma informação inesperada em relação ao que apontava P. P, neste exemplo, aponta para a permanência do entrevistado em Bayuex, no entanto, Q informa a residência do entrevistado no bairro Padre Zé. Nessa seqüência, o “aí” assume a função do ‘mas’³⁴ conjunção, sem convocar topoi. Encontrei, nas entrevistas, apenas mais três ocorrências do “aí” nesta função.

02.SMS.N.F.(701)

E Se chegasse aqui dizem qui daria o que você pediria-se, o que você pediria?*

I Sempre eu digo, [ajudá]- ajeitá mi~a casa, é meu so~o ajeitá essa casa. *Eu [fazia]- ixtudava no Mobrau, aí antigamente era bom puque antigamente saía fêra, dava bolo e oylô [eu dizia]- [eu]- aveia, eu mai0 cu~ interesse nisso, sabe?*

³⁴ Esse ‘mas’ corresponde ao ‘mas’PA proposto por Vogt e Ducrot (1980), que tem por função “introduzir uma proposição q que orienta para uma conclusão não-r oposta a uma conclusão r para a qual p poderia conduzir”(p.104).

01. IMS. N. F. (452)

I Po^hque eli foi presu?*

I Po^que eli furô um rapayz, ond'eli trabalhava, intão de^pois di doiz mesi0 qu'eli furô, aí pe'garu eli, /.../ aí a puliça chegô na minha pohta, entrô na minha casa, re'vixtô tudu, le'vantô cochão, tudinhu, qui0 mi le'va# também, minha mãe dissi qui num le'vava, aí u <rap->u ôtu <di-> re'spondeu {ingaiola#} ela pra quê rapayz, ela num vai da# conta di ondi tá u maridu dela, si ela sabi ondi eli tá aí foru imbora, aí cum um meys de^pois, de^poi0 di anu, eli pe'garu {tiveru} na casa da minha mãe, aí eli passô onzi meyz na cadêa, /.../*

07. AL. U. F. (126)

I Ah, é! Sempre- logo no primeiro ano, né? Na escola, né? (hes) são aulas extensivas mesmo. * Extensivas no período da manhã, tarde e noite, né? * Então, no primeiro ano, você faz o científico e faz o técnico, né? * É porisso qui é puxado demais. * E agente fica o dia todinho num é? * Aí tem aquelas horas de lazer tudinho. * É como eu te falei é uma equipe /.../*

Após rastrear o corpus e muitas leituras, acrescento à funções já postuladas pelos estudiosos do texto falado mais duas. A primeira é derivada dos postulados de Risso (1996), em que ela aproxima a função do marcador “então” à função do “aí”. O “aí” assume a função de ligar duas porções textuais, em que a segunda - introduzida pelo conectivo “aí”- funciona, em relação à primeira, como conclusão/efeito/consequência/resultado. Ressalte-se que essa foi a segunda função mais produtiva exercida pelo referido marcador nas entrevistas analisadas.

(01. IMS. N. F. 132-8)

E Comu você trata seus filhus?*

I Eu tratu uma ora bem outra ora tratu muit' agre'ssiva cu~elis, tem ora qu' eu sô muit' agre'ssiva chamu muitu nomi, batu, max tem ora, na mehma ora mi' arre'pe~du, aí abraçu , bêju /.../eu achu qui são*

*unicas pe^ssoa0 qui mi amam di ve'hdadi é meus fi-
lhu0, pohque nu mehm tempu qui dô nelis, elis mi cha-
mam mainha issu assim mainha, aí eu possu dize# qui
são a'ínicas pessoa0 qui mi amam/.../*

(02.SMS.N.F.371)

E Quaw o programa do Siwvio Santo0 que você as-
sixte?*

I Topa tudo pu di~êro, eu acho muito legaw aquele
programa dele, Só é ruim puque Mano assixte- negoço
de jogo essas coisa0 aí nu~ dexa eu assixti direto/.../*

(04.JS.N.M.186)

E E, quando você veio pra cidade com cinco, quatro
anos- quatro, cinco anos come é- como foi a sua vida?*

I A minha vida- quando eu cheguei aqui com cinco anos, eu
fui pra rua vender jornal. Ora, e o ruim qu'eu num sabia
passar troco. Então, [aqueles]- aqueles fregues que me dava
um dinheiro, eu perguntava quanto ele <queri->- quanto
era o troco dele, que eu num sabia. Então aí, eu fui apren-
dendo passar troco, né?*

(06.RTO.U.F.60)

E Como foi seu tempo de faculdade?*

I Eu nu~ goxtava não, puqu'era i~ Campina, turma lá
nu~ goxtava da turma de João Pessoa aí era u~a briga
danada.*

(07.AL.U.M.89)

E Como você vê o estudo de hoje?*

I Tá realmente- cada vez mais caindo. Hoje não tão
ganhando, u qui deveria ganhar os professores. Aí fi-
cam naquela: [O]- [o]- os professores faz de conta que
dão aula, os alunos faz de conta que aprende, e no fi-
nal é tudo um faz de conta.*

(08.RVA.U.M.461)

E Daqui di João Pessoa, quaw u seu timi?*

I Botafogu*

E Pohque?*

I É puhque é u timi da capitaw, ai é u qu'eu iscolhi p'ra tohce# (hes) i contínuu tohcendu, apesa# di nu~te... du futibow se# muito fracú, né?*

Dentro dessa função, apareceu, nas entrevistas, a expressão “ai pronto” - bastante usada na fala em João Pessoa. É interessante observar que essa expressão, as poucas vezes em que foi utilizada, ocorreu no final de turno ou de unidade comunicativa, como forma de encerrar um ponto de vista.

(01. IMS.N.F.300)

*E*U quê você sentiu quando ficou menstruada pela primêra veyz?*

I veiu cum dozi anu0, ai eu sabia qui era, qu'eu tinha mi fo'hmadu memú, me^nstruadu memú, ai pruntu, num fiquei mais cum medu não/.../

(02. SMS.N.F.81)

E Em que bairros de João Pessoa você já morô?*

*I*Eu nayci [num]- num lugá chamado Mussumago, e (hes) depois 'eu vim- de Mussumago pra cá vim morano i~ todos'o canto0, morei na Pe~a, (bairro de João Pessoa) morei pu todo canto pur'ali, depoi0 [mi~a mãe]- meu pai adueceu, vendeu- o qui ti~a e vei mora aqui no Vajão, ai prunto até hoje daqui eu nu~ saí mai0 pra canto ni~um.*

Da primeira função surgiu a hipótese para a segunda função que proponho para o marcador “ai” - pode funcionar como operador argumentativo, quando medeia a passagem de um segmento a outro, em que o primeiro é o argumento e o segundo, a conclusão. E, além de estar inserido na estrutura argumento + conclusão, o argumento deve indicar um topoi, que alicerçará a conclusão introduzida pelo operador “ai”. No

entanto, constatei que, enquanto indicador de “topoi”, o “ai” foi muito pouco produtivo, no corpus deste trabalho.

As ocorrências do conectivo “ai” enquanto indicador de “topoi” foram em número muito reduzido se comparado às outras funções exercidas pelo referido conectivo. Mas, de qualquer forma, já mostram que a hipótese é válida, pois penso que, em outros contextos, essa função pode ser consolidada.

2.5.3 O “ai” na função de indicador de “topoi”

O “ai”, na função de operador argumentativo, nas entrevistas, faz a ligação entre o elemento (porção textual) que é usado como argumento e o elemento utilizado como conclusão. Ressalte-se que, com exceção da função de dêitico, esse conectivo aparece sempre com a função de ligar elementos.

A partir da seqüência *“sou de 'pe~de~ti di vivé# cu~ u~ ome~ qui eli nu~ qué# sai# daqui ai aqui memu eu ficu”*, pode-se tecer algumas observações sobre o conectivo “ai” que serão extensíveis às outras ocorrências do referido, na função de indicador de “topoi”.

O “ai”, em função análoga à da seqüência acima, não apenas relaciona duas porções textuais, acima de tudo, permite a conclusão apresentada *‘ai aqui memu eu ficu’*, que é o resultado do acionamento do topos discordante *‘mais dependência, menos liberdade’* - o mais comum em nossa sociedade. Ou seja, a conclusão não está alicerçada em uma posição individual, mas em uma posição que é comum a um determinado grupo.

Esse mesmo topos (princípio) colocado em cena, na seqüência acima, para alicerçar a posição de permanecer em um determinado espa-

ço, pode ser utilizado como suporte para outras posições (conclusões) em outras situações, o que vem reafirmar o caráter geral dos “topoi”.

Observa-se, a partir do exemplo, que o “ai” não apenas coloca em relação duas porções textuais, também e, principalmente, dá instruções quanto à orientação argumentativa do texto, sob qual ponto de vista a argumentação está construída.

As seqüências em que o “ai” exerce função de operador argumentativo são polifônicas, uma vez que a posição do L2 é decorrente do consenso geral. Essa posição é colocada em cena por L2, através de um enunciador genérico (E1), com o qual L2 concorda ou discorda.

A presença do operador argumentativo “ai”, na seqüência transcrita acima, sinaliza a força de aplicação do topos que dá suporte à argumentação atualizada naquele contexto. A retirada do referido operador apaga a direção argumentativa intencionada por L2 como também a força de aplicação do referido topos. A presença desse operador, em contextos análogos ao evidenciado acima, vai na direção de ratificar o topos colocado em cena pelo locutor, no primeiro segmento, imprimindo, portanto, a força com que o topos acionado pelo conector deve ser atualizado.

Em alguns casos, o fato de L2 assimilar-se ao enunciador genérico (E1) - responsável pelos pontos de vista que representam princípios, comuns, gerais e graduais - gera dificuldade em distinguir um topos (princípio) de uma informação compartilhada, uma vez que o topos passa ser o normal, assumido por uma grande parcela de indivíduos.

(01. IMS.N.F.106)

E Po^hqué você nunca saiu daqui?*

I Po^hqué nu~ tivi co~dição di sai# eu nu~ca tivi co~dição di sai# daqui, se~pri tenhu qui mo'ra# aqui, sou i~de'pe~de~ti di vivê# cu~ u~ ome~ qui eli nu~ qué# sai# daqui ai aqui memu eu ficu*

Topos: 'quanto mais dependência, menos liberdade'.

(01. IMS.N.F.138)

E Comu você trata seus filhus?*

I Eu tratu uma ora bem outra ora tratu muit' agre'ssiva cu~ elis eu achu qui são unicas pe^ssoa0 qui mi amam di ve'hdadi é meus filhu0, pôhque nu mehm tempu qui dô nelis, elis mi chamam mainha issu assim mainha, ai eu possu dize# qui são a'únicas pessoa0 qui mi amam/.../*

Topos: 'quanto menos as pessoas exigem de você, maior é a certeza de que elas gostam de você'.

(01. IMS.N.F.314)

*E*U quê você co^vehsa com a sua filha?*

*I*Qu'ela tenha cuidadu qui namori, mais qui não faça tudu qu'elis queri qui faça cehtu, quandu fô# pa fazê#, qu'elis tenta# fazê# issu, ela si afaxti, pôhque elis pro'meti tudu na vida pra fazê# as coisa0 [ca]- cum as mulé0, de^pois [qui]- qui consegui u qui qué#, ai dá um belu chuti i vai imbora, issu qu'eu digu a ela/..//*

Topos: 'quanto mais poder, maior o controle'.

(02. SMS.N.F.129)

E Quando você era sowtera como era sua vida?*

I Ah! era muito bom, eu ia pa praia, ia pra- clube, brincava muito, só nu~ quiria sabê negoço de namorado, , agor'um dia quand'eu arrumá um qui dê certo cumigo ai tudo bem, foi tanto qu'eu arrumei- esse rapays qu'eu vivo cu~ ele/.../*

Topos: 'relacionamentos amorosos exigem identificação dos parceiros'.

FT: [mais semelhanças, mais introsamento]

Além de os “topoi” evidenciados serem comuns a determinados grupos, eles não são válidos apenas nessas situações das seqüências acima. Eles poderão ser atualizados em outros contextos, dependendo dos objetivos dos interlocutores envolvidos.

Em relação à gradualidade, observa-se que o conectivo “ai” funciona como forma de determinar a força de aplicação de determinado topos. No entanto, enquanto o operador “né” funciona como um elemento cujo objetivo é despertar em seu interlocutor a atualização de determinado topos, o operador “ai” funciona como mediador entre o segmento em o que o topos é apresentado e o segmento que contém a conclusão. Enquanto o “né” indica a conclusão esperada por L2 do interlocutor (L1), o “ai” introduz explicitamente a conclusão veiculada por L2, como consequência derivada de um topos que é utilizado como argumento.

Para exemplificar o que foi dito, utilizo apenas uma das seqüências acima, porém as considerações atribuídas a esta seqüência são extensíveis às demais.

(02.SMS.N.F.129)

E Quando você era sowtera como era sua vida?*

I Ah! era muito bom, eu ia pa praia, ia pra- clube, brincava muito, só nu~ quiria sabê negoço de namorado, , agor'um dia quand'eu arrumá um qui dê certo cumigo ai tudo bem, foi tanto qu'eu arrumei- esse rapays qu'eu vivo cu~ ele/.../*

O operador “ai”, nessa seqüência, autoriza a aplicação do topos ‘relacionamentos exigem identificação dos parceiros’, cuja forma tópica autorizada foi [quanto maior a identificação, maior a possibilidade de o relacionamento dar certo]. O “ai” funciona como um operador argumentativo, permitindo a passagem do argumento “quand'eu arrumá um

qui dê certo cumigo” à conclusão *“tudo bem, foi tanto qu'eu arrumei-esse rapays qu'eu vivo cu~ ele”*.

Considero que essa partícula, quando assume a função de indicador de “topoi”, assumindo o valor de ‘então’ conclusivo, não deixa de indicar uma temporalidade, mas acumula essas duas funções; ou seja, passa a ser multifuncional. A presença desse operador indica a aplicação de determinado topos, no segmento P, que deve ser a direção para a conclusão Q.

Por outro lado, o “aí”, como já mostrei antes, pode assumir a função do ‘mas’ adversativo, indicando “topoi”. Nas entrevistas, constatei o “aí” na função do ‘mas’ adversativo, sem indicar topos (já demonstrado), como também, embora em poucas ocorrências, indicando “topoi”.

O “aí”, enquanto introdutor de conclusão/conseqüência/efeito/ resultado, quando relaciona duas porções textuais que convergem para uma direção, alicerçado em um topos (princípio), é um operador argumentativo que equivale a ‘então’.

O “aí” - operador argumentativo - equivale a ‘mas’, quando introduz o inesperado, uma opinião contrária à que vinha sendo postulada pela porção textual (segmento) imediatamente anterior à introdução do “aí”. É essa conclusão inesperada (ligada a um topos) que irá ser aplicada com maior força pelo locutor. O locutor traz para o seu discurso um ponto de vista de um enunciador, aceita-o como verdadeiro, porém nega-o como conclusão, introduzindo um outro topos para orientar a conclusão. É a conclusão inesperada.

Houve poucas ocorrências do “aí” na função de indicador de “topoi” - em que a conclusão contrasta com a orientação argumentativa dada pelo segmento considerado argumento. Ou seja, a ocorrência mais comum do operador “aí” é relacionando porções textuais que convergem para um mesma direção argumentativa - equivalente a “então”.

As seqüências abaixo exemplificam o uso do “aí”, na função de operador argumentativo, equivalendo ao ‘mas’.

02.SMS.N.F.(189)

I Ele começou a ficar duente, aí [ficava]- ficou sem urina, aí depois a barriga dele começou a crescer, aí, [may0] também nu~ [levô ele] pu médico qu'ele disse não queria ir pu médico; aí ficou i~ casa, aí morreu, adueceu mehmo aí nu~ teve mai0 jeito; ficou sem cumê, nem falá, nem nada, aí morreu. (inint).*

E Você já ixtteve awgu~a veys em u~a situação dificiw, em que te~a dito a você mesma chegô a mi~a ora?*

O segmento anterior ao aparecimento do “aí” grifado orienta para uma conclusão no sentido do topos ‘*menos força, mais carência*’, topos discordante. Porém a presença do “aí” com valor de ‘mas’ (inclusive há a presença do mas), introduzindo o segundo segmento, direciona a conclusão para o topos concordante ‘*mais força, mais carência*’, atualizado através da FT2 [*menos força, menos carência*].

Essa seqüência serve para ressaltar que a nomenclatura concordante e discordante atribuídos aos “topoi” constituem apenas uma definição técnica sem nenhuma relação com o fato de ser o topos o mais ou o menos comum (aceito) em determinada sociedade. No caso em análise, o topos mais aceito é o discordante, enquanto que o concordante é o estranho, pouco comum. E é este último que serve de base à conclusão de não ir ao médico, apesar de doente.

03.JM.N.M(48)

E E o relacionamento com a sua família é bom?*

I Rapayz, às vezeφ é, às vezeh não. *Às vezeφ sai uma confusãozi~a lá em casa, sai briga, [um]- um joga ped@a no ôt@o (risos F), um fica quereno mete@ o facão um no ôt@o (risos F), aí pronto, aí (gaguejo) <que>- ahente fica em payz, fica (inint) pra discansa@ |maiφ| às vezes aquela confusãozi~a de casa como sempre, né?*

Nesta seqüência, o primeiro segmento (P) atualiza a IC 'brigas geram intrigas', enquanto que o segundo segmento introduz uma IC diferente, norteando a conclusão 'depois da tempestade vem a calmaria'.

03.JM.N.M(112)

E O qui acha dessa nova seleção brasileira?*

I <Rapay>- , acho uma porcaria. *Esses jogadô nu~ joga nada- é- sei lá, acho qui eleh joga maiφ (inint) interesse ao di~êro, né? *Acho qui @pesa@ de tudo também é bom, /|mais|/- |maiφ| aí acho qui [nu~ dá]- nu~ dá não pra |ele| i@ p@a Copa não, essa seleção não.*

Essa seqüência é interessante porque temos um enunciado (na perspectiva de Ducrot) com três segmentos, dois argumentos (P) e uma conclusão(Q), e o "aí" introduz uma conclusão que vai ao encontro da orientação argumentativa de P1, não negando totalmente P2, porém indicando como mais forte P1 (vide análise anterior). Nesse exemplo, o "aí" assume a função do 'mas' conjunção (mas PA, na perspectiva de Vogt e Ducrot , 1980).

01.IMS.N.F(295)

*E*U quê você sentiu quandu ficou menstruada pela primêra veyz?*

*I*U qu'eu senti? /.../quandu foi cum meus onzi anu0, eu me^nstreui, mi fohmei né, @i fiquei cum medu di di-ze# a minha vó, aí eu falei pa minha vó, /.../*

Na seqüência acima, o primeiro "aí" equivale a 'então' que, na seqüência em análise, funciona como introdutor de uma atitude consequência de fatos ocorridos anteriormente. O segundo "aí", por outro lado, introduz uma conclusão adversa da esperada, considerando o seg-

mento imediatamente anterior. Tomando o enunciado “*@f fiquei cum medu di dize# a minha vó*”, espera-se que o enunciado posterior continue na mesma linha argumentativa alicerçada pelo topos ‘*quanto mais medo, mais retração*’, no entanto, a conclusão introduzida pelo “*ái*” adversativo está alicerçada por uma IC ‘*depois da tempestade vem a calmaria*’. Nesse contexto, o “*ái*” funciona como operador argumentativo (AO), com valor adversativo, fazendo com que haja confronto de enunciadores. O locutor (L2), no primeiro segmento (argumento), atualiza o ponto de vista (topos) do E1 (genérico) ‘*o medo retrai*’; no segundo segmento (conclusão), L2 põe em cena outro ponto de vista (IC) ‘*depois da tempestade vem a calmaria*’, de responsabilidade de E2 (também genérico), com o qual L2 vai se identificar. O uso do “*ái*”, introdutor de posições que contrastam com as que vinham sendo defendidas, imprime ao discurso o caráter polifônico. L2 não nega o ponto de vista de E1, mas elege como mais forte o ponto de vista do E2.

Mesmo não tendo ocorrido com a frequência que se esperava, as poucas vezes em que o “*ái*” funcionou como operador argumentativo (indicador de “topoi”) foram significativas e representam uma pequena amostragem de uma função ainda não cogitada para o referido conectivo.

Com relação à ocorrência da partícula “*ái*”, independente da função exercida, confirmam-se as observações de Silva e Macedo (1996) de que o quanto menor a escolaridade, maior é a incidência do “*ái*”. Neste trabalho, de modo geral, as pessoas sem nenhuma escolaridade (N) utilizaram muito mais a partícula “*ái*” do que as pessoas com grau universitário (U), independentemente do sexo.

2.6 - Discussão dos resultados

Ao concluir este capítulo, tenho que observar que os três operadores- “né”, (acho) “acho” (que) e “ai” - foram produtivos nesta pesquisa. Os dois primeiros muito mais que o último, porém este não se mostrou menos argumentativo.

O “né” foi muito recorrente, sendo que, em mais ou menos vinte e cinco por cento das realizações, funcionou como indicador de “topoi”. O “né”, nessa função, é bastante ímpar, pois o locutor assevera o seu ponto de vista - que é um topos - e, no final deste, utiliza o “né” como forma de solicitar (ao mesmo tempo lembrar, impor) ao seu interlocutor a aceitação desse ponto de vista, para que a conclusão seja a objetivada pelo locutor. Em outras palavras, o “né” é multifuncional - ao mesmo tempo em que solicita a aprovação discursiva do interlocutor, indica o topos a ser atualizado por este último.

Essa constatação vem de encontro ao que diz Urbano (1997) a respeito dos BAD (busca de apoio discursivo) - grupo no qual o “né” está incluído, na AC - quando da verificação de que a ocorrência de BADs no interior de turnos é maior do que no final.

“Isto sinaliza que o falante normalmente produziu os BAD de forma mecânica, automática e despretensiosa, em posição desfavorável para que o ouvinte tivesse condições de provocar mecanismos de aprovação”(p.57)

Penso que a presença do “né”, nas entrevistas, em posição medial (interior dos turnos), não é sempre despretensiosa como propõe Urbano. Este trabalho mostra que uma grande parte das ocorrências do “né” tem pretensão argumentativa, indicando a orientação argumentativa a ser

atualizada pelo ouvinte, através do topos indicado pelo referido operador argumentativo.

Em relação ao aspecto escolarização, o “né” - indicador de “topoi” - foi recorrente nos dois grupos - não escolarizados e universitários - demonstrando que o referido marcador é um elemento estruturador da fala, independente da escolaridade dos participantes da interação. Mais do que estruturador do texto falado, o “né” funciona como operador argumentativo, naquelas ocorrências em que funciona como indicador do topos (ponto de vista) a ser atualizado.

O (eu) “acho” (que) também foi bastante recorrente, funcionando como indicador de “topoi”, sendo que o grupo dos universitários usaram-no um pouco mais do que os não escolarizados. Esse operador, como ficou demonstrado na análise, é um marcador de opinião, sendo que há opiniões subjetivas e outras que, embora aparentemente pareçam pessoais, são originárias do senso comum, coletivo. Estas últimas, ainda podem ser consideradas “topoi” ou informações compartilhadas.

Em outras palavras, esse operador sempre introduz, no discurso, uma posição acerca de determinado assunto/pessoa/fato. No entanto, observando-o nas entrevistas, percebi que há seqüências em que funciona como ‘parece’, mas há outras seqüências em que o (eu) “acho” (que) introduz um ponto de vista (topos) coletivo - aparentemente pessoal - com o qual o locutor se identifica; ou, em alguns casos, o ponto de vista coletivo é colocado em cena, para ser refutado pelo locutor.

Na maioria das vezes em que o “né” e o (eu) “acho” (que) introduzirem em um discurso pontos de vista do senso comum (“topoi”), ter-se-á discursos polifônicos, em que pontos de vista são colocados em cena com objetivo argumentativo - ou seja quem argumenta, nesse tipo de discurso, são os enunciadores, através de seus pontos de vista. Cabe a esses dois marcadores indicarem o topos a ser atualizado para a conclusão objetivada, função que os coloca no grupo dos operadores argumentativos.

Essa constatação reitera a concepção de argumentação postulada por Ducrot, em suas pesquisas atuais: a argumentação passa a ser descrita em nível de enunciadores apresentados no enunciado, e não mais em nível de enunciados. Agora o enunciador (E) é o argumentador.

O “ai” foi o operador menos produtivo na função de indicador de “topoi”. O número de ocorrências em que esse marcador desempenhou a função referida foi muito pequeno, mas suficiente para mostrar que, além de outras funções textuais, pode funcionar argumentativamente, tanto reiterando a direção indicada pelo segmento P (argumento) como também introduzindo uma orientação argumentativa adversa da proposta pelo segmento P. A presença do “ai”, nos textos falados, funciona um pouco diferente dos dois outros operadores estudados. O “ai” ao mesmo tempo em que indica o topos a ser atualizado, introduz a conclusão objetivada, em função do ponto de vista atualizado.

Em outras palavras, o “ai” relaciona duas porções textuais que estão exercendo uma a função de argumento e a outra, de conclusão. O suporte que permite colocar em cena essas duas relações é um topos (princípio), indicado pela presença do conectivo “ai”, função que o coloca no rol dos operadores argumentativos.

Conforme já foi observado, esse conectivo foi muito recorrente no grupo dos não escolarizados, corroborando, inclusive, constatações de professores das séries iniciais - o “ai” é um dos conectivos mais utilizados no textos de alunos iniciantes, ou seja, há uma transferência dos hábitos lingüísticos da fala para a escrita.

A análise demonstrada, neste capítulo, confirma a hipótese básica da pesquisa: “né”, (eu) “acho”(que) e “ai” funcionam não só como encaixadores textuais, mas também como operadores argumentativos - elementos lingüísticos que articulam duas ou mais porções textuais, orientando o leitor/ouvinte para uma direção argumentativa.

Resumindo, a presença desses operadores na função de indicadores de “topoi” impõe ao texto a presença de mais de um enunciador, caracte-

rizando esse texto como polifônico. Conseqüentemente, a presença desses operadores impõe ao texto a argumentatividade.

Como já disse anteriormente, de acordo com a Teoria dos “Topoi”, falamos através de “topoi”. Confirmando essa hipótese, arrolo alguns dos “topoi” mais freqüentes utilizados nas entrevistas.

- 1) O estudo leva ao sucesso.
- 2) O não estudo leva ao fracasso.
- 3) Mais poder aquisitivo, mais poder de ação.
- 4) Quanto mais forte, mais poder de fazer algo.
- 5) Quanto maior o obstáculo, mais difícil de fazer algo.
- 6) Quanto mais idade, mais experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora já tenha feito, no decorrer do trabalho, as observações que serão aqui (re)colocadas como finais, é necessário que se faça um balanço geral, avaliando desde as hipóteses, objetivos, a adequação do modelo teórico utilizado (considerando o corpus), até as falhas e a possibilidade de aplicação pedagógica a partir do já construído aqui.

Início pelo corpus porque foi a partir dele que o projeto desse trabalho nasceu. As entrevistas chamaram-me a atenção pelo fato de achar que embora constituíssem uma modalidade da conversação, não eram interações espontâneas, pois, como já observei, são classificadas, pelos estudiosos da área, de interações institucionalizadas, nas quais um dos participantes mantém o controle da interação. Não ocorreu de forma diferente nas entrevistas analisadas. O entrevistador conduziu a entrevista, determinando os assuntos a serem abordados como também a ordem em que seriam apresentados ao informante. Saliento, no entanto, que os tópicos abordados foram voltados para o cotidiano dos informantes, considerando as especificidades de cada um, evidenciadas na ficha social aplicada previamente. Essa forma de amenizar a tensão entre entrevistador e informante não tornou a entrevista uma interação casual, no entanto, conforme observei, fez com que o informante se posicionasse, de forma mais solta, sobre os temas abordados, uma vez que estes lhe eram bastante familiares. Em outras palavras, os resultados demonstram que o

fato de a entrevista não ser uma interação espontânea não fez com que os informantes fossem menos argumentativos. Essa constatação confirma (corroborar) a hipótese fundamental de Anscombre-Ducrot e colaboradores - a língua é fundamentalmente argumentativa.

A partir das leituras feitas sobre a modalidade entrevista, penso poder caracterizar as entrevistas em análise como interações assimétricas, porém cooperativas. Isso porque, na maioria das entrevistas analisadas, os informantes se expressaram, aparentemente, colocando seus pontos de vista, sem restrições, acerca dos assuntos questionados. Embora se saiba que o entrevistador exerceu o controle da situação em vários níveis, pelas respostas dos informantes (algumas extremamente longas), não houve um controle rígido por parte do entrevistador no tocante ao conteúdo das respostas. Esse aspecto, parece-me, proporcionou ao informante ficar mais à vontade para expor seus pontos de vista, argumentar em favor de determinadas posições.

Observo que os operadores aqui investigados representam uma parcela muito pequena na investigação das estratégias argumentativas que permeiam o texto falado, seja qual for a modalidade. Muito se tem que pesquisar sobre o texto falado, na perspectiva da Teoria dos "Topoi". Mas é preciso salientar que evidenciar, nas entrevistas, a função argumentativa de "né", (eu) "acho" (que) e "aí", embora tenha sido um estudo de casos, permitiu-me algumas reflexões mais gerais acerca do meu objeto de estudo.

a) O encadeamento argumentativo, no texto falado, é muito mais organizado do que se possa pensar;

b) É preciso pesquisar mais sobre as estratégias argumentativas utilizadas na fala, uma vez que, do ponto de vista da Teoria dos "Topoi", falamos através de "topoi";

Em relação ao objetivo desse trabalho, penso que consegui cumpri-lo, descrevendo todas as ocorrências dos marcadores "né", (eu) "acho" (que) e "aí", e analisando-os na perspectiva da Teoria dos "To-

poi”, versão recente, o que me permitiu algumas conclusões suplementares.

As mais gerais:

a) os três marcadores funcionam como indicadores de “topoi”. A função desses marcadores, na perspectiva argumentativa, é a de indicar o ponto de vista a ser atualizado pelo interlocutor, para que este chegue à conclusão visada pelo locutor;

b) os pontos de vista (“topoi”) atualizados nas interações são princípios - de consenso, pelo menos, entre locutor e interlocutor - gerais e graduais. Esses princípios constituem valores ideológicos, religiosos, políticos, morais, éticos etc., codificados em expressões lingüísticas;

c) a partir do momento em que se argumenta, utilizando-se pontos de vista os mais diversos, das mais diversas origens, automaticamente derriba-se o mito da unicidade textual também na fala.

d) embora não tenha observado interações consideradas casuais, parece-me que o fato de os informantes estarem em uma situação de entrevista não impediu que o discurso dos mesmos fosse argumentativo. Essa observação baseia-se no grande número de ocorrências dos marcadores em função argumentativa.

As mais específicas:

a) “né”, (eu) “acho” (que) e “aí”, nas entrevistas, funcionaram como operadores argumentativos, em contextos nos quais indicavam o topos (forma tópica) a ser atualizada;

b) os referidos marcadores são multifuncionais, pois, embora exercendo a função acima, não deixaram de exercer funções de conectivos textuais ou interativas, propostas pela Análise da Conversação;

c) considerando a variável escolaridade observou-se que:

- o “né”, na função de operador argumentativo, foi mais produtivo no grupo dos não escolarizados; porém, no cômputo geral, não houve diferença de uso;

- (eu) “acho” (que) , na função de operador argumentativo, foi mais produtivo no grupo dos universitários; inclusive no total o número de ocorrências foi mais significativo nesse grupo;
- o “aí”, foi o menos produtivo enquanto operador argumentativo, porém com um número bastante expressivo de ocorrências, principalmente grupo dos não escolarizados. Essa constatação corrobora o que Silva e Macedo (1996) já observaram.

A partir dessas observações, no tocante à variável escolaridade, pode-se concluir que, independente da escolarização, interagimos através de “topoi” e, na fala, para indicar os “topoi” a serem atualizados, utiliza-se de operadores argumentativos como o “né”, “aí”, (eu) “acho” (que) , entre outros.

Em relação ao modelo teórico utilizado como suporte para as observações aqui tecidas, a Teoria dos “Topoi” , enquanto teoria semântica de interpretação de enunciados ou sentido dos mesmos, é perfeitamente produtiva enquanto instrumento de análise de textos.

A argumentação não está mais somente nos enunciados, mas também nas palavras, expressões, isto porque a língua, nessa teoria, é fundamentalmente argumentativa. A argumentação não é mais descrita em nível dos enunciados, mas em nível dos enunciadores, estes é que argumentam, e o texto é visto como essencialmente polifônico - perpassado por vários pontos de vista em confronto.

Este trabalho é apenas uma amostragem das estratégias argumentativas que alicerçam os textos, pois ainda há muito o que fazer para se conhecer o texto falado, em nível de argumentatividade. Os resultados aqui apresentados devem ser vistos como uma semente de um projeto maior, semente que espero seja fértil, para novas pesquisas. Pesquisas, inclusive, para discutir as propostas aqui defendidas, pois estas não são definitivas, precisam ser discutidas, ampliadas e amadurecidas, para que se possa pensar a Teoria dos “Topoi” como um instrumental teórico possível de ser utilizado no estudo textos falado e escrito, no estabelecimento dos possíveis sentidos dos mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSCOMBRE, J. C. Théorie de l'argumentation, "topoi", et structuration discursive. *Revue Québécoise de Linguistique*, Montréal, 18(1), p.13-56.

_____ (org.) *Théorie des topoi*. Paris: Kimé, 1995a.

_____. Topique or not topique: formes topiques intrinsèques et formes topiques extrinsèques. *Journal of Pragmatics*, Paris, v. 24, , p. 115-141, 1995b.

_____. La théorie des topoi: sémantique ou rhétorique? *Hermès*, no prelo 1995c.

ANSCOMBRE, J-C, DUCROT, Oswald. *La argumentación en la lengua*. Versión española de Julia Sevilla e Marta Tordesillas. Madrid: Editorial Gredos S.A., 1994.

BACCHESE, Jocelyne da C. *Sujeito polifônico e argumentação no editorial e na publicidade*. Porto Alegre: PUC, 1993. (Dissertação de Mestrado)

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução por Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981. Tradução de Problémi poétiki Dostoiévskovo.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hicitec, 1988 (original russo de 1929).

- BARROS, Kazue Saito M. de. Approaches to conversational analysis. *Investigações*, Recife, v.2, p. 119-131, dezembro/92.
- BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- O processo interacional. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 2. ed. São Paulo: FFLCH da USP, 1995. p.33-54
- BRUXELLES, Sylvie, DUCROT, Oswald, RACCAH, Pierre-Yves. Argumentation and the lexical topical fields. *Journal of Pragmatics*, Paris, v. 24, p. 99-114, 1995.
- CAREL, Marion. L'argumentation dans le discours: argumenter n'est pas justifier. *Letras de Hoje*, Porto alegre, v. 32. n° 1, p. 23-40, março 1997.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1986.
- CUNHA, José C. C. Argumentation et enseignement/ apprentissage des langues. *Moara - Rev. dos cursos de Pós-Grad.*, Belém, n°3, p. 23-35, abr./set., 1995.
- DIAS, Luiz F. *Os sentidos do idioma nacional*. São Paulo: Pontes, 1996.
- DUARTE, Emeide N., NEVES, Dulce A. de B. e SANTOS, Bernadete de L.O. *Manual técnico para realização de trabalhos monográficos*. 2a. ed. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1994.
- DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica lingüística: dizer e não dizer*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- *Provar e dizer: linguagem e lógica*. São Paulo: Global Editora, 1981.
- *O dizer e o dito*. Tradução por Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987. Tradução de Le dire et le dit.
- *Polifonia y argumentacion*. Universidade del Valle - Cali, 1988.

- Argumentação e "topoi" argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989, p.13-38.
- argumentation et persuasion. In: MUELDER, Walter de, SCHUEREWEGEN, Franc, TASMOWSKI, Liliane (eds.) *Enonciation et parti pris*, Amsterdam: Rodopi, 1992, p. 143-158.
- "Topoi" e formas topiques. In ANSCOMBRE, J-C (org.). *Théorie des "Topoi"*. Paris: Kimé, 1995a, p. 85-99.
- Les modificateurs déréalisants. *Journal of Pragmatics*, Paris, v.24, p.145-165, 1995b.
- La pragmatique et l'étude sémantique de la langue. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, PUCRS, v.32. n° 1, p.9-21, março 1997.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectivas, 1977.
- ESTRADA, Megan P. de C. D.. Contribuições da teoria da polifonia à análise da conversação. *Moara - Rev. dos Cursos de Pós-Grad.*, Belém, n° 3, p. 11-21, abr./set., 1995.
- FÁVERO, Leonor Lopes. A informatividade como elemento de textualidade. *Letras Hoje*, Porto Alegre, PUCRS, 18(2): 13-20, junho 1985.
- O tópico conversacional. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 2. ed. São Paulo: FFLCH da USP, 1995. p.33-54.
- FÁVERO, Lenor L. & AQUINO, Zilda G.O. Textualização de produções orais formais - o caso da entrevista. In: KOCH, I.V. & BARROS, K.S.M. de. *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal: EDUFRRN, 1997. p. 67-72.
- GALEMBECK, Paulo de T. et al. O turno conversacional. In: PRETI, Dino & URBANO, Hudinilson. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T.A. Queiroz, FAPESP, 1990. v.IV, p.55 - 98.

GERALDI, João W., GUIMARÃES, Eduardo R. J., ILARI, Rodolfo. Operadores de argumentação e diálogo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Unicamp, nº9, p. 143-157, 1985.

GONÇALVES, José c. O tópico discursivo no discurso institucionalizado. *Investigações*, Recife, n. 5, p.263-285, 1995.

GRYNER, Helena. Variação modal como estratégia argumentativa. In: MACEDO, Alzira Tavares de et al. *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p.113-127.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e Argumentação: um estudo de conjunções do português*. Campinas: Pontes, 1987.

----- *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

HOFFNAGEL, Judith C. Poder nas interações verbais entre os sexos. *Investigações*, Recife, v. 2, p.83-91, dezembro/92.

INDURSKY, Freda. Relatório Pinotti: o jogo polifônico das representações argumentativas. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989. p.93-127.

KOCH, Ingedore G. V. *Argumentação e linguagem*. 2ª. São Paulo: Cortes, 1987.

----- Intertextualidade e polifonia um só fenômeno? *Delta*, v. 7, nº2, p.529-541, 1991.

----- *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

----- Funções retóricas e interativas da repetição. In: 45ª REUNIÃO DAS SBPC, 1993, Pernambuco. *ABRALIM* - Boletim da Associação Brasileira de Linguística, Salvador, julho/94, nº 15, p.153-158.

LEVINSON, Stephen. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. cap.6: conversational structure, p. 284 - 370.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de texto: O que é e como se faz*. Recife: Série Debates, 1983.

- *Marcadores conversacionais: tipos, funções e coocorrências*. Recife, 1985 (mimeo.)
- *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- Manifestações de poder em formas assimétricas de interação. *Investigações*, Recife, v. 01, p. 51-70, 1988.
- Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, Ataliba T. de (org.) *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p.281-322.
- A presença da repetição na fala e algumas perspectivas de tratamento. *Investigações*, Recife, v. 2, p. 31-45, dezembro/92.
- Formas e posições da hesitação. In: I ENCONTRO NACIONAL SOBRE LÍNGUA FALADA E ENSINO, 1994, Maceió. *Anais*. Maceió: EDUFAL, 1995a, p.82-110.
- Assimetria, poder e adequação na interação verbal. *Investigações*, Recife, n. 5, p.80-93, 1995.
- A dêixis discursiva como estratégia de monitoração cognitiva. In: KOCH, I.V. & BARROS, K.S.M. de. *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal: EDUFRN, 1997. p. 156-171.
- MARTELLOTA, Mário E, VOTRE, Sebastião e CEZARIO, Maria M. *Gramaticalização e desgramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. *A entrevista: o diálogo possível*. 2 ed., São Paulo: Ática, 1990.
- MOESCHLER, Jacques. *Argumentation et Conversation: éléments pour une analyse pragmatique du discours*. Genève: Hatier-Credif, 1985.
- MOURA, Heronides de Melo. *O buraco negro do valor de verdade: a semântica dos predicados vagos*. Campinas, 1996, Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade Estadual de Campinas - SP.

- . Teoria dos "topoi": semântica e argumentação. *Delta*, v.1 (14), p. 169-183, 1998.
- PERELMAN, Chaïm. *L'empire rhétorique*. 2ª, Paris: Vrin, 1988.
- PERELMAN, Chaïm, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Traite de l'argumentation: la nouvelle rhétorique*. 5ª. Paris: Press Universitaires de France, 1958. Éditions de l'Université de Bruxelles, 1976.
- . *Tratado de Argumentação: a nova retórica*. Tradução por Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Tradução de *Traité de l'argumentation: la nouvelle rhétorique*.
- PLANTIN, Christian. *Essais sur l'argumentation*. Paris: Kimé, 1993. cap. 1: L'argumentation en situation, dans le discours, dans la langue, p. 11-52.
- . Les arguments dans l'interaction argumentative. In: I ENCONTRO FRANCO-BRASILEIRO DE ANÁLISE DO DISCURSO, 1994, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras - UFRJ, 1995, p.31-33.
- PRETI, Dino. Homens X mulheres, na conversação entre idosos velhos. In: 45ª REUNIÃO DAS SBPC, 1993, Pernambuco. *ABRALIM* - Boletim da Associação Brasileira de Linguística, Salvador, julho/94, nº 15, p.193-201.
- RISSE, Mercedes Sanfelice et al. *Marcadores discursivos: traços definidores*. VIII Seminário do PGPF, Campos do Jordão, 1994. (mimeo)
- RISSE, Mercedes. O articulador "então". In: CASTILHO, Ataliba T. de & BASÍLIO, Margarida (orgs.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. v. iv, p.423-451.
- ROSA, Margaret. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 12a. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.
- SCHIFFRIN, Déborah. *Discourse markers: semantic resource for the construction of conversation*. Pennsylvania, 1982. 473p. Tese (Doutorado em Filosofia) - Unversidade de Pennsylvania.

- *Approaches to discourse*. 2ª ed. Cambridge: Blackwell, 1995.
- SILVA, Giselle M. de O. & MACEDO, Alzira Tavares de. Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, Alzira T. de, RONCARATI, Cláudia & MOLLICA, M. Cecília. *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11-49.
- O
status informacional dos marcadores do discurso. (mimeo.), 1987.
- STUBBS, Michael. *Discourse analysis*. the sociolinguistic analysis of natural language. Oxford: Basil Blackwell, 1983.
- TARALLO, Fernando . *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.
- TAVARES, M. Alice. *Os operadores argumentativos "ai" e "então" e a Teoria dos "Topoi"*. Fpolis, 1997 (mimeo.)
- TRIGO, Helena. Sobre conectores argumentativos: a perspectiva de Moeschler. In: *ACTAS do VII Encontro - Associação Portuguesa de Linguística*, 1991, Lisboa: Colibri, 1992.
- VIEIRA, Hilda G. *Os advérbios e a complexidade lingüística no discurso: uma abordagem sintático-semântico-pragmática*. Porto Alegre, 1986, Tese (Doutorado em Letras), PUC/RS.
- URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 2. ed. São Paulo: FFLCH da USP, 1995. p. 81- 101.
- Revisitando os marcadores discursivos: os fáticos retroalimentadores. In: KOCH, I.V. & BARROS, K.S.M. de. *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal: EDUFRN, 1997. p.53-58.
- VOGT, Carlos. *O Intervalo Semântico*. São Paulo: Ática, 1977. (Ensaio 26)
- *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: HUCITEC, 1980.

5. ANEXOS

**PROJETO VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NO ESTADO DA PARAÍBA
(VALPB)
TUTORIAL PARA TRANSCRIÇÃO¹**

Sinais

1. Palavras ou expressões incompletas: < >
2. Repetição, gaguejo, correção: []-
3. Repetição com palavra incompleta: [< ->]
4. Enunciado duvidoso: { }
5. Troca de item lexical: | |
6. Crase, elisão: '
7. Superposição de vozes: _____
8. Pausa: curta +
 média - -
 longa - - -
9. Interrupção da fala: -
10. Início de frase: *
11. Falas intercaladas dirigidas a terceiros: _
12. Citação: “* “
13. Abreviaturas para comportamentos durante a entrevista:
 hesitação (hes)
 tosse (toss)
 risos (ris)
 falando rindo (ris)

Transcrição de aspectos lingüísticos

1. Palatalização: t palatalizado= tj

¹ Nem todas as entrevistas seguem essa norma de transcrição por dois motivos: 1) os transcritores foram diferentes e nem todos seguiram-na; 2) o projeto VALPB é novo e, atualmente, o corpus está sendo preparado (uniformizado) para publicação.

d palatalizado= dj

2. Não palatalização: t = t
d = d
3. Palatalização incipiente: t= ti
d= di
4. Ditongação: ai (caixa)
ei (eixo)
5. Monotongação: â (caxa)
ê (exo)
ô (cobe)
ö (voltö)
6. Processo de ditongação: a>ay (faz>fayz)
7. Lateral alveolar: l (mala, cala)
8. Lateral vocalizada: w (vowtö)
9. Lateral velarizada: h (vóhta)
10. Apagamento do s: 0
11. Apagamento da vogal inicial: @ = @inda
12. Vogais finais acentuadas: á = cajá
é = café
ó = avó
í = parti
13. Vogais finais não acentuadas: a = fala
i = vende
u = rato
14. Apagamento do r: # (fala#)
15. Pretônica aberta: o', e'
16. Pretônica fechada o^, e^
17. Pretônica alçada: i , ü
18. Palavras compostas: & (pé&de&moleque)
19. S com som de f = \$ (go\$to)

ENTREVISTA 01. 01. IMS. N. F

Projeto: VALPB

Inofrmante: IVANILDA MENDES DA SILVA

E* Você axa u ixtudu awgu impohta~ti?

I* Sim [<ach->]achu

E* Poh quê?

I* Puhquê u [ixtudu]-u ixtudu i~sina a pessoa a tudu né a pessoa sei~ u ixtudu nu~ é quazi nada na vida quem sabi lê# é [quem sabi lê#]- é quem sabi lê# tem a {coisa} {muito} impohta~ti na vida né--[oji]-oji eu ixtô <as> sófrendu may pu cauza qui eu nu~ tenho ixtudu né, si eu tivessi u ixtudu tesi aprendidu lê# eu oji tinha u~trabalhu mais méelho# né comu eu nu~tivi co~dições di ixtudá oji só façu faze é {is} é lavá rôpa esas coiza di i~pre'gada doméxtica só issu qui eu possu fazê.

E* Puh que você nau~ ixtudô?

I* Puhque nau~ tive condiçõdi fui criada nu inte'rio pu meu zavoyz elis nau~ deraum co~diçoi di dá ixtudu a mi~. Só trabalhandu na roça-- nu~ tive condiçõdi di ixtudá.

E* Puh que você foi criada puh seu'zavoyz?

I* Puhque minha mãe nu~ pôdi mi criá. Ela mo'rava na rua. Meu'zavoyz [na]- na nu sitju e~tau~ ela vivia di lavaji di rôpa ta~bei~, nu~ podia mi criá mi butô na casa di minha vó po'u~s tempu , qui tempu foi essi qui eu nu~ quiz may vovtá [pra]- pr'o~di tava ela entau~ {<qui->} mi criei cu~ meu'zavó.

E* Comu você imagina qui seria sua vida si tivessi ixtudadu?

I* Muito melhó-- muito melhó pohque --- eu ixtudanu-- oji eu seria uma pessoa mais tinha u~ i~pregu melhó i oji nu~ tenho né.

E* U ixtudu lhi feyz fawta em awguma coiza?

I* Feyz i muita primêru eu não <te~> eu tenho muita vo~tadi di fazê cahta, di lê uma coiza, tenho qui pidi# oh pessoá prá lê as vezi eu queru iscrevê pra uma amiga minha pra u~ parenti meu, u~ cahtãu di fexta, u~ negóciu, eu nu~ tenho condiçoi~ tenho qui pidi as pessoa as vezi as pessoa nu~ queri fazê né-- feh muita fawta a mi~ mezmu u ixtudu pra mim a coiza mai'zi~pohtanti é u ixtudu da pessoa.

E* Qui profissãu você goxtaria di tê ?

I* Qui profissãu qui eu goxtaria di tê--- perai--- a profissãu [qui eu] qui eu goxtaria di tê é sê adevogada.

E* Puhquê?

I* Puhque de'fendi as pessoa né as pessoa cehta us erradu nau~, as pessoa cehta ahe~ti defendi-- {purisu}

E* U qui você fayz todú dia?

I* U qui eu façu todú dia? *Lavu cu~zinhu, arrumu, cuidu du meus filhu.

E* U qui você mais goxta di fazê ei~ caza?

I* U qui eu mais goxtu di fazê? *Arrumá minha caza, laha minha rôpa, nu~ goxtu muito di cu~zinhá nau~.

E* Puh quê?

I* Puhquê [é uma]- é uma coiza muito {sem} é rui~ eu goxtu mais, eu só mais u povu cu~zinhá prá mi~ cumé di jeitu ninhum si eu pudessi, si eu fossi uma pessoa rica era a única <coz-> [qui]- qui eu quiria tê na

minha caza era uma cozinheira mah nada lavá, i~gomá -- é eu migu mehmú, agora pra cu~zinhá nu~ goxtu nau~.

E* Quaw é u seu pratu prediletu?

I* Meu pratu prediletu é cahni vehdi cu~ macarrau~, fêjau~ [ver-] (ris), fêjau~ vehdi, meu cumê é essi mais preferidu é essi, maio'nesi, vehdura, {sas} coiza.

E* I comé qui fayz essa cumida?

I* Comu fayz? *Cuzinha a vehdura, u fejaú~, a vehdura, bota [cohta]-cohta miudinha bota ehvilha, milhu vehdi, bota maoinesi, bota essas vehdura toda né, u fejaú~ dibulha né, cu~zinha, quem qué fayz a farofinha, quem nu~ qué comi eli iscurridu mezmú, i a cahni, já sabi né u guizadu ou e~tau~ u bifi~ nu lo~bu -- cu~ todus temperu.

E* Si você pudessi quem você goxtaria di chamá pra awmuçá com você u~ dia?

I* Si eu pudessi sempri minha mãe. Minha mãe qui é sempri ixpeciaw prá noys né--- somenti [as <peesso->] as pessoa sau~ {essa} minha mãe, minha ihmã, meu ihmau--- né? u~ vizinhu da pessoa tambey~, u~ vizinhu bacana da pessoa né, si eu pudessi sempri eu fazia u~ awmoçu na minha caza assim uma fexta, u~ nataw, u~ anu, mays nu~ tenhu condiçois di fazê issu.

E* Que ixtória i~teressanti já aconteceu nu trabalho?

I* Nu trabalho qu'ixtora-- ninhu~, nenhuma ixtora i~teressa~ti, minha'zixtora i~teressanti {sau~} meu trabalho, eu trabalha# i vi~ pra minha casa tei~ nenhuma nau~

E* Si você ganhassi na loteria u que faria co~ u dinhêru!

I* U que faria primêramê~txi co~prava uma caza pra mi~ né @plicava a me'tadi nu ba~cu i u restu eu @judava as pe^ssoa0 qui não tei~ condiçau~s as crianca0 carente0 é [dé - di] - de^po^sitava nu~ ba~cu, ba~cu qui tei~ pra de^püsitava pras cria~ça0 né eu fazia issu só issu mezmú

E* Qué sonhu seu você go'staria di réaliza# co~ u dinhêru?

I* Qué sonhu meu -- {podi} dize# memú né primêru uma casa sigu~du uma ge'ladêra (ris), uma te'le'visau~ e u~ so~ pra mi~

E* U que você faria pelas pe^ssoas ne^ce^ssitadas?

I* Ajudava# né te~du condiçoes ajudava#

E* U que você faria pelas pe^ssoas da rua?

I* Si eu pudessi, se eu fossi u preside~ti da re'publica eu @rrumaria trabalho pas cria~ça0 ipra quei~ {tá} díst~pre'gadu se~pri qui eu pe~ssu as pe^ssoa0 eu {vi} {fala# assi~} si eu fosse [u] [u] u príside~ti da re'publica eu faria u~ <cun> assi~ essas casa0 bei~ u~casarau~bei~gra~di, agora u~ nau~ ei~ cada cidadi [<u~>] umas duas, nas cidadi0 maió#0, assi~ comu Sau~ Paulu, Riu, fazia umas treys, e~tau~ ali pro'curaria trabalho pra quei~ {tá} díst~pre'gadu i agasaiu pra quei~ qui nau~ tei~ u~ ca~tu pra fica# né, {af} pa' i~sina# a lé# i~sina# ahti a elis, dali elis saf0, já quando elis crescessi0, já tinha a ahti deli0, ja püdia té# u~ <traba>, arruma# u~trabalhu nu~ca~tu né i quem tá díst~pre'gadu arruma# trabalho i ganha# dinhêru né, nu~ ficava nem as crianca0 nu mei da rua, nem as pe^ssoa0

dĩsĩ~pre'gada, sem tá# s'ĩ~pre'gadu né, eu faria issu si eu {pudessi} né
[meu pe~same~tu] meu pe~same~tu é essi

E* U qui vocé acha du seu bairru?

I* Eu achu u b̃arru, achu bei~ bo~ nu~ tenho o qui dizé# deli nau~ do meu b̃arru nau~ só que a viole~cã oji e~dia né, tá e~ todus us ca~tu0 né, a genti tei~qui si co~fohma#, ta~tu aqui comu quawqué# u~ ca~tu meu b̃arru eu achu bo~ di mo'ra# meu b̃arru

E* Em qué bairrus di Jão pe^ssoa vocé já mo^rou?

I* Mo^rei só nu Ra~gew mehm̃u

E* Po^hqué vocé nunca saiu daqui?

I* Po^hqué nu~ tivi co~dição di sai# eu nu~ca tivi co~dição di sai# daqui, se~pri tenho qui mo'ra# aqui, sou i~de'pe~de~ti di vivé# cu~ u~ ome~ qui eli nu~ qué# sai# daqui aí aqui mem̃u eu ficu

E* Si vocé tivessi qué mo'ra# e~outru bairru quaw e^sco^lhe^ria?

I* Crui da'zahma0 ou e~tau~ jaguaribi

E* Pũhqué?

I* Pũhqué eu achu [u~] u~ b̃arru mais familia# né , mais me'lhó# pa pe^ssoa mo'ra# mai0 vo~tadi mais pehtu das coisas du co^mehciu , dĩ tudu né

E* Comu é seu re'lacionament co~us vizinhos?

I* De'pe~di né [tei~ u~s] tei~ u~s qui nau~ são bom0 não, tem uns qui são tem uns qui eu digu as coisa0 mais mi pe^hdou (ris) mais tem uns vizinhu0 qui [mi] mi machuca, tambem eu tenho qui agi# tambem né, qui eu num sou di ferru mais tem um qui são bom0pra mim, [não] não todas pe^ssoa0 são boa0 tambem né cada um tem u seu jeitu di vive# né então [as] as qui são muito ruim0 pra mim, qui não mi pe^hdoa a minha, meus, meu frac̃u, minha fraqueza, eu cũntuo se~du agre'ssiva cu~ elis pũhqué são cũmigu

E* Comu foi a ultima briga qui vocé tava co~seu vizinhu?

I* (Ris) tivi briga cu~ eli não ultima briga qui eu tivi cu~ meu vizinhu foi <umas brig-> pũhqué eli tava buli~du cũmigo né, chega na minha casa, chega mi ape'rriano, eu peçu p'eli si aqueta# p'assixti# te'le'visão, eli [nu~] nu~ si aqueta {fica bulinu cuns pirrai} I~tão nó'co^me'çemu0 (ris) razga# a rôpa deli (ris) aí saiu essa dĩso'hdi nu mei da rua (ris) só essa mehm̃u {a} ultima foi essa

E* Comu vocé trata seus filhus?

I* Eu tratu uma ora bem outra ora tratu muit' agre'ssiva cu~ elis, tem ora qu' eu só muit' agre'ssiva chamu muito nomi, batu, max tem ora, na meh̃ma ora mi' arre'pe~du, aí abraçu , bêju po^hqué Deuz vé issu qui eu faç̃u issu, Deuz vé qui eu sÔ muit' agre'ssiva cu~ elis tem dias qui eu só, maix tem ora, mais de~tru di mim eu amumuitu meus filhu0 sabi {é} são as coisa0 mais qui eu tenho na minha vida, é meus filhu0 [eu] eu achu qui são unicas pe^ssoa0 qui mi amam di ve'hdadi é meus filhu0, pohque nu mehm̃u temp̃u qui dõ nelis, elis mi chamam mainha issu assim mainha, aí eu possu dize# qui são a'nicas pessoa0 qui mi amam, eu go'xtu muito dus meus filhu0, só {qu'eu} mi ape'rreiu cu~ elis tudinhu, mais mehm̃u te~pu eu goxtu muito dus meus filhu0 po^rissu qu'eu oji sofru {u qui eu} sofru pu'casa delis puhque elis nu~ tem culpa

di nada né, di vi# au mu~du eu fui quem butei, e~tão eu tenho qui passa# tudu, ague~ta# tudu po'reli0 até elis cre^sceri, si'i~te~dê# di genti i vive# a vida delis dêpois.

E*Comu sua mãe criô você?

I*Minha mãe,minha mãe mi criô, minha mãe mi criô,minha mãe não mi criô né, quem mi criô foi minha vó né i minha vó foi quem mi criô, fui criada k'a minha vó trabalhanu na i~xada, lutanu cu~ bichu, carreganu água, lenha sas'coisa0 fui criada assim, sem amô# di pai, di mãe, nunca tinha amô# di ni~guém, era praguêjada, chamava {ela}chamava muito nomi cumigu i fui vivenu até meuz dozi anu0 cu~ meus dozi vim pr'aqui i aqui eu fiquei quando chêguei aqui pra pro'curá du meu ixtudu minha mãe mi butô di casa pra fora pra mi~ trabalhá#, intão passava ohdi nas pessôa0 pra mi~ não ixtudá#, não sai# di casa, nu~ tinha co~diçõe0 di ixtudá#-- @té u te~pu k'eu [mi]- mi arrumei uma pessôa [mi]- mi mi casei né, i oji tô aqui.

E*U qui aco~teceu co~ u seu pai?

I*Meu pai mórreu.

E*Comu foi?

I* Eli mórreu di re'penti, assim né-- cumeçô a ficá# duentji i di re'penti mórreu, eli mórreu di uma duença- podi dizê# podi?-Eli mórreu di uma <due~-> mórreu di tube'hculosi -- qué# dizê# né, disseru pôhque eli buliu cu~'a moça i não casô cu~ ela, intão buliu cu~ a ôtra af dizi qui fizeru u~ négocu pra eli, eli mórreu i [di<ré->] di ré-, i réawmenti eli mórreu di répentí {nu~} méis eli acabousssi u ome~ m^rreu mais eu nu~ [ti]- tinha i~timidadi cu~ eli não, eu nu~ fui criada pu# eli não, e~tão {qu'o~di} eli eu goxtava muito deli {seja assim}, mehmú assim sem eli mi querê# num sabi, eu vinha da mah minha vó du sitô prá rua, af então eu vi eli, minha vó disse: Óia teu pai nu~ dá a be~ça a eli não, eu e~tendi qu'ela ma~dou dá abe~ça né, a'eu dei duaz vezi0 eli nu~mi abe~çuô af prontu, eu tava cu~ ci~cu anu0, nessa épuca eu tinha ci~cu anu0 oji[<@i~d->] ai~da oji eu mi le~bru af cu~'s te~pu0 eli mórreu af nu~ vi mai'zeli qua~d'eli mórreu [cu~]- cu~ te~pu qu'eli mórreu qui foi mi dizê# qu'eli tinha murridu, só vi uma veis, @i~da oji eu mi le~bru deli.

E*Você acha que sua vida têria sidu melhó# si tivessi sidu criada pô# seu pai?

I*Eu [nu~]- nu~ nu~ sei nem dizê#, pohquê eli {mi} dizia qu'eu nu~ era filha deli, maiz'eu achu assim si eli tivessi vivu i tivessi mi criadu, se'ria muito melhó# pohquê eli tinha co~diçõe0 di mi criá#, nessa épuca quem tinha [dois]- dois, três motô#0 di agavi era u~ ricu i eli tinha né bem cincú i si eli tivessi mi re'conhe'cidu comu filha deli eli tivessi mi criadu, eu oji ixtaria tawveyz'eu fossi ôta pessôa dife'renti né,[tessi meu]- tessi meu ixtudu, tessi u~ bo~ i~prêgu, tawveyz nem mãe eu <sej-> tinha sidu ai~da né.

E*Comu era as suas bricadêras na i~fa~cia?

I*Minha bri~cadêra na infância era bri~cá# di buneca,quando tinha tempu pe'gava tumati umas pehninha0 feito as galinha0 brincadêra só essa [muito pôcu brincava]- né, muito pôcu eu brincava, quasi nu~, eu

nu~ tinha{x} te~pu di bri~cá#, se~pri trabalhanu, minha vó trabalhava nu ro'çadu, quandu era pela manhã eu ficava cuidanu nu awmoçu, carre'ganu água, lenha,@marranu us bichu0, qua~du era a tahdi, eu ia pu roçadu trabalhá#.

E*Quaw a brincadêra qui você mais goxtava?

I*Brincá# di buneca, a brincadera qui'eu ma goxtava era bri~cá# di buneca, qui'eu fazia vixtidu, fazia rôpa [é mehmu qui]- é mehmu qu'eu fazia di co~ta qui'eu era a mãe i [meus]- meu bunecu0 era meuh <mini~> meus fio0 eu goxtava, @i~da oji eu go'xtu @inda oji eu pegu a <bune-> a rôpa da minha buneca da0 minha0 mininas {oit} as buneca0 cumeçu a faze# rôpa aí cumeçu bri~cá#, peguei u guahda rôpa(hes) di veyz i~ quandu eu dô banhu nelas tudi~ i guahdu tudi~ lá.

E*Conti uma ixtória mahca~ti qui você guahda da sua i~fância.

I*Ixtória mahca~ti (hes) minha i~fância quandu eu vi~ pra'qui eu vi~ pra casa da minha mãe, eu tinha meus dozi anu0-- a~ti[du meu]-du0 meus qui~zi ela co~viveu cu~'ome~ e~tau~ela aco'h dava muito i~ cima di mi~ com u ome~ dela nessa épuca eu nu~era re'jistada, eli mi re'jistô comu filha deli já pa e'vitá# issu {essi} ab^rrecimentu, mas ela nu~co~fiava em mim, não acre'ditava em mim {comu} fay u~s te~pu qu'ela dissi qui num confiava em mim, qui tinha uma mágua muito grandi di mim, pohquê achava qu'eu tinha um casu cu~ u maridu dela, sem eu te# as pessoa0 da rua tudinhu sabi dessa ixtóra, i~tau~ as pessoa0 mais velha0 dizia:Santana tua filha vai ficá# doida, num faiyz issu nau~, puhquê u povu via qui eu não tinha [essi]-essi com'é qui si diz, eu nun tinha essi mutivu di fazê# issu, ninguém num via mutivu ninhum, eu num brincava cum eli nem nada, intão são [a minha]-[<a mi~>], a minha ixtóra mahca~ti mehmu é issu,qu'eu nu~ca tivi amô# di niguem, i~tão quandu pro'curei a minha mãe, ela feyz issu cumigu, mi butô di pra fora, ma'pucausa deli, cum ciumi di mim cum eli eu chamava eli di meu pai, tudinhu-- só issu mehmu.

E*Comu era sua vida di sowtêra?

I*Minha vida di sowtera era um pôcu ruim eu cum quinze anu0, eu saf di casa, fui i~bora aí né, aí fui i~bora, passei seti mesi0 fora di casa, aí lá [eu]- eu [num]-num- -lá eu fui mulé né, sem minha mãe sabê# aí eu fiquei seti mesi0 fora di casa, aí vowtei cum meus dize'sseti anu0 já-- pro~tu, aí quandu cheguei aqui, i~contrei Negin né, mi amiguei cum eli até oji, num tivi mais {sa}eu fiquei só dize'sseti anu0 livri di quinze a dize'sseti anu0 so'menti, depois eu mi amiguei, inté oji, oji eu só vivu pra trabalha# pra minha casa i meus filhu0 mais eu sonhu muito na vida ainda, eu tenhu um sonhu di co~vivê# só cum meus filhu0, u meu sonhu é essi, maió# meu sonhu da vida é essi vivê# só [tre]- tê# u meu trabalho {meu ganhu sufise~ti} pra mim vivê# cum meus filhu0, minha casa com'eu já dissi né, u meu sonhu é essi, te'hminá# meus dia0 {vive~du} so'zinha cum meus filhu0, sem pricisá# di omi sem nada, agora qui se~pri tenha um trabalho né s'eu tivessi um trabalho eu oji num vivia cum essi omi, di jeitu ninhum, não puhque eu num goxti deli [pu]- puh sofrê# tantu, puhquê dozi anu0 qu'eu vivu cum eli, tinha dize'sseti anu0, nova i dediqui a minha vida a eli, oji tenhu vinti i oitu, num tenhu

nada na minha vida, só tenho so'frime~tu, só so'frime~tu, tudu qu'eu façu eli num re'conheci nada, bateu muito i~ mim, intão meu sonhu é essi,eu vivê# só na minha vida, tenho fé im Deus daqui pr'eu mo^rre#, eu vivu só cum meus filhu0, tenho fé im je'sui.

E*Comu foi qui você conheceu seu primêru omi?

I*Meu primêru omi eu conheci numa buati, num som eu cunheci eli [<cumé->] cume'ssamu0 a namo'rá#, namorei umas dua0 semana0, depois eu bibi uma ceveja i fiquei um pôcu doida (ris)ape'rriada, af aco~teceu u qui tinha {di} acontecê#, pro~tu,só foi aco~tece# só essa veyz, aco~teceu, num qui nada cum eli, eli dissi qu'eu num era môça, tudinhu, pêguei mi sai deli prontu, @té oji, nunca mai vi'zeli, num queru neim vêlu pra mim foi uma coisa qu'eu não goxtei, eu apenas, eu fui pôhque eu quiria sabê# comu é qui é se# {né-} si era bom se# uma mulé,tá i~tendenu? di pa'henti se# moça i di moça, passá# pa mulé#, eu quiria, intão eu fi cum uma pessoa qu'eu não goxtava, pohquê si eu fossi faze# {cum} uma pessoa qu'eu goxtassi, podia depoiss eli não mi querê#, i si eu ia sofre#, intão cum essa pessoa eu num go'xtava, num qui {mo'ra#} cum eli i pro~tu --- só foi issu mezm.

E*Dêpois di casada em que sua vida mudô?

I*Minha vida mudô [in]- in bucadu di coisa, minha vida sobi ne'gosu di [<di ve'htas->]- -dive'htação, divihtime~tu, issu aí [num mi]- num mi influi muito não qu'eu num goxtu muito não sabi, i si eu quise# mi divihti#, eu vô {a}, mais qui seja cum meus filhu0,claru qu'eu num queru sai# só -- [mudô assim]- mudô assim, libe'hdadi assim, qui eu só mandada né, sempri as pessoa0 qui guvehna, us omi0 sempri que# se# mandão, mandá# nas mulé0 né,antis eu num <trabalha-> eu trabalhava mais logu nu cumeçu, eli num {quis} qu'eu trabalhassi, depois eu butei na cabeça di trabalhá# i oji trabalho mudô, eu fiquei muito - comu é qui si diz - eu mudei, mudô meu cohpu né tudu qui era meu si mudificô né, num é mais comu anti0, foi issu qui mudô, eu quiria se# sempri com'eu era, bem feitinha, tudinhu, mai0 acabô num tem mai0 jeitu eu, mudô minha vida em tudu poh tudu im tudu qui a pessoa que# respeitá# é u maridu né, num respeitô num muda nada, mas pra mim mudô pa pió# pohque em tudu qui eu goxtava deli, pra mim tuddu era bom, mas a pahiti# du mome~tu qui eli cumeçô mi mawtrata#, cumecei se# mawtratada, eu pehdi meu sussegu, meuh nehvu acabô qu'eu num tenho comu antigamenti né, [qué#] eu queru tuma# re'medu controladu agora,@té issu tá acontecendu cumigu, eu não tenho mais aquela paciência qu'eu tinha antigamenti, eu não tenho mais, i foi issu qui mudô muito {cumigu}, i eu achu qui jamai0 vai vowta# au meu tempu qu'eu era antigamenti, puqu'eu tô ficandu maiz velha né, eu achu qui muda assim, si um dia eu tessi um pôcu di sussegu, mudava meu tempe'ramentu, minha paciência, eu {pri} tem é muda# um pôcu, mas sobri meu cohpu, muda maih nada, (ris) só si fossi uma plaxtica agora (ris)

E*U quê você sentiu quando ficou menstruada pela primêra veyz?

I*U qu'eu senti? Medu, pohquê eu cum cincü anu0, eu brincava muito assim, <s> mi assubi# nu pé di pau, caha brincanu tudinhu, intão nessi,

tivi um dia qui eu subi nu pé di pau, aí cumecei a cunvesa#, aí pulei né, quando foi 8tu dia, minha vó foi pra u rio lava# r0pa, fui cum ela, assim umas dozi ora0 du dia, ela disse: Vaniwda senti aqui pra tumá# banhu, eu mi abaxei, intão eu menstruei né, eu cum cincü anu0, menstruei, mas aí eu fui u médicu, u médicu disse qui foi minha, dilat0 minha virgindadi, im tudu qui eu <so'b> eu pulei, aí dihloc0 intão eu cumecei sangrá#, aí {meu} aí minha vó, mi lev0 au, au fahmacêru da <lag-> [da], da rua qui mo'rava, eli pass0 dua0 injeçã0 di pinicilina {só era aplicá#} pilicilina, @í par0 né, quando foi cum meus onzi anu0, eu me^nstreui, mi fohmei né, @í fiquei cum medu di dize# a minha vó, aí eu falei pa minha vó, minha vó disse: "Será qui foi [u] [a], aqueli po'blema qui vovt0 no'vamenti", aí [<minh->] minha vó foi lá [na]- na rua fal0 cum minha mãe, minha mãe disse: "Foi nada", aí pass0 né, {num vei, vei} mais, aí veiu cum dozi anu0, aí eu sabia qui era, qu'eu tinha mi fo'hmadu memu, me^nstruadu memu, aí pruntu, num fiquei mais cum medu não fiquei cum ve'hgonha so'menti, da minha vó, puhquê ela dizia: "A já si fohm0si, já vai cume'çá# uh machu0 andá# atrays", sas coisa0 cumigu {tem muito} {u povu são muito igno'ranti}, só foi issu, @té oji.

E*U quê você co^vehsa com a sua filha?

I*U qu'eu cunvesu c'a minha filha, eu cunvesu c'a minha filha, qui ela tem novi anu0 né, {só} digu pra ela eu v0 fazê# cum ela, u qui fizeru cumigu, é mawtratá# assim, é vivê# danu ela as pessoa0, issu digu pra ela, qui ela tá vivenu {só} pru mundu né, num v0 preendê# ela também dent'di casa, nem também v0 sowtá# d'uma veyz, só façu dizê# pra ela, qu'ela tenha cuidadu qui namori, mais qui não faça tudu qu'elis queri qui faça cehtu, quando f0# pa fazê#, qu'elis tenta# fazê# issu, ela si afaxti, p0hque elis pro'meti tudu na vida pra fazê# as coisa0 [ca]- cum as mulé0, de^pois [qui]- qui consegui u qui qué#, aí dá um belu chuti i vai imbora, issu qu'eu digu a ela, qu'ela se# [uma boa]- uma boa pe^ssoa, qui num seja re'bewdi c'as pe^ssoa0, qui num seja mawcriada [nem tudu qui a genti]- {is} {nem tudu} qui a genti é qui re'spondi, {@ssim} fica calada, tem umas cehta0 coisa0 qui a genti de'vi re'spondê#, mai tem muitas qui a genti num de'vi re'spondê# qui ela é muito chata, ela é muito antipática[muitas]- muitas coisa0, é issu qu'eu digu pra ela qui quandi ela [qui]- quand'eu qui ela, quando ela cre^sce#, ela pro'cura# sabe# entrá# nus cantu0 i saf#, é issu qu'eu digu pra ela.

E*U quê você mais goxta nu seu e^sposo?

I*Qu'eu mais go'xtu -- cê acre'dita qu'eu num tenhu, num tenhu, antis eu @té, eu tinha, u qu'eu goxtava antis, quando eli mi dava um p^cu di carinhu né, um p0cu só, i oji em dia nem issu eli mi dá# mais, deli eu num go'xtu nada, nada qu'eli fayz pra mim eu go'xtu, po^hque nada qu'eli fayz pra mim mi agrada, po^hque sempri u qu'eli fayz mi maw3tratá#, mi isculhambá#, mi xingá#, si {compra} awguma coisa pa dentru di casa, é falanu, si arruama awguma mulé fora, cheg'im casa mi xinganu, dizenu u qui feyz i u qui não feyz, fica mi de'bo'chanu di mim, dizenu qu'eu s0 fêa, qu'eu s0 barriguda, qu'eu s0 u quê lá vai i seempri

de'fendenu as di fora né, as di fora pra eli são tudu na vida , então -- um só tem uma coisa né, qui eli só não, todus eli0 de'fendi a mulé#, sempri de'fendi a mulé#, si por ixemplu awguma pe^ssoa agre^di#, awgum omi {agridi#} elis de'fendi, né eli só é todus eli0 né, deli eu num tenhu nada qui di goxtá# --- só [tem]- tem uma coisa né, puhquê go'xta du meus filhu0 né, iss'ái é u, cê sabi né, eli go'xta muito dus filhu0 deli, graças a Deu0 inté oji eli podi se# u qui fô#, mais us filhu0 deli nunca abado^nô né, eli go'xta muito dus filhu0 deli.

E*U quê você<a-> acha da infide'lidadi?

I*- U qui é infilidadi? - infiew, eu achu uma coisa boa né im tudu qui eli mereça também quando um cara num me'reci a mulé se# fiew a eli, eli só me'reci le'va# só issu mehmu (ris), puhquê qui nem u meu, eli miricia leva# cangaia (ris) mehmu né, ixxatamenti, é re'awmenti, po^que qui nem eu, eu lutu por tudu, eu façu, mais eli num re'conheci nada, eli acha qui eu num façu nada, pra eli aí eu tenhu o'brigaçãu di fazê#, mi dá {omi} mi isculhamba, mi mawtrata, manda eu i# mim'bora dent'di casa, tudu qu'eu falu, eli manda eu i# mim'bora da casa deli,po^que a casa é deli, qu'eli acha qui é deli a casa, puhquê a casa num é deli, mi manda i# m'imbora todú dia di casa, eu achu qui uma pe^ssoa dessa num me'reci re^speitu pohquê eu tenhu medu di mo^rre#, é claru né, i jamais ninguém ia, jamais us vizim, as pe^ssoa0 ia fala# dissu né, mezmu qu'eli teja e'rradu, mais ah mulé0 sempri tem qui <ou-> tem qui re^speitá# uh maridu0 né, eu achu otimu aí, a pe^ssoa se# re^speitá#, mais pra quem me'reci, eu num sô conta a mulé# por'e^zempru, [ela u maridu dela]- ela u maridu dela seja rim pra ela, eu sô conta assim, si um bom maridu, i ela sujá# cum eli, i ela faze# sujêra cum eli, aí eu achu e'rradu, mais si num, u maridu ruim, re'bewdi, qui num que# nada c'a vida, qui acha é u donu du mundu, qui chega im casa num sabi tratá# a mulé0 comu uma isposa, só trata comu uma impre'gada [cumu u meu di]- cumu u meu di cumigu:"Eu queru issu assim", eli num sabi dizê# assim, Ivanilda fayz issu assim pra mim, eu queru issu, i tem qui se# assim, du jeitu qu'eli quisé#, issu num é, issu é omi qui trata a mulé# direitu, num trata, essi [me'reci]-me'reci{carre'gá#} muita cangaia mehmu, num leva puhquê eu sô uma quadrada quê si fossi daquela mulé# bem se've'hgonha eu fazia mehmu i num impatava não, eli inda di qu'eu tenhu omi lá fora quando tô fazendu minhas coisa0, laha# minha rôpa, tudim, eli di qu'eu taha mai us machu0, dentu duh matu0

E*Comu você go'xtaria qui eli fossi?

I*Comu eu <go'xt-> eu go'xtaria di [te# um ômi]- te# um ômi {qui} mi re^speitassi, mi conside'rassi, ape'sa# di eu num te#, nunca tivi amo# na minha vida, eu ispe'rava um ômi assim pra mim, qui mi re^speitassi, tratassi comu genti, tudu qui eu cumbinassi, eli cumbinassi cumigu [com'eu combinu cum eli]- as vezi0 eli chega du som, tahdi da noiti, chega mi chama i cumeça a cunvehsa# cumigu, eu iscutu, puhquê eli num mi iscuta, quando eu vô cunvehsá# cum eli, eli sai mi chamanu di doida,[mi]- mi isculhambanu, cehtu, aí eu quiria qui <fo->, eu quiria te# um ômi assim, qui mi re^speitassi, mi conside'rassi i mi amassi di

ve'hdadi, si eli tivessi awguma pe^ssoa lá fora, mas qui não dessi {tisfação} em casa a mim, eu quiria qui fossi assim, mais aquela ali num vai se# nunca

E*Você si considera uma pe^ssoa ro^mantica?

I*Môtu,môtu rumantica eu sou, eu sô môtu rumantica i môtu carenti, ape'sa# d'eu se# môtu rumantica i carenti, qu'eu não incontrei uma pe^ssoa assim pra mim -- eu go'xtu di da# carinhu, [a]- a tantas, [a]-a criança, até us bichu0 eu go'xtu, puhquê eu achu qui u rumantinho é a pe^ssoa tê# amô# dentu da pe^ssoa pra dá#, eu num sô fe'li por'issu cehtu por'ama#, eu sô assim ape'rriada, chamu môtu nomi, tudinhu, mais dentu di mim, tem muito amo# pra dá#, puhquê eu go'xtu di lidá# cum criança, eu go'xtu, tenhu u maió# prazê# di lidá# c'as criança0, fazê# as criança0 fe'lis, po^hque muitas criança0 num sai di casa, puhquê a mãe num sai, aí eu {tentu} pe'ga# assim, si eu tessi condições, cehtu {ôtu} dia assim p'uma bica, pra uma praia, mi dive^hti# cum elis, mai eu num possu né, i eu sô uma pe^ssoa môtu ro^mantica, si eu pudessi, sei lá, daqui p'eu mo^rre#, eu num inconti uma pe^ssoa qui seja iguaw a mim né, quem sabi

E*U qui você go'xtaria di ganhá# da pe^ssoa amada?

I*U qu'eu go'xtaria di ganhá#, [di uma <pe^->] di uma pe^ssoa qu'eu amu né, é, u qu'eu go'xtaria di ganhá# um (ris) [um]- um [<urs>] um ursinhu di pe'lusca (ris), rosa, essas coisa0 assim né, uma de'claração di amo#, cum'é, qu'eu num sei nem dizê#, qu'eu go'xtaria di ganhá# é issu, eu num sô imbiciosa não, môtu pôcu eu quiria ganhá#, só compre'ensão, amô#, rosa também é bom né, po^hque [é]- é {uma} de'monstração di quê a pe^ssoa go'xta né.

E*U qui você sentiu quando sôbi qui ixtava grávida?

I*U qu'eu senti, eu sinti uma coisa muito boa pra mim, [meu primêru filhu]- meu primêru filhu mezm, foi eu abo^hteí, puhque, mais não po^hque eu quis, qu'eu vivia nu mei du mundu, taha brincanu u cahnavaw, bibi, sem duhmi# direytu, intão eu pe'hdi, mais eu cho^rei môtu, eu num que^ria não, ape'sa# d'eu num te# sussêgu, num te# cantu pa mim ficá#, maizi eu quiria, eu ia assumi#, cehtu, eu tava c'uns quatu mesi0 di gravideyz quando eu pe'hdi, mays da sigunda veyz qu'eu fiquei grávida, puquê eu sabia qui tinha um cantu qu'eu, pra mim co^vive#, eu fiquei [muito fe'liz]- muito fe'liz mezm.

E*Comu foi u nascimentu di seu primêru filhu?

I*U nascimentu du primêru filhu [foi]- foi [numa]- numa o'casião môtu ruim da minha vida, foi um tempu qu'eli foi presu e eu tivi eli só, a minha primêra filha tivi [só]-só i Deus, eli, num tinha eli pá mim da assistência a meus <fi-> a meu filha, aí intão, eu tivi ela só, praticamenti criei quasi só, foi um pôcu dificiw pra mim te# ela só

E*Comu foi u pahtu?

I*Foi um pôcu ape'rreadu (ris), [u]-u [primêru qu'eu tivi]- u primêru filhu qu'eu tivi im tempu mezm, foi um pôcu ape'rreadu, mas foi bom - - foi - é pa contá o dia todim é- foi numa sexta fêra da pachão qu'eu tivi, era uma cinc u pôca da manhã, cinc i quarenta da manhã,--- môta chuva quando, quando tivi ela tevi môta chuva, mas foi muito bom, ma'é

dei um pôquinho di gritu né, mas foi bom, aco^hdô us povu0 nu ospitaw quasi tudu, (ris)cincu ora da manhã, u povu si acohdanu tudim, eu gritanu po^hque, eu nunca tivi mezmú né, aí quandu eu te#, eu pensava qu'ia, eu ia mo^rre#, aí di uns gritu0, a fehmêra veiu mi le^vô, aí dexô eu lá na sala di pahtu, eu{tiv-}na cama di pahtu, eu pe^guei {fi te#} i prantu, foi bom pra mim

E*U quê você sentiu quandu viu a criança?

I*A fiquei mûtu fe'liz eu achu que eu só não, toda0 mãe0 senti fe'liz né,im tudu qui elas querem te# us filhu0 dela né

E*Po^hque eli foi presu?

I*Po^que eli furô um rapayz, ond'eli trabalhava, intão de^pois di doiz mesi0 qu'eli furô, aí pe'garu eli, nessa epuca [qu'eli]- qu'eli foi presu, eu tava cum cincú mesi0 di gravideyz -- {vinha eu}eli foi num sabu a noite, quandu foi di manhã bem cedu che^garu a puliça na minha pohta, eli @visô pa mim qui quandu i a, ficassi di olhu po^hque vinha awguém atrai0 deli, eu tava deitada, aí minha mãe chegô na pohta i dissi:"Ivanilda, {dissi} minha fia num tenha medu não a puliça vem aí, atrai di neguim".Aí eu chamei neguim, aí eu chamei eli né, eli le^vantousi, saiu aí a puliça chegô na minha pohta, entrô na minha casa, re^vixtô tudu, le^vantô cochão, tudinhu, qui0 mi le^va# também, minha mãe dissi qui num le^vava, aí u <rap->u ôtu <di-> re'spondeu {ingaiola#} ela pra quê rapayz, ela num vai da# conta di ondi tá u maridu dela, si ela sabi ondi eli tá aí foru imbora, aí cum um meys de^pois, de^poi0 di anu, eli pe'garu {tiveru} na casa da minha mãe, aí eli passô onzi meyz na cadêa, intão foi na epuca qu'eu tá pá discansa# né, eu discansei, eli tava presu, a minha minina co^mple^to dez mesi0, cum dez mesi0 qu'ela tava, quandu ela tava cum dez mesi0, aí eli sowtôssi, intão cum passô fexta, anu, im fe^vereru, im mahçu ela mo^rreu nu dia vinti i novi di mahçu ela mo^rreu, nu dia novi di abriw né, de^pois di mahçu né, nu dia novi di abriw ela ia comple^ta# um anu

E*Comu foi a mohti da criança?

I*A mohti dela foi uma mohti mûtu, pra mim foi uma coisa mûtu mahcanti, po^hquê é a única, era a minha primêra filha, eu go'xtava mûtu dela, so^fri mûtu pur <e-> com ela, eli presu, eu <su-> eu cum ela, cuidanu dela, danu toda @ssistença a ela, pra mim foi uma coisa muitu rim, @inda oji mi lembru dela, um po'blema qui deu na gahganta dela, ela passô mai di oitu dias, eu le'hava pu médicu, tudinhu,mays nessa epuca, a e^me^hgencia não tinha mûta com'é qui si diz, elis num ligava mûtu, cehtu, i si logu nu cumeçu eu tivessi o^peradu ela, ela tinha, pudia até te# ficadu boa, mays num tinha ninguém pur mim, só Deus mehmú, Deus levô ela

E*Você já ixtevi awguma veyz em uma situação dificiw quê tenha ditu a você mezma: che^go a minha ora?

I*Já.

E*Comu aconteceu?

I*Chegô a minha ora assim d'eu morrê# é? foi um po'brema qui ôvi cumigu aí disseru, você sabi qui sempri as pessoa0, im tudu cantu tem umas pe^ssoa mau0 né i tem ruas, cum'a daqui mezma, aqui nessa rua

num tem uma mulé# se'ra, num tem mulé# o^nesta, num tem moça, num tem nada, intão foru dize# pra eli qu'eu tava sendu fawsa a eli, i eu cheguei ve# a mohti na minha frenti, prontu foi aí qu'eu fi uma pro^messa, pra Deus mi ajuda# intão eu achu (toss) eu achu não, eu tenhu ce^rteza qui [eu]- eu fi a pro^messa [i]- i fui, i awcancei meu pididu po^hque quandu che^garu a eli i disseru qu'eu tava sendu fawsa a eli, eli pe^go a faca i mi mo^xtro i dissi:qui ia nessa pe^ssoa, i si essa pe^ssoa dissessi qui fossi ve^hdadi, mi mataria, i eu sabendu qui era mintira, mays você sabi né, qui [pra]- pra tudu qui ruim aco^nteci na pe^ssoa né, mays Deus foi muito bom graças a Deus também qu'eu num fiz, eli foi a pe^ssoa, pe^hguntô, a pe^ssoa dissi jamais qui tinha feito issu cumigu, puhqué um , uma, um sinhô# di idadi, na casa deli, jamais ia fazê# issu cumigu, intão foi essa situação qu'eu mi vi, eu vi assim, eu vô morre#, i eu num co^sigui duhmi# a noiti, eli chegô era umas dez ora0 pra mi fala# issu, mais ôtu<ra->, mais [ôtu]- ôtu amigu deli, qui foi essi mehm u auto# da cunvehsa, i eli che^go di {madrugada} i dissi: eu vô li mata#, você vai ve#, eu pidi muito a Deus pra [pra qui fossi]- pra qui fossi mintira, pra qui fossi, qui ninguém dissessi a [ve'h]-ve^hdadi, po^'exemplu, que aconteci di você, u povu le^vanta# um fawsu a você, i jura# qui foi ve^hdadi senu mintira, você sabenu qui foi mintira né, e^ntão só quem ahenti tem qui pe^ga# cum Deus mezm cum essa cunvehsa, i sempri us da, us povu0 da rua, a maio'ria pensa qu'eli num sabi dessa ixtóra, i fica mi jantagianu as vezi0, fica dizenu qu'eu sô issu i aquilu, mays deixi qu'eli sabi, di toda cunvesa eli sabi, po^hque principawmenti a pe^ssoa da cunvesa qui saiu, qui disseru que tinha sidu a pe^ssoa eli foi lá eli tirô a re^alidadi qui foi mintira issu essi aí foi u mo^mentu mai dificiw da minha vida, @inda oji eu corru riscu, @credita, po^hque tem as pe^ssoas qui eu já vi inventá# uma mintira i jura# pel'onra da filha, com'mera vehdadi, eu sabenu qu'era mintira, i essa pe^ssoa sabi mûtu bem essas ixtora0 também, mays Deus é grandi, eu sei qui minha co^nsciença {tá} tranquila, qu'eu não fiz'issu, e^ntão num é ela qui vai se# a causadora d'eli tira# a minha vida fora eu tenhu ce^hteza comu [num]- não é ela qui vai se#, {pr'eli} faze# issu cumigu, eu peçu sempri a meu Deus qui jamais aconteça issu, po^hque num é eli qui vai tira# minha vida fora, quem podi tira# só é Deus

E*U qui você acha [qui]- das pe^ssoas qui vivem inventandu fawsus?

I*U qui eu achu, {num} são pe^ssoa z'umana0 né, pe^ssoas qui não tem co'ração, pe^ssoa muito maw, po^hque as pe^ssoa0 di bem num fay uma coisa dessa, pe^ssoa [qui tem]- qui tem fé im Deus, num fayz, jamais fayz issu, puque tá levantanu maw a si memu né, puque jamais Deus le^vantô fawsu a ninguém - é com'é qui si diz- di ninhum apoxtu deli né, qui são qui era (hes) comu noys, noys num somu0 vizinhu0, memu assim era elis, elis eram us amigu0 né, vivi andanu juntu tudinhu, intão uma pe^ssoa dessa num me'reci confiança, num me'reci amizadi di ninguém, uma pe^ssoa dessa, num divia nem nascê#, uma pe^ssoa dessa, nem vivê# nu mundu intão {tem qui}tem qui pidi# muita fohça a Deus pra Deus tirá# issu, essi pensamentu delis

E*Você conheci awgum casu di violência nu seu bairru?

I*É co^neheçu né, mûtu casu di violênça nu meu barru, já aconteceu varias né, @conteceu du rapayz qui matô, lá na banda [da]- da rua da mata, aco^nteceu agora a pôcu qui mataru dentru da casa da mãe deli né {principawmenti}passô um po'raqui né, fazenu <dechan->é atiranu na casa das pe^ssoa0, nu mei da rua, {im tempu de}pe'ga# nas criança0, i puh casa dissu @inda oji eu vivu cum medu den'di casa, po^que meu maridu si me^teu pra apuni# pelas pe^ssoa0 da rua, elis juraru, lá na de'le'gacia di mulé# tem uma cahta lá, aape'ga# Xavié# i u ne^gu Indiu, qu'ê ne^guim negão di {gola} né, i si um dia che^ga# im minha casa i não incontrá# meu maridu eli mata eu i meus filhu0, i tá a cahta lá imbaxu na dele'gacia das mulé#0, a propa mãe du, da pe^ssoa, du rapayz qui morreu agora a pôcu, viu a cahta, i não tem dia nem ora pra elis passa# puraqui pra faze# issu, i as pe^ssoa0 qui moram aqui, u rapayz qui mora aqui, eli {num} jamais faria issu, são as pe^ssoa0 cawma, i u povu di assim não po^hque a rua vocês mora são, é vio'lenta, né não as pe^ssoa0 vem di lá faze# vio'lença aqui

E*Você acha qui as pe^ssoas qui matam [devem]- devem mo^rre#?

I*De'pendi, [de'pendi]- {qual} u mutivu qu'elis mati né, pur'izempru, si um [mata]- mata um, si uma pe^ssoa mata ôtu poh eli faze# mawdadi cum as cum criança, ixtuprá# uma criança, essi af me'reci môrre# -- ôtus qui [ô]- essi qui vem um pai di familia i eli mata elis pa ro^ba#, essi me'reci morrê#, mays [essi]- essis, uns qui mata prá, comu essi rapayz qui tá, u Tony qui tá fugidu da puliça qui matô essi rapayz lá da rua da mata, eli matô pa num mo^rre#, pohquê eli deu doix tiru0 neli, i não pegô né, i dissi:"a próssima eu li matu".Intão eli matô pa num mo^rre#, intão essi af eu num achu e'rradu não, di jeitu ninhum, eu nu meu pontu di vixta né,eu num achu qui é e'rradu, num é e'rradu mata#

E*U qui você pensa sobri a vio'lencia nu mundu di oji?

I*U qui'eu pensu olhi, eu pensu mûtu nissu af, sabi,pensu mûtu, i eu pensu qui si Deus num tive# paixão di noyz, ahenti num vai ispe'ra# uma me'lhora não, é daqui a pió#, eu pensu assim Deus, comu Deus é bom né, mayz é comu di u ditadu né, daqui prá frenti, noyz soyz vê, vamu {só} vamu ve# u pió#, né, fim di ge'ração né, eu num <te-> eu num confio mais im ninguém, eu num confiu mais im nada na minha vida, as vezi0 [eu pensu assim]- eu pensu assim, olhi, uma mãe, um filhu, um pai, [mata]- us mata u, o,u filhu mata u pai, u filhu mata uma mãe, eu peçu sempri a Deus qui, Deus combata mais issu af né,essa vio'lença toda né,só Deus qui podi combate# mezm, po^hque noys na terra vai se# mûtu dificiw, po^hque si um fayz vio'lença aqui, a puliça vai tuma# sastifação, vai prende#, já ôtu si revowta,{doix, trei lá} si re'vowta, af vai [s]- @té u fim dessi jeitu, si não tive# compaixão minha filha, a vio'lença achu qui não vai acaba# nunca, abaxta essi ne'goçu di funk, essi som essas coisa0 qui pahti daí já, pahti daí, né[dessi]-dessi ne'goçu di som, dessi ne'goçu di funk, po^hque eli cume'çaru a cume'ça# essi ne'goçu di funk, foi qui cume^ço mai0 a vio'lença nu mei du mundu, que você vê, você podi olha# na te'le'visão, ou im um som mehm, você podi che^ga# na pohta di um som, quando tá passanu funk é

uma duença maió# du mundu, é ali qui vai [ai]-ai briga0, ai faca0, ai tudu qui não prexta, ali

E*U qui você acha das pessoas não terem u que cume#?

I*U qui eu achu, eu achu uma coisa mûtu ruim, sabia, po^hque já pensô a pessoa, cum dois, trys filhu0 numa casa e num te# u qui cume#, {qui} já che^go quasi, eu já passei quasi pur'issu, eu che^gar na minha casa i pro'cura# [um]- um assim, um dia dois, uma coisa me'lhó# pa da# a meu filhu assim, fora u fêjão puru i u arroyz qui só u qu'eu tinha, as vezi0, mainha tô cum fomi, não te# uma bulacha, não te# [um]-um pão pra da#, eu achu uma coisa muito ruim, qui a coisa pio# du mundu é a fomi sabia, i eu tenho muito medu da fomi, po^hque eu só uma pe^ssoa fumenta sô, [eu]- eu num possu vive# sem cume# não, a num se# qu'eu tenha um disgoxtu muito grandi assim, num tenha fomi {nicissidadi} di cume#, mayz eu tendu vontadi di cume#, i num te# u qui cume#, eu achu tão rim, i eu tenho muito medu da fomi, eu tenho medu assim, di che^ga# um, a epuca, qui nem já disseru, qui ahenti tem u dinhêru i não tem u cumê# pra cume#, eu tenho tantu medu, eu juru comu eu tô cum medu, tenho medu, di da fomi.

E*Comu você acha qui a fomi podi acaba#?

I*É comu eu já dissi, é a fomi podi acaba# [tem]- tem qui arruma#, tem qui apare^ce# muito impregu pas pe^ssoa0 né --- é trabalho, pas pe^ssoa0 trabalha#, a inflação abaixá# mais comu diz, pra mim eu num sô nada, mayz u <prisi-> pra u prisidenti da re'publica, eli podia muito bem faze# issu, eli tem condições di faze# issu, mayz elis vão rô'ba#, nu luga# delis combate# a flação, elis vão rôba# [du]- du ricu, elis vão roba# du ricu, dus pobri0 pra elis, ó u re'sultadu di Colu di Melu, u qui foi qui aconteceu, foi rô'ba# muito dus puliticu0, u qui acontece^ceu foi isso, nu luga# [delis]- delis cuida# da po^berza não, vão quere# Inrica# mais, aí pronto [só isso]- só isso dá jeito miss'ai mayz elis [num]- num ligam cum isso, é issu, pur'issu qu'eu digo , si eu fosse prisidenti da re'publica, eu acabaria cum issu tudu, apesa# di eu sé#, di sé# uma mulé#, mays si eu fossi um omi, eu tinha muito pensamento pa faze#, eu tinha muita idéia pra faze# essas coisa0 + agora eu qui- eu sô pobi, num tenho ixtudu, né? +mayz [pêlu pôcu]- pêlu pôcu [qui eu]- qui eu pensu, qui eu sei, [eu]- eu quiria muito, [eu tinha uma saída]- eu tinha uma saída pra issu, prá {passa#} fomi.

E* Quando você i seu isposo e'xtão sem trabalha#, comu vocês se viram?

I*Olha é u siguinti, sempri um, por'exemplu trabalha, quando um tá muito paradu, num tem nada, mays u ôtu trabalha, tivi uma épuca qu'eli tava paradu, paradu mehmu mayz'eu tinha minhas lavaginha0 né, ganhava di manhã, cumia di noiti, mehma coisa é eli quan'eu tô parada, eli ganha di manhã, agenti comi di noiti, i assim noyz vamu0 vivenu, eu tenho muita vontadi di te# minhas coisa0 dent'di casa, mai num num possu, né, e'speru um dia Deus mi dá# um trabalho, qui eu co^nviva c'a minha {au} meu suó# mezmú né

E* Quais us programas di te'le'visão qui você goxta?

I* É u pro'grama di te'le'visão qu'eu goxtu, eu goxtu muito di @ssixti# gugu nu tvs, é gugu i Silvô Santu0, i na globu goxtu di @ssixxti# minhah

no'vela0 né, a das seis a das seti eu num goxtu não, muito não, goxtu da daz'oitu, i goxtu di @ssixti# também [<fau->] Fauxtão né, eu goxtu di @ssixti#

E*Po^que você não goxta da no've'la das seti?

I*Po^que é muito chata, muito um ne'goç0 mûtu di mentira qui goxta di mata# as pe^ssoa0, teem aquelis ne'goç0 qui parano'hmaw, dixtrui# us <ð->, <ma-> rá matð, mata as pe^ssoa0 tudim, sem a pe^ssoa faze# nada, goxta di com'é qui si diz, é pur'e'exemplu, comu le'vanta# fawsu, elis [fay-]- fay uma coisa e'rrada i bota p'aquela pe^ssoa si sinti# eu num <gox-> pur'issu qu'eu num goxtu daquela no'vela não, muito mawvada, mûtu ruim

E*Quaw a no'vela qui você mais goxta?

I* A no'vela qu'eu mais goxtava acabð qu'era Re'nace# n'era r'enasce#, era re'nasce#, acabð, era cum <Antonio Fa-> Antonio Fagundi0, né qui u qu'eu mais goxtu deli, é u maio# atriz qu'eu goxtu, i Antonio Fagundi0 i mais quem meu Deu0 qu'eu num sei u nomi, eu num sei u nomi dus ahtixta0 assim, pe^ssoawmenti não qu'eu sei é [da<no've->]- da da no'vela , du nomi da no'vela, eu sei sabi, Antonio Fagundi0 eu sei {que} qui o nomi atixticu deli é essi memu né, qu'era Zé Inucenciu, eu goxtava dela mais, i [dai]- dai seis eu também eu goxtu

E*Comu foi o ultimu capitulu qui você assixtiu?

I*U ultimu capitulu qu'eu assixti (toss) foi eli cainu da cadêra di roda mo'rrenu, u filhu deli Juãu Pedru, pe'ganu u punhá qui tava infinhadu nu pé di - com'é u nomi- di, dum pau lá qui tinha lá, i a mulé# deli qui tinha murridu nu cumeçu, vindu busca# eli qui u nomi dela era Santinha, né [qu'eu num sei u nomi dela]- qu'eu num seei u nomi dela mezm, qui até eu <cha-> eu cho^rei sabi, imo'cionada com aquela cena, mûtu bunita qu'eu achei, qu'eu num quiria que'eli mo^rressi, qu'eli era mûtu bom, u co'ronew era mûtu bom, utimu capitulu qu'eu assixti foi essi, qui foi us <fin-> us finaw da no'vela

E*Qual atriz você go'xtaria di se#?

I*Atriz qu'eu go'xtaria di se# Vera fichi#

E*Por quê?

I*Purquê [ela é]- ela é uma mulé#, ela tem quarenta i dois anu0 pareci te# vinti, i não fayz, i ela num fayz quasi ginásca assim, ela é mûtu bunita -- bunita, não puhquê ela é rica, puhquê ela é bunita, ela cunsguiu sempri u qui ela quiz, né, se# atriz, fey multus papew0, multus papew0 ela feyz qui eu assixti, fora no'vela, fiwmi, série qui ela feyz qu'ela feyz qu' era Riachu Doci, qu'eu assixti cum ela eu @ssixti cum ela i --- pur'issu qu'eu quiria se# ela puhquê ela é uma pe^ssoa muito bunita i ela é uma pe^ssoa mûtu boa sabi, m^tu amávew,ela [am]- ama muito as pe^ssoa0

E* Das no'velas qui ela feyz, quaw a qui você mais go^xtô?

I*Qu'eu mais go^xtei -- num tð lembranu Minha Deusa qu'ela era, ela era minha deusa [nu]- na, na no'vela qu'ela, qu'era minha deusa, qui ela era, ela era mæe dessi rapayz qui ela [qui]- vevi oji cum eli, na no'vela, era mæe deli, é a no'vela qu'eu mais go^xtei, foi essa, qui tinha um rapayz qui chamav'ela di minha deusa, agora num sei u nomi da

no'vela, não-- -Mandala, n'era, prontu era Mandala,prontu essa foi mais qu'eu go^xtei, foi essa i das férias0 foi Riachu Doci, qui ela feyz também

E*Comu foi essa miniséri?

I*Essa minisséri, ela era casada, i i tinha um amanti, qui era, [u nomi]- u nomi dessi rapay, meu Deus, toda veyz mi isqueçu u nomi deli, qui el'é u isposu di Bruna Lombradi sabi, [ela]- ela era casada i tinha, i eli era amanti dela, intão ela si apâxonossi pur'eli, i ela num go'xtava du maridu dela mezmu não, ela si apaxonôssi por'eli, ela rica i eli pobri, eli tinha uma vó, essi rapayz amanti dela tinha uma, a vó deli era pare'ci qu'era feiticêra, eli feyz {rusáru} pra ela, ela feyz um {rusáru} pra eli, p'eli num si pe'ga# a mulé# nenhuma, i eli si apaxonôssi por'ela, i ela, a vó deeli pegô, é condenô ela sabi, num quiria, num aceitô, elis foru imhora, elix dois, foru pra [um]- um cantu muito disehtu, p'uma ilha, aí eli, ela si, a vó deli si apo^ssôssi di um, d'ôtru netu dela pa faze# a mehma oisa qui qui ela feyz cum eli sabi, po^hque ela num quiria qu'eli si apaxonassi pu ninguém, i eli si apaxonôssi po'rela

E*Comu você imaginaria um encontru com Vera Ficheh ?

I*Eu comu m'imaginaria, um incontru cum Vera Fichi, muito bom né, puqu'eu ia dize# sempri [u que]- u qu'eu sintu né, eu quiria se# ela, i quiria cunhe^ce# ela, fala# cum ela, é pe'h guntá# u du qu'ela go'xta, é issu qu'eu quiria

E*Comu é, u pro'grama Sabadão Se'htaneju?

I*Comu é, eu achu bom mais puh câsa dus cantô#0 né, po^hque us cantô#0 {são} pe'fe'ridu0 né, é Le'andu i Le'onahdu, Zé di Camahgu i Lucianu, Chitãozinho i Xororó, as vezi vai Amadu Batixta, qui são us cantô#0 qu'eu goxtu né, i ape'senta muitas coisa0 boa0 né, as veyz, ah <min->, [as]- as pe^ssoa0 [du]- du aditóriu pedi fay um pididu a elis, [pa]- pa, pidi# autógafo da dus cantô#0 qu'elis goxta, as vey camisiaa, elis pedi, eu goxtu tem muito divihtidu, eu goxtu muito delis, [qu'eli]- qu'eli é du (inint) intão é uma pe^ssoa [môtu]- môtu bom, sabi, é môtu alegri, eu goxtu [du]- du pro'grama deli pūque é bom, uma coisa familia#, num tem essis ne'goçu0 fei0, sas coisa0 i eu goxtu môtu [puh casa]- puh casa dah música0, eu goxtu môtu da música se'htaneja, adoru música se'htaneja

E*Quaw a qui você mais goxta?

I*A música qu'eu mais goxtu-- [é]- é di Zé Camahgu i Lucianu <com-> meu Deu0, com'é u nomi, é -- eu num sei u nomi da música não, eu só sei dize# qui é assim:pe'cisu, né aquela música qui tem, eu num sei u nomi delas não

E*Canta'í

I*A, ô cantu nada (ris) eu num sei não

E*Si você fossi au pro'grama pohta da ispe^rança u qui você pidiria?

I*U qu'eu pidiria, si num fossi impussivi'é uma casa

E*Puh quê?

I*Puhque u meu sonhu é uma casa né, sempri é um sonhu é a casa, puhquê cum a minha casa, eu sô tudu, né--- si fossi di acohdu a da# né, si num fossi, eu pidiria um som

E*Quais us fiwmis qui você goxta di assixti#?

I*Eu goxtu di assixti# -- fiwmi di faro'exti, mayz cum us atixta0, cum's atixta0 qui u povu chama né, é Rambu, Siwvexti Ixtaloni, é Bodoqui i tem ôtus qu'eu [num]- num mi lembriu u nomi delis i fiwmi di sexu né, eu goxtu di assixti#, so'menti cum essas <at-> essi fiwmi di sexu, di brasilêru, qu' é cum elas, cum essas ahtixta0 da qui a genti tem aqui nu Brasiw né, é cum Vera Fichi, Beti Faria, é--- Bruna Lombahdi, [Matê]-Matê Pro'ença, essi povu assim, cum essis atriz tudim, eu goxtu di assixti# essis fiwmi assim

E*Dus fiwmis qui você assisxtiw, quaw u qui você mais goxtô?

I*U qui eu mais goxtei foi u di Siwvexti Xtaloni

E*Comu foi u fiwmi?

I*Comu foi, foi eli dentu duh'matu, cumendu bichu, eli matava, eli memu cumia, a puliça co'rrendu atray deli né, pra eli, prende# eli, eli matava todus qui vinha, eli iscondidu i foi u vence^dô# foi eli né qui sempri elis quem venci

E*Puh quê você não goxta di cahnavaw?

I*Puhque é uma coisa muito vio'lença, tem muita vio'lença, aí ah mulé#0 si apruveita pra anda# tudu nua, us omi pra [chêra#]-chêrá# loló, fuma# maconha, essi ne'goçu pega ah mulé#0, ah moça0 fay u qui bem qué#, mata, eu num goxtu di cahnavaw, uma coisa mûtu chata, eu num goxtu, di jeitu nenhum, num goxtu não-- coisa mûtu vio'lença, muito vio'lentu, Deuh mi livri, aco^nteci muita coisa qui num prexta, ah mulé#0 anda tudu nua, fazi coisa feia na frenti das criança0, -- sim qui tem qui faze#, as criança0 vai te# qui sabe# um dia, mayz também é dimais né, vê ah mulé#0 tudu nua c'us peitu0 difora, coisa mai0 feia elas apruveita memu, eu num goxtu daquilu não, eu goxtu di assixti# u disfili, may quando vem aquelas pahti daquelas mulé#0, eu goxtu {sim}, num goxtu du cahnavaw, eu goxtu das fantasia0, achu bunitu, não goxtu, achu bunitu, may quando vem aquelas mulé#0 tudu nua,

*****F I M*****

ENTREVISTA 02 - 02.SMS.N.F

Projeto: VALPB

Informante: SÔNIA MARIA P. DA SILVA

E* Pur que voê parô de ixtudá no primário?

I* Ah! puque- disixti mehmo, antigamente as oisa0 mais- sei lá eu acho qu'era difíci de mais da rente tá eu mehmo nu~ m'interissei mehmo aí depoi0 fui logo trabaalá na casa de família e, ("purisso") eu disisti.

E* O que você goxtava de fazê na iscola?

I* Goxtava de fazê devê e muito [<pri->]- principawmente meu nome qu'eu quiria aprendê maih meu nome, [pu <ca->]- qu'é muito difíci a pessoa nu~ sabê fazê o nome da gente.

E* O ixtudo le feys fawta i~ quê?

I* I~ muita coisa, eu diviria agora sabê de muita coisa pelo meno0 arrumava um empego meló, um empego [na]- nás casa0 dos'ôto0 nunca pextô.

E* Como você imagina que seria sua vida se tivesse extudado?

I* Seria meló, poque seu tivesse ixtudado agora [nu~]- mi~a vida rea mu~to diferente de agora.

E* Você acha o ixtudo awgo importante?

I* Acho, e mu~to, muito importante o ixtudo.

E* Por quê?

I* Porque a gente- aprende, é principawmente meus filô0, né? (inint) eu tem filô e agora, eu tô dano a ele [o qu'ele nunca]- [o qu'eu]- a chance qu'eu nunca tive, [eu]- a veys'ele "*Mai~a, nu~ quero i pu colejo." *Digo: "*Não, você tem qui i meu filô, [ole]- [você]- veja sua mãe e seu pai [se nu~]- se tivesse ixtudado agora, não vivia <quienem>- ahente veve." pronto.

E* Quaw a profissão que você goxtaria de tê?

I* Ah, quiria trbaalá [num]- nu~a fábica, [num]- num rextorante num negoço assim qui- [num]- [num]- nu~a loja, de vendedora, quiria trabaalá assim, num negoço qui- tivesse futuro pra gente.

E* Você já trabaalô?

I* Já, muito, i~ casa de família.

E* O que você fazia?

I* Arrumadêra, [<arru->]- arrumava, a veys trabaalava pa cuzi~á, e agora mehmo eu só lavadêra, [may0], [<de->]- tô dêxano as lavage tudi~ qui nu~ tá dano certo mehmo, a pessoa só arruma duença, aí pronto dizixtíy, tô dêxano tudi~. (toss)

E* Como era seu relacionamento com os seus patrões?

I* Ah! ti~a ora que- achava bom, depoi0 eu começva mi~ chatiá, e saía, (hes) ficava logo mi~ chatiano, né? sobe o negoço de- rôpa tava malavada, nu~ sei o quê, iss'ái, fica mu~to chatiada, a gente se chatêa muito, i~ casa de família.

E* Você acha que as muleres devem trbaalá fora?

I* Acho- qui deve trabaalá fora, qui nu~ tem nada a vê u~a trabaalano fora. *A veys os'ome tem um [<compre->]- [um]- um complexo cu'a muyé trabayano fora, [may0]- isso é ilusão. *Eu goxtaria muito de

- 45 traba lá fora *[Eu mehmo]- eu mehmo tava batalano, pavê s'eu consiguia um imprego na Prefeitura e meu marido nu~ dexô. “*Ah! puque nu~ sei o quê.” *Eu digo “*O qu'ê qui tem, rapay0, a muyé traba lá fora tem nada vê não.” *[Mays] ‘ele nu~ dexô mehmo.
E* O qui foi qu'ele disse?
- 50 I* Ele disse [qui]- qui mulé qui traba lá fora [nu~]- é safada, nu~sei o quê. (risos F) (falando rindo *Eu disse: “*Tá qui bextêra, muyé pa sê safada nu~ picisa traba lá fora não.”)
E* E agora o que você fays todo dia?
I* Ah! faço o siviço de casa mehmo, lavo rôpa, [<a->]- arrumo casa,
55 cuida de minino, e- faço awmoço, tudi~, só isso qu'eu faço.
E* Dos seviços doméxico0, quaw o qui você mais goxta?
I* De arrumá mi~a casa, (risos F) de dêxá bem arrumada, o qu'eu mais goxto, goxto muito de limpeza arrumo mi~a casa. *Goxto de lavá rôpa não, goxto de apa~á, (risos F) só goxto de ixtendê, pronto e goxto
60 também de ingomá.
E* Quaw a comida que você mais goxta?
I* Arroys'e macarrão, fêjão eu nu~ goxto>
E* Cum'ê qui fays?
I* Bota no fogo pra cuzi~á, né? [bota no]- bota água no fogo pa
65 fevê, depoi0 bota [no]- o arroys, o macarrão no fogo, dento da água, a água fewve [ahente]- quando cuzi~a ahente tira e iscorre, depoi0 fay0 o molo- do macarrão, e depoisá genta awmoça.
E* Se você ga~asse na loteria, o que faria com o di~êro?
I* Pemêro lugá, constufa a mi~a casa, [e dava]- e comprava u~a casa
70 pra mi~a mãe, ela não tem casa, mora e, casa alugada.
E* E o que você faria pelas pessoas necessitadas?
I* Ajudava baxtante, [s'eu]- o qu'eu pudesse fazê pelas pessoa0 qui pricisasse, eu fazia.
E* Em que bairros de João Pessoa você já morô?
75 I* Só aqui mehmo, (inint) quond'eu nayci, morei- nu~ lugá chamado: Paratibe, Laranjêra, Mussumago, qui agora, é tudo conjunto, né? antigamente era só siyto. *Eu nayci [num]- num lugá chamado Mussumago, e (hes) depois'eu vim- de Mussumago pra cá vim morano i~ todos'o canto0, morei na Pe~a, (bairro de João Pessoa) morei pu todo
80 canto pur'ali *Aí, depoi0 [mi~a mãe]- meu pai adueceu, vendeu- o qui ti~a e vei morá aqui no Vajão, aí pronto até hoje daqui eu nu~ saí mai0 pra canto ni~um. (toss)
E* O qui foi qui aconteceu com seu pai?
I* Meu pai ficô cego, [ele]- ele vendia- cawvão, aí u~a veys ele vi~a
85 caiu do cavalo, aí, bateu cu~ o olo no taco, aí cumeçô a se tratá, aí [ficô]- o médico disse qu'ele ia ficá cego du~ olo somente, ficô cego du~ olo e cu~s tempo ele ficô cego do otô, aí pronto.
E* Por que você nunca saiu daqui?
I* Eu goxto muito do barro que'eu moro (risos F) nunca saiy, nem tem
90 vontade de saí- nunca daqui.
E* Como é seu relacionamento com os vizi~os?

I* Ay0 vey0 são bom0, né? [aliay]- tem muito qui, pra mim são muito bom0, [may0]- tem uns qui as vey0 qué impricá pu caso de minino que você sabe qui- onde- tem minino tem tudo, né? [e]- aí até oje, graças'a Deu0 eu goxto mu~to [de]- do vizi~, nu~ te~o o qui dizê deles.

E* Como você trata seus fil0s?

I* Mu~to bem, me ló de que- [ele]- eles'imaginava que'eu ia [tatá ele], eu goxto muito do0 meus fil00, [na]- [nada]- nada nesse mundo mi~fay0 eu separá deles.

E* Como seus pais le criaram?

I* Simpe, né? qui [<an->]- [<an->]- meu pai era muito pobe, [mi~]- mi~crió com: (inint) pegava caranguejo, papai vendia cawvão essas coisa0 ahente ixtudava i~ casa cu~ as'irmã0 mais vela0, tуди~ e pronto, mi~crió assim.

E* Como eram as suas brincadêras na infância?

I* Ah! era buneca, u~as bunequi~a0 de pano, os povo chamava de bruxa (risos F) u~as bunequi~a0 de pano ahente brincava muito, ahente fazia casi~a, fazia u~as casi~a0 da pala ahente ficava brincano, tуди~o, e até oje eu @inda sinto sodade de mi~as brincadêra0.

E* Quaw a brincadêra qui você mais goxtava?

I* Era dá ba~e na mi~ah boneca0, e [arrumá ela] e dêxa doih treyh dia0 assim arrumadi~a. *E até eu pensava qui quando tivesse fil0, ia sê assim, (risos F) (falando rindo) [may0] foi muito diferente. (F)

E* Por quê?

I* [Poque eu achava]- poque eles- nu~ era <quinem>, buneca puque eles chorava muito, e- ahente ti~a qui (inint) levá pu médico, tуди~, iss' [é tudo]- era diferente de buneca, né? qui antigamente era miuto bom buneca, [se fosse <bune->]- minino fosse <quinem> buneca, ahente vivia no paraiso, (risos F) minino pertuba dimai0, minino abusa dimai0, [<só->]- fica no maíó sufoco i~ caso de duença ahente si aperrea, tуди~, [may0] eu adoro meus fil00 assim mehm0, nem pur'isso eu vó [dispezá ele] puque- eles- mi~ aperriaru na infância.

E* Conte uma ixtória marcante que você gurda da infância.

I* Ah! iss'ai eu- (toss) acho qu'eu nu~ alembro de ni~um.

E* Quando você era sowtera como era sua vida?

I* Ah! era muito bom, eu ia pa praia, ia pra- clube, brincava muito, só nu~ quiria sabê negoço de namorado, nu~ quero não puque- puque só mi~ dá dô de cabeça, agor'um dia quand'eu arrumá um qui dê certo cumigo aí tudo bem, foi tanto qu'eu arrumei- esse rapays qu'eu vivo cu~ ele, goxto muito dele, vivo cu~ ele até oje graças'a Deu0, [fay0]- vai fazê quinze ano0 já qu'eu vivo cu~ ele, [nu~ tem nada]- nu~tem nada- contra isso não, goxto muito dele, vivo muito bem cu~ ele.

E* Como você conheceu?

I* Eu- morava lá [no]- no Jardim Tabaiiana, aí eu fui [pa]- morá lá no aubegue, cheguei lá, [cu~eci ele], e fui levano, pronto, até oje, [cu~eci ele], foi muito bom quond'eu [cun~eci ele], goxtei dimai0, e até oje vivo cu~ ele aqui.

E* Como foi o namoro de voceys?

I* Ah! foi bom dimai0, só intemeydo [da vizi~a]- da fiła]- da irmã dele a irmã dele- vi~a ele mandava mi~ perguntá cum'era meu nome e eu dizia e lá vai, depoi0, ahente se co~eceu meló e pronto.

E* Depois de casada, em que sua vida mudô?

I* Nu~ mudô quase nada, só puque eu safa, agora nu~ sai mai0 <quinem> eu safa, pa [mim saf] p'um canto tem qui pidi e ele s'ele dexâ eu vó, s'ele nu~ dêxá também eu nu~ vó, pronto, só mudô mai0 nisso.

E* O qui você mais goxta no seu isposo?

I* (risos F) É puque ele é um cara mu~to legaw, ele nu~ é rim pra mim, nu~- veve mim mawtratano nem nada, o qu'eu mais goxta dele [é nisso]- e isso porque [ele]- s'ele tivesse mi~ mawtratano eu nu~ goxtava dele, tawvey0 nem cu~ ele vivesse mai0, (“[mai0]”) eu goxta muito dele.

E* O que você menos goxta?

I* Quand'ele bebe qu'ele fica- brabo, qu'ele fica muito brabo, fica- c'u~as brincadêra0 chata cumigo, c'uns minino, oh minino0 fica recramano, [may0]- somente isso e mais nada.

E* Você acredita no amô?

I* Aqusdito, puque se nu~ izixtisse amô- ninguém vivia cùm ninguém nem goxtava de ninguém.

E* O que você sentiu quando sôbe qui ixtava grávida?

I* Ah! goxtei muito, era mais qu'ele queria era tê um fiło. *Aí quonde eu- fiquei grávida, aí, eu disse a ele, [ele]- [ele <goxt->]- ele- disse: “*Ah Soyna! agora ahente vai tê um minino.” *Aí quond'eu tive o minino, né? aí foi u~a felicidade [<mu~->]- maió do mundo qu'eu dei pa ele e mai0 um fiło aí- pronto.

E* Como foi o nâscimento de seu fiło?

I* Sofi baxtante, sofi baxtante, eu- [<fi->]- inchei muitju, não cumia, e eu [quond'eu]- [ele]- quond'ele pa naycê, eu passei treyh dia0 sofreno pa discansá dele, [sufria]- [sufri]- (“fay0”) <quinem> o ditado, sufri o pão qui'u diabo amassô, pa tê esse minino; [passei doih dia0 na <mate->]- um dia e uma noite na maternidade, sofreno pa discansá dele, pensava qu'eu ia morrê, [e]- e um dia e mei i~ casa, [may0]- graças'a Deu0, depois, [deu tudo <le->]- deu tudo bem pa mim, depoi0 u'eu [tive ele], aí pronto. *Quond'eu cheguei i~ casa foi aqule aligria cu~ ele qu'era (inint) logo omí, fiło omí, primêro fiło ome, lá vai. *Goxtei mehmo, goxtei tanto qui tive quato, (risos F) (falando rindo) tive maih trey0. (F)

E* Awgum dos seus filôs já ixteve seriamente duente?

I* Já muito duente, teve mi~a fiła- mais vela, Fabiana, ela teve- um sarampo qui quagi qui morre; teve começo de miningite, também quase qui morre mi~a fiła, eu sufri muito na épuca qu'ela teve essa duença, eu pensava qui mi~a fia nu~ ia- ficá maih boa. *E os povo qu'essa duença [ô]- [ô]- ô mata ô fica doido, e eu cu~ medo rezei muito- [pra]- pela mi~a fiła, e graças'a Deus ela nu~ ficô cu~ ne~um defeitju.

E* Você já perdeu awguém muito querido?

I* Já, meu pai, pai já morreu [fays]- [vai fazê]- [fey0 seis'ano0 agora]- [vai fazê <sê->]- vai fazê seis'ano0 no dia [<cin->]- quato de santana, qei meu pai morreu, sufi muito pu caso dele.

E* Como foi?

I* Ele começô a ficá duente, aí [ficava]- ficô sem uriná, aí depoi0 a barriga dele cumeçô a crescê, aí, [may0] também nu~ [levô ele] pu médico qu'ele disse nõ quiria í pu médico; aí ficô i~ casa, aí morreu, adueceu mehmo aí nu~ teve mai0 jeito; ficô sem cumê, nem falá, nem nada, aí morreu. (inint).

E* Você já ixteve awgu~a veys em u~a situação dificiw, em que te~a dito a você mesma chegô a mi~a ora?

I* Teve, teve poque- [eu tive <mu~->]- eu tive muita- dificuldade na mi~a vida já, sufi dimai0 já, [eu quiria]- aveyz'eu ficava assim pensano: "*Meu Deu0, eu quiria arrumá um ome pa vi~ morá cumigo, poque- eu sofo dimai0. *Puque eu nu'ti~a o qu'eu quiria, sei lá, sufria mito i~ casa assim sobre negoço de- meu pai era pobe não ti~a condição de dá nada, e ahente[sifria]- sufria muito nas cas0 dos'ôto0, e pidia miuto pra- arrumá u~a pessoa que dese certo cumigo, pa mim- [vivê]- vê s'eu ti~a um pôco de pays; [ti~a ora que'eu dizia assim: "*Eu quiria"]- [ti~a ora]- ti~a ora qu'eu dizia: "*Eu quiria morrê, pifiria morrê du que vivê nu~a situação dessa." @té qui fim qui consigui- realizá meu so~o.

E* Quantos irmão0 sua mãe teve?

I* [Teve sete, morreu]- [teve]- teve oito, morreu um, ficô sete; aborto, teve [um]- uns cinco pur'ai, teve muito aborto ela, vivo mesmo só tem seis: [doy0]- tem um ome [e quato]- e cinco mulé.

E* Como era a sua vida juntamente com seus'irmãos?

I* Era muito rim, [<are->]- ahente arengava dimais, arengava dimaih mehmo ahente, arengava muito pô caso [de]- [de]- de brinquedo, de tudo, a gente arengava tanto qui- ti~ a ora qui- ahente- u~a vey0 eu cortei mi~a irmã cu~ agilete, [qu'ela]- tava fazeno a ponta do meu lápis'ela- [pegô- a ponta do meu]- pegô meu lápis [e]- e tumô e eu pidino dizeno qu'era meu e ela sem querê mi~ dá, peguei u~ agilete passei na perna dela, cortei, (risos F) (falando rindo) ôta vey0 cortei no braço, é , er'assim, vi~a bulí cumigo. (F) *[May0]- foi bom, assim mehmo eu goxtava muito deles, até oje @inda goxto deles.

E* O que sua mãe feys?

I* Só feys brigá cumigo, pronto, nu~ deu i~ mim não. *Ôta vey0 peguei u~a irmã mi~a, [eu <che->]- ti~a chegado do trabalho, aí ela- ficô bulino cumigo aí ti~a um balanço assim [nu~]- no pé de cajú, aí [eu]- ela quiria í eu disse: "*Rapay0, dêx'eu í qu'[eu cheguei <pimê->]- eu cheguei agora do sewviço, nu~ sei o que" *Aí ela: "*Não pemêro eu" *Aí disse: "*Então vem" *Aí [butei ela] no balanço, aí joguei o balanço cum ela e tudo aí, quon'ela voutô, ti~a um tóco assim aí, deu um corte na perna dela, tão fei, aí eu fis carrêra- pa mi~a mãe nu~ dá <neu>, [mays]'ela nu~ deu, depois, ela foi [levá ela] pu médico, tudi~, [may0] nu~ deu i~ mim mayh não, e eu fiquei cum medo, pensano qu'ela ía dá <neu>, lá vai. *S'iscondia muito qui meu pai as veys quiria dá na gente,

el'era cego, ele nu~ via, aí a gente se subia [nas]- na casa, se no noys pé- durmia atrepado na cumi~era da casa, (risos F) pu meu pai nu~ dá na gente, depoi0 quondo era de madrugada a gente discia [do]- da cumi~era da casa ia- pa cama da gente e ele ainda ia pegá a gente a gente s'iscondia, e assim, @ma~icia o dia, ahente ria que só ficava rino, mangano dele puqu'ele vi~a pegá pa dá. *[Ahente]- (risos F) a mi~a infança foi muitju boa, eu bulia muitju cas pessoa0. *Pa apendê corrê de bicicleta eu só fartava matá os povo na rua. *U~a vey0 [eu]- [ti~a um rapay0]- vi~a um rapay0 c'um balai de peixe, [ai bateu]- eu batí [na]- no balai de peixe do ome derramei oh pêxe0 do ome todi~, o ome mandô eu í pu inferno, (inint) qu'eu quebasse mi~as canela0 [eu disse]- aí eu disse: “*Poque o si~ô nu~ sai do mei.” Cumecei dizê coisa c'u ome, tudi~. *[May0]- [um]- [um]- sempe <oxe> u~a vey0 eu levei u~a batida nu~a bicicleta quage qui quebava mi~a perna na ora qu'eu ia do bano na isquina o rapay0 vi~a, foi u~a barruada tão gande qui ficô u~a roncha na mi~a perna, e m'isculambô, chamô nome cumigo eu chamei c'um ele, ponto. (risos F)

E* Como era [seu <relacinam->]- o relacionamento do seu pai com a sua mãe?

I* Era bom, depoi0 de vey qu'ele- cumeçô- ficá- qui os povo dizia qu'ele tava caduno tudi~, aí cumeçava a- tê ciume da mi~a mãe depoi0 de vey puque mi~a mãe era mais nova de que ele, [may0] mi~a mãe nunca- fey0 nada de mais puqu'ela [goxta]- [goxta]- goxtava não, goxta de pescá, pegava caranguejo, ia pescá de noite, tudi~. *[Aí]- aí depoy0 de velo ele cumeço impricá cum ela, tudi~, [may0], s'acabô, depoi0 qu'ele adueceu mehmo pa morré aí, pronto.

E* Como era qui você pegava caranguejo?

I* Ahente ia pu mangue, chegava lá os caranguejo0 tava lá ahente ia mai0 de andata, os caranguejo0 tava na bêra do buraco assim ahente curria [pegava ele] butava denta [da <sa->] do saco.

E* E o que fazia cu~ esses caranguêjos?

I* Quond'a gente chegava i~ casa cuzi~ava e cumia, [cuzi~ava ele]- fazia insopado de caranguejo, [fazia ele] no coco, tirava as carne0 todi~a das pata0, fazia no coco, ahente cumia, era goxtoso qui só.

E* O que você acha dessa violênciã que aumenta a cada dia?

I* É eu quiria tanto qui se acabasse essa violênça puque- principawmente pu caso dos meus fiy, meus fiy agora cresceno tá veno essa violênça. *Qui o meu mehmo, diy assim: “*Se fosse cumigo, [eu <que->]- é bom qui matasse fulano de taw, era bom qu'esse fulano de taw morresse, nu~ sei o que.” *E ôta qu'ele é u~a criança, vai cresceno nessa violênça, e termina- ino no mehmo cami~o. *Eu dô muito consej a meus fiλo0, principawmente meu fiλo ome qu'eu te~, dô muito consej a ele, dig'a ele qu'esse cami~ nu~ dá certo, quond'ele (“vem”) [nu~]- nu~ and'arengano cu~ ninguém, puque se andá arengano fica marcada, as pessoa0- termina- matano puque- mata mehmo, qui a violênça tá muito gande e eu quiria- pelo meno0 acabasse a violênça pelo meno0 inquanto ele s'intendesse de gente e, puque quond'ele [<fi->]- ficá rapayzi~já,

cumeça a andá pur'ái, ele [nu~]- nu~ vai aguentá levá- impurrão, nem tapa, nem piada, qui- ninguém goxta disso, né? aí pronto. *[Eu te~o (inint)]- eu quiria tanto qui acabasse pelo meno0 os meus filio0 [nu~]- te~ pa mim qui nu~ ia sofrê muito. *Na mi~a época qui foi muitju bom, qui a pessoa safa de noite chegava no ôto dia, ninguém nunca viu enesse negoço dessa violença qui a gente- durmia até no mei da rua assim se fosse pussive, não acontecia nada cu~ ahente, vá agora ahente sai, eu mehmo te~ medo de sai até- de oito ora da noite p'u~a venda, qu'eu te~ medo quond'eu ve~ de vovta, nu~ tem um tirotei e mata a gente.

E* Você co~ece awgum caso de violência no seu bairro?

I* Co~eço, tem muita violença no meu barro, [gente <mo->]- <quinem> um dia desse, mataru umrapays'ali tуди~, um amigo da gente, a gente fiquemo muito triste pu caso disso, [mays]'ele andava cu~ esses povo, né? tudo acontece, s'ele andá cu~ esse povo qui fay violença, aí pu caso de vingança eles fica um vingano a morte dos'ôto e assim nu~vai s'acabá nunca essa violença. (falando a um interveniente) --*Peg'ali Caw.-- *Isso nu~ vai s'acabá nu~ca essa violença pu caso disso, qui fica um quereno matá os'ôto (inint) pu caso [de]- [de]- fica matano uns'os'ôto pu caso dessa violença. " *Fulano matô fulano, vamo matá um deles." *E mata mehmo fica pur'isso mehmo, a puliça vem atray tуди~, [may0] depoi0, pronto esquece o caso.

E* Como você acha qu'essas gangues pode acabá?

I* [Eu te~pa mim]- vai sê muito difíci acabá cu~ essas gangue0, né? Vai sê muito difíci puque- [é muitas]- e não só é aqui qui ahente vê [esse]- [essa]- essa violença, puque qui você assixtino televisão é o mais qui você vê a violença no mei do mundo, iss'eu acho muito difíci de acabá, nem morreno tуди~ [nu~]- ainda nu~ se acaba, puque fica os filio0 [do]- dos qui morreru, e assim vai vingá a morte do pai.

E* Você acha qui quem mata- deve morrê?

I* Acho, quem mata deve morrê do mehmo jeito. *Eu tem pra mim [se]- se u~a pessoa mata u~a pessoa, se aquela pessoa- pudé- [pegá ele] arraxtá de dento da delegacia e matá#lo, vai sê a vingança meló qui tem no mei do mundo, qi ninguém deve tirá a vida [de]- de gente umano não, qui isso nu~ tem essa lei pa ninguém tirá a vida de ninguém.

E* Para você o qui é passá fome?

I* Ah! eu [nu~]- nu~ sei dizê muito não qui eu nu~ passei- muita fome, graças'a Deu0 eu nu~ca- passei- ahente passô assim: awmoça, [nu~]- a vey0 nu~ tem janta, antigamente, né? puque agora as coisa0 [é mai0]- é mai0 difíci [may0], se torna mais faci, [may0], fome, fome mehmo, eu nu~ca passei nã.

E* O que você acha da campanha da fome que está sendo realizada?

I* É u~a campa~a muito bunita, diviria acabá essa fome mehmo puque tem muita gente pur'ái morreno de fome, e ahente se sente maw quondo vê um negoço desse na televisão, dahente não podê colaborá com aquela pessoa qui nicissitano, também só u~a pessoa pobe nu~ te~ condiçã0 de tá- *A vey0 fica [aquela <camba->]- aquele- pidino [no]- pá- depusitá di~êro, u~a coisa assim, [may0], aliays nu~ pode fazê nada qui não tem

condição, se ahente tira do da gente- pra dá, <adepoi0> fawta pra gente, aí ahente nu~- fico cu~ muita pena [may0] nu~ posso fazê nada.

E* Como você acha que a fome pode acabá?

I* E depende do Prisidente, né? que se o prisidente- quisesse isso já ti~a acabado, [may0] ahente cada veys mais tá veno [a]- [a]- as coisa0 aumentano, ninguém pode fazê nada mehmo. *A gente vive assim se nu~ tivé cuidado morre de fome, qui a micharia- qu'o marido dahente ga~a pa cumê- não dá pra nada.

E* Quaios os programas de televisão qui você assixte?

I* Eu assixto fiwme, assixto novela, goxto mai0 das novela0, assixto a novela day0 sei0, days'oito, a day0 sete, [<ado->]- goxto muito dayh novela0. *Ay0 veze0 tem awgum fiwme bom eu assixto; Síwvo Santo, também assixto.

E* Das novels quaw a qui você mais goxta?

I* Goxto da novela days'oito [<Re->] cum'ê?

E* Fera [radicaw] Ferida

I* Sim fera ferida. *Eu goxto daquela fera ferida qu'eu goxto, eu goxto muito daquela novela.

E* Como foi o úwtimo capítulo qui você assixtiu?

I* [Foi]- foi, cum'ê, [no]- o capanga [do] coronew qui queimô a casa [do]- [do]- do covêro, ele matô a mulé dele e o fião dele, na novela, [ele]- ele só ficô cu~ um fião piqueno, ele se revowtô#sse ficô ficô quebrano os tumo0 [do]- do cimitério qu'ele era covêro, era covêro aí ficô [<quima->]- acabano cu~ os tumo0 tudi~, a mulé- d'um amigo dele [chegô]- chegô junto dele falano cu~ ele, (inint) qui s'acawmasse qui os morto0 nu~ ti~a nada vê cu~ isso, aí pronto, eu goxtei muito do úwtimo capítulo qu'eu assixti.

E* Como aconteceu o inceyndo?

I* [Ele <com->] [o car compro queroseno]- o capanga [de]- do coronew comprô queroseno [e]- arrudiô a casa todi~a cu~ queroseno, aí depoi0 tocô fogo, aí pegô fogo. *[Ainda se]- o rapay0 ,ai0 velo [se]- sawvô o irmão dele qui tava no ba~êro, quondo chegô lá a mãe dele [s'agarrô#se]- cu~ ele cumeçô a chorá aí ispro um negoço lá, o bujão aí, morreu os doi0, na casa pegano fogo.

E* O que você goxta na novela das sete?

I* Só goxto de- Cacaw [e]- Alissu, goxto muito dele e eu quiria qu'ele terminasse cu~ ela, goxto muito daquele casaw.

E* Como é a novela day0 seis?

I* A novela day0 seis também é boa, [may0] Luca [mai0 <Clau->]- mais Cláudia tá sofreno muitju, e ele- [may0] tombém ela [fey0 ele] sofrê muito no começo da novela [agora]- agora é a veyh dela, [may0] eu creio qui no fim da novela eles termina tudo bem eles doi0.

E* Quaw o programa do Síwvio Santo0 que você assixte?

I* Topa tudo pu di~êro, eu acho muito legaw aquele programa dele, [só é]- já fica no finaw, né? di noite, eu goxto muito daquele progama dele. *Só é rim puque Mano assixte- negoço de jogo essas coisa0 aí nu~ dexa eu assixti direto, [mays]'eu goxto muito.

E* Como é?

I* É bom Topa Tudo Pu Di~êro, [ele bota]- ele [manda pergunta]- pergunta a vey0 fay0, bota assim um quadro, aí diy assim: “*Se [tá]- sai qua numo, qua nome, você ga~a tanto.” *Aí, a vey0, aperta aí sai o nome ela ga~a- o di~êro, depois0 continua de novo [se]- as vey0 quonde perde perde o di~êro todo, é bom qui só.

E* Se você fosse ao programa Porta da Esperança o que você pediria?

I* Ah! eu pidiria- u~a ajuda pra [ajudá]- [ajeitá mi~a casa]- fazê mi~a casa *[Eu quiria]- mays eu quiria [dê]- [tê muito]- tê muita esperança [de]- [de coxtuf mi~a casa]- terminá de conxtuf mi~a casa, qui ainda fawta muitja coisa, aí eu quiria- pidf- u~a ajuda [pa] [de]- sobe di~êro pa comprá materiaw pa- terminá mi~a casa e fô um pussive ajudá mi~a mãe também.

E* O que você vê nas novelas qui tem vontade de possui?

I* [Eu]- eu acho qi nada, puque ayh novela0 [é]- [é]- fay0 <quienem> o ditado, [é um <so~>]- é um so~o, a pessoa assixte assim tudi~. *Eu nu~ te~ vontade de pissuf nada qui- tem i~ novela, pelo contráro, eu te~ muita raiva quonde passa aquelas mulé qui fica- traino oh marido0, disso eu te~ muitja raiva. *E as <pe-> qui fica também falano na raido dis: “*A novela tá [tá <fi->]- tá virano [um]- u~a casa de ricusso puque fia as mulé0 tudo butano cangaya nos marido0 é uns negóço0 [u~as]- [um]- u~as cachorrada0 iss’ái [é]- eu acho muito fei, é a única coisa qu’eu nu~ queria i~ novela era isso.

E* Quaw a atriz qui voce muis goxta?

I* Fernanda Montenegro, [aquela]- aquela cum’ é o nome dela meu Deu0, Lucéla Santo0, também eu goxto muito dela, goxto mais de Lucéla Santo0, é u~a atris muito legaw goxto muito dela.

E* Como você imaginaria um encontro com Lucéla Santos?

I* Ah! eu acho qu’ela nem ligava pra mim, né? eu do reito qu’eu só pobe, eu acho qu’ela fazia de conta qui nem mi~ cu~icia, [nem]- nu~ quiria nem mim cu~ecê, qu’eu só um fã dela [mays]’ela nu~ (risos F) eu acho qu’ela [nu~]- num ligava nem pa mim não, de jeito ni~um, te~o certeza que- (risos F) se um dia eu [incontrasse ela] assim num canto.

E* Dos fiwmes que você assixtiu, quaw o que você mais goxtô?

I* Aquele Siwvexte Ixtalone, Siwveste Ixtalone eu gostei muito daquele fiwme, e [aquele]- aquele cum’ é o nome meu Deu0 aquele fiwme de Siwvexte Ixtalone, e aquele- Arnô Suasnega também eu goxto muito daqueles fiwme0, somente desses doi0, só goxto desses dois’atixta qu’eu goxto dos fiwme0 dele.

E* Como foi o fiwme?

I* Foi um qui- [de]- de violença nu~ sei o quê, um nomi~ qui- dizia no fiwme, já fay0 tanto do tempo qu’eu assixti qu’eu nem me alembo mai0 o nome, [may0] foi bom eu goxto muito daqueles fiwme0 de Siwvexte Ixtalone e- Arnô Suasnega, é muito bom aqueles fiwme0.

E* Por Quê?

I* Pruque eu goxto [tem]- ele nunca dexa barato não, tudo qui fala cum ele ele- vingança aí, (risos F) eu goxto muito e ele nunca sofe qui

atixta qui sofe demai0 nu~ presta, mehmo nu~ goxto de fiwme qui atixta dimai0.

E* Quais os cantores que você goxta?

I* Roberto Carlo, Leando e Leonardo, Zezé de Camargo e Luciano, Xitãozí~ e Xororó, (risos F) goxto mai0 [dele]- das musga0 deles e goxto muito deles também.

E* Quaw a música que você mais goxta?

I* Aliays tem tantas viu, (risos F) (falando rindo) eu vò dizê- as musga0 de Leando e Leonardo (F) eu goxto muito das musga0 de Leando e Leonardo, (inint) tem u~a musga diy assim, nu~ sei s'ê dele essa: um dia eu ficá sozinho [essa musga]- eu adoro essa musga dele, goxto mu~to de musga deles, [s'eu tivesse u~a raydiola]- s'eu tivesse u~a raydiola, eu [só]- só usava essas fita0 de Roberto Carlo Leando e Leordo Zezé de Camargo e Luciano Xitãozí~ e Xororó, era os cantô0 qu'eu ti~a dento de casa, ah musga0 eu goxto muitju.

E* Cante um pôco da música qui você mais goxta.

I* Ah! (risos F) (falando rindo) iss'af vai sê difici, né? nu~ goxto de cantá não, (F) é difici eu cantá eu nu~ goxto não, eu só goxto mais de iscutá as musga0 dele.

E* O que você sabe sobre Leandro e Leonardo?

I* Eu nu~ sei nada, né? nu~ sei nada sobre eles, sabe qui eles são muitju unido0, tem fazenda, incrusive, um agora, né? pu caso [qui vai casô]- [já]- ô vai casá ô já casô, o qu'eu sei sobre eles é isso, também ele era muito pobre, né? eles [são pobre]- era pobre, depoi0 cumeço [a]- a cantá, <quinem> passô um fiwme cu~ a ixtória tudi~, eu goxtei muito daquela ixtória deles apesá deles sê pobre0 e agora tá aí e sempre eles'ajuda às pessoa0 qui precisa, iss'ê o baxtante.

E* Como foi o fiwme?

I* O fiwme é qui ele era pobre, ele chegava [pra]- pra cantá assim ninguém quiria ficara- pidino dizia assim: "*Me dê u~a chance d'eu cantá pelo meno0 o começo d'u~a musga [pa]- [pa ôce]- p'u si~ô goxtá e deoi0, quem sabe qui o si~ô nu~ vai interessá [pu]- pelas mi~as musgas, nu~ sei o quê." *Aí, ("os cara0") "*Não, você nu~ sei o quê."

*Aí sempre arrumô um rapays [qui]- qui goxtava muito, sabe? Goxtava muito [de]- [de]- de aí [chamô ele] pa fazê- u~a intrevixta ele foi aím depoi0 ele ficô famoso todo mundo adorô as musga0 dele, quondo [os'ôtos <can->]- o cantô ia cantá ia cantá, os povo0 tudo- ficav trixte, quond'ele cumeçava a cantá os povo se alegrava ficava bateno pawma, aí pronto, depoi0 o cara [aceitava ele], aí [contatava ele], p'ele cantá.

E* Quaw a festa do ano qui você mais goxta?

I* Nataw, [puquê]- juxtamente pucaso do meu anivesaro, eu competo ano no dia vinte e cinco de nataw.

E* Como foi o seu úwtimo aniversário?

I* É foi muitju bom, eu mehmo nu~ saf pa canto ni~um mehmo, nem comemorei meu anivesaro nem nada, fiquei pur'af brincano may0 oh minino tudi~, depoi0 (inint) os pessoá- trabayava nu~a casa, a mulé-me deu presente, na ôta casa também, é, às veze0 eu ga~e mu~to presente puque os povo achá muito bunito a data do meu anivesaro,

(inint) “*Nayceu no dia do naycimento de Jesu0 tu, [tu <se->]- [teu <anive->]- tu naycesse?” *Eu disse: “*May0 iss’ é pa quem pode.” (risos F) (falando rindo) (“mi~as’ amiga”) fica tudo rino, quond’ eu digo isso. (F) *Eu acho muito bunito mehmo a data do meu anivesaro.

E* Você goxta de carnavaw?

I* Não, antigamente eu goxtava muito puque eu brincava, agora nu~ goxta mai0, te~ até raiva de sai na rua quondo os povo tá tudo melano puque eu te~óydo quondo me mela, já qu’ eu nu~ binco tombém nu~ quiria qui ninguém me melasse, [may0] eu goxtava muito, (inint) de carnavaw eu me preparava no primêro dumingo, no primêro dia, me danava no mei do mundo ía dançá, bincá, pulá, era muitju bom eu goxtei muito [may0] agora nu~ goxto maih não.

E* Por qu você não- brinca mais no carnavaw?

I* Puque eu mehmo nu~ goxto ay0 vey- *teve um ano aqui qui (inint) Marilene dexô í pu clube aí tуди~, [may0] agora pu caso dessa violença eu te~o até medo de sai de casa, aí [nu~]- nu~ binco maih não, ay0 vey oh minino0 pede pa í eu digo: “*Não si~δ, ocê nu~ tá doido.” *Qui nem [o ano passado]- [o ano]- o ano passado, meuh minino foi aí pa o clube, aí cumeçaru um tirinete de cadêra lá vem, cadêra vai, e eu fiquei logo newvosa aqui puqu’ eu ti~a dêxado oh minino0 í, aí pronto digo maih nunca esses minino0 vão pa canto ni~um, a nu~ sê cumigo, aí ponto. Pu isso qu’ eu nu~ goxto desa violença [oh minino0 nu~ quere]- nu~ quero qui oh minino brinque nem eu mehmo nem eu mehmo vou bincá pu caso disso, qu’ a gente nu~pode tá nu~ canto nem se divirtino puque- vê a ora morrê.

E* O que le dêxa mais trixte?

I* Ah! é quonde eu discuto cu~meu marido, fico muito triste, [s’ eu pudesse]- tem ora assim qui quonde’ ele discute cumigo assim [qu’ ahente]- qui todos casaw discute, todos casaw briga, aí [eu fico]- ele [<fi->]- ay0 vey fica cu~ raiva de mi~, aí eu fico muito trixte, as veze0 até chorá eu choro, qu’ era a única coisa no mundo qu’ eu quiria, era qui ele nunca brigasse cumigo, ahente [vivê]- vivesse sempre bem [may0] nu~ ixixte esse casaw qui viva sempe bem, né? tem qui discuti mehmo, todos casaw eles discute.

E* Se você fosse Presidenta, o qui você faria pelo povo?

I* Ah! fazia muitja coisa, ay0 veze0 a pessoa diy assim: “*[Tu nu~ <fa->-]- tu diyz’ isso [may0] tu nu~ fazia nada poque [você]- você diyz’ isso [may0] nu~ fazia nada, você dis puque você é pobe nu~ tem condição de ajudá as pessoa0.” *Digo: “*Qui nada.” *{May0} quem sabe, [se eu fosse]- s’ eu fosse [u~a]- u~a presidente u~ dia s’ eu nu~ ajudaria as pessoa0, ajudaria e muito [se eu]- principawmente quond’ eu vejo as pessoa0 morreno de fome isso mi dá um disgoxto muito grande, [iss’ é]- pelo meno0 isso eu- colaborava muito se pelo meno0 essa fome qui vivia no mei do mundo eu acabava.

E* Como é a sua vida na igreja?

I* É muito difici eu í na igreja, eu vê [may0], é difici mehmo e quond’ eu vê eu acho muito bunito, eu goxto muito de vê- as pessoa0 principawmente aqueles’ ino as pessoa0 cantano, eu acho muito bunito

agora, pa mim [e]- e aceita- ahente fica lá na igreja quero não s'eu nayci nessa lei [nessa lei]- [nessa lei]- nessa- lei mehmo eu vô morrê.

E* Quem é Deus para você?

I* Ah! Deus pra mim é u~a coisa muito importante, [nada]- [nada sem ele]- s'ahente fô fazê u~a coisa não pensá pimêro nele ahente não é felis, [ahente]- tudo qui ahente fô fazê tem qui pensá logo nele, tem qui pidí logo a ele, pra fazê, Deus pa mim é u~a coisa muito importante.

E* O que você pede sempre a Deus?

I* Muita coisa, peço saúde pa meus filoo, saúde pa mim, pa acabá cu~ essa violência, peço muita coisa a ele. *Ay s'eu fic'aperriada aqui digo: “*Po que eu tô sofeno tanto assim?” *(“Qui ay0 veys meu marido”) discute cumigo eu fico cu~ disgoxto muito grande aí eu fico- pidino a ele, qui ele- alivie o coração dele, quond'ele chegue de noite i~ casa nu~ chegue mai0 violento cumigo e taw, isso eu peço muitju a ele, e sobe a saúde dos meu filoo e a mi~a também puque sem eu, eles nu~ são nada.

E* O que você acha de Vossa Santidade o Papa?

I* Pa cumeçá eu nu~ ví nem falá maih nele, ninguém nem (risos F) (falando rindo) [nu~ <se->]- é muito difici as pessoa0 falá nele, (F) puque ahente só vê falá [in]- no Papa, no fim do ano, [na missa]- na missa qui passa do galo, somente e maih nada, mehmo nu~ vejo nada, sobre ele não.

E* Quaw a parte da missa que você mais goxta?

I* Na missa qui [tão cantano aquele]- onde tão cantano [aquela]- [aquele]- aquele qu'eu goxto, eu goxto muito de iscutá, a vey até paticipo, quond'eu vô pa igreja tudi~, goxto muitju.

E* Você já feys awguma promessa?

I* Já, fiyz'u~a promessa pa mi~a fila, quond'ela teve começo de miningite, e, fiy p'u meu filoo também quond'era piqueno quage qui murria, [elej]- (inint) na dentição dele ele ti~a muita febe awta, chega ficava se tremeno, aí eu- fiy também u~a promessa; eu fiy varas promessa0, e todas'ela0- realizei, viy, [paguei mi~as <prom->]- [paguei as <prome->]- todays'ela0, não devo ne~u~a, todas promessa0 [qu'eu]- qu'eu faço, eu não demoro muitju a pagá, [eu te~]- (risos F) (falando rindo) eu nu~ goxto de tá deveno nada a ninguém pincipawmente a Santo.

E* Como foi a promessa que você feys para sua filha?

I* Eu fiys, [s'ela saisse]- s'ela saisse- bem dessa- qu'ela entrô quond'ela teve começo de miningite qui os povo0 disseru qu'ela ia ficá doida, eu disse: “*Meu Deu0 se” *Aí eu fiy0 cu~ Maria de Lurde aquela [do]- do cimitéro da boa sentença, digo: “*Se mi~a fila ficá boa eu- acendo-” *Não, quem feiy cu~ Maria de Lurde foi uma vizi~a mi~a, eu fiy cu~ Nossa Si~ora da Pe~a pa acendê [doi maço de]- [trejh maço]- quato maço de vela e rezá um Pai Nosso, u~a Ave Maria u~a Santa Maria. *E eu paguei também u~a vizi~a miã feys pra ela também, lá [na]- no cimitério e eu fui- pagá eu quem paguei, comprei [o]- [o]- o vixtido comprei o pano, mandei fazê a mortala dela, [leveí ela]

mortalhada p'u cimitéro, cheguei lá paguei, (toss) e fui pagá a mi~a também, na Pe~a. *Todas promesas qu'eu faço eu- não demoro muitju a pagá não, eu vó logo.

E* Se você pudesse o que mudaria no mundo?

I* Ah! mudaria muita coisa, mudaria muita coisa mehmo s'eu pudesse, [may0] com'eu nu~ posso fica onde tá mehmo, na violença qui tá, né? Puque- [may0] iss' é da vida, ahente- na mi~a juventude foi boa de mai0 agora tá seno- muito difici pra mim, [may0] ahente vai levano.

E* Como foi qui você comprou essa casa?

I* Eu rá morava aqui, morava no awbegue junto da mi~a mãe, aí mi~a sogá morava aqui, aí foi- o meu marido disse assim: “*Mamãe quond'esse quarto disocupá, a si~ora- mi~ chame.” *Quem morava aqui [era]- era ela, mi~a cu~ada morava no óto. *Aí mi~a cu~ada aí mi~a cu~ada vai ga~a u~a casa no Cristo, (Bairro de João Pessoa) qui o patão do marido dela deu, aí [ela foi]- mi~a sogá foi falô cu~ o dono daqui, [aí o rapay0]- [ele foi]- ela foi alugô pra gente, aí ahente vei morá aqui. *Passei uns (hes) bem uns cinco ano0 morano aqui, pagano alugew. *Aí, cu~ um tempo o dono daqui foi- perdeu na quextão pra o dono do terreno, puque fazia bem vinte ano0 qu'ele não ti~a pago mai0. *[Aí a gente]- [aí a mulé foi]- a dona do terreno foi [chamô a gente]- mandô chamá e perguntô se ahente quiria comprá, puque se ahente [quiria]- quisesse comprá era melô pra gente, [aí]- aí meu marido também naquela época [foi]- tava muito difici mehmo puque [o ga~e]- o salaro dele era setecentos cruzado0 (“eu sei”) que naquela época não ti~a condição de ninguém comprá nada mehmo, aí ele pidiu di~êro imprehtado na firma ond'ele trabalhava, era cem cruzado0 a entrada, ahente ti~a qui arrumá deu até o prazo p'ahente arrumá essa entrada tudi~. *Aí o rapays qu'ele trabalhava cu~ ele foi arrumô o di~êro a hente deu a entrada no terreno, aí pronto [passei dois'ano0]- [passei dois'ano0 [e]- e oito mes]- passei- dois'ano e seih mese0 pagano esse terreno, agora graças'a Deu0 eu terminei farta só passá isquitura [may0], só quondo Deuh mandá bom tempo, paricê gana pa- pasa isquitura dele. *E era meu so~o era morre e dêxá meus fiy tudo amparado. *Dpoi0 qu'eu morresse s'ele quisesse arengá aí [pu caso de pedaço de]- cada um pucaso dum pedaço de terra arengue [may0], [eu ti~a]- eu ti~a tanta vontade digo: “*Meu Deus eu quiria morrê um dia dêxa meus fiy tudo amparado pelo meno0 [nu~]- nu~ terreno, e óta [qu'eu quero]- eu só quiria morrê quondo meus fiy tivesse tudo grande, sabeno se cuidá, é trixte a pessoa [dêxa]- morrê e dêxá um fiço pela mão dos'óto0, guiado pela mão dos'óto0, eu sei qu' é famia tudi~ [may0] [nu~ cuida né -e]- (inint) nu~ cuida deles qui nem ahente cuida, né?

E* Como é o seu relacionamento com a sua sogra?

I* Ah! é bom, a vey ahente tem um disintindimento poque, família é assim mehmo [may0], vai levano eu goxto mu~to dela, el' é u~a pessoa qui nu~- puque [tem <man->]- tem sogá qui açoita os fiço0 arrumá- mulé, tudo essas coisa0, né? ela não, (inint) uma pessoa muitju- ela

briga muitju cu~ ele, ela dá a maió foça a mim, pra mim- reagi mehmo [contra <i->]- contra essa mulé qu'ele arruma tudi~ [may0], nu~ tem o qui dizê dela, goxto muito dela.

E* De que você tem medo?

I* Eu te~medo- qui meu marido vá s'imbora assim ay0 veze0- [agora]-- agora não puque [eu]- meus fiy tá tudo gande [may0], ay0 vezes'ainda fic'assim pensano, digo: "*Rapay0, se Mano fô s'imbora *Oh minino diy assim: "*Eu nu~vô mai0 a si~ora." *Um diy: "*Eu vô." *Ôto nu~ quere í, aí já fica difici, né? pessoa se separá d'além de separá do marido separá dos fião0, e iss'eu- te~o muito medo disso, qu'ele nu~ dia faça isso, mande eu í m'imbora mehmo s'ele mi~ mandá imbora tudi~, [may0] eu digo qui nu~ vô, pronto, nu~ vô nu~ vô. *Aí ele diy: "*Eu vô mai0 pai~o." *Eu digo: "*Te vira rai imbora." *[May0] eu dizeno isso [may0] da boca pra fora sabeno qu'eu nu~ quero isso pra meus fiy, né?

E* O qui você acha qui tem apóys'a morte?

I* Ah! iss'al eu nu~ sei ispricá não [negoço]- (risos F) (falando rindo) negoço de morto depoi0 qui morre eu nu~ sei de nada. (F)

E* O que você acha- de sua forma de falá?

I* (Risos F) Eu te~ pa mim qu'eu sô muito invego~osa eu sei lá, eu fala cu~ as pessoa0 assim [may0] eu sô muuito tímido mehmo pa falá cu~ as pessoa0, te~ vergo~a, [eu sô]- eu goxto de brincá tudi~ [may0], na ora de tá falano séro assim eu- fico muito aca~ada.

E* O que você mudaria no seu modo de falá?

I* Eu nem sei ("só se") muita coisa eu tem pa mudá, (risos F) (inint) muita coisa eu tem pa mudá no meu modo- de falá ay0 vezes'eu sô muitju- sei lá; [as pessoa0 me <mago->]- quondo as pessoa0 me magoa assim mi~ dá aquele óydo e eo vô- logo tumá satisfação, e eu nu~ sei, sabe? eu nu~ sei- falá direito cu~ as pessoa0 assim. *Quem fizé um negoço cumigo [ô com]- pincipawmente cu~ meus fião0, quem fizé um negoço cum meus fião [eu]- nu~ fica insosso não, puqu'eu vô na mehma ora tumá as providências, eu sô assim.

E* Você acha qui fala diferente das pessoa de João Pessoa?

I* Falo diferente das pessoa0, (falando rindo) puque se todo fosse i~guaw, u~a fala só, (F) eu falo muito diferente das pessoa0.

E* Tdos'os brasileiros falam do mesmo jeito?

I* Não, tem um brasilêro qui meu Deu0- (risos F) diy cada coisa errada qui (falando rindo) nu~ tá no gibi, (F) (inint) [tem may0]- tem may0h brasileiro qui fala muitja coisa errada também.

E* Você co~ece awguém qui fala diferente de você?

I* Cu~eço, fala muito diferente mi~a mãe pur'i~zempro, [mi~a mãe tem]- ela nu~ fala direito, tay vey [nas]- na fala dela ela fala assim: "tu [<va->]- vai", sei lá u~as palavra0 de (inint) de- sobe u~s negoço tudo difente0 [qui ahente]- nu~ dá nem pa hente ispricá, (risos F) pur'isso qu'eu digo, mi~a mãe mehmo fala assiim.

E* Para você o que é falá correto?

I* É u~a coisa muito importante a pessoa falá correto, né? ("qui ocê") passá- a falá- eu mehmo sô u~a, eu mehmo eu falo- ay0 vezes'eu- vejo

qui aquela palavra qu'eu tô dizeno não tá certo, aí eu paro [may0], (inint) continuá aí pronto. *[A pessoa é]- a pessoa falá correto sabe chegá assim nu~ canto faá cu~ as pessoa0 direito, aquela palavra correta e as pessoa0 intendeno puque tem- palavra qui ahente diy as pessoa0 a maioria- nu~ inrende fica haente [de]- [i~]- [i~]- compricad'assim quereno falá isso sem consigui.

E* Você acha qui fala diferente das pessoas de São Paulo ô Rio?

I* Falo, as pessoa0 de São Paulo e do Riy fala muito diferente de que ahente, né? qu'ele tem aquele sutaque deles qu'eles fala, e a gente não é assim, oh brasilêros nu~ são assim. (risos F)

E* Se você fosse falá com o Presidente o que você diria?

I* Eu ti~a tanta coisa pa dizé, e nã mehma ora acho te~ pa mim qui- da vergo~a qu'eu ti~a nu~ dizia nada (risos F) aí (inint) olava pa cara dele e vovtava de novo, puque- não ti~a corage de convesá.

E* Pur quê?

I* Sei lá eu acho se eu- nu~ ti~a nem ação quondo chegasse junto dele assim pa cunvesá cu~ ele, ficava toda inveigo~ada qu'eu sô u~a pessoa muito inveigo~ada eu- falo cu~ as pessoa0 tudi~ assim [may0], te~ vergo~a pessoa qu'eu nunca viy, só pu televisão, um dia chegasse a cunvessá cu~ ele, Deuh me live acho qu'eu nem ti~a [<ôsa->]- corage de falá.

E* Quando você vai a fêra, o que compra?

I* Muita coisa, compo carne, compo feijão, arroys, compo muita coisa, verdura, compo baxtante- verdura, carne.

E* Diga os números de um a deys.

I* Um, doix, treys, quato, cinco, sei0, sete, oito, nove, dey0.

E* Diga os meses do ano.

I* Janêro, feverêro, maço, abriw, maio, Sa~ João[<Si->]- julho, agoxto, setembro, ôtubo, novembro, dezembro.

E* Quaw o seu maió desejo?

I* Eu sempe digo realizá meu so~o de arreitá mi~a casa, qui s'eu pudesse arreitá mi~a casa eu conxtufa mi~a casa [era mai o so~o mais qu'eu]- era o so~o qu'eu realizava na mi~a vida era [<arrei->]- conxtufi mi~a casa, terminá de conxtufi. *Como pobe eu quiria qui mi~a casa ficasse- direiti~a, feito o piso, feito rebôco, tudi~ [eu]- eu acho muito bunito quond'eu vejo u~a casa arrumada.

E* Que lugá você goxtaria de co~ecê?

I* Mi~a fia eu goxtaria de cu~ecê- o Rio, So~ Paulo, esses canto0 longe qu'eu nunca fui, eu goxtaria muito de cu~icê, [may0] assim só de passage, chegá lá visitá e vi~ imhora de novo, daqui eu nu~ sai. (risos F)

E* Se chegasse aqui dizeno qui dqria o que você pedisse, o que você pediria?

I* Sempre eu digo, [ajudá]- ajeitá mi~a casa, é meu so~o ajeitá essa casa. *Eu [fazia]- ixtudava no Mobraw, aí antigamente era bom puque antigamente saía fêra, dava bolo e oylo [eu dizia]- [eu]- aveia, eu mai0 cu~ interesse nisso, sabe? aí [mamãe] meu pai recramava muito cumigo

mi~a mãe: "O qu'ê qui tu vai pa iscola vai s'interessá, vai ixtudá, vai pensano [i~ coisa]- i~ cumê." *Eu digo: "[Mays]'ê claro." *Ahente fa cu~ todoh meyo , todo finaw de meyo ahente ricibia aquela fêra, eu mi~as'irmã0; ahente [pensava]- ixtudava mai0 pu caso disso, foi tanto qui acabô ahente- [dexô]- abandonô o ixtudo e cumeçô tabayá na casa de família, qui era muito bom, ahente cumé cum [<pa->]- aqulas'avea0 aquelas papa0 de aveá, aí meu Deus, (risos F) se vovtasse aquele tempo e eu ficasse piquena de novo, já qu'eu fa.

ENTREVISTA 03 - 03.JM.N.M
Projeto VALPB
Informante: JOSÉ DE MEDEIROS

E* Pur que você nunca @xtudô?

I* Porque nunca tive oportunidade porque é- onde eu moro é já favela, aí sei lá, <fica>- [ficaha]- ficava ruim de acorda® cedo, eu ti~a priguiza também [e]- [e]- e mehmo assim eu não goxtava [de]- de (inint) assixti® aula. *Eu já comecei, [maif] depois [saí]- saí do colégio- pronto, nu~ goxto não.

E* <cê>- sente fawta disso, de não te® ixtudado?

I* Nu~ sinto fawta não, [acho]- apesa® qui eu nu~ goxto, [nunca]- [nunca]- nunca me interessei purisso, nu~ goxto não, sinto ne~uma fawta.

E* O qui você acha das pessoas qui extudam?

I* O qué qui eu acho? *Acho qui- o qui pra elas é- [têm um <fu>]- têm um futuro mais próximo [é]- é [do que]- [do]- do que a gente, eles são anawfabetoφ, ahente [é]- é-

E* [Como é o seu dia]- como é o seu dia-a-dia lá no trabalho?

I* Rapayz, o meu sirviço é muito pesado, sabe, (inint) carrega muita pedra, é, <tra>- trabalho muito, recebo pôco, é muito diferente dessas pessoas [qui]- qui tem o ixtudo e (gaguejo) trabalho de banco, [esses] repartiçôes e ga~a muito di~êro. *Ahente não, ahente qui é burro, nu~ ga~a nada. *Ayφ <vey>- eu acho muito diferençe, [pois]- pois [a gente]- a gente qui não extuda, nu~ tem ixtudo bom [ahente]- agente isforça muiço. *Pego pedra, areia, ferro, [suco]- subo, desço iscada, é- [carrego]- carrego (inint) arêa no carro de mão, [vô]- vô pra lá, vô pra cá e nu~ ga~o nada. *[É]- é diferente desses pessoas. *Sabe, <que>- quem nu~ fayh nada é os que ga~a muiço.

E* Você trabalharia numa profissão qui não goxtasse só por <caha>- do di~êro?

I* Eu (gaguejo) [rapayz]- rapayz, eu trabalharia. *(inint) acho (inint) [qui]- qui eu nu~ goxtasse da profissão, né? *[E ga~asse]- e ga~asse muito di~êro, esse eu trabalharia porque eu acho- aí é qui tá: acho (inint) [o bom]- o bom é ga~a® di~êro.

E* Se ga~asse na loteria, você ajudaria a quem? *Pur que?

I* Como é? *Repete aí a-

E* Se ga~asse na loteria- a quem você ajudaria?

I* [Rapayz]- rapayz, a ninguém não. *(inint) ficaha pra mim esse di~êro todî~o até eu inrica®, compra® (inint) umas terraφ boaφ [e]- no interio® pra mim, faze® uma fazenda, pronto.

E* Faria awguma coisa pelos seus vizi~oφ?

I* [Fazia nada]- fazia nada pu®que meu pai já era pu® mim. (risos F)

E* Como é o seu relacionamento com seus vizi~oφ?

I* É muito mau, [é]- é <chei>- de briga, (inint) ele nu~ goxta da gente, chama a gente |muito| de burro, de anawfabeto. *Acho apesa® [qui]- qui nóys somos anawfabetoφ. *|[Mais|]- |mais| também nu~ é prciso [muito]- muito umila® não, né?

E* E o relacionamento com a sua família é bom?

I* Rapayz, às vezeφ é, às vezeh não. *Às vezeφ sai uma confusãozi~a lá em casa, sai briga, [um]- um joga ped®a no ôt®o (risos F), um fica quereno mete® o faoão um no ôt®o (risos F), aí pronto, aí (gaguejo) <que>- ahente fica em payz, fica (inint) pra discansa® |maiφ| às vezes aquela confusãozi~a de casa como sempre, né?

E* Como foi a sua infância?

I* <Rapay>-, mi~a infância- [bem]- bem, pra mim foi divertida pu®que eu nunca ixtudei, eu fazia [só brinca®]- [só brinca®]- só brinca® [e nada de]- e nada de me interessa®, até oje também- *Só tð só nesse trabalho só (gaguejo) só pra ga~a® |acho| um di~êri~o porque [eu]- eu nu~ te~o extudo- acho- nu~ te~o extudo- pu®que você sabe, né, acho qui a pessoa sem extudo [só fica]- só fica nesse trabalho: pedrêro, guarita, taw (gaguejo) [esse]- esse negóço.

E* Qui brincadêras <vo>- você maih goxtava na infância?

I* Era [de]- era brinca® de bola, era brinca® de bola [e]- [e]- e bola de gude.(risos F)

E* Qui ixtória <cê>- maih goxtaha de uvi®? *[Qui tipo]- qui tipo de ixtória você maih goxtaha de uvi®?

I* (risos F) [de]- de Branca de Neve. (risos geraw)

E* E como é mais ou menoφ essa ixtória da Branca de Neve? *Conte mais ou menoφ.

I* Ah! *Acho eu nu~ sei. *Sei qui [ela]- ela ia pra uma casa aí ti~a uma bruxa (gaguejo) dava uma maçã venenosa a ela, aí ti~a os sete anões qui ajudavam a ela, aí chegaha o príncipe e [dava um]- [dava um]- dava um bêjo na boca dela e ela acordava .

E* Conte awgumã aventura de vida na infância.

I* Rapayz, uma aventura- rapayz, te~o várias.

E* Conte várias.

I* (inint) [rapayz]- rapayz, vð conta®uma. *A <gen>- robava cana (inint) na Mata do Buraqui~o [pra]- pra fica® a noite toda chupano. *Robava também bicicleta pra vende® pra ga~a® di~êro. *Até (gaguejo) teve um dia qui eu levei [um tiro]- um tiro nu~ sei como nu~ pegô em mim, |maiφ| isso- apesa® de oje [eu]- eu me consertei e tð direito agora.

E* Carrega awguma fruxtração da infância?

I* [Não]- não, nu~ carrego não.

E* Praticava awgum esporte na infância?

I* Só- rapayz, pra se® sincero eu já joguei bola [|mais|]- |mais| sai.

*Anteφ eu nu~ goxtaha não. *Eu só goxtava de vagabunda® mais.

E* Quaw a importância do esporte para o omem, na sua opinião?

I* <Rapay>- , acho a importância qui ele- é- ahente cuida do |seu| corpo, [ga~a]- ga~a também muiðo di~êro- e (gaguejo) faze® várioh negóçoφ qui eles goxta, sei lá, um monte- negóço.

E* O qui acha do futibó, essa grande paixão nacionaw?

I* <Rapay>-, [eu acho]- eu acho esse @sporte |bem| bom, sabe, de se joga®. (risos F) *<Rapay>-, [eu acho]- [eu acho]- [eu]- eu acho é tampa pu®que passei um tempo <tamém>- jogano, é bem arretado, bem diverðido. *<pay>-, oje em αia parei maiφ, só goxto maiφ de assihti®, ola® na tv.

E* Pu® quaw time você to®ce? *Pur que?

I* Eu só São Paulo. (risos F) *[Eu]- eu [sô]- sô São Paulo.

E* Sempre foi São Paulo ou só agora por <caha>- da Copa?

I* Não, [sempre]- [sempre]- sempre eu fui São Paulo.

E* Só São Paulo?

I* Só São Paulo e pronto. *Pode vi® Flamengo, Vasco, pode vim tudo.

E* Como foi qui começð essa paixão pelo São Paulo?

I* Rapayz, começð desde muito tempo. (risos F) *[Dexde de]- dexde de quando era criança, aí (inint) guri, goxtaha muito, goxtaha [quando]- quando ele ga~ava aquelas fextaφ, tudi~o, [acho]- @pesa® qui todos fayz fexta, |maiφ| eu goxtaha maiφ da fexta do São Paulo.

E* Conte um jogo inesquecívew.

I* Foi São Paulo e- [Ba®celona]- (risos F) Ba®celona. *Ali foi um jogão.

E* O qui acha dessa nova seleção brasileira?

I* <Rapay>-, acho uma porcaria. *Esses jogadô nu~ joga nada- é- sei lá, acho qui eleh joga maiφ (inint) interesse ao di~êro, né? *Acho qui @pesa® de tudo também é bom, [|mais|]- |maiφ| aí acho qui [nu~ dá]- nu~ dá não pra |ele| i® p®a Copa não, essa seleção não.

E* E como você @salararia se fosse o técnico?

I* Eyta! *Eu isalararia- [|mais|]- |mais| é prciso dize®-

E* Não, awguns jogadores só.

I* <Rapay>-, acho eu butava Cafu, butava Renato, butava- é- [Mulle®]- Mulle®, butava Raf, Bebeto, butava Romário e os ôtros mais, Edmundo-

E* Quem é o miло® hogado® brasilêro, na sua opinião?

I* Brasilêro- é Cafu.

E* E do mundo, quem é o miло®?

I* Do mundo é- Romário.

E* Como você vê a violência no isporte?

I* Rapayz, eu vejo a violência muito |bom|, sabe? *Sabe, [acho]- @pesa® qui eu goxto um pðco também de violência, de ve® brigas, de ve® esse nogóço, até acho emocionante. *[Parece maiφ]- [parece maiφ]- parece maiφ qui o cab®a tá no cinema.

E* E como você vê a violência sofrida e praticada pelas criançaφ?

*Tanto elas sofrem como <pra>- também.

I* [Rapayz]- [rapayz]- (gaguejo) rapayz, eu acho ela pratica® [é]- eu acho é ruim, |maiφ| se ela sofre® [é bom, sabe]- é bom, sabe, da® nas criançaφ. *Acho tão bom. (risos F) *Tão ótimo. *<Ma>- |mais| isso só mehmo com aquele chêra cola. *(inint) chêra cola vai rôba® (inint) eu pego ele pelos cabeloφ, meto-λε a tapa (risos F) no pé d'uvido ele cai no chão.

E* E como você vê a situação das crianças de rua?

I* [Rapayz]- rapayz, (inint) também- ela <tamém>- αivia ixtuda®, né, p@a se® (gaguejo) acho awguém na vida, [não]- não (inint) vagabundo. *Acho é pôco meφmo. *[Eleφ]- eles nu~ ixtuda. (risos F) *[Fica aí]- fica aí (inint) pela rua, acho é bom.

E* E o qui acha das gangφ de bairro?

I* Rapayz, acho arretado, sabe, acho (inint) (gaguejo) eu tô oje em duas gangφ, é bem massa, bicho, é bem arretado. *[Os cab@aφ]- o cab@a pula funk, briga®- é o ôro, é @rretado.

E* Conte um caso de violência qui λε marcô baxtante.

I* [Foi quando]- [foi]- [foi quando]- foi quando (inint) um cab@a, sabe, um cab@a veio mexe® cum a mi~a cumad®e, um taw de Joberto- aí só sei qui ele foi- (inint) da® um bêji~o nela, (inint) eu peguei dei um murro. *Eu peguei também [um taw de]- um taw de [Chini~a]- Chini~a, de Jaguaribe. *Eu meti a faca nele e corri. *Aí quando eu fui puxa® [mi~a <namora>-]- mi~a namorada nu~ quis i®, eu meti o pau de novo em Joberto [e]- e puxei a cumad®e pra fora, ahente correu junto [até]- até as canelaφ arde®.

E* Onde ixtaria a solução pro problema da violência?

I* <Rapay>-, essa violência- a violência [nu~ tem]- nu~ tem solução não. *[Em todo canto eu]- em todo canto tem violência. *É, se acaba maih não.

E* A televisão contribui com a violência, na sua opinião?

I* Como é de novo? *Repete aí-

E* A televisão contribui com a violência, na sua opinião?

I* Rapayz, ela-- eu acho qui sim, certo? *Eu acho qui (gaguejo) <tamém>- sai muitas violênciaφ na (gaguejo) na televisão. *Acho o povo se impowga assistino aqueles fiwmizi~oφ de erói, de Jaspion, esseh negóçoφ tudi~o, o povo se <impoga>- p@a briga®-

E* O qui acha dah novelas?

I* Eu acho uma porcaria. *Eu nu~ assiçto não.

E* E o qui é qui <cê>- assiçte na televisão?

I* <Rapay>-, acho às vezes só isporte totaw, <diffici>- <tamém>- [jogo]- jogos, manchete isportiva, esse negóço, [|mais|]- |maiφ| novela, tela quente, esse negóço, eu nu~ goçto muito não.

E* Quaw o lado bom e o lado ruim da televisão?

I* <Rapay>-, (inint) o lado bom é [quando passa]- [quando]- quando passa muλε® nua, [eu]- eu cumeço a assiçti®, (inint) Afe-Maria, fico doido em casa. *E também quano passa isporðe, só isso.

E* E o lado ruim?

I* O lado ruim é o reyto. *Novela, é fiwme, [é]- é tudo.

E* O qui você mais ðve no rádio?

I* Rapayz, eu ðvo aquele programa (risos F) love night(lovi nait).

E* Manda recadi~o, é?

I* <Rapay>- (inint) às vezeφ eu mando p@a mi~a cumad@e, sabe?

*[|Maiφ|]- [|maiφ|]- |mais| ela nu~ ðve.

E* Quaw a importância do rádio para a comunidade?

I* <Rapay>-, eu acho é bom qui o rádio se comunica cum <quaque@>-

(inint). *Com <quaque@>- pessoa se ðive@ (inint) awguma pessoa

perdida puraf (gaguejo) a pessoa só é (gaguejo) telefona@ e manda@

(inint) pra rádio, a rádio diz [ao]- ao povo.

E* Qui ðtrah diversões você pratica?

I* Rapayz, só- é- [brinca@ na praia]- brinca@ na praia de futibow, é-

frescobow, esseh negóçoφ, só. *Nada@ um pôco, bebe@-

E* Como é o seu dia-a-dia, de sigunda a sexta?

I* Rapayz, (gaguejo) eu vð te fala@, @scuta só: é muito trabalho.

*<Fe>- Maria, [de <si>-]- de sigunda a sexta, [de ma~ã]- de ma~ã de

oito oraφ eu me acordo, vð p@o trabalho, só saio [de]- de oito da noite.

*É trabalho dimaiφ, bicho, (inint). *E o di~êro: piquinini~o, curto.

*Danado! *[E àφ <ve>-]-]e àφ <ve>-]- e àys vezeφ à noite quano [eu]-

eu chego muito cansado ainda vð <roba@>- coco na caha da vizi~a, p@a

tuma@.

E* E como é o finaw de semana?

I* <Rapay>-, acho aí qui tá o bom. *Finaw de semana é- eu vð pra o

som, eu vð cu@ti@ aquele funkizi~o, vai eu e a cumad@e- e a gente pula

até o ama~ece@ [ali no Nova Querência. *Afe-Maria, ali é bom

dimaiφ, bicho. *[Nu~ tem]- nu~ tem canto melo@ do que aquele ali.

E* E como é qui você passa o carnaw?

I* [Rapayz]- <rapay>-, eu nu~ saio não. *Eu saio, sabe? *Eu (inint)

gofto de sai@ com mi~a família [aqui pu@]- aqui pu@ Veteran, aqui em

Jaguaribe. *É muito bom, bicho. *[Ôxe]- ðxe, tem mais canto maih

melo@ do que aquele ali.

E* E o qui acha do carnaw de João Pessoa?

I* É, <rapay>-, acho mais ou menos, sabe? *(gaguejo) também eu |acho|

eu goyto muito de mela@ ðnibus, esseh negóçoφ, com bomba, (gaguejo)

bomba, esse negóço. *Eu goyto muito de [chêra@]- chêra@ aquele

lolozi~o, é bom.

E* Goxtaria de passa@ o carnaw no Rio de Janêro?

I* <Rapay>-, acho eu goxtaria de ve@ aquela turma, tudo enfeitado,

[tudo]- tudo colorido, tudo bonito. *Reawmente, acho muito lindo.

*(inint) eu acho maih melo@ do que passa@ aqui. *Aqui você vê esses

blocoφ <vei>- ixtiadoφ, nu~ tem uma mule@ bunita qui |se| preyte, é

tudo neg@a feia, [nu~ vale um]- nu~ vale uma moeda furada.

E* E goxtaria de passa@ o carnaw em Sawvado@, na Bahia?

I* <Rapay>-, acho eu goxtaria, sabe, bicho? *Eu goxtaria pu@que lá tem muita mulê@ bunita, [muito]- [muito]- cada morena encantadora, ôxe, é a terra da música- é- [do reggae(régui)]- do reggae(régui), do afroxe, esses negóçoφ tudi~o, aí eu goxto.

E* Conte uma aventura de carnavaw.

I* <Rapay>-, acho aventura foi [de um]- (inint) de uma iscola de samba, bicho. *Veio uma morena p@o meu lado requebrano com um trasêrão, Afe-Marial, fui da@ uma olada <dibaxo>- da saia dela, ela me deu foi um chute [na]- na cara.

E* Na sua opinião, o jovem de oje [se di]- sabe de diverti@?

I* Rapayz, sabe sim, sabe? *Ôxe, é muita cachaça, é mulê@ qui só danado, é bom, sabe? *[Oje]- [oje em dia]- oje eu acho |maih| melo@ [do que]- |de| que esses tempos atráyφ. *Tempos atráyφ (inint) [tempo]- [tempo]- no tempo dos coroaφ [ninguém]- ninguém maw saía de casa, ficaha mais preso.

E* [Pur que tá]- pur que oje em dia á tantos jovens alienados?

*Alienadoφ assim, ignorantes, qui nu~ sabe de nada?

I* Como é? *[Repete]- repete de novo [qi eu nu~]- qui eu nu~ entendi não.

E* Purque á muito jovem oje em dia (inint) qui não sabem das coisas, tão pur fora de tudo.

I* <Rapay>-, bicho, esses- é não, é esses otárioφ qui nu~ goxta de sai@ de casa, sabe? *Sabe, eu acho é tudo um bando de mané, <vei>- *Eu acho (inint) muiðo curti@ a vida, (inint).

E* E como você vê a atuaw juventude?

I* [Rapayz]- rapayz, é massa <vei>- acho a juventude de oje em dia.

*O cab@a sai pra onde quise@ [com a]- com a cumad@e, [o cab@a]- o cab@a dança a noite todi~a. *É arretado.

E* E como você vê o papew da educação na formação do jovem? *Quaw a importância da educação?

I* Rapayz, a importância da educação [é]-- é- [do di~êro]- o di~êro- oje a pessoa também (gaguejo) sabe@ fala@, pu@que a pessoa [oje]- oje em dia sem educação [nu~]- nu~ vale nada. *[É um]- é um se~o@ ninguém.

E* O qui acha da liberdade sexuaw entre oφ jovens?

I* É, [repete aí]- repete aí qui eu nu~ entendi não.

E* A liberdade- qué qui <cê>- acha dessa liberdade sexuaw entre oφ jovens de oje?

I* Ah!, [acho oje]- acho muito avançado, sabe? *É, acho muito avançado, |maih| apesa@ qui é bom meφmo, sabe? *Tem muita mulê@ aí, poxa! *Purisso qui às vezeφ dá uma quebradi~a. *[O cab@a maw]- o cab@a maw cunversa, <oia>-:(inint) (risos F).

E* O qui você faria peloφ jovens se fosse pridente?

I* [Como assim?]- como assim?

E* [Fazia]- o qué qui você faria pelo jovem se fosse pridente?

I* <Rapay>-, bicho, eu faria-<rapay>- (gaguejo) eu faria- [mais]- mais casa de som, [mais]- mais clube, esse negócio, pra o jovem oje se diverti®. *(inint) mais cana, cachaça, tуди~o de graça pra o φ jovens.

E* E pelo país, faria awguma coisa? *No geraw?

I* Faria nada, <rapay>-. *[Nu~ vale]- [nu~ vale]- nu~ vale uma roela furada esse país. *E a mehma coisa continuava se fosse (inint).

E* O qui você achô da saída do presidente Collo®?

I* <Rapay>-, bicho, deu [no mesmo]- no mehmo. *(inint) continua® rôbano muito, o país- é, (gaguejo) eu nu~ ga~ei nem perdi nada cum isso. *Dá no mehmo

E* E o atuaw presidente, qué qui <cê>- acha dele?

I* <Rapay>-, [acho ele]- eu acho ele maih melo®, sabe bicho? *Sabe, do que o dt®o. *[Eu acho]- [eu acho]- eu acho esse maih melo® pu®que ele é mais bom, maih legaw. *(inint) foi ele qui-

E* Você acredita qui o país tem solução?

I* Rapayz, acredito não, bicho, [pu®que]- pu®que cada mais presidente qui entra [maiφ]- róba. *(Gaguejo) [eu acho]- eu acho (inint) maih não.

E* Você é isperançoso? *Pur que?

I* Como é?

E* Você é [<is>]- uma pessoa isperançosa?

I* [Não]- não.

E* Pur que?

I* É [porque]- porque todo mundo róba, é- mata, briga- é- (inint).

E* E você qui nu~ tem ne~uma religião, acredita na fé?

I* Rapayz, eu acredito é maih no di~êro, na fé não, é [no di~êro]- no di~êro, [purque]- pu®que <cê>- sabe- <tamém>-- nu~ tem o di~êro <tamém>- nu~ tem fé não. *Pra mim é assim.

E* Acredita no amo® verdadeiro?

I* Acredito nada. *Isso é tudo fantasia. *(inint), é só pega® mule® aqui e lá e @cabô-se

E* Como você definiria amo® e paixão?

I* [<Rapay>-, bicho]- <rapay>-, bicho, deu no mehmo <tamém>-. *É pu®que [eu nunca]- eu nunca senti isso, nem amo®, nem <paxão>-, |maiφ| isso é tudo fantasia, nu~ ixiçte isso não. *|[Maiφ]|- agora (inint) só que® sabe® |em| curði® [e]- e cai® fora: meu irmão,tô fora. *Só isso.

E* E o qui acha do casamento?

I* É [uma bobagem]- uma bobagem. *[Tô]- [só]- acho qui a pessoa se junta® uma cum a dt®a, mora® junto, te® fiço, @cabô-se. (risos F)

E* <cê>- tem medo da morte?

I* Te~o nada, <rapay>-. *(inint) eu nu~ te~o o qui perde® não. *(inint) eu <di>- já uma facada e [a puliça]- a puliça tá atrás de mim.

*|Maiφ| eu- |maiφ| isso foi só uma brincadêra brinquei cum ele.

E* Já passô por awguma situação de pirigo de morte naquelas oraφ qui você pensô assim: chegô a mi~a veyz?

I* <Rapay>-, já bicho. *Já, acho qui foi no clube. *Eu taha dançano cum a cumad@e de ôt@o cab@a, <ó>-! *Um taw de China. *Pronto, foi esse China de Jaguaribe. *Eu tava dançano- sei qui ele puxô a ispada. *A ispada é uma pêxêra, sabe, (inint) eu digo. *Aí quando foi enfia@ (inint) eu joguei a cumad@e em cima dele. *Aí bateu na cumad@e dele, eu peguei e curri. *Ele chamô (inint) a gang dele vi~a atráyφ de mim. *Aí quem <vei>- na frente (gaguejo) foi maiφ Joberto. *Joguei uma pedra na cabeça dele, aí pronto (inint) aí abri correno. *Aí [oje]- [até oje]- [até oje]- até oje, graçaφ a Deuφ, nu~ aconteceu nada.

E* Você tem vontade de dêxa@ o país?

I* <Rapay>-, te~o bicho. *Eu te~o vontade de mora@ sabe aonde? *[Nos Ixtados Unidos]- (risos geral) nos Ixtados Unidos ga~a@ muitoφ [dólar]- dólares lá, sabe bicho, pu@que aqui o Cruzêro nu~ vale nada.

E* Você acha qui fala diferente das ôtras pessoah de João Pessoa?

I* Como assim?

E* Você acha qui fala diferente das ôtras pessoaf de João Pessoa?

I* Acho qui não. *(gaguejo) [eu acho qui tudo]- eu acho qui tudo dá no mesmo.

E* E do reyto dos brasilêros, você acha qui fala diferente?

I* [Mais ou menos]- mais ou menoφ- tem [um]- um qui fala maiχ direito, tem um qui fala mais pio@, é.

E* E o qui você mudaria no seu jeito de fala@?

I* Como é? *Nu~ <enten>-

E* [Você <muda>-]- o qui você mudaria no seu jeito de fala@?

I* <Rapay>-, nada não, nu~ mudaria nada não. *Esse é o meu jeito de fala@ e pronto.

E* Todos os brasilêros falam do mesmo jeito?

I* Acho qui não. *Não, acho qui não. *Tem acho awguns qui falam, tem ôt@os qui nu~ fala não. *[Esse]- essas pessoaf qui ixtuda (gaguejo) [falam]- falam mais meλo@ e mais bunito. *Ahente não, a gente qui é anawfabeto fala mais <fei>-- é isso, tudo [dá]- dá no mesmo. *[Era]- era pio@ se fosse mudo.

E* Co~ece awguém qui fala diferente de você?

I* Dêxa eu ve@-- co~eço [um taw de um]- um taw de um deputado chamado Roberto de Olivêra. *Ele fala maiφ direito que todo mundo aqui na rua. (risos F)

E* E o qui é qui torna o seu fala@ diferente do das ôtras pessoas?

I* É não, sabe pu@que é? *[É]- [é]- é sutaque, [é ginga]- é ginga. *[Tem esse]- tem essas pessoaf [qui tem]- qui tem ixtudo nu~ tem ginga, [nu~ tem]- nu~ tem sutaque p@a fala@: meu irmão, esse negóço, a parada- entendeu? *Ahente não, ahente fala do jeito qui que@- eu acho maih bunito fala@ assim.

E* O qui significa fala@ bem pra você?

I* (gaguejo) fala® bem acho é a pessoa fala® [mais]- mais explicado, mais direito, nu~ se® inrolado, sabe® fala® mais, né? *A gente não. *[A gente]- [nóys]- [nóys]- (inint) nóys somoφ inroladoφ (gaguejo) nem sabe® fala® direito. *(inint).

E* E o qui você acha [da]- das drogas entre oφ jovenφ?

I* <Rapay>-, bicho, aqui pra gente, |maiφ| eu já fumei [um charuto]- um charuto pu®que a gente- é chamado [da]- [da]- da erva. *O nome vem [dela]- aquela [maco~a [<maco>- <maco>- <ma>-]- maco~a, né? *Eu achei melo® qui uma lapada de cana. (risos F) *(inint) foi sabe onde? *[Foi lá no]- foi lá no fundo do quintaw de lá de casa. *Afe-Maria, fui eu e um colega meu. *Ele me chamô prahente fuma® [um Praza]- um Plaza, Afe-Maria, <ó>- o Plaza! *[Tama~o do meu dedão]-, (risos F) tama~o do meu dedão. *Rapayz, sei qui ahente fumô a noite toda [e nóyφ]- e nóyφ ficamoφ tontoφ. *Eu nu~ entendi purisso, |maiφ| é bom, é goxtoso.

E* E nunca teve problema cum pulfcia não?

I* <Rapay>-, bicho- <rapay>-, cumigo não, |maiφ| cum meus colegaφ já. *Já foru presoφ, já foru sowtoφ de novo, [|mais|]- |maiφ| (inint) isso futuramente vai se® normaw. *Fuma® uma, duas, é legaw.

E* E é diffciw de consigui®?

I* <Rapay>-, pra se® sincero- no início nu~ era não, |maiφ| depois bicho, [<ahen>- <ahen>-]- ahente gaxtaha di~êro dimaiφ, vice? *(inint) [aja di~êro]- aja di~êro [e <pôquin>- <pôquin>-]- e pôqui~a maco~a.

E* Assim, vocês faziam awguma coisa errada pra consigui® o di~êro pra compra®?

I* (inint) róbava qui só, <rapay>- (inint) [eu róbava]- ôxe- eu róbava sabe quantaφ bicicletaφ pur dia? *Róbava [trêys bicicletas]- trêys bicicletaφ. *Vendia sabe pur quanto? *Vendia pur deyz miw, quinze miw tudi~o, só p®a compra® pra mim.

E* tumô awguma ôtra droga ou só essa mesmo?

I* Só essa mesmo, purenquanto. *Purenquanto só essa.

E* Na sua casa todo mundo é anawfabeto?

I* <Rapay>-, bicho, tem uns, sabe, qui ixtuda. *Tem acho meu irmão de vinte anoφ qui ele tá fazeno a quarta <séri>- , tem ôt®o de vinte e doiç, tá na primêra-

E* Você tem irmã muλe®?

I* Rapayz, [te~o]- te~o (inint) logo duah, |maiφ| é burra, (inint) duas cavalaφ, fayh nada em casa. *(inint) eu nu~ goxto delaφ não. *Elaφ só fayz [só]- só lava® (inint) rôpa pros ôt®oφ, entrega® rôpa, (inint) uma cani~a, um coqui~o, elas sobe no pé de coco-

E* <cê>- tem vontade de cumeça® a ixtuda® maih não?

I* [<Rapay>-]- <rapay>- bicho, te~o maih não pu®que nu~ adianta nada. *Oje em dia nu~ adianta maih nada ixtuda® pu®que eu já tô <vei>- . *Meu negôço [só é]- só é (gaguejo) trabaλa® agora.

E* E a vida na favela onde você mora é barra pesada mehmo?

I* <Rapay>-, bicho, é viu. *(inint) eu moro ali- é- Bola na rede.

*Rapayz, [todo dia]- todo dia tem uma morte ali, bicho. *Tem (inint)

um taw [de]- [de]- de- pu@que Fuci~o de Porco morreu. *Tem ôt@o

também chamado- é- Fuci~o de Boi. *|Maiφ| <rapay>-, [ele mata

gente]- ele mata gente pela uma dose de cana. *(inint) eu mandei ele

mata@ (inint) um amigo meu, bicho, eu dei uma cartêra de cigarro, ele

matô. *|Maiφ| <rapay>-, bicho, (gaguejo) só dêxô [só o]- só os

picadi~oφ [cum ele]- dele.

E* E tem briga assim de grupoh lá dent@o?

I* |Maih|! *<Rapay>-, bicho, quando o som acaba, é tiroteio, é gente

brigando, se agarrando, é um matano o ôt@o, é divertido, bicho, é

divertido mesmo, arretado, é (inint) ola@.

E* A pulícia chega lá ou nem liga pra-

I* A pulícia nem chega perto pu@que se a pulícia chega@ ela leva bala,

leva tudo. *Nu~ fayh nada, <fay>- nada aqueles caraφ.

E* E nas ôtraφ favelaφ qui você morô, [na]- a úwtima favela era pio@

do qui essa ou era a mesma coisa?

I* Era não, [era]- [era mais mansa]- era maih mansa. *Lá (inint) era

mais um pôco cawmo, [era]- era trêys morteφ (gaguejo) [pur mêys]- pur

mêys. *(inint) aí não, aí (inint) [quase]- quase vejo uma morte quase

todo dia. *Aí tem-

ENTREVISTA 04 - 04.JS.N.M

Projeto: VALPB

Informante: JERÔNIMO DOS SANTOS

E* Em que bairros de João Pessoa você já morou?

I* [Eu morei]- eu morei aqui em Mandacaru, morei na Cidade Padre Zé, em Cruz das Armas, em Bayê.

E* Qual que você mais gostou?

I* Padre Zé.* A cidade de Padre Zé.

E* Porque?

I* Ah! * Porque lá foi aonde [eu]- eu me entende por gente, foi crescendo e arrumei muito, quer dizer, né? Muito conhecimento com pessoal e gostei bastante.

E* Porque você foi para outro bairro?

I* Aí, foi necessidade mesmo, né? * Teve que tirar as nossas casas então agente saímos [do]- do bairro que agente morou, Padrizé e fomos noutro bairro alugado, né? * Noutra casinha, foi- agente foi prá Bayê morar numa casinha alugada. * Então, eu- aí agora pouco eu voltei de novo Padre Zé, né? * Tô continuando, lá né? * Fiz uma casinha e tô lá. [Mais], problema mesmo de- que a minha vida sempre foi trabalho, né? * Só trabalhar. * Eu nunca estudei, sempre <mi-> minha vida- com sete anos, cinco anos, comecei a trabalhar e aí- meu pai num tinha condições pra botar agente, numa escola, então eu só [me <de->]- me dediquei ao serviço. * E em sententa e cinco me casei aí comecei trabalhar né? * Comecei a trabalhar em construção, em obra, né? * E, daí por diante eu fui mais me entendendo por gente e num tive tempo pra estudo. * Comecei- só trabalhar.

E* Comu você acha que seria sua vida se tivesse estudado?

I* (inint) seria melhor, né? * Eu tinha mais- uma vida mais- tranquila, tinha estudo, podia arrumar um emprego melhor, né? * [Mais a] apesar qu'eu num levei sorte pra u- (hes) problema de estudar. * Hoje em dia eu vivo mais- trabalho mais se for assinar o nome, eu digo sabe assinar> * Eu num sei. * Só botar o dedo, que [num tenho] como estudar.

E* Sê você tivesse que mudar para outro bairro quaw escolheria?

I* [Eu]- eu gostaria deorar é- na Torre, é um bairro muito- que sempre eu gostei de morar na Torre, né? Mais num tem condições de morar lá não. * De jeito nenhum.

E* Porque?

I* Ora, lá o- as casas são caras e eu num tenho condições, né? De morar lá na Torre de jeito nenhum.

E Como você conseguiu essas casa que você mora?

I* Ah, eu consegui [atraves]- através do meu emprego. * Fui pedindo ajuda a um e a outro, e consegui construir. * Num é uma casa- mais é uma casinha pequena que dá pra mim morar com a mulher e os meninos, né? * Myas sempre no sufoco pedindo aos outros, né? * Que prá mim comprar com meu dinheiro mesmo, num tinha condições não.

E* Como é seu relacionamento com os seus vizinhos?

I* Ah, meu relacionamento com os vizinhos é ótimo, que onde eu chego eu sei fazer amizade e todo mundo gosta de mim bastante, né? * Eu gosto de respeitar. * Sou muito respeitador. * Gosto também do respeito. * Então, todo mundo gosta de mim. * É uma maravilha meus vizinhos.

E* Você já teve algum problema com vizinho?

I* S'eu já tive? * Tive uma vez um problema com um vizinho, através [é]- é- de chuva. * Quando chovia muito sempre a água passava no bêco lateral da casa e fazia um buraco muito grande né? * Aí então, eu fechava esse buraco pra correr água, [mais] quando era de noite o vizinho abria. * As vez- eu tornava a fechar. * Aí um dia houve um desentendimento comigo e ele. * Ele abriu a porta logo cedo da manhã, a minha mulher caiu fora ele chamou a mulher de puta e lá vai, e eu tive que reagir. * Então na caso aí, foi único problema qu'eu tive com vizinho. * E eu saí de perto dele, me mudei, né? * Por causa dele tive que vender a casa, pra sair de perto dele.

E* O que você fez pra resolver a situação?

I* O qu'eu fiz- [eu]- eu consegui um terreno e saí mais meu sogro. * Fomos tirar madeira de mangue pra fazer outra casa, noutra bairro, né? * Então isso aconteceu- qu'eu tirei [u]- o maderamento- eu fui pra Cruz das Armas pra contruir uma casinha lá através desse vizinho.

E* Se você pudesse ajudar algum vizinho seu, quem você ajudaria?

I* Ah! Eu ajudaria um compadre meu qu'eu tenho lá. * Ele é muito bom pra mim, ótimo. * É Inácio. * E ele- tudo o qu'eu preciso [ele me]- ele me serve, né? * Então, eu acho que esse único vizinho- s'eu pudesse, eu ajudaria a ele.

E* Você acha que através do estudo você poderia conseguir alguma coisa? Mudanças em sua vida?

I* Eu creio que [eu]- eu conseguiria, né? De mudar. * Porque através do estudo- (hes) alguém que estuda [consegue]- consegue uma melhora de vida. * Porque o estudo é o que? * O estudo ajuda muito as pessoas, né? A conseguir emprego. * Emprego bom, pra ganhar mais. * [Ter mais um]- ter mais uma vida [é]- é- uma vida tranquila, né? * Então, agente analfabeto vai fazer o que? * Trabalhar de construção, obra. * Na rua ou no campo. * Então isso- agente num tem como ajudar ninguém, né? * Num tem condições.

E* Que profissão você gostaria de ter hoje?

I* Hoje, eu gostaria mesmo- minha profissão [é]- é- eu gostaria mesmo de ser um mercântico, né? Um mercântico. * [E]- e pra gente ser um mercantico tem que ter estudo, né? * Então, <e->- mais, eu num posso conseguir essa profissão, porque- apesar- eu num tenho estudo.

E* Que profissão você desejava para seus filhos?

I* Ah, pra meus filhos eu gostaria- outro tipo de profissão. * Não qu'ele seguisse a minha profissão, né? * Um assim- mais ou menos de ser um doutor pra frente, um engenheiro. * Então, isso aí era o qu'eu desejava pra meus filhos, né? * Não seguir o mesmo caminho qu'eu segui na vida, né? * Trabalhando no campo pra os outros, dando duro. * Eu acho que isso num é vida não.

E* Você trabalha em quê?

I* [Eu trabalho]- eu trabalho na Enlur tomo conta d'um pessoal na rua e já [faz]- faz cinco anos qu'eu trabalho no campo, com o povo na rua. * (hes) limpando rua. * Então isso, eu já consegui através de amigo meu que conseguiu pra mim, né? * Tomar conta [d'um]- d'um bocado de gente na rua. * Porque se fosse pra mim conseguir- fosse estudo, eu num conseguiria. * Porque ia precisar de estudo, fazer curso e lá vái. * Então

eu num tinha chance nenhuma de arrumar esse emprego. * Através de amigo, foi qu'eu consegui.

E* O que você mais gosta no seu trabalho?

I* Ora, o qu'eu mais gosto no seu trabalho |é meus amigos|, minha amizade, [minha]- minha turma de serviço pra mim é importante. * Eu gosto muito de- [sempre]- ia (hes) na rua dando duro, trabalhando com eles. * (inint) isso aí- prá mim é importante. * Eu gosto muito.

E* E, o que menos gosta?

I* O qu'eu menos gosto? * Ah, o qu'eu menos gosto isso- tem muitas coisas que agente num <de-> que agente vê e não gosta, né? * É de ver hoje o- agente vendo gente aí na rua, analfabeta, sem ter estudo, sofrendo, sem ter onde dormir, onde comer, né isso? * Pra mim eu vejo, |mais| é uma tristeza. * Isso aí, eu não gosto não. * De jeito nenhum. * S'eu fosse uma pesso awue [tivesse]- tivesse condições na vida, eu acho qu'eu ajudaria muita gente. * (hes) mais eu num posso fazer isso, qu'eu também não tenho como ajudar.

E* Conte uma estória marcante que aconteceu no seu trabalho?

I* Ora, no meu trabalho? * Lá no meu trabalho aconteceu- eu trabalhava [numa]- numa fabrica, numa industria aí então- quando eu cheguei pra trabalhar, eu pegava de dez as seis da manhã. * Então meu encarregado num <go-> eu acho qu'ele num gostô de mim, né? * Ele num foi bem ca minha cara, então ficou mi marcando no serviço. * Eu trabalhava pra morrer, minha suava é ele chegava perto de mim, e dizia qu'eu [era]- era ruim de serviço, num gostava de trabalhar. * E, eu morrendo no trabalho. * |mais| quando foi um dia eu fui me aborrencendo com ele, né? * [Todo]- [toda]- [toda noite]- toda noite ele me aborrecia. * Então, [nessa]- nessa noite eu perdi a cabeça, tive que partir [pra]- violência cum ele, e foi um reboliço. * Sei que botaro pra fora, né? Do im- prego. * Pra mim assinar uma carta- sai sem direito a nada. * Eu num consigui assinar. * Eu num assinei. * Então, isso pra mim [foi a]- foia coisa mais marcante do meu trabalho foi isso|. * Eu reagi contra- parti pra violência com meu encarregado de serviço mas porque ele me abusou, né? Eu tive que fazer isso. * (inint) aí ha um problema. * S'eu tivesse estudo, fosse um cabra [bem]- bem <dialogado> que pensasse direito. * Não isso vai- que o cabra ia- acho qu'ele é ignorante. * Então, eu podia ter tirado de menos, né? * |Mais|- tudo analfabeto tudo n aignorância. * Eu parti pra ignorância com ele. * Então, isso pra mim foi o mais marcante na minha vida, meu trabalho.

E* Sua mulher trabalha?

I* Minha mulher trabalha, não. * Ela é doméstica, mais só trabalha em casa, né? * ela num tem comu trabalhar, porque [tem]- tem menino pequeno. * Então, ela num tem chance de trabalhar. * S'ela for trabalhar hoje os meninos vai ficar com quem? * Num tem com quem deixar. * Então, ela num tem condição de trabalhar.

E* O que faz com o dinheiro que recebe?

I* Bom, o meu dinheiro qu'eu recebo é só [pra]- pra minha casa. * É pra dar de comer a meus filhos. * Só dar pra dar de comer mesmo, né? * E, manter minha casa. * Isso pra mim é importante.

E* Você recebe ajuda de alguém? * Ajuda financeira de alguém.

I* Ah, num recebo não. * S'eu tivesse uma ajudada de alguém financeira pra mim, isso ta era uma ajuda que- que já me ajudaria bastante, né? * E <nu-> eu num tenho com quem- ninguém me ajuda de jeito nenhum.

E* Como seu pai criou você?

I* Ora, <me-> meu pai cirou agente- na epoca agente- puxando agave no motor de agave nos interior. * Ai então, o que acontecia? * O meu pai-final de semana ele recebia o dinheiro. * O dele e o nosso dele, né? * [Ah, o qu'ele faria?] * [Ele]- perdia o dinheiro todo no jogo. * E, agente ficava novamente, a semana todinha com fome, e na segunda [agente voltaria] o trabalho de novo. * Ele fazia a mesmo coisa. * Então agente fomos- na epoca agente sofreu muito- e trabalhou muito. * E meu pai, eu acho que ai ele, errô muito com agente. * Ele ganhava o dele e o da gente, [e <gasta->]- e gastava- perdia no jogo.

E* E, a sua mãe o que dizia? Ah, minha mãe s'aperriava muito. * Ia pedir os vizinhos. * Peida a um, pedia a outro, pra num ver agente com fome. * Então, [agente fomos] passando assim com ela- sempre ela dava a maior força pr'agente. * a noite, [a na casa d'um vizinho pedia. * Os vizinhos via a situação- tinha pena. * Ai então- [eles ajudara] muito agente. * [Mais] se dependesse do meu pai agente tinha morrido de fome tudinho.

E* Para você o que é passar fome?

I* Ora, passar fome é agente acordar de manhã e num ter que comer, um café pra tomar. * Na hora de almoço agente num ter o que comer. * Chega em casa a noite, num tem o que comer. * Isso ai pra é passar fome.

E* O que você sentia nesses momento?

I* Ah, eu acho [qu'isso ai]- qu'isso ai pra um pai de família assim como eu, isso ai é muito triste, né? Na <vi-> na- um pai de família chegar a noite e num ter o que coer. * Isso ai [é]- é de cortar coração, ninguém aguenta. * Eu acho qu'isso ai- (inint) é ai, que as vezes agente faz besteira, né? * Alguém [pega]- pega um revolver e sai no mundo rabiando. * (inint) eu acho quer atraves disso, né? Da fome, né? * Isso ai num- isso ai é que [é]- é o que é passar fome. * Então é isso.

E* E, quando você veio pra cidade com cinco, quatro anos- quatro, cinco anos come é- comop foi a sua vida?

I* A minha vida- quando eu cheguei aqui com cinco anos, eu fui pra rua vender jornal. * Comecei vender jornal com cinco anos. * Ora, e o ruim qu'eu num sabia passar troco. * Eu comecei vender jornal. * Então eu safa com dois três jornais do correio da Paraíba. * Então, [aqueles]- aqueles fregues que me dava um dinheiro, eu perguntava quanto ele <queri->- quanto era o troco dele, que eu num sabia. * Então ai, eu fui aprendendo passar troco, né? * Então eu passei dos cinco até os doze anos vendendo jortnal. * E ai, eu já me mantia. * Comprava roupa, ajudava em casa com a comida. * E assim, agente foi passando e foi crescendo. * Depois [agente]- agente começo a arranjar um serviço melhor e tá dando pra viver, né? * Mais agene vive no sufoco que num é vida, não. * Apesar- pra quem é analfabeto, né? Que não tem estudo. * Eu que a pessoa que tem estudo- eu sei que o estudo hoje em dia num vale muita coisa, não. * Vale, e num vale, né? * Porque eu conheço muita gente ai qué desimpregado que num tem- fez passou- fe vestibular, se

formou-se, [mais] num tem emprego. * [Mais]- mays a pessoa cum estudo sempre é melhor. * Já penssou, agente, agente chegar num cartório [ai diz] assim: * “Você assina?” * Agente responde: * “Não, num assino mau.” * E, só dizer o não, isso já é uma palavra muito triste, né? * Então [é]- é muito triste pra quem num tem seu estudo.

E* O que você mais gostava de brincar quando criança?

I* Quando er era criança, [eu gostaria] muito de jorgar bola de gude, né? Jogar pinhão. * [Mais] às vezes eu num- agente- nem pra comprar bola tinha condições, nem pinhão. * Agente ficava só olhando os [colegas jogando]. * E-- ficava olhando os meninos jogar pinhão. * E agente sempre sentia aquela vontade de comprar um pinhão, bola de gude, mais num tinha condições e comprar. * E outra que o pai da gente deixava, também, né? * Agente jogava escondido, né? * Isoo aí- o qu’eu mais gostava quando eu era criança.

E* E, se relacionamento com os irmãos, como era?

I* Ah, meu relacionamento com meus irmãos eu <a-> acho que agente- foi muito bom. * Agente era muito- era unido um cum outro. * Agente nunca brigô, não. * Dentro de casa tudo unido. * Se um <passa-> dormia com fome o outro dormia também. * [mais] num tinha briga dentro de casa, era tudo unido.

E* Você lembra de alguma estória marcante da sua infância?

I* Da minha infância eu me lembro. * Eu me lembro quando eu era- tinha uns quatro anos as vezes eu fucava olhando- mais com quatro anos já era sabido. * Já sabia o que era sofrer. * Eu olhava pra meus irmãos- meus irmãos mais velho mais num tinha corage de pedir. * E sempre eu saía, ia no mercado. * Então arrumava. * Eu arrumava (hes) feijão, arroz, farinha, carne, pra os meus irmãos comer e eu também, né? * Porque eu achava que passar fome era coisa muito triste. * Então isso é uma coisa qu’eu ainda me lembro na [minha infância, de pequeno].

E* Você apanhava de seu pai?

I* Ah, <apanha-> nóz apanhava muito. * Meu pai era muito ignorante. * Naquele tempo antigo [dos anos]- dos anos trinta, quarenta, era- meu pai batia muito nagente. * Desse cinco horas, e agente num tivesse em casa, [e <agen->]- entrava no- agente já começava apanhar. * Agora, ele dava de todo jeito. * Num precisava [de]- de- procurar dar nas pernas. * Era pegasse- era de não. * Era por cima de cabeça, por cima de tudo. Agente sofreu muito na mão de meu pai. * [Mais] agente dissimula que é pai. * Hoje em dia agente ainda tem contato- meu pai é vivo, né? Mais somos disligados um com outro da minha mãe. * Mais ei ainda vou lá, e agente perdoa porque é meu pai. * Agora só que por caso disso, agente nunca deixou de respeitar ele não. * Toda vida [nos respeitamos] nosso pai. * (hes) por um exemplo: * “Hoje [tô com trinta]- tô com trinta e oito anos, mais eu- no fundo ainda aceito meu pai. * Através do- da ignorância qu’ele tinha com agente na época. * eu chego lá na oficina- ele trabalha na oficina mecânica. * Então- [s’eu]- s’eu tiver com a carteira de cigarro no bolso, eu escondo p’ele num ver, porque eu nunca fumei na frente de meu pai. * Então- apesar dele ser muito ignorante, agente tem o maior respeito por ele ainda.

E* Você lembra de alguma surra--- que lhe marcô.

I* Me lembro. * Eu me lembro que um dia agente morava em tambaú na praia, numa favela que tinha, e agente chegô uma época de são João, todo mundo soltando bomba, fogo, lá vai. * Tinha uma barraca- sei que eu e meu irmão- agente foi tirou- |tiramos duas bombas| escondido do dono pra soltar. * Então, quando agente chegou em casa- aí meu pai soube, que agente tinha pegado essas duas bombas. * Aí então- o que agente fez? * <Agen-> eu e meu irmão, né? * Um já morreu, né? Com dezessete anos. * Ele morreu- ele- na época ele- agente era novo, e ele se matou com dezessete anos. * Então meu pai soube, né? [Dessas]- dessas bombas. * E, o que agente fez? * |Nos ssbiu| num pé de cajú, durmimos a noite todinha num pé de caju atrepado. * Então no outro dia quando agente se acordou, meu pai pegou agente. * Agente num escapou da pisa não. * Ele bateu, bateu muito. * E então- eu achava que era melhor agente ter s'intregado logo no primeiro dia, de que ter dormido no pé-de-caju. * Já sabia que í apanhar, então era melhor ter apanhado logo, de que- passar a noite todinha no frio, no pé-de-caju. * Arriscado a cair, quebrar um braço, era pior. * Mais assim mesmo agente num escapou [da <pi->]- da piso do meu pai não. * |Terminamos apanhando. |

E* E seu irmão, porque ele se matou?

I* Ora, meu irmão se matou na época- [em]- [em setenta]- em setenta e cinco. * Ele trabalhava no posto aquário ali no Miramar, e na época ele era muito tolo ainda, bobo. * O dono do carro- o dono do posto mandou ele lavar o carro, então, na hora que tava lavando o carro, ele pegou o revólver do homem e levô pra casa, né? * Então eu <a-> |ele acharia| s'ele fosse lá no posto devolver o revólver ele ía sentir vergonha, o dono iria chamar ele de ladrão, e ele num queria aceitar isso. * Aí fico em casa com esse revólver. * Tinha uma namorada. * Amanheceu o dia dando tiro nos tambor lá atrás de casa. * Ele tinha uma namorada- aí foi- tumou bainho foi namorar à noite, né? * Aí chegou lá começou brincar com revólver. * Lá vai- e disse que [í]- ía tar preso. * Ía no outro dia se preso, lá vai. * E sempre rodava o tambor do revólver só c'uma bala, né? * |mais| ele quando rodou o tambor que acerto o dedo- |aí se matou-se| a bala saiu. * Eu ainda levei ele pro hospital num jipe. * [E chegemos no]- e chegemos [no]- no ponto socorro ali na epitácio pessoa, ele num resistiu a operação. * Foi de nove e quinze da noite ele morreu [as]- doze horas e dezessete minutos. * Ele num resistiu a operação. * Então aí- no caso eu me lembro qu'eu peguei na arma ora, né? * Qu'eu tomei o revólver da mão dele aperriado [joguei]- joguei na casa [da]- da sogra dele. * Então nisso aí me acusaro que eu tinha matado meu irmão, né? * Qu'eu peguei na arma do crime, né? * Aí foi meu cunhado, apareceu adevogado. * [Agente passou]- agente passou uns quinze dias nesse sufoco. * |Mais| depois chegou a conclusão que eu era inocente, qu'eu num tinha feito isso. * Meu cunhado foi no correio da Paraíba mandou- pagou lá um jornal. * Na época tinha muito amigo da gente. * Aquele- era cardivando de oliveira. * Ele deu a maior força pra gente, né? * |Qu'ele acharia| qu'eu num tinha corage de fazer isso. * (inint) disse que [deu]- deu lá- |acusou na arma era mintira. | * Então, depois de quinze dias a namorada dele deu depoimento que num |foi eu|, foi ele mesmo cum as mãos dele mesmo. * Então [eu me]- |eu mescapei. |

* Eu dou graças a Deus porque- num ter pagado- ia pagar um crime que num tinha feito, né? * Num tinha cometido. * Então foi isso que aconteceu. * Ele teve medo de integrar o revolver o homem, o dono do revolver.

E* O que você sentiu nesse momento?

I* Ora, o qu'eu senti? * Ah, eu senti muita coisa de perder meu irmão naquela hora. * Muito sangue, e eu sabia [que <e->]- que ele num escapava.* [Mias]- mais é assim mesmo, deu pra aguentar- que agentever que um irmão. * agente suportou. * |Passamos uns dias abalados, mais foi coisa da vida. * E aí tinha de acontecer, né? * Aconteceu, né? * Agente num pode fugir. * Sei que agente sente muito que irmão. * Agente sente um estranho quanto mais um irmão, né? * Então agente- ver um irmão perdendo sangue, pra gente é muita tristeza naquela hora, naquele momento.

E* E a sua mãe, o que aconteceu com ela?

I* Ah, minha mãe ficou muito louca. * Minha mãe amanheceu o dia na porta do hospital tumando calmante a noite toda. * Foi aquele- maior desespero. * E passou dois dias sem vim na porta do hospital direto. * (inint) ela pensava qu'ele ainda tava lá, que ia- voltaria prá casa ainda. * Eu sei que foi o maior sufoco pramente, e prá minha mãe. nessa hora.

E* Sua mãe ainda é viva?

I* Minha mãe ainda é viva, graças a Deus! * Ela ainda sente muito ainda. * Ainda fala muito nele. * Isso [ela]- ela num tem como esquece. * Alias, nós todos da família, |todo irmão|- agente ainda se lembra, né? * E pra mim foi hoje ainda. * Faz- vai fazer- faz vinte anos |mais| agente- pr'agente ainda parece que foi ontem.

E* E o seu relacionamento com os filhos, como é?

I* Ah, meu relacionamento com meus filhos eu- [eu <go->]- eu só gosto mais de educar. * Não deixar ele correr na rua, não se juntar com amigo, com amizade |muito [de]- de menino.| * Depois [só da]- só da o que num presta. * Então, eu gosto de sempre te-los em casa. * Na hora brinca, por bicicleta prá correr. * (inint) mais eu num quero |com amizade com amigo|, com menino de jeito nenhum. * Porque hoje em dia [as <a->]- a amizade da- num é mais aquela amizade de antigamente, né? Que agente- que nos tinha. * Hoje agente- solta mesmo os filhos d'agente se juntar com quem num presta vai fazer o que num deve. * Isso já é- o d'agente num faz mais aquele que tá ("fazer") ele tá aprendendo. * Então no caso vai fazer também a mesmo coisa. * Então eu gosto de educar sempre meu filhos. * Apesar |que agente| nunca foi educado. * E num s6o mais educado, |mais| ainda porque [eu num <te->]- eu num tenho condições, né? De botar numa escola melhor (inint) [prá aprender]- pra aprender aquilo que eu num <apren-> qu'eu nunca aprendi antes, né?

E* Você bate nos seus filhos?

I* Não, bater nos meus filhos eu num bato não. * |mais| sempre eu dou grito, né? Eu falo alto, p'eles ver se obedece, né?| * Mias bater mesmo, eu num bato não.

E* Como você conheceu sua esposa?

I* Olhe, [essa minha esposa]- essa minha esposa- a <prime-> a mãe dos meus filhos, eu vivo cum ela não. * Agente passou treze anos juntos. * Então, eu nunca deixei ela trabalhar. * Aí depois ela foi trabalhar. * Ela errou, aí eu vi que num dava mais pra mim continuar com ela. * Então agente se separou. * Hoje em dia eu moro com outra mulher, né? * Então, [agene temos] duas filhas. * E os meus filhos com a primeira mulher sempre se dá muito bem, né? * Então os dois mais novo mora comigo. * cum a minha segunda mulher. * Agora eu tenho dois dela e mais dois da <pri-> minha ex-mulher. * Então- prá mim [é]- é muito bom, né? * Que os dois meninos se deu cum a minha segunda esposa, ela também se deu com eles. * Num tem dor de cabeça, aborrecimento nenhum.

E* Você não gosta que a mulher trabalhe fora?

I* Não, num é qu'eu num goste que a mulher trabalhe fora, né? * Por mim a mulher é pra trabalhar mesmo pra ajudar o homem. * Sempre dois trabalhando é mais um a força pra dentro de casa, né? * Agora só que a minha num trabalha mesmo, porque ela num tem condições, né? * Tem duas meninas piquenas. * Tem [uma]- uma menina com [um ano]- um ano e seis meses, tem outra com cinco meses, né? * Então ela num tem condições de trabalhar. * Pra sair de casa ir trabalha pra deixar a criança sozinha. * Num pode pagar a ninguém pra tomar conta. * Então [eu num sou]- eu num siu contra mulher trabalhar fora de jeito nenhum não. * Pra mim [duas]- [duas]- [duas]- duas pessoa trabalhando numa casa é um aforça já. * Já num passa tanto sufoco.

E* O que você mais gosta na sua esposa?

I* O mais qu'eu gosto dela [é]- é: * "Atenção, é cuidar de meus filhos bem, maner nossa casa limpa." * Pra mim [é o]- [é o]- é o importante. [Num]- num deixar os meninos sujos, nem a casa abandonada. * Isso pra mim é muito importante. * E isso aí eu gosto muito nela.

E* E o que você menos gosta?

I* [O qu'eu menos gosto]-? * O qu'eu menos gosto dela, é quando começa a falar alto dentro de casa. * Eu num gosto. * Eu num gosto porque sempre na calma dentro de casa se resolve tudo. * E no grito num se resolve nada, né? * Isso aí é o que eu menos gosto, né? * Só isso mesmo.

E* O que você sentiu quando soube que í aser pai pela primeira vez?

I* Pela primeira vez- qu'eu fui pai em setenta e seis. * Eu pra mem- [eu <ta->]- eu fiquei [muito <a->]- muito contente, que- sebendo que agente é pai, [ta lembrando]- tá lembrando [do <no->]- [da nossa]- da nossa juventude, né? * Antigamente, tal. * Que agente já é um homem, já é pai de família. * Então [já muda]- já muda a convivencia no mendo, né? * Porque um pai já é- já tem mais responsabilidade de dizer: * "Eu sou um pai e manter a responsabilidade de um pai." * Isso pra mim é importante.

E* Como foi o nascimento de seus filhos?

I* O nascimento dos meus filhos [foi]- foi ótimo, foi muito bom. * Tudo- eu sempre trabalhei pra manter eles. * Nenhum, graças a Deus, até agora passou fome. * Que- eu passei muita fome, né? Mais meus filhos não. * Isso pra mim é importante.

E* Você criaria um filho de sua esposa com outro homem?

I* Não. * Isso aí, [eu num <fari->]- eu num faria não. * criar outro filho da minha esposa com outro homem? Isso aí pra mim é impossível. * Num tem condições não.

E* Porque?

I* Ah, porque isso pra mim- (inint) aí já é demais, né? * Agente pegar um filho de outro homem com nossa esposa, e criar. * E manter [os]- os três ali dentro de casa oh! * Olhe num tem como- isso num pode não. * Num pode de jeito nenhum. * E pra mim eu nun aceitaria não.

E* Vocês brigam muito?

I* Não. * Agente num briga não. Porque se um casal- se briga muito, então é sinal que num vai conviver os dois juntos. * Então [pra <vi->]- pra viver duas- um casal tem que ter união. * Agente num briga não.

E* (hes) conte uma estória marcante do seu casamento?

I* Um estória marcante do meu casamento? Eu ainda me lembro. * Eu fui casar- então- todos casamento tem uma festa, né? * Tem aquela festa todo casamento. * Então o meu casamento foi o seguinte: * “[foi]- fo só- a minha mãe num queria esse casamento.” * Ela num queria de jeito nenhum. * Então [agente foi]- agente foi- pro cartório pra casar, minha mãe foi- agente foina frente minha mãe atrás. * Então lá o (inint) do casamento, agente casou. * Então o meu padrinho de casamento foi que me deu uma cerveja pra <cu-> comemorar o casamento. * Isso ra mim foi muito marcante, qu’eu num tinha condições de fazer um afesta de casamento. * Então o que houve fo uma cerveja, num casamento. * Isso pra mim foi muito marcante. * Eu ainda me lembro.

E* Porque sua mãe não queria o casamento

I* Porque [ela acharia] qu’esse casamento um dia num ia dar certo. * Então eu acho qu’ela tinha razão mesmo. * Num deu certo de jeito nenhum. * [As vezes]- as vezes a mãe sente né? Que um filho vai si dar bem. * Quando num vaidar certo a mãe sente. * Ela [num]- num diz <na-> sente no coração e deiz. * Então realmente, se agente for pensar direito é verdade. * Tudo qui uma mãe falar, e o filho escutar, eu acho que no fim ele num vai se arrenpeder não. * Ela tá certa- porque sena época eu tivesse tomado os conselhos dela, o que passou na minha vida [de]- de- [eu com]- eu com dizessete até meus trinta e três anos, eu acho que isso [num]-tinha acontecido comigo de jeito nenhum. * [Ela tava]- ela tava com razão. * tinha toda certeza.

E* Quando você separou o que sua mãe disse?

I* Ah, nesse- quando agente se separou ela avisou. * Ela disse: * “Eu num- naquela época eu num avisei você que num í adar certo o casamento.” * Eu num lhe avisei qu’isso ia acontecer. * Qu’essa mulher depois- sempre ela ia- ela [num <da->]- num era mulher pra você. * Porque você [num]- num escutou. * Aí eu fui embora pro Rio. * Eu fui embora. * Deixei tudo aí * A casa- uma casinha qu’u tinha eu deixei meu sobrinho morando. * Passei- eu passei quase um ano em Santa Cruz, no Rio. * [Mais] sempre (inint) eu tinha saudades dos meus filhos, né? * Aí voltei.

I* Eu assito muito o Faustão no Domingo, né? * Voltei mais depois eu num <qui-> num dava pra conviver mais com ela de jeito nenhum. * Eu num tinha mais coração pra aceitar ela. * Aí foi época qu’eu arrumei

outra mulher. * Então meus filhos |começou dando| contato comigo. * Ela num quiria, a mãe dela não queria que meus filhos fizesse contato comigo. * Agente ainda foi parar num Juiz me deu toda cobertura, me deu razão. * disse qu'eu tinha todo direito. * Teve um caso- [eu tenho um afilha]- eu tenho uma filha com ela, com quatorze anos. * Essa minha filha já é perdida, já é mulher. * Agora através de que? * Através da mãe [que deu]- que deu- ela deu mau exemplo [pra]- pra menina. * Então foi [parar]- parar com ela na delegacia da mulher. * Os meninos dissero que sempre ela de noite pulava o muro. * Pulava um cabra do muro pra casa dela. * Aí lá vai, essa coisa toda. * Aí chegou no meu conhecimento. * Aí quando eu soue que a menina era mulher [eu fui]- eu pra delegacia da mulher. * Conteí a delegada- então ela disse: * "E o que que tem a ver?" * Aí a delegada disse: * "Tem muito a ver, que você ta errada dando mau exemplo o seus filhos." * então ela me deu cobertura. * Então <ne-> [a]- [a]- [a]- a paritr desse ("período") a delegada pedia qu'ela num se aproxima-se mais de mim, da minha pessoa, né? * Então |se desligou-se.| * Hoje em dia eu passo por'ela assim, é a mesma coisa que passar por uma pessoa estranha qu'eu nunca vi. * Num sinto mais nada, graças a Deus! * E pra mim, foi muito bom.

E* Você tem amigos?

I* Não, eu num tenho amigos não. * eu num gosto de amigos. * Desde de menino qu'eu nunca gostei de amigos. * Porque [amigo <num-> amigo- pra pessoa ter um amigo, já tá dizendo: * "Amigo". * Então, amigo é o que? * "É um irmão." * <Te-> a pessoa tem que considerar como irmão. * Então, eu num gosto de amigo não, porque amigo só bota a pessoa no mau caminho. * Então desde d'eu pequeno qu'eu nunca gostei de amigo. * Hoje eu tô- [sou]- sou homem, mais minhas amizades é só opa, [de]- de, tudo bom! Tudo bom. * Mais de fazer amizade, eu num gosto não. * Com ninguém.

E* Como você se diverte com a sua família?

I* Eu me divirto c'a minha família as vezes quando eu t6o em casa folgado final-de- semana. * Eu saíu, pego os meninos vou pra praia. * Passo meio dia. * I. * Negócio de casa de amigo, eu nunca gostei não.

E* O que você faz todos os dias?

I* Olha, o qu'eu faço <to-> todos os dias é a mesma coisa. * É acordar e ir pro trabalho. * Acordo de quatro e meia da manhã, cinco e meia tô no serviço * Saio com o pessoal. * Saíu com pessoal pra trabalhar. * Sete horas isso prá mim é importante. * Chego em casa ligo o som, ou uma televisão. * Então pra mim [é]- é todo divertimento c'a minha família. * Pra mim foi bom demais. * Vou pr'uma festa- tem festa que agente sai juto. * Então isso pra mim [é]- é minha festa com minha família. * Eu me divirto- o meu divertimento c'a minha família é essa, somente tô trabalhando, onze e meia- onze e meia, como você viu mesmo, agente pára pra almoçar. * Pega de uma. * E, a <no-> e quatro e quarenta, cinco horas, eu tô em casa. * Então iss' é (hes) o qu'eu faço todos os dias. * A minha vida intêira.

E* Você gosta de futebol?

I* Olhe, [eu <a->]- eu adoro futebol. * Eu <a-> eu adoro futebol, agora num tenho condições de ir pra campo. * Eu- tem uma partida [d'um]-

d'um futebol num campo.* Aí eu vou pr'um campo.* Vou pagar dez, cinco reais.* Aí, isso aí já vai fazer falta em casa.* Aí, eu num posso.* Então, tem que me conformar com- assistindo o jogo no rádio mesmo.* E futebol eu nunca fui de jogar bol.* Eu gosto de dar minhas carreirinhas.* Dô minhas carreirinhas final de semana.* Mais as vezes- mai só dá prejuízo, né? * Sempre sai c'uma perna inchada.* Aí noutro dia já é ruim pra traba;har.* Então eu já parei, com esse negócio de jogar futebol.* É só mais trabalhar.

E* Qual o seu time preferido?

I* Ah, eu gosto muito do Botafogo daqui, né? * Apesar- tô até contenti, qu'ele ganhou ontem do Esporte.* E, é o único time qu'eu gosto.* Desde da minha infância do Miramar qu'eu sempre- eu convivi com o pessoal do Botafogo.* Então, eu conheci lá os cozinheiros, Zeza, tinha aquela turma antiga do Botafogo: * "Odon, era Capelensi, [o finado <nuni->]- o finado Nininho que morrer numa operação." * Então, eu fui crescendo no meio daquela turma.* Então, é o meu time preferido é o Botafogo.

E* Conte um jogo emocionante do Botafogo?

I* Ora, o jogo mais emocionante qu'eu assisti do Botafogo, eu me <lem-> foi num adecisão: * "Botafogo e Auto-Esporte." * Eu fui pra o campo, aí o Botafogo perder pro Auto-Esporte, de um a zero.* Eu num me conformei.* Então nessa época- agente pegou um ônibus- então, [eu]- eu subi no ônibus.* Esculhanbando com time do Auto-Esporte, né? * Então, eu num sabia que todos os atletas do Auto-Esporte tava naquele coletivo.* Eu me sentei e esculhanbei o <a-> [tava]- tava mordido mesmo, que meu time tinha perdido pro Auto-Esporte.* Então, <levan-> vei [um]- um goleiro do Auto... * Ver s'eu me lembr o nome dele? * [É]- [é]- é--- num sei.* Era- ve s'eu lembro do nome [do]- do goleiro.* Eu sei qu'ele- [ele <tumo->]- ele veio reagir, né? * Porque, eu tava esculhanbando.* Aí ele disse qu'eu ia descer [do ônibus da porrada, sei o que? * Aí disse: * "Sabe de uma coisa, eu não vou bater em você não." * Vou chamar a policia.* Aí então, quando ele saio, qu'ele desceu, pra chamr a policia, eu peguei outro ônibus e sai, né? * O Motorista [mandou]- mandou eu embora.* Então, prá mim foi maior emocionante a partida do Botafogo.* No di qu'ele perdeu por Botafogo, eu quase perdi a cabeça.* É, eu gosto muito [do <a->]- do Botafogo.

E* Quais os programas de televisão que você assiste? * Não todo, mais assim um- umas quatro, cinco partes.* O final- até aquele (hes)- a hora [da]- [da]- da- (hes) naquela hora qu'ele (hes) da cassetada qu'ele fala.* Eu gosto muito daquilo, né? * Então, só é aquilo mesmo (gaguejo)- [eu <go->]- eu gosto de assistir do faustão.* [E as vezes]- e as vezes o domingo maior, né? Na- depois [do]- [do]- do fantástico.

E* Conte um filme que você nunca esqueceu.

I* Ora, eu- tem um filme qu'eu assisti, qu'eu nunca esqueci.* Eu ainda me lembro.* Foi até c'uma namorada.* Foi Lagoa Azul.* Começava com um menino, e uma menina, e o avô dele, né? * Então [o <a->]- o avô dele morreu na beira da praia.* Então, eles foram crescendo junto, dentro d'uma ilha-* Então, daí a partir- qu'eles foram crescendo, foram pegando amizade um com o outro.* Só os dois.* Então ali [virou]- vi-

rou marido e mulher dentro da selva, né? * Numa lagoa azul. * Então, eu ainda me lembro. * Porque eu tava c'uma namorada, aí esse filme, num deu pra mim esquecer. * Até hoje ainda me lembro.

E* Você acha que a televisão ajuda [aumentar]- [aumentar]- aumentar a violência?

I* A televisão ensina muito a violência, a partir desses assaltos, [desse]- desses crimes que tá havendo muito. * É através da televisão. * E eu- vamos supor: * "Tem muito vagabundo aí." * Então eles começa assitir televisão. * Eles tem medo, [mais] a partir daqueles filmes qu'ele tá assitindo- ah! Eles perde todo o medo. * ("De") : * "Ah! É muito fácil de matar." * Então- matar e roubar. * Então aí acontece muita violência. * A partir [da]- da televisão.

E* Você já foi vitima da violência?

I* [Já]- já me aconteceu [uma vez]. * Eu tava no Rio de Janeiro, quando agente fechou um restaurante sim| uma duas horas da madrugada. * Então, chegou um menino no da cintura pra cima, né? * E, pediu [um]- um refrigerante no bar, né? * [Nos despachou], então eu perguntei pra ele; * "Menino [tu <mo->]- tu mora aonde?" * Ele respondeu: * "Eu mora aí pela rua." * Mas num falou aonde morava, né? * Disse que morava na ru. * Então, agente fechou o restaurante |e saímos|. * Eu, o gerente e mais um amigo meu de trabalho. * Então, ele se aproximou [d'uma]- d'uma calçada. * Então- esse mesmo menino disse qu'era um assalto. * Na frente da gente da gente, nu da cintura pra cima. * E, eu comecei a rir. * Pensei qu'era brincadeira do menino. * Daqui a pouco apareceu mais dois cara, e disse que o assalto era de verdade. * E veio logo um em cima da gente, pegou logo o revolver. * O menino escondeu o cheque, dinheiro na braguilha, [mais] eles arrastarm com tudo. * Então aí, eu corri atras deles. * Dos cabras. * Dentro d'uma favela. * Pra ver se agente conseguia o dinheiro, né? * Então, quando eles entraro numa favela, tinha um vigia numa casa * Gritou: * "Num entre não." * Aí eu parei. * Eles começaram a atirar. * Então, pra mi aí já foi- eu já fui vítima [d'uma]- d'uma violencia. * Qu'eu poderia ter recebido uma bala, né? * [Mais] graças a Deus, isso num me aconteceu não.

E* Você acha que bandido tem que morrer?

I* Na minha opnião- olhe [bandido]- bandido que olhe- as vezes tem muito bandido que- as vezes vira bandido porque, as vezes a cidade obriga, né? * Vamos supor, um pobre mesmo ve uma família passando fome, aí ele se ve doido. * Bota um afaca e sai robando. * A aquele- agora robar, ele roba pra comer. * Pra dar de comer a família. * Eu acho aí- qu'ele pegou aí o que? * Pegou um feijão, uma farinha um pacote de leite, pra dar de cumer a um filho. * Aí, eu não sou contra não. * [Mais] bandido que sai por' aí robando e matando... * Eu acho qu'esse daí é- deveria morrer todos eles. * Qu'eu num sou- eu num sou a favor qu'eles viva no mundo cometendo esse crime.

E* Você já esteve alguma vez em uma situação difícil em que tenha dito a você mesmo: * "Chegou a minha hora?"

I* Não. * Assim pra chegar a minha hora nunca- isso nunca me aconteceu, não. * [Mais] eu <a-> uma vez eu tive numa situação muito difícil. * [Eu com a]- eu com a minha primeira filha, teve um final de semana

que faltou o leite de lá. * Faltou o leite- então eu tenho um irmão que <trabalha-> trabalha de garçom, então eu pedi o dinheiro pra comprar uma lata-de-leite. * Ele disse que num tinha. * Então, [ele gostaria] de beber muito. * O dinheiro dele só dava pra beber. * Então [eu]- eu lembro qu'eu botei a porta dele abaixo, e tomei o dinheiro pra comprar a lata-de-leite da minha menina. * Então isso aí, agente se acha numa situação muito difícil. * [Foi <is->]- foi isso que me aconteceu. * Eu até bati nele, pra tomar o dinheiro do leite, da minha menina. * Pra comprar uma lata-de-leite.

E* Você tem medo de alguma coisa?

I* Bom, medo de alguma coisa- quer dizer medo mesmo, eu num tenho não. * Porque [eu num]- eu num mundo| robando, nem matando. * Então aí- acho que'eu num posso ter medo de nada nesse mundo. * <Inta-> só- eu só tenho medo (hes) que Jesus um dia Possa castigar nos daqui da terra, né? * Qu'isso aí, é claro, que um dia ele vai castigar. * Que tem muito pecado nesse mundo. * Então da terra mesmo aqui, eu num tenho medo não. * Eu num faço por'onde fazer |medo de ninguém|.

E* Você pratica alguma religião?

I* [Não]-, não. * [Eu sou]- eu sou católico. * Eu- que pra a religião que tem só é a igreja católica. * Que quando Jesus chegou ao mundo ele fez só uma igreja- só dexou um aigreja no mundo, que foi a Igreja Católica. * Então, essas outras igrejas: * "Assembléia de Deus, esse negócio foi tudo inventado pela mão do homem." * Pela mão do homem que pisa na terra que nos pisa, né? * Num foi Jesus que inventou essa igreja católica. * Que Jesus quando veio o mundo batizou agente num rio corrente * Quer dizer, o povo dele num rio. * Então pra mim, a igreja- só a igreja católica mesmo. * Que foi- qu'eu tenho certeza que foi ele que fez essa igreja, * A igreja do batismo. * E outra [eu num]- [eu num]- eu num creio não.

E* Quem é Deus pra você?

I* Ora, Deus pra mim [é o homem]- é o homem [que]- que é da terra e do céu, né? * Ele da forças pra nos trabalhar. * E pra mim, toda hora ("Deus") da cobertura pra'gente, né? * Quem merece, ele está sempre estendendo a mão. * Que ele acha que merece, né? * Então isso pra mim é- <e-> pra mim é- saber que existe Deus é assim.

E* O que você sempre pede a ele?

I* Olhe, eu peço tudo a Deus [qu'ele]- [qu'ele me <aju->]- qu'ele me mostrasse um meio de viver melhor c'a minha família, né? * [De <man->]- de dar mais uma alimentação melhor para os meus filhos. * [Todo dia]- todo ida- nunca deixasse falatr o pão dos meus filhos * Nem de manhã, nem a noite. * Sempre mantenha c'uma essa comida [qu'ele]- qu'eles nos dá todos os dias. * Iss'é o qu'eu peço a Jesus todo dia.

E* Qual o seu maior sonho?

I* Olhe, o meu maior sonho, olhe eu penso muito de ganhar na loteria e ajudar [a <quem>]- [a quem]- num tem, né? * Qu'eu sou pobre- eu tenho certeza- um dia s'eu ganhar na sena assim, na loto, eu vou ajudar muita gente carente. * Qu'eu vou me melbrar qu'eu já fui pobre também. * Então, o meu sonho é esse. * Um dia certar na lotu, e dividir esse di-

nheiro [cum]- cum meus companheiros, que merece, né? * que num tem condições?

E* Se você fosse presidente, o que você faria povo?

I* S'eu fosse presidente [eu <fa->]- eu faria muitas coisas |pelo pobre|

* Eu num ia deixar ninguém passar fome, nem viver na rua sem ter onde morar. * Eu tenho certeza [qu'eu ia]- eu ia dar casa pra todos eles morar. * E, eu ia ter certeza que isso num ia me fazer falta. * que o que agente da p'os pobres- (hes) comida e dormida- isso num faz falta pra ninguém. * Pra quem tem, né? * Então, no caso s'eu fosse o presidente, eu ia ter condições. * Então, isso eu faria. * Tiraria o pessoal da rua, do sofrimento. * Ia da mais escola p'esse pessoal mais analfabeto, que num tem estudo. * (hes) então, [eu ia]- eu ia acabar mais com o sofrimento do povo na rua. * O rico não, né? * O rico já tem muito. * Ele num precisa de mais nada, né? * Que já tem- já é o suficiente, né? Pra viver. * Já basta o que tem. * [Eu ia olhar mais o]- eu ia olhar mais esse pessoal pobre.

E* Você acha que se falasse melhor você teria um emprego? * Um outro emprego?

I* Ora, s'eu tivesse [uma]- uma linguagem melhor, eu soubesse [me]- me (hes) apresenter melhor, eu tinha certeza |que um pouquinho| de estudo [eu tinha]- eu tinha um emprego melhor.

E* O que você acha da sua forma de falar?

I* A minh- o qu'eu acho da minha forma de falar é isso mesmo. * Qu'eu- eu aprendi só falar assim mesmo. * [E, o]- e, o- e pra mim é importante, né? Eu falar assim mesmo. * Foi Jesus [que]- que deu [esse]- esse dom. * E eu acho, |que vai sempre assim mesmo. * Eu num tenho como melhorar mais.

E* O que você mudaria no seu modo de falr?

I* O qu'eu mudaria no meu modo de falar? * Era procurar (hes) falar as palavras [mais]- mais completas, mais é- [uma]- uma palavra mais- (inint) minha linguagem. * Qu'eu chegasse, assim, em qualquer lugar e falasse, e alguém entendesse tudo direito o qu'eu falasse. * Então, pra é <importan-> era importante. * E, [o qu'eu]- o qu'eu mudaria- o qu'eu gostaria de mudar na minha linguagem era isso. * Falar melhor, né?

E* Você acha que todos os brasileiros falam do mesmo jeito?

I* Todos os brasileiros falar. * Eles falam do mesmo jeito. * Ele [num]- num pode mudar [o]- o (hes) tom de fala, né? * E brasileiro, então tem que falar do mesmo jeito.

E* Para você o que é falr correto?

I* Ora, correto é a palavra correto é a pessoa ter seus idiomas, né? * Chega- já pensou, agente sai daqui vai pr'outro país. * Vamos supor: * "Vamos pra- vai pra Argentina, chega lá num sabe falar uma língua." * Agente- vai |daqui falar nossa língua|, e eles- num tá falando nada. * Eles [num s'entende|. * Num tá entendendo nada o que agente tá falando. * Então pra mim, isso aí [é]- é ter um idioma melhor, né? * A pessoa saber falar, estudar e ter- saber falar várias línguas, né?

E* Você conhece alguém que fala diferente de você?

I* Se- [conheço <algue->]- conheço muita gente, né? Que fala melhor. * (hes) fala as palavras corretas, (hes) se espelha [mais]- mais (hes)-

muito melhor, né? * Então, isso [é]- é importante. * A pessor ter uma- (hes) um tom de língua melhor, né? * Saber s'esplicar cum as pessoas. E* Che <che-> se chegasse alguém aqui dizendo que daria o que você pedisse, o que você pediria?

I* Se chegasse alguém, [e me <fala->]- [e me]- e me falasse o que eu queria? * [Olhe, o qu'eu queria]- olhe, o qu'eu queria na minha vida [era só]- era só ter a minha casinha com meus filhos [em <pa->]- em paz, e ter a minha alimentação todos os dias. * Eu num queria mais nada nesse mundo. * E ter- é com- pra num me faltar, e eu puder ajudar os outras também. * Era só o qu'eu queria na vida. * Mais- num m'interessava carro, nem andar bonito. * Isso num m'interessa não. * É tá com minha barriga cheia, minha família, e tudo com saúde. * Isso pra mim é importante.

E* Quando você vai a feira o que você compra?

I* Quando eu vou a feira, o qu'eu compro? * O que eu posso comprar: * "É mais farinha, feijão, arroz, macarrão, açúcar e [o leite da]- o leite das crianças né? * Sabão, (hes) fôscu, bombril. * As vezes o dinheiro num da nem pra comprar carne e verdura. * As vezes, quando vai se lembrar de coprar carne, já é tarde demais. * O dinheiro já tem acabado. * E as vezes, fica nesse sufoco, né? * O nosso dinheiro num da pra gente comprar carne, verdura. * Tem que comprar mais o grosso.

E* O que você gostaria de oferecer a sua mulher?

I* O qu'eu gostaria de oferecer [a <mi->]- a minha mulher era |um mes| de vida melhor. * Pela num se preocupar tanto com menino, (hes) ta tdo dia numa lavadeira. * (hes) se matando [na]- na cozinha. * Procurou- eu procuro <mã-> uma coisa melhor- pra fazer, e num tem condições. * Então, o qu'eu gostaria era de ter a minha vida da minha esposa, uma vida melhor, né? * Que isso pra mim- [o <que->]- [o<no->]- agente somos pobres, |num tem| o que oferecer. * Então, a mulher tá ali se matando todo dia. * Lavando roupa, (hes) se acabando varrendo casa, todo dia. * Todo dia aquele montão de roupa suja. * Um dia tem sabão, outro dia não tem. * Vai acumulando roupa suja. * Então, isso pra gente é triste. * ver uma pessoa assim, né? * E principalmente, aquela pessoa que agente gosta, né? * Então, o qu'eu gostaria |é ter uma| vida melhor pra ela, né? * [Eu <pode->]- eu podesse manter ela melhor. * Mais agente- finalmente agente num pode fazer isso.

E* Se você podesse oque você mudaria no mundo?

I* S'eu podesse o qu'eu mudaria no mundo? * A primeira coisa qu'eu mudaria no mundo, s'eu podesse era cabar toda essas violencias. * Acabava com a fome, acabava com essas- acabava com a- (gagueijo) essa estória de analfabeto. * Já botar todo mundo pra estudar. * Pra acabar com a- os analfabeto, todo mundo ia aprender a ler,- a escrever e a ler. * E ninguém ia mais, passar fome.

ENTREVISTA 05 - 05.JNA.U.F

Projeto VALPB

Informante: JUSSARA P. NOGUEIRA DE AMORIM

E* Idadi?

I* Trinta e dois anos.

E* Quaw u seu cuhso?

I* Direito.

E* Poh que você iscolheu essi cuhsu?

I* Ah, pohque na época eu achava qui era u qui mais si adequava à mi~, comu reawmenti é u qui eu goxtei di faze#.

E* Quais as dificuwdadis qui você incontrô na univehsidadi?

I* A fawta di incentivu pelus govehnatis para uma educação melhoh.

E* Fali du seu tempu de coléju:

I* + Eu tivi uma época booa... na mi~a época não ixixtia tantu problema cu~ drogas, cu~ otras coisas sérias qui aparecem atuawmentji, nu~ é, prejudicandu é+ não só u aprendizadu comu também, ahh, o desenvovvimento sociaw i educacionaw da maioria dus adolecentis qui passam puh essi problema atuawmentji, nu~ é? Nós incontramus um mundu tãu cheiu [di] di coisas más qui nohmawmenti u ladu é... p'ra você aprender, p'ra você <ati->... aham.. p'ra você adquirir# conhecimento si tohna tãu piquenu, diante de tantas coisas ruins qui, atuawmenti, andãu acontecendu, né? Mas, felizmenti na mi~a época nós nãu nus deparávamos cu~ extis problemas. Era uma juventudi mais sadia, mais vowtada para u ixtudu, para as coisas boas qui a época, reawmenti oferecia, nu~ é? U qui multus jovens...é...oji não dixfrutam dessis, dessas coisas salutareas da mi~a época.

E* Quaw a ou as matérias qui você maix goxtava?

I* Eu goxtava muito di matemática, de química, hixtória e OSPB.

E* Fali di awguns di seus professoris awgum qui mais mahcou você, assi~, na sua época di culéju:

I* Podi sê também na univehsidadi? Na época di coléju u qui mais mahcou foi Paulo de Tahsu i Américu. Mas faka# comu? Im qui sintidu você diz?

E* Nu sintidu du disi~pe~u deli é si...

I* Ah! Reawmenti eram professoris competentis qui chamavam a atençãu pela maneira di isplanah u assuntu, de chega# au objetivu qui u assuntu da matéria deli é +<dizi-> falava, né? à respeito cu~_ _ cu~ disi~pe~u, ixatu.

E* Teve awgum professoh seu qui você tevi awguma intriga, assi~, awgum disintidimentu, awgum...

I* Tivi. Na época da facuwdadi nu~ é? Um professo# qui nohmawmenti não cuxtumava dah aula i eu também tivi a sohti di pega# uma tuhma muito boa qui presava pelas aulasna univehsidadi i nós fomus ao depahtamentu di direitu públicu denu~ciah um professo# qui <che-> qui dava aula semana sim, semana não! I u qui é qui acontecia? Agenti tava... nós ixtavamus nuys sentindu <pre-> nuys sentindu prejudicadus pela fawta [di] di aula i, u qui <-o-> ocorreu? Fomus au depahtamentu i lá+ (hes) u pessuaw du dehtamentu dedurou a tuhma qui foi reclama# i essi professo# cumeçou a nos mahca#. Chegou au ponto di leva# toda

tuhma p'ra prova finaw i, cumeçou a massacra#. I foi quando eu tиви uma discussãu cu~ eli, não só eu, comu o rextanti da tuhma, mays, graças à Deus, chegamus à um concenssu i a tuhma passô.

E* Você trabalha?

I* Trabalho.

E* Im quê?

I* Eu só adjivogada i trabalho, também na Secretaria da Educaçãu i Cultura, também, exehce~du a profissão di adjivogada.

E* Cõ quem você mora?

I* Cõ meu maridu i cõ meus filhus.

E* Como é seu relacioname~tu cu~ sua família?

I* Eu creu qui p'ra...p'ras famílias di oji im dia, eu te~u um bõ relacionamentu. Eu te~u dois filhus pehfeitus, sadius, intelligentis. (hes) procuru passa# p'ra elis a educaçãu qui eu adquiri dus meus pais i, cõ meu maridu, também te~u um bom relacioname~tu, graças à Deus.

E* I cõ seus pais? Comu é u <-rec-> relacioname~tu?

I* Maravilhosu, também!

E* Você goxta du luga# ondi mora?

I* Goxtu.

E* Puhque?

I* U~ luga# cawmu+ (hes) sem poluiçãu i (hes) mi sintu privilegiada di mora# nu~ luga# dessi, qui muita genti, nu~ é, nu Brasiw, nu~ tem (hes)- nu~ sãu <ne-> (hes) ou melho#, nãu é dus melhoris, mas pelo menus, eu creu qui (hes) p'ra condiçãu im qui nóys vivemus atuawmenti, nu Brasiw...É. P'ra mi~ é bõ!

E* Comu é a casa dus seus sõus? a casa qui você idealiza?

I* Achu qui oji im dia agenti nu~ podi idealiza# uma casa, lá, muito grãdi, né? Pela dificuwdadi di secretária qui ixixti...(risos)...U melho# mesmu é te# uma casa meno# i qui ate~da ax nicissidadis da família.

E* Quãdu você extá em casa, quaw [é] é a atividadi qui você cuxtuma mais faze#?

I* Limpa# a casa i cuida# dus mininus?.

E* I cu~ relaçãu a divihtimentu...quãdu você tá im casa u qué qui você cuxtuma, mais p'ra si divehti?

I* Le#.

E* É. Você goxta di faze# awguma coisa ispeciaw quãdu ixtá im casa, mas qui nãu tem condiçõis di fazê-lu?

I* -- Goxtu. Eu goxtu di pinta#. Só qui atuawmenti <mi-> meus mininus sãu piquenus i nãu intendem i eu te~u qui da# mais atençãu às criãças i, uma veyz qui, eu passo a semana toda trabalhãdu, finaw di semana eu te~u qui+ mi di disdobra# i da# a atençãu qui lhis fawtô duranti a semana.

E* U qui você fayz para si divehti#?

I* Im casa?

E* Im casa, fora di casa...quawqe# liga#.

I* Ah! Anda# sempri i~ ahmonia cu~ a mi~a família, cõ uys amigus, p'ra aproveita# u máximu, nu~ é? Ô si ixtive# i~ casa, cu~ as pessoax

qui <compo-> é, fazem pahti da mi~a fãmilia. I, si ixtive# fora, as pessoas qui fazem pahti do meu <circu-> círculu di'amizadi.

E* Quaw u divehtime~tu qui você (hes) goxta mais, assi~?

I* Ah...goxtu muito praia, goxtu di fextas, também.

E* Você ouvi rádiu?

I* Si~

E* qui tipu di música você goxta?

I* Romântica

E* Só essa? Você nu~ goxta di ne~uma da parada, assi~?

I* Nãu. Nu~ sô muito...[eu] eu goxtu mais da música qui mi faiz sintih beym. Nu~ sô muito di parada, nãu. Podi sê# uma antiga, mas desdi qui eu goxti...p'ra mim.

E* Você assixti televisão?

I* Si~.

E* Qui tipu di programa você goxta di assixti#?

I* Eu prifiru um bom fiwmi, um noticiáriu...

E* Você acha qui atelevisão, oji im dia, dividu à essas (hes) cenas di violência, coisas dessi tipu, tá dandu uma má influência, cõ relaçaũ as pessoas, ou nãu, você acha qui, ah...nãu tem nada a ve#?

I* Com cehteza ela cria uma má influência sobri as pessoas, <pin-> principawmenti sobri as pessoas qui nãu têm uma fohmação p'ra dixtingũi# qui aquilu nãu devi se# feito. Etãu, ela si'utiliza dus meius di comunicaçaũ, com'a televisãu, para muitas vezis detuhpa# awguma... awgum atu praticadu pur'ela.

E* Você acha qui u rádiu tá i~du na mesma direçaũ qui atelevisãu tá chegandu, oji im dia, ou nãu, qui é <-ju-> totawmenti diferenti?

I* Também. Também exehci uma influe~cia.

E* Fali di awgum fiwmi qui você assixtiu i qui foi muito mahcanti:

I* A Noviça Rebewdi.

E* Assixtiu quantas vezis?

I* Achu qui umas quatro ou cincuu...

E* Já chego awguma situaçaũ i~ qui você dissi: "Chego a mi~a ora"? Awguma situaçaũ, assi~, muito difficiw, qui você achu qui dela nu~ passava/

I* Comu assi~? nu~ passava comu?

E* Sii~...uma situaçaũ di pirigu, awgu~ acidentji, coisa dessi tipu, qui você achô quii seria sua ora.

I* Nãu, nãu!

E* Sohtuda! (risos)

E* Você já foi vítima di'awgu~ tipu di violência, coisa dessi tipu?

I* Nãu

E* U quê qui você acha [da] d'atuaw situaçaũ da violência nu Brasiw ojim dia?

I* Deríssima! É um problema sériu i preocupanti para todos nós. Principawmenti para nós qui somos pais i mãis.

E* I a soluçaũ?

I* A soluçaũ (hes) istaria em nossus govehnantis, olharem mais para'educaçaũ, para'a segurança i, logicamenti, a segurança, aí,

abrangiria u policiamentu, nu~é, i a educaçãu. Poh que? Puhque toda essa violência já é gerada pela má educaçãu du brasileiro, cehtu? Af, u quê qui aconteci? A pahti du momentu qui você nu~ tem uma i~struçãu, você vai pahti# par'aqueli ladu qui ixtá completamentji erradu i vai chega# au pontu di pratica# atus violentus comu, sequextru, comu fuhtus, roubus, ety cetara.

E* Você acha qui'atuaw situaçãu du Brasiw, essa situaçãu tãu difficiw é cuwpa só du govehnu ou u povu tem a sua pahcela di cuwpa?

I* U povu tem a sua pahcela di cuwpa. pohqui é...cada povu tem u govehnu qui mereci, entãu, si nóx temus aqueli tipu di <go-> nóx temus aqueli tipu di govehnantis, fomus nós qui ô colocamus lá! Entãu, à principiaw, eu achu qui af, também extá a educaçãu. Pohque, si você é bem educadu, você sabi <voh-> votah bem. Si você vota bem, você tem u~ bom govehnanti. Si você tem um bom govehnanti, você tem uma educaçãu. Cehtu?

E* I (hes) você acha qui...é (hes) <qua-> quaw seria a soluçãu di conce~ssu entri u povu i os govehnantis p'ra melhora# essa situaçãu? Você acha qui teria awguma <situa-> awguma soluçãu imediata, ou...

I* Nãu. Di imediatu, nãu, nu~ é? Puhque nóys chegamus a um pontu qui, a situaçãu já ixtá tãu séria qui...nãu seria uma soluçãu imediata. Puderíamux te# até paliativus, max di imediatu, nãu. Porém, issu daí...nu~ é pr'agenti cruza# us braçu0, dize# 'Ah, já qui nu~ tem uma soluçãu imediata, nu~ vamos faze# nada.' Au contráriu: já qui ixtamus danti dexta situaçãu, entãu, u mais viávew, siria nus prewcupahmus e~ sana# issu i comu a principiu dissu, eu achu qui seria primah pela educaçãu.

E* Tem awgum obyjetu...podi se# di valô# <ixti-> assi~, di ixtimaçãu ô valô# materiaw mesmu, qui você nãu daria à ni~guém, ô Awguma coisa qui pehtenci qui você nãu daria a ni~guém?

I* Tem si~!

E* U quê?

I* Uma gahgantilha qu'eu gãei, aus quinzi anus, da mi~a mãi!

E* Ii, si você ganhassi na loteria, você ajudaria quem, primeramenti?

I* Primeiramenti?--- Agora você mi pegô di suhpresa, em? Eu...agenti ganha# numa loteria i pensa# logo i~ quem ia ajuda#! (risos) Eu achu qui primeiru, antis di'ajuda# awguém você devi sabe# comu imprega#, cehtu, aqueli di~eru qui você recebeu, p'ra qui eli nãu suma das suas mãus di'uma manêra rápida. A pahti# du momentu qui você <sou-> soubeh imprega# di maneira correta, entãu, ai você vai pensa# i~ quem você ajuda#, cehtu? A principiu, eu achu qui é [uma] u-u-uma situaçãu naturaw di quawque# ser'umanu procura# ajuda# a família, né? I depois...é...nada impedi qui ajudi, também, as pessoas qui mais pricisam: ohfãnatus, é, abrigux di velhus, ospitais...

E* U qui você acha dessa situaçãu, oji'm dia, da ismola? Você acha qu'é corretu da# ismola à awguma pessoa?

I* Nãu! Eu só contra! [I] I só a favo#. A ismola aus velhus, às pessoas qui nãu têm condicõex di trabalha#, mas à crianças i à pessoas jovens,

nãu há puhquê da# ismola. Agenti nãu devi da# u pexi, agenti dev'ensina# a pesca#.

E* entãu, você acha qui dandu ismola vai vicia#...

I* Ixtou contribuindu p'ra qui eli si vicii a continuar pidinti i nunca s'interessa# pur'um trabalho ou pur'um ixtudu, puh nada. Si eli tem mais fáciw, entãu, pohque eli vai quere# ganha# di~eru di'uma manêra mais diffciw, cõ u trabalho, cõ u ixtudu?

E* Você tem medo de awgu?

I* Te~u.

E* Di quê?

I* A mohti.

E* Puh quê da mohti? Que qui você acha da mohti?

I* Bem. Eu achu qui ni~guém acha nada, nu~ é? Qui, nós qui ixtamus aqui nãu sabemos di nada da òtra vida i, é pur issu mesmu qui eu te~u medu. Eu te~u medu das coisas qui'eu nãu cunheçu i, comu aqui na terra...quando agenti nãu conheci awguma coisa, mas tem sempri um qui conheci e chega p'ra'genti i diiz comu é...eu achu qui aqui na terra nãu tem nada p'ra'genti teme#, agora du òtru ladu, si~! Qui ni~guém ve~u di lá p'ra dize# comu é, né? Sóo u Sawvadoh qui ve~u dizendu qui awgum dia vowtaria, mays...é...agenti tem qui...eu achu qui a <nossu-> a- u nossu metudu ou mudelu di vida deveria u quê? Fazer aqui naterra u qui goxtariamus [qui fizessem] qui fizessem puh nóys. Entãu, pelu menus issu aí, agenti fazendu aqui, eu creu qui na otra vida agenti só vá tê melho#, né?

E* Quaw é sua religiãu?

I* Católica.

E* Você é católica praticanti?

I* Atuawmenti eu tó u~ poqui~u relaxada, depois qui tivi mininu, tudi~u. Eu sei qui nu~ é nem discuwpa p'ra'genti tá dizendu issu, né? Mays, p'reu i p'ra igreja cu~ ux doi0 mininus, aí chegam lá nu~ dexam agenti assixti a missa direitu. 'Mai~a, tá na ora, vamu, nu~ sei u quê', entãu tudu issu, atrapalha u~ poqui~u i comu eu passu a semana toda trabalhandu, finaw di semana...

E* Valha-me, Crixtu!

E* I quaw é sua visãu? Você acha qui dentru das religiões: a católica é a mais correta ou você...

I* Bem. Já qui foi [a] a qui'eu nasci i mi criei, na mi~a ótica é a mais correta, mays issu nãu que# dize# qui ela também, nãu te~a errus, nu~ é? Eu creu qui tudu qui é feito pelu omem tem um quê d'imperfeito i, nu~ é purissu, nem puhque é mi~a religiãu, eu vô dize# qui ela é a mais pehfeita di todas. Tantu ela tem <us-> u seu ladu impehfeito comu quawque# òtra. Mas, comu eu mi criei na religiãu católica, foi a qu'eu nasci, à qui eu pratiquei, entãu, pohque sai# dela? Nãu há puhquê.

E* Ela compreendi todax as suas necessidades, entãu?

I* Até agora, si~. I eu creu qui daqui p'ra frenti, também. Puhque, cu~ tri~t'e dois anus, s'eu nunca tivi a intençãu di muda# é puhque ela si ixtá mi satisfazendu, né?

E* Fali di awguma pehsonalidadi qui você adjimira:

I* Jesus Crixtu.

E* Seria até ilógico pergunta# puh que, né? Mays, você poderia da# uma explicação a esse respeito?

I* Bem. Puhque eli foi u vehdadeiru omem i infelizmenti uys omens daqui, não u comprienderam, nu~ é? Si u tivessem compriendidu u mundu seria bem melhoh!

E* U que qui você acha de muitas ligações qui fazem entri Jesus Crixtu, Gandhi, é...vários mártis qui passaram [pur] pur nossa história? U que qui você acha dessa relação?

I* É uma relação até um poucu lógica, nnu~ é? Eu achu qui foi ...ux posterioris foram [hes] Jesus Crixtu da nossa época, né?

E* Si você pudessi se outra pessoa, quem seria?

I* Hum! Qui coisa difícil! (risos) S'eu pudessi se outra pessoa"Quem eu seria?

E* É.

I* Mãe.

E* Puh que?

I* Puh que eu goxto du jeitu di se# dela.

E* U qui você mais detexta nas pessoas? U qui mais lhi dá avehsão nas pessoas?

I* Falsidadi i mentira.

E* I u qui você mais goxto nu convívio cu~ otrax pessoa?

I* Sinceridadi+ i respeito.

E* U qui você acha da fidelidadi?

I* Ideaw!

E* Puh que?

I* Puhque para (hes) a fidelidadi, não só nu relacionamentu a dois, comu também nu <rela-> cionamentu entri amigos é ideaw p'ra consevávação daqueli elu qui ixixtji enti quawque# uma, quawqe# um [dus] dus dois casus, né? Nu casu da vida à dois vai, logicamenti, contribui# para é consehva a união até u finaw da vida.

E* Você pratica awgum isporti?

I* Não!

E* Puhque?

I* [Puhque] puhque não tenho tempu.

E* Mas você pretendi...puhque você falou, previamenti, qui tem dois filhux, nu~ é issu? É...você pretende enquadrá-lu im awgumas iscolas, em relação à ispohti ou não? Você..

I* Si~! Cõ certeza! I quando elis ixtiverem maioris eu mesma vou começa# a pratica# ispohtis. I, inclusivi, eu achu qui u ispohti é até uma fohma di afaxta# a criança é...p'ras...das drogas, du fumu, da bibida. Puhque uma veyz qui você é desportixta, você tem qui afaxta# todas essas coisas da sua frenti, então, você incentivandu u ispohti na criança, você ixtá incentivandu qu'ela vá p'ra um ladu bom, afaxtandu dessi ladu maléficu da vida.

E* Que qui você acha dessa relação qui as pessoas fazem du ispohtji cõ u cuwtu au cohpu?

I* Ixi! Nu~ tem nada a ve#! U isporti é u- i u cuwtu au cohpu?

E* Si~, puhque gerawmenti as pessoas fazem mais ispohti para fica# im boa fohma, p'ra fica#, comu dizem oji im dia, mais inxuti~u, mais (inint)

I* Ah, sim! Desse ladu. Achu qui ai vai depende# da concepçãu di cada um. Eu por exemplu, si eu praticassi awgum ispohti, siria pelu ladu di mi sintih bem, di faze# bem a mi~a saúdi. Eu achu qui você ixtandu bem cõ você mesma i cu~ sua saúdi, entãu u rextanti é u rextanti.

E* Você faria otu cuhso só p'ra ganha# di~eru?

I* Nãu!

E* Puh que?

I* Puhque di~eru nãu é tudu na vida. Di que adiantaria você ganha# di~eru i ixta# numa profissãu qui nãu ixtivessi lhi satisfazendu interiohmenti. Eu creu qui nãu vali nada.

E* Dentreu du seu ambienti di trabalho, quais sãu as coisas qui você mais+ goxta di faze#?

I* Aquelas qui sãu relacionadas, reawmenti, cõ u meu trabalho, ou seja, cõ a advocacia.

E* Você exehci muito [essa] essa pahti [da] da advocacia nu seu trabalho?

I* Exerçu.

E* É...quaw seria uma outra fohma qui você encontraria, por acaso, se você nãu ixtivessi ganhandu bem nu seu trabalho? Quaw outra fohma você incontraria p'ra ganha# di~eiru?

I* Pudiria procura# um trabalho qui...é...ouvessi conciliaçãu cõ'u meu i qui'eu pudessi disimpenha# as duas funções sem uma prejudicah a outra.

E* U qui você acha, oji i~ dia, das profissões aqui nu Brasiw? Puhque oji a situaçãu tá tãu difciw qui quando você tehmina um cuhsu você nãu tem cehteza du trabalho qui você vai...si você vai consigui# ô nãu trabalho.

I* Reawmenti, é...i, reawmenti i infelizmenti, nu~ é, oji ixtá pahtindu mais para u prisma du (hes) monetáriu, nu~ é <na-> nem mais para u prisma di você goxta# di uma profissãu, ou di si dah bem naquela profissãu. I, issu vem ocasiona# u quê? U profesionaw di má qualidadi. Puhque, nohmawmenti, quando você fayz uma coisa qui nãu goxta, ixtá fazendu somenti para receber u di~eru, aqueli trabalho, eu creu qui nãu sai bem feito.

E* Quaw a coisa qui lhi'irrita nu seu ambienti di trabalho?

I* Fofoca.

E* É...ondi você trabalha masmu?

I* Nu Centru Adminixtrativu. Na Secretaria da Educaçãu i Cultura.

E* Quaw a funçãu principaw qui você disimpe~a, lá?

I* Sou advogada! A advocacia.

E* E, o qui você acha [da] da situaçãu atuaw dus mininus di rua?

I* Deprimenti.

E* Quaw seria uma soluçãu, ô, um paliativu p'ra issu?

I* A soluçãu i u paliativu seria, juxtamenti, uma conscientizaçãu poh pahti dus govehnantis, é, cõ a melhora da educaçãu, a criaçãu di inxtituições di recuperaçãu p'ra essas crianças, agora, cõ seriedadi.

E* Si você pudessi viajar# u mundu, quaw...quais us paísis qui você goxtaria di i#?

I* Pariis+ nu casu, França, né? Paris é a capitaw, França, Itália--i Grécia.

E* Puhque <es-> essis paísis lhe chamam tanta atençãu? tem awgu ispeciaw na cuwtura dessis povus qui lhi chama a atençãu?

I* Siim. Eu achu romãticu, né? I a Grécia é um poucu míxtica.

E* Você goxtaria di cunhece# primeiramente seu u país, ou nãu?

I* Seria mais viávew, né? I depois, conhece u mundu.

E* Si você pudessi, é, se# transfirida a trabalho, entãu, mora# mesmu im outru locaw, você dexaria u Brasiw i moraria i~ otru país, ou nãu?

Essi é u...mesmu com todas as falhas essi é o país du seus sonhus?

I* Mesmu cu~ todas as falhas é u país dus meus sonhus.

E* Puh que?

I* Puhque aqui, agentji ainda encontra u calo# umanu, qui namaioria dus paísis di fora agentji nãu vê, esa interaçãu qui ixisti entri u povu brasileiro. Apesa# du sofrimentu, apesa# é, das dificuwdadis econômicis, finaceras, mays, nóys ainda temus um povu muito calorosu.

E* Cê goxta du cahnavaw?

I* Goxtu.

E* Que qui você acha du atuaw canahvaw qui ixixti oji i~ dia?

I* Um pocu violentu. Já nãu si faz mais canahvaw comu antis. I olha qu'eu sô tãu velha! (risos)

E* É cõ <rela->...puhque u Brasiw é cunhecido comu u paix du cahnavaw i du futibow. Você acha correta essa--- rotulaçãu qui dãu au Brasiw?

I* Eu creu qui nãu há puhque s'invehgonha# si reawmenti fazem pahti, principawmenti, u cahnavaw du nossu fowclori, da nossa cuwtura, nu~ há puhque- nu~ veju ne~uma obyjeçãu contra issu, nãu.

E* Você acha qui, si as pessoas chegam au Brasiw i têm awgum compohtamentu cõ relaçãu a preconceitu...puhque nóys somus um país suby disinvowvidu, né? Nóys somus um país atrasadu. Us iextrãgerus qui aqui chegam i têm um cehtu tipu di preconceitu...u que qui você acha cu~ relaçãu à issu, a essi preconceitu qui...

I* Mas u preconceitu i~ que sentidu?

E* Em todus us sentidus, puhque, aqui, é um país suby disinvowvidu, né...

I* Si~

E* ...<qua-> Gerawmenti quando us iextrangeirus chegam aqui, a primeira coisa qui notam é u subydisinvowvimentu existenti nu Brasiw, né? Há dicehta fohma u preconceitu dus outrus paísis.

I* Essi preconceitu é inviávew. Eu achu qui, comu nóys, aqui du Nohdextji é (hes) já sintimus a diferença entri Nohti i Nohdesti, Suw i Sudextji, i, u suw i Sudextji qui sãu mais disinvowvidus diviriam procura# ajuda# a pahti menus disinvowvida, eu achu qui issu, diviria pahti#, também, di uma naçãu mais disinvowvida. Si sãu paísis disinvowvidus, a mentalidadi mais avançada, logicamenti é, diviriam u

quê? Si propo# a juda# os paisis qui têm um disinvowvimentu inferio# au delis.

E* Mas você acha reawmenti qui issu nãu iria contra a pulstica atuaw du mundu?

I* Reawmenti! Iria contra a pulstica atuaw du mundu. Mas, si todus forem pensa# somenti du ladu da pulstica, ondi' é qui vãu fica# uys outrus ideais da umãidadi? Entãu, tem qui si abri# us olhus para issu: qui acima da pulstica ixixtji, também, é...outras coisas qui tem mais valo#. Si bem quii pareci até um poucu idiota tá falandu issu, ni, mays, si agenti nu~ vê# pelu outro ladu, também, u mundu vai tehmina# bem feiu, né?

E* Que qui você acha da divehsãu dus jovens [oji im dia] oji im dia?

I* Um poucu ixtravagantji.

E* Em quê sintidu?

I* Em todus us sentidus. Em bebidas, fextas, fumu+ em tudu.

E* Você acha qui o jovem, oji im dia, tá deixandu di ladu u ixtudu p'ra u divehtimentu?

I* A maioria, sim. Si bem qui, dentru dessa pouca minoria nós pudemus <vi-> nóys (hes) temus a chance dii obysehva# é, pessoas conscientjis, jovens ixtudantis, cosncientis qui, infelizmenti, poh serem a minoria, nãu têm condições di da# u bom exemplu à maioria, né?

E* Você si fohmou cõ quantus anus?

I* Vinti+ i dois ou vintji e trêys.

E* Jovem, né? Muitu jovem!

E* Comu foi p'ra você, enfrenta# u campu di trabalho cõ a idadi tãu...

E* Você nãu achô diffciw enfrenta# u campu di trabalho cu~ tãu pouca idadi?

I* Sii. Foi diffciw. Nãu pela pouca idadi, mays eu creu qui todus profissionaw nu inciu di carrera sofri us <mesmu-> mesmus problemas qu'eu sofri. Principawmenti si deparandu nu~ mehcadu di trabalho iscassu i baxtanti concorridu, né?

E* Você si deparô cõ preconceitus cõ relaçaõu à inexperiência, a você se# uma mulhe#, à pouca idadi, etycetera i taw?

I* Pouca idadi si~. Mi deparei cõ us trêys. Pouca idadi, quandu tehminei, p'ra faze# um concuhsu di juiz; nãu fiiz puhque nãu ti~a u mínimu di vintji'i cincu anus, é, quantu a ixperiência nãu ti~a dois anus di exercíciu na profissãu i, poh seh mulhe, qui nohmawmenti elis [nãu] nãu olham com boyns olhus, né? Sempri botam um defeitu, porém, isquecem qui, atuawmenti, as mulheris ixtãu si sobressaindu, né? Enclusivi em concuhsus recentis di juizis du trabalho, juizis, é, da juxtiça comu~, a maioria das pessoas qui passaram, sãu mulheris.

E* U Brasiw é um pais consideradu, um pais ondi nãu exixti preconceitu. Você acha qui issu é vehdadi ô...

I* Nãu. Ixixti. Em todus us sentidus. Preconceitu raciaw, é, preconceitu di idadi, di sexu, di tudu.

E* Cu~ relaçaõu à idadi, qui você falô agora à pouco que qui você acha da situaçaõu dus velhus, oji im dia? Dus idosus?

I* Trixtil Tantu quanta <d-> <du-> das crianças sem la#. Puhque você veja, nós somos um país di populaçãu jovem. Quando uma pessoa na faixa etária di quarenta, quarenta e cincú anos é uma pessoa jovem i, aqui nu Brasiw é considerada comu velha. Você nu~ tem mais opohtunidade di nada. Você é iscampiadu, mahginalizadu. Entãu, a situaçãu du velhu, nu Brasiw é idêntica a situaçãu das crianças qui nãu têm ca#.

E* Você acha qui nus outrus paisis us velhus têm mais opohtunidades, sãu tratadus di melhores <foh-> di melho h fohma du quê aqui?

I* Bem melho! Nãu há nem comparaçãu. Principawmenti nuys paisis disinvowvidus, nu~ é, cujas populações sãu di maioria, é...velha nu~ é?

E* Quaw a soluçãu qui você daria p'ra essi problema, da situaçãu du velhu, oji im dia? Du idosu?

I* Bem. Eu achu qui soluçãu mesmu, comu eu falei anteriohmenti, nu~ é? Seria u quê? Us govehnantis terem maih censu [di] di govehna# u paisis, dandu prioridade aus velhus, as crianças i, daí p'ra frenti te# u quê? U melho#, quantu à saúdi, quantu à educaçãu, quantu (hes) alimentaçãu, enfim, todas as condições básicas qui u velhu i a criança, necessitam, em ambas as idadis, né. A criança pur ixtar'em fasi di desenvowvimentu i u velhu por ixtar'em fasi di nãu teh mais condições de faze# detehninadus trabalhus, necessitandu, assim di cuidadus especiais.

E* [I] I'u qui é qui você acha da... du problema- da criança agenti já falou né, du velhu, também. Cõ relaçãu au jovem, oji e~ dia, você acha qui u jovem <ma-> mahginalizadu cada vez mais eli adyquirindu libehdade dentru da sociedade?

I* Eu creu qui eli ixtá cada veyz mais adyquirindu libehdade dentru da sociedade.

E* Mas eli nu~ tem ne~uma fohma di preconceitu cu~ relaçãu aus jovens?

I* Nãu. Comu agenti falô desdi'u cumeçu u Brasiw puh se, poh si é um país preconceituosu i eu creio qui u jovem, também entra+ nexta fila.

E* U qui você acha da libehdade sexuaw do jovem, oji i~ dia?

I* --- É um poucu ixagerada! Eu creu qui tudu tem limiti. É...tudu im ixageru deixa de se# nohmaw. Entãu, u qui aconteci atuawmenti é u quê? Um excessu di libehdade sexuaw qui muitas vezis uwtrapassa até, é... u amoh próprio qui u jovem diviria sinti# puh si mesmu. Chengandu muitas vezis au quê? A vende# u cohpu é, p'ra sai# im revixtas ou até mesmu a pratica# atus qui nãu condizem cõ a situaçãu deli nu momentu e, poh fawta [di] di ixperiência ou fawta di orientaçãu dus pais ou da família chegam au pontu di quê? Dii fazeh filhus sem teh condições di cria#. Que# dize# bota# mais uma criança nu mundu sem te# ne~um preparu (hes) chega au pontu [di] di da# a vida (hes) cria# outra vida sem ni~um preparu i qui futuramenti vai te# u mesmu problema qui eli ixtá tendu naqueli momentu.

E* Si pur'acasu...Você tem awguma filha mulhe#?

I* Te~u.

E* É piquena, ou já...

I* Dois anos.

ENTREVISTA 06 - 06.RTO.U.F

Projeto VALPB

Informante: REJANE TOMAZ DE OLIVEIRA

E* Você sempre morô nesse bairro?

I* Desde qui nayci. (risos F)

E* Desde qui nayceu? *Pur que nunca saiu daqui?

I* Purque nunca sai daqui é diffici respondê, [é <primê->]- eu nunca sai daqui purque meu pai+ goxtava desse bairro, mi~ casei c'~a pessoa qui mora no Roge, aí fiqui pur'aqui.

E* Das'iscola i~ qui você já istudô, qual foi a qui você mais goxtô?

I* Goxtei du~a iscola qui não ixisti mais ("esse nome oje") é Iscola Isperimentaw do (inint) oje é Amiwto Dantas, ixtudei ali, fi meu primaro lá, goxtei muito.

E* Pur quê?

I* Ah! puque era bom naquela época era bom sê criança ali, a gente ti~a tudo. (est)

E* Qual foi o professô qui você mais goxtô e pur que?

I* Marlene, ela era boazi~a pra gente, e mora aqui no Roge, (falando rindo) foi mi~a professora do primário (F) mora aqui no Roge também, mora lá perto da igreja. (est)

E* Qual o qui você mais detextô?

I* Tem ni~u~ não, tem sim [no]- no pedagógico foi Tadeu, q'ele era ruim. |Mays|'eu era baguncêra também, (risos F) (falando rindo) eu era baguncêra qui só, (F) ave maria! |ond'eu mi~ lembro|.

E* Você já discutiu cum algum professô?

I* Ah! já, minina *Discuti [quond'eu fazia]- [quond'eu <fi->]- q'eu comecei meu cuso+ univesitário i~ Campina (cidade do interiô da Paraíba) não terminei, eu discuti c'um professô, puque+ eu nu~ fis um trabalho puque os'alimentos nu~ ti~a- eu já discuti c'um professô cum chefe de trabalho, assim eu te~a razão.

E* Cum colega?

I* Também. (riso F)

E* ("Você lembra da discussão?")

I* Ah! lembro um fato, né?

E* Conta.

I* Ah! eu nu~ mi lembro maiØ como foi acho qui pu caso de bola, [puque eu era arenguêra @inda sô, eu recu~eço. *Meu marido às vezes'ele+ fica arengano cumigo xingano, fica calado, e eu [fico]- falo demais, eu acho q'eu falo demais, mi~a chefe dis q'eu falo (falando rindo) demais, ela dis a mim, sem bincadêra: (F) "*Você é arenguêri~a, né?" *Eu digo: "*Eu nu~ sô arenguêra não, mulé." *Eu goxto assim, puque+ eu acho qui se você tem um negoço pa dizê, diga, nu~ fique falano pu tráys não, aí eu chego junto e digo: "*Ah! eu trabayo o sabo e o dumingo de graça, né pra dizê não?" *Digo: "*Ah! negoço de trabayá sabo e dumingo de graça nu~ dá pra mim não." *Ela fica danada cumigo. *|Mays|'eu arengo |may| eu também m'intendo bem cum as pessoaØ, eu nu~ te~o raiva de ninguém, eu te~o essa virtude, não te~o raiva de ninguém, de ninguém mesmo, |qui raiva nu~ leva nada|, só o momenta~yno, né?

E* Das matérias qui você+ ixtudava, qual a qui você mais gostava?

*Qui você mais-

I* Eu goxtava de portuguêys.

E* Pur que?

I* Eu acho qu'ê a miló matéria, apesá de sê dificiw, |mays| eu ainda acho u~a das milores, e qui a gente necessita mais no nosso dia#a#dia, né? portuguêys é ("recriá") pra toda vida; e q'eu fui reprovada (falando rindo) na sigunda seri, (F) pova de ixtória.

E* Foi?

I* Fui reprovada um ano. *Já pensasse? *I~ ixtória, matéria decorativa.

*Foi

E* Como foi seu tempo de faculdade?

I* Eu nu~ goxtava não, puqu'era i~ Campina, turma lá nu~ goxtava da turma de João Pessoa aí era u~a briga danada. *Sabia qui os campinenseØ nu~ goxtava da gente? *Eu nu~ sei se @ind continua, né? *[Eles]- [eles]- ele'zonam muito cum a gente; ele'se acha o meló i~ tudo, nu~ sei porque.

E* E como é o cuso de Ixtudo Sociais?

I* É difíci, decorativo, nu~ goxtei muito não. *Meu cuso qu'eu quiria fazê mehmu era Psiculugia.

E* Pur que?

I* Purqu'eu acho bunito, psiculugia é mais ixcolá (est) psiculugia ixcolá, eu s'eu tivesse corage eu @inda ia tentá+ fazê o vextibulá pa psiculugia |mayØ| nu~ te~o maiØ <saco> não. *DepoiØ qui você casa, a coisa infria você- *Ixtudo Sociais é um cuso muito bobo, insiná insiná insiná é aquela coisi~a-

E* Como foi a sua formatura?

I* Foi boazi~a, [meu]- mi~a família todi~a.

E* ("Será qui te~a acontecido") alugu~a coisa assim de interessante na fexta?

I* Não, aconteceu não ti~a só uns namoradi~ a mais. (risos F)

E* Pur que você nu~ trabaala na área do seu cuso?

I* Porque eu nu~ goxto mais de insiná, eu insinei seis, anos, e nu~ vale a pena não o salário+ é muito pðco. *E Ixtudo Sociais [qui nu~ tem]- [nu~ tem assim]- você nu~ pode dá vinte oras semanais é um- você pode pegá duas turmaØ pu semana, qué dizê qui dá+ oitjo oras mensais, vale a pena não.

E* Você goxtaria de [<tra->]- trabaalá+ na área do seu cuso?

I* Não, só qu'eu quiria mehmo era: ou psiculugia, ou assixtente social pa trabaalá cum minino de rua, quiria era isso, tivesse ói, di~êro; é o qu'esses mininoØ tão pecisano, somente, |mayØ| [a]- a Univesidade nu~ dá- *Pu que nu~ bota essas mininaØ qui tão fazeno o cuso pa rua eim? *Tu di lá isso visse o qu'eu tð dizen'aqui; os mininoØ tudo na rua é tanta gente na Univesidade, rapays; o ixtado, pefeitura, pisicólogo, assixtente sociaw, e oh mininoØ tud'al sowto na rua. (est) *E quond'eu

fô rica eu vô fazê u~a creche só de minino de rua (risos F) (falando rindo) quond'eu ga~á na loteria, (F) aí cum'era bom. (est)

E* [<Pur>]- (hes) em qui você já trabalhô antes?

I* Eu insinava.

E* Insinava.

I* Fui professora.

E* Como você conseguiu o seu atuaw imprego?

I* [Eu]- eu assim qu'eu terminei o curso+ pedagógico, eu vim a pefeitura assim qu'eu terminei o curso, [i~ <seten->]- [i~ <seten->]- eu cumecei trabalhá i~ setent'e nove, foi bem faciww, foi tão faciww naquela época era faciww, você terminava um curso, chegara lá, pid'imprego você ti~a.

*Eu entrei assim (inint) nu~ foi atravéys de padri~o nem nada, não, cheguei lá, [eu]- eu e u~as teys colegas qui terminamos tudo junto, ahente foi lá e conseguimosØ. *Oj'é atravéys de concuso, né? tudo, até professor'auxiliá tem qui fazê concuso.

E* (hes) Com'é o trabalho do iscriturário?

I* (hes) No meu caso, eu trabalho cum implantação de ("pagamento"), (est) |mays| [tem]- tem pessoas qui+ trabalhá [cum]- no setô de férias, trabalhá+ dano saída no processo assim como lá no meu setô mehmo tem+ nove pessoas'implantano só pagamento; aí já tem ôtas pessoas qui+ informa processoa, é assim.

E* Como é implantá pagamento?

I* Fazê pagamento do povo, [é]- é [você]- [você tem]- você tá entran'agora na pefeitura, aí a gente implanta seu pagamento, seu nome, seu CPF e tudo mais, seu di~êro qui você vai recebê, você vai recebê salaro, vai tê+ awgu~a gratificação, cois'assim. *[Eu trabalho na área]- [eu trabalho]- eu trabalho c'um pessuaw d'educação, tudo+ no setô [de]- de educação+ existe códigos, é atravéys de código também.

E* É?

I* Tud'é código, tud'é código lá, ahente só trabalhá cum código.

E* Fale sobre seu ambiente de trabalho.

I* Aí é bom demais, ahente se dá bem. *Mi~a chef'atuaw, nóys somos'amigas, ahent'é u~a família, ahente fayØ tudo pa se dá bem, né? puque tem qui sê, né? puque a pessoa passá o dia todit~ no trabai [tem]- tem de se dá bem, tem aquelas bexteri~aØ, né? [um]- uns quereno+ passá perna no ôto chegá mais tarde, |mays|, eu vô levano, eu vô mi~ dô bem cum todos da mi~a sala, todo mundo, apesá qui meu chefe qui saiu eu peguei u~a briga cu~ ele.

E* Como foi essa briga?

I* Ave Maria, foi u~a briga tão feia, você nem imagina, a mi~a pressão ficô a vinte (inint), vint'e um, [só]- eu só nu~ murrí puque as duas nu~ tavam+ puque nu~ tem qui sê as duas, né? a máxima e a mínima nu~ tava- foi. *|Qu'ele vei dizê| qui [eu ti~a]- eu quiria |pejudicá ele|, |mayØ|, eu nu~ quiria |pejudicá ele| não, puque ele saiu puque o secretário nu~ quiria mehmo qu'ele ficasse. *Aí [ele]- ele vei de lá pa cima de mim, cumigo nu~ tem boqui~a não. *Eu goxtava dele, tanto,

("goxtava qui só") todo mundo goxtava dele. *|mayØ| ele veio pa cima de mim quereno como se fosse dá i~ mim. *|MayØ| eu nu~fa |prejudicá ele| não, eu ia me prejudicá. *É um código lá qui, [a minina]- eu tava de férias quond'eu votei aí esse código tava dentro+ da produtividade; e eu não vi quya educação mandô errado, mandô no código ("duzentos fawta"), e o código era cent'e vint'e cinco, [s'eu tivesse]- se tivesse saído isso na foia de pagamento, ia saí+ u~as cinquenta pessoas. *Eu ia |prejudicá ele|? *Eu ia prejudicá a mim [qu'eu ia]- eu ia |isplicá o povo|, porque, qué dizé, fawta de atenção, irresponsabilidade. *Eu disse @o Secretáro, digo: "Ole, eu nu~ ia |prejudicá ele| não, eu ia prejudicá a mim, e u~a faxa de cinquenta funcionárioØ, somente, e [eu ia tê]- cum' é qu'eu ia dizê não gente, puque [eu]- eu nu~ o lei, ói aí." *Ele foi burro demaiØ, saiu puque quis. *[Ele]- também el'era muito taxativo assim, ele quiria um negoço er' o qu'ele quiria. *|MayØ| ahente goxtava dele, eu trabalei quatro anos cum ele, i~ briga, |mayØ| [sempre eu tive]- eu sempre entrava i~ atrito cum ele puque+ ele acuxtumado a pisá e o pessoaw- *Eu nu~ só assim, eu nu~ levo disaforo pa casa não. *("Na briga cum meu marido eu digo coisa cum ele, eu nu~ vð dizê cum chefe"). *Aí meu minino diz'assim: "Mai~a, tu cu~eceØ Jacques Rudrigue?" *EU digo: "Cu~eço". "*Tá bom de tumá um cházi~ tu tá mu~to (falando rindo) nevosa viu." (F) *Ah meu Deus!

E* Você faria ôtro cuso pa ga~á di~êro?

I* Eu não.

E* Pur que?

I* Eu nu~ te~o ganança pu di~êro, eu quiria sim tê di~êro+ qui desse pa mi~a sobevidença meló, qui oje te~o qui ga~á- *Você sabe, nu~ dá mai~pa nada, o di~êro divalorizado, |mayØ|, rica mehmo eu nu~ quiria sê não, [pa nu~ tê]- nu~ pudê saí na rua, eu quero lá di~êro pa mim, eu quiria+ [vivê]- tê um di~êri~o a mais, qui acho qui todo mundo qué, |mayØ| fazê cuso pa ga~á maiØ di~êro p'eu trabalá mais, Deuh mi live. *E você pode fazê o cuso qui você quisé qui oje ocê nu~ ga~a di~êro não, [<nun->]- nunguém vá nessa inclusão não. *Eu sei [qu'eu tô]- ahente tá+ se sacrificano pagano coléjo pa filo, e pensano no ama~ã, cum' é qui sê o ama~ã dessas criançaØ, qui nu~ vai tê imprego, a máquina nu~ dêxa [você]- imprego pa nunguém mais. *Poque se oje+ [butá]- butanu [os]- fð tudu computação lá no meu setð, têm dizesseis pessoas tabalano, vai baxá pra u~as cinco, que o computadð quem rai fazê tudo. *Ol' aí, quantas |pessoas vai| ficá ociosas? *E [quem]- a cupa é de quem? *Do omem, qui fica+ ajeitano nisso, máquina daquilo, [eu]- eu só contra máquina, tudu bem qu'ixista computadð, |mayØ| também querê demaiØ rapays, ficð o omem sem tê campo ni~um, que a máquina- *Tu raiØ vê, si ahente fð vivo daqui uns'anoØ, chegá nu~ comprebem desseØ você compra, e você sozi~a lá e a máquina+ rezixta e, nem- *Você vê pel'a mericana, aquelas mininaØ ali as bichi~aØ fic'ali, u~a pessoa u~a pa impacotá, [e]- e pra+ rezixtrá, qué dizê, no futuro vai sê

a máquina ali fazeno tudo, mehmo qu'ele compre u~a máquina+ nu~ sei quantos dóles, |mays| no futuro dele ele vai tê muito mais. *É eu sô contra, quem quisé qui ache qui+ computadô [é]- é bom nu~ rexta dúvida, |mays|, qui tá prejudicano a umanidade ixtá, eu ach'i muito, nesse sintid'assim, né? eu nu~ dig'assim (hes) [é]- essas máquinaØ qui+ moxt'assim o corpo a duença qui ocê tem, tudi~, |mayØ| no setô de trabalo nu~ é certo não, tá pejudicano e muito. *O Ixtado mehmo já é quase |todo computado| já, o setô do Ixtado de pagamento, (inint) tão quereno também, implantá lá (inint) muita gente vai dançá. *Eu agora tô cu~ vontade de fazê o cuso de computaçã, acho qu'eu vô fazê (est) *|Mays| quem ficá lá, quando |eles butá|+ computadô |eles vai| butá arente fazê cuso, |mayØ| eu acho qu'eu vô fazê antes, eu te~o vontade de fazê, é o tempo também qui nu~ dá. *Mi~a vida corre demais, mi~a vida é lôca. *Eu sô u~a dona de casa (inint) qu'é a vida qu'eu levo mi~a fila. (est) *Corro demais corro muitjo

E* Se você ga~asse na loteria, quem você ajudaria e pur quê?

I* Ói se fosse muito di~êro, eu dava u~a casa+ pa meus'irmãoØ (inint) pra mim, daria na or'assim, ("qui s'aproveite") e todo mundo qu'eu pudesse ajudá, eu nu~ quiria só pra mim não. *Se fosse muito di~êro, eu quiria butá assim: (hes) [um <aw->]- ð um awbergue, pessoas'idosas, ð pra minino de rua, eu quiria assim, um di~êro pa fazê essas cois'assim, eu trabalá p'esse povo, sem pecisá [de]- de prefeitura nem d'ixtado nem de+ nada, ne~u~a+ dessas porcariaØ aí qui+ nu~ dá nada pa ninguém mehmo. *|MayØ| nu~ é bunito não ocê tê di~êro e judá o seu próxim'assim pega esses mininoØ de rua e- *(hes) I~ MinaØ GeraiØ já ti~a, i~ MinaØ GeraiØ |mayØ| nu~ foi- foi o ixtado qui feyØ, nu~ tem mais minino de rua não, nu~ tem não. *Agora, er'assim também eu quiria fazê assim: eu ti~a u~a casa p'us mininos, nu~ ia foçá ninguém ficá não eles vi~a [se]- aí, fosse goxtano, entendeu? eu quiri'assim. *|MayØ| iss' é um so~o qui- é muito difice se realizá.

E* O qui você faria pelo pessoaw do seu bairro?

I* A! eu faria também pelo pessoaw qui necessitasse, me pedisse eu dava. *Apesá qui oje [esse]- esse bairro [qu'eu]- qu'eu continuo morano dexde qu'eu nayci, nu~ tem mais aquele pessoaw do meu tempo não, sabe? [nu~ tem]- @inda tem, nessa ru'aqui qu'eu moro nu~ tem u~a amiga mi~a de infancia, nu~ tem u~a, |mayØ| ond'ixixte mulé o pesoaw é mais'afaxtad'assim, apesá d'eu mi~ dá bem cu~ meus vizi~ aqui, eu goxto deles tudi~o. |MayØ| tem qui sê muito di~êro [pa]- pa dividi (falando rindo) tem qui sê muito di~êro qui a famiã 'é muito grande. (F)

E* Onz'irmao?

I* Ave Maria! onz'irmãø, @inda tem-- dois qui nu~ vive i~ casa, aí [mi~a mãe]- mi~a mãe também mora na casa da mi~a irmã, qué dizê nu~ é dela, apesá qui mi~a mãe nu~ precisa muito de casa não puqu'ela tem tanto fião. *S'ela quisé vi~ oje passá+ dois meseø aqui ela passa, tem mi~'irmã i~ so~ Paulo ela passa treys meseø quondo viaja, ela mora cu~a irmã mi~a. *Mi~a irmã foi morá na Baía, aí deu a casa pra elas,

ai, ocê sabe, se acomoda, né? (est) *Agora mi~'irmã qui mora cu~ mi~a mãe quem tem de cuidá, né? *Aí eu ti~a qui dá u~a cas'a ela, né? |mayφ| s'eu ga~asse eu dava mehmo. *Eu mi~ dô bem cu~ mi~a família rapayφ, [eu]- ahente se dá bem [eu]- pincipalmente eu, essa daqui, na ora (inint) meu pai morreu, [mi~a mãe passô um tempo]- mi~a mãe morô+ [quarenta]- quarent'e poucos'anos no Roge. *Aí meu pai morreu, ela+ foi morá na praia passô+ uns quato anoφ na praia, aí foi tempo qui mi~'irmã foi imhora pa Baía, ela foi morá no Crixto, (bairro de João Pessoa) aí ela vei praqui. *A gente se dá bem demais, ahente nu~ arenga, trabaala no mehmo setô, no mehmo setô de trabaalo, se dá bem cu~ meu marido, cu~ mi~a sogra ahente se dá bem. *Você tá veno qu'eu nu~ sô u~a pessoa ruim de se convivê. (risos F)

E* Com'ê seu relacionamento cum os vizi~os?

I* É ótimo, meus vizi~oφ são otimoφ eu goxto deles e te~o certeza |qu'eles goxta| de mim. *Vô trabaalá dispreocupada, dêxo meus mininoφ aqui sozi~oφ, eu tô sem impregada, eles sozi~oφ. *Aí (inint) mi~ dô bem cu~ todos'eles, nunca briguei cu~ ne~um, nunca. *Se minino entra. "**Minino, nu~ sei o quê." *Aí tá certo, eu nu~vô sai na rua pa discuti cu~ vizi~o pu caso do minino qu'eu acho isso um abisurdo, né não? você (inint) cum seu vizi~o pu caso do seu fillo, quond'ê no ôto dia o minino tá bincano de novo. *Eu discuto não, nem cum ninguém, eu discuto não, pu caso de minino, ("reclamano") nada, eu ficá discutino eu nu~ vô discuti assim ("brigano") mehmo eu goxto não, (inint) assim nu~ digam nada cumigo não, eu nu~ vô discuti tapa, esse negoço, palavrão não. *[Eu]- [mi~a]- mi~a chefe dis qu'eu sô atrivida puque [e-]- eu sô atrivid'assim: puque ela dis'u~a coisa, eu [vô]- vô digo, sabe? *Pessoa acuxtumad'assim: [o]- [o piqueno diz'um negoço]- o grande dizê um negoço o piqueno ficá calado, pur quê? (est) *Ninguém é mió qui ninguém não, eu acho qui ninguém é mió de que ninguém, o povo tão muito inganado.

E* Fale um pôco de cada membro de sua famia.

I*(hes) Á! mulé é tanta gente qu'eu vô+ (falando rindo) terminá o rexta da noite cu~ essa fit'ái ela se acaba (F) (risos F)

E* Pode falá.

I* Mi~a mãe é u~a pessoa maravilhosa, sofrida assim que+ passô- *Eu te~o pena del'assim puqu'ela passô [a]- a vida dela todia cuidano de+ gente velo. *[Foi <cria->]- mi~a mãe, eu nu~ co~eci os pais, nem os pais, nem os'irmãoφ da mi~a mãe não, mi~a mãe já foi criada+ pela família no siyto. *Aí cuidô doφ meus'avós qu'eu co~eci, né? co~eci não, qu'eu era piquena nem mi~ lembro mais. *Meu pai+ adueceu ti~a cinquent'e quato anos, de trombose passô+ deyz'anos sem repeti depois de deyz'anos ele teve+ de novo, passô sete anos de cama, mi~a mãe cuidano dele aí, cuidano dele, (inint) mi~a mãe passô a vida dela todia- casô cu~ dezoito anoφ butô pa tê fillo, (inint) todo ano todo ano todo ano um, a prova ta aí né? onze, né? quond'ela teve meu útimuirmão qu'ela pensava que a agora tó livre, aí meu pai adueceu, fora os qu'ela

já vi~a cuidano antes, né? meus'avóys, meus bisavóys, a vida dela foi tdoi~'assim. *E meus'irmãos (hes) um isquentá a cabeça da gent'aqui, ahente vai resolve ali, o problema, ahente sempre tenta resolvê os problemaφ dos'irmãos, pincipalmente os'omes, meus'irmãos'omes são fogo, (inint) as mulé nu~ dá não, e [meu pai]- mi~a mãe dizia qui meu pai, quando nacyia u~a filha mulé ele+ vibrava tanto, mãe dizia quondo nacyia ome ele nu~- *Apesá qu'eu te~o três, meus filós são todos'ome [mays] eu goxto demais deles. *O pessoaw: "*Tu taiφ arrependida puque nu~ tem filha mulé?" "*Não." *Eles três preenche+ tudo pra mim, eles são cari~osoφ, são bons, até o presente momento, né? qui ninguém sabe d'ama~ã, né? (est) (inint) ama~ã qu'el'é branco, nesse mu~do qui nóys'ixtamos, convivendo oje, [eu nu~ <se->]- eu nu~posso dizê se+ futuramente meu filó (inint) eu nu~ vó dizê+ qu'ele nu~vai, né? (est) *Puque quantos pais crió aí e oje tá ("arrependido"): "*Pur que esse minino deu prá taw coisa, meu Deus?" *Claro qu'eu vó fazê o pussivew, te~ fé i~ Deus de tê saúde [e]- vivê muitos'anos qu'é para+ cuidá deles, e ("tudo") qu'eu peç'a Deus, vid'e saúde p'eu cuidá deles. *Mi~as'irmãs mi~dô bem cu~ elas (hes) eu nu~sô desse tipo de: você mi~ diz, aí eu vó dig'a ela, não, [se você]- se u~a vem: "*Rejane nu~sei o quê nu~sei o quê. *Eu digo: "*E foi, tá certo." *Fico só cumigo nu~goxto de cunvesa não. *("Não qu'ele ixixte") né?" "*Ola Rejane fulano me disse isso." *Aí, vai diz'ôto aí o ôto diz'ôto aí, gera aquela confusão. *Mi~as cu~adaφ, também me dô bem cum elas, mi~ dô bem cu~ mi~as cu~adas, meus cu~adoφ, goxto demais deles, todos'eleφ, mi~a sogra mi~ dô bem cu~ ela mi~a cu~ada, [mi~a]- meu marido goxta de mim eu goxto dele tudi~ é assim, famíl'é isso, né?

E* Tem subri~os?

I* Ah! te~o, (inint) vó sê ti'avó. *Sabe o qu'é ti'avó? *Qui [eu]- meu subri~o vai sê pai aí eu já vó sê ti'avó.

E* Ah!

I* É, quando você tivé um subri~o qui fô pai você vai sê ti'avó. *E eu te~'o maió prazê de dizê qui vó sê ti'avó e qui te~o um subri~o+ dizenove anos mais veço, mais'awto do qui eu bem mais'awto. *[Vai sê ti'svó]- vó sê ti'avó, mi~'irmã nu~ goxtô não, qui ach'ele muito novo, ele fay univesidade, ele faz física, é, faz física, tá terminano computaçã, ela nu~ quiria pur'isso, mi~'irmã, né? qui [ach'ele] novo, e pode atrapaçã o casamento, né? (est) casamento não qui oje ninguém qué casá maiφ, qué morá. *Aí meus tempoφ (falando rindo) se fosse oje. (F) *No meu tempo ti~a de casá, a catoze anos'atrayφ, bem dizê onte, né? e oje o pessuaw não, é tudo nu~a boa, eu quer'é morá, se dé certo- e nu~ casa maih não. *Foi [a]- a namorada dele disse: "Casá não, né mulé? eu vó mi~amigá" *Eu digo: "*Oh! mulé, pel'amó, nu~ dig'esse negoço não, puq'eu acho (falando rindo) esse negoço tão fei, tão brega, mi~ amigá, iss'é coisa de favelado, [maih] né não?" (F) "*E eu vó dizê o quê?" *Digo: "*Não, a gente vai fazê um contrato (falando rindo) nem qui seje de mintira." (F) *Não, eu quiria qui ele casasse, nu~ quiria

qu'ele fosse morá não. * [Eu @inda sô]- assim no fundo, eu @inda te~o um pouco de preconceito, sabe? eu acho qu' [é]- é família, como você foi criado. (est) *E o pessoal: " * [May Rejane tu é muito cafona." *Eu nu~ sô cafona não rapay é puque+ eu tento aceitá as coisaφ, [mayφ] no fundo eu acho qui [nu~]- nu~ aceitei, sabe? *Eu nu~ vô dizê a você qu'eu acho certo você+ tê um fil' ai sem pai, de quawqué um, quando você dá um erro, tem um filo d'um+ caba qui você goxta muitjo, (est) dêxa um fruto daquele amó [mayφ] só puque tu qué sê mãe tu vai+ pegá um cab' ai, vai tê um filo, nu~ acho futuro não, quem quizé qui mi~ ache cafona. *Essas minini~aφ oj' aqui de dizesseis' anoφ, tudi~- você pode fazê ai (hes) u~a sondag' ai pa vê quem - nu~ tem futuro não, é logo sexo sexo sexo. *Você tira [<on->]- onde você ixtuda, qu' é contado de dedo, um que (inint) sô a favô não.

E* (hes) Como foi a sua infância?

I* Foi maravilhosa, foi ótjima, nu~ ixixtia isso oje não de+ drogas, [você]- você nu~ deixá+ sua port' aberta, a mi~a porta er' aberta direto ahente as vezeφ durmia isquicia a porta [sem]- sem tá c' a chave, ahente ti~a tranquilidade ti~a pays, nu~ ti~a [<ê->]- [<ê->]- esse - *Meu pai [nu~ ga~ava]- nu~ ga~ava tanto, [mays]' a mi~a casa era fartura mesmo, ti~a de tudo na mi~a casa. *Por que? *Porque o qui se ga~ava dava pa se vivê e @inda dava pa juntá, n'era? um poqui~. (est) *Oje dá? *Oje ahente só bota um poqui~ na pôpança quando tem um aumento (risos F) *Eu ach' a mi~a infancia foi boa edmais pra+ dos meus fil'os' oje, os bichi~- *Ole eu ti~a nove anos, eu já ia pa banco, eu já fazia siviço de banco p' o meu pai, era, ia pa caxa econômica lá i~ baxo, [no]- no varadôro eu f' ali, meu pai mandava depositá di~êro eu ia, [só nu~ sabia <ti->]- só nu~ fazia tirá, né? [mayφ] depositá iss' eu podia. * [Eu]- [quond' eu fiquei de]- eu ti~' assim uns dezesseis anoφ qu' eu já tirava di~êro de meu pai ele ti~a cheque, ai ele mi~ dava [ele passava]- eu preenchia o cheque ai ia p' o banco tirava. * [Tu]- nu~ tem a praç' ali, (hes) Dom Adauto, (est) eu mi~ centav' ali, pa contá o di~êro. *Tu oje fayz' isso? * [Oj' eu nem]- oj' eu nu~ saio do banco- o cara mi~ o di~êro, se tivé muita gente eu nem conto meu di~êro, eu ve~' imbora logo, nem qui fawte [eu nu~]- eu nu~ tem corage de contá, apesá qui [meu]- meus dóla nu~ é muito awto não [mayφ], (est) de repente tem u~a pesso' ali o lano. * [<Mi~->]- mi~' irmã: " *Rejane tu cont' esse di~êro." *Conto nada, conto não mulé ahente já vai po banco assumbrada, sain' assim assumbrada na rua. *O minino tem um reloge nu~ hai p' o colejo de relóge, quando+ se lembra qui tá c' um reloge no braço fic' aperriado pa tirá, [bota ele] na bôsa. * (Inint) na mi~a infancia nu~ ixistia isso não, log' eu morei aqui no Roge mehmo, nessa rua+ (inint) [era]- era u~a família só, du~a ponta a ôta, nem- depois muito tempo foi qui+ passaru o muro, [mayφ] era tud' abert' assim, ahente passava dum quintaw pr' o ôtr' assim, er' u~a família só. *São João, Nataw, essas fext' assim, era

bom demais, eu [nu~]- nu~ isqueço não, foi o miior tempo da mi~a vida, foi mi~a infância.

E* Qui brincadêras você mais goxtava de brincá?

I* A gente brincava de circo, brincava de balanço brincava muito de circo, ("quond'era de noite a gente inventava lá um circo") e brincava de balanço também, brincava de baliado brinquei tanto de baleado ("nesse mundo") goxtava de bola também. *Eu saía iscondido pa jogá da mi~'irmã. *Eu ia jogá i~ Cabedelo. (cidade da Paraíba) *[Nu~ era]- eu nu~ era impussive nu~ era? (risos F) i~ Cabedelo e (falando rindo) Santa Rita. (F) (cidade da Paraíba). *Mamãe nu~ quiria qu'eu jogassi baliado não puque ela achava qui+ podia levá assim u~a pancada nos seios, e é um jogo perigoso mehmo.

E* ("Nas vezes") qui tu ia pra Cabedelo, [<nu~->]- nunca

I* Nunc'aconteceu nada?

E* Hum.

I* Graças'a Deus não, nada.

E* Sabe qu'eu nem lembro, eu só me lembro qu'eu era tão arengueri~a , puxava os cabeloφ da mi~a vizi~a assim ela ti~a os cabelãoφ grandãoφ quand'arengava cumigo eu+ puxava os cabeloφ del'assim e rodav'assim, eu mi~ lembro maih disso; e eu também um dia mi~a mãe+ quiria dá i~ mim, puque ela foi batê no meu irmão piqueno, aí eu nu~ quiria qu'ela batesse nele, puque eu quem criei ele, ela teve e mi~ deu, aí eu cuidei dele, eu piquinini~a magui~a ele gordo e eu cuidei dele, a'ela foi dá nele eu+ fu' i~ cima, aí ela vei c' u~a+ culé de pau pa dá i~ mim. *Aí eu: "*A si~ora nu~ vai dá i~ mim não nu~ vai nu~ vai." *Eu fazia pôco sabe, ela pegô a culé assim (jogô assim, eu+ pixtei pa rua . *Fui pa casa du~a amiga mi~a isperá meu pai passá. *Quondo meu pai vi~a, qu'eu vi pai passá. *Quondo meu pai vi~a, qu'eu vi meu pai chegano meu pai nu~ goxtava qui mi~a mãe batesse na gente não, nays mulêres. *Aí quondo meu pai chegô, aí eu fiquei choran'[assim na]- [assim na]- iscorad'assim [na <ru->]- na porta lá de casa chorano aí oh mininoφ: "*Óia Reiane tá choran'af papai." *Aí ele: "*Ente o qui foi?" *(Inint) "*Mamãe disse qui s'eu entrá oje ela vai dá u~a pisa i~ mim. "*Entre sua mãe nu~ vai dá i~ você não." *Aí eu entrei, (falando rindo) aí mamãe vei pa cima de mim. (F) *(inint) "*Se você batê nela eu vô imhora viu." *[Eu]- eu mi~ dava bem demais cum emu pai, viu? demais, sempre mi~ dei nunc'apa~ei dele. *Ave Maria! eu goxtava demais dele.

E* Qui ixtória qui você mais goxtava de uví quand'era criança?

I* Eu goxtava de Chapeuzi~o Vermelho, branca de neve, até os discoφ ahente ti~a pra uví, ("goxtava") muitjo, que naquele tempo você er'infantiw mehmo, né? (est) *Oje, u~as veli~aφ qui tem na rua tudo de batom, nu~ qué sabê mais de branca de neve, nem de nada, qué sabê de namorá. *Nu~ é não as mininaφ de oje?

E* Humhum.

I* Nu~ ixixt'infância maih não. *Esse meu minino mehmo tem doze anoφ, ele goxta de dese~á ele tem u~a queda pa dese~o, ele já nu~ goxta de

bola, os'ótos doiφ (inint) vai jogá bola, |mays|'o minino nu~ goxta de bola, ("você dá graças' a Deus") tê um fiло intelectuaw oje, (inint) qu'ele+ nunca foi reprovado, tira deys. *A coordenadoria chamô e disse, oλε, ela logô pra mim disse: "*Oλε teu minino a nota dele foi deys." *Qu'ele tava cum medo de ixtória. *Alí quond'eu fui lá ela disse: "*Rejane voc~e tem um fiло, o boletim dele+ é deys deys e, nove é muito dificiw." *Muito difici'ele tirá nove, goxta de lê baxtante, e+ dese~á. *E tanto qui o presente dele [de]- de anivssário [foi]- eu dei u~'assinatura da revixta da globo, editora globo, qu'ele quiria muitj'af, peguei, fiz'um sacrifico dei.. *Não tudo qu'el mi~ pede eu faço o maió dá puque eu acho+ muito difici você tê um fiло qui goxte de ixtudá oje i~ dia, né difici? goxta maiφ [de]- de brincá, ele tá ali brincano |mayφ| se tivé u~a matéria pa ixtudá ele- *Nunca mi sentei assim nu~a mesa pra |insiná ele|, o mais velo, não, ele sempre ("fays")'a tarefa sozi~o, nunca mi deu trabalo. *Os dois minoreφ não [eu]- [já]- também, eu trabalo os do'ispidente af tem qui pagá também pra eles, já pago u~a pessoa pra+ refðço iscolá, qui nu~ dá pa insiná de noite.

E* O qui você acha de criança, você goxta?

I* Goxto demais, eu adoro criança, acho qui criança é- se nu~ ixixtisse criança o mundo+ nu~ prextaria de jeito ni~um, criança é a meló coisa do mundo rapay [eu]- eu peç'a Deus (inint) quiria tê fiло, um, deys s'eu tivesse condiçdes, nu~ te~o maiφ puque mehm'[eu]- [eu tive]- eu tive quato cesariano, eu tive quato fillos' o primêro morreu.

E* E foi?

I* Foi. *Era ome também. *Alí liguei puque [nu~ ti~a]- nu~ ti~a mais condiçdes de ter não, foi todo cesário. *E tanto qui+ no finaw de semana vem meu subri~o praqui passa- *Eu já te~o treys, nu~a casa piquena dessa, |mays|'ainda vem maix trêys, é, no sábadu vem essa minina da mi~a cu~ada fic'aqui, ("minin'aqui é assim") e aqui tem dia qui é chei de minino. *Já chegô aqui?

E* Humhum.

I* O pessuaw pergunta com'é qu'eu te~o paciencia. *Eles têm videogame vão p'u quarto deleφ, lev'os mininoφ p'u quarto brinca de videogame lá. *Eu nem tô ligano, brinc'af eu só nu~ goxto de bagunça, |mayφ| pode brincá, qu'eu acho meló eles'i~ casa do que nas casaφ dos'ótros, (est) mehm qui o dos'ótoφ ve~a pra mi~a, entendeu? eu acho meló assim.

E* Como você vê a situação das criançax de rua?

I* Péssima péssima, [tem nem]- ahente nu~ sabe nem [como]- o qui falá desses mininoφ de rua, apesá qui são u~as pexiti~aφ, né? |mayφ|, eu te~o pena puque, [é um]- eu acho qui é lá disajuxtado aqui'ali, |mayx| também as vezes é os pais qui manda, viu? *[A gente fica]- eu tava pensan'assim: a gente fica: "*Né esse ladrãozi~ safado." *|Mays|, teve num caso, u~a minina tava contano dois mininos+ convesando [quereno]- a mi~a colega tava convesano cum a óta e ti~a duas mininaφ

arengano quereno tumá o di-êro u~a da ôta, |mayφ| nu~ sabe purque?
 *Porque ela ti~a de chegá i~ casa de noite c'um di-êro do gáys, se nu~
 chegasse cu~ di-êro do gáys levava u~a surra, qué dizê, nessa padaria
 do Roge mehm'al você vá de seis'oras comprá o pão qui você tem,
 antigamente era+ um ô dois, |mayφ| oje mehmo, ti~a uns três'ô quato
 minino+ pidino. *Qué dizê deve sê pur'aqui, né dessas favelaφ da gente
 mehmo, né? asa branca, pur'al deve sê ("daqui") [dessa]- da periferia
 pur'aqui mesmo. *É os pais qui também obriga e, termina o vício. *E
 esses mininoφ gêrano cola ome, é trixte, ave maria! Deuh me live.
 *[Vá]- ama~ã é dia d'eu vê, quand'ahente vai pa fêra, os bichi~oφ cada
 um c'um+ depositozi~, chêrano não, aquil'ali é comeno, é como se
 foos'u~a cumida, qu'[eles]- eles'abrem, e tom'aquele- é, aquil'ali
 dizessete anos eu acho qui no máximo, né? nu~ tem condições de vivê
 mais qui isso não, tem minino qui chêram cola, qui usam drogas,
 ("pura") droga deles é a cola, né? *[Eu]- [será qui eu]- eu quiria vê o
 efeito da cola, (falando rindo) ("sinto vontade") (F) pra vê, puque
 disse qui fica doidão mehmo, uã cola dexá a pessoa doida daquele
 jeito.

E* (hes) O que você acha dessa onda ed violênciã sofrida e praticada
 pur'elas?

I* Coma é?

E* O qui você acha dessa violênciã sofrida e praticada pur'elas?

I* Ave maria! eu quiria é um reméydo pra isso, |mayφ| nu~ tem não, nu~
 tem não puque, pode ficá certo é d'assim pá pió.

E* Acha qui não tem soluçãõ não?

I* Tem não, quem já leu apocalípise sabe, isso tudi~ tá na Blíbia.

E* O qu'é qui diz'ô apocalípise?

I* Fala desse mundo, [da duenç]- a aids, essas duençaφ+ ruim, tudo
 isso. *[Tudo]- eu nunca li apocalípise não nem quero lê, puque, quem
 leu já (inint). *Tudo o mundo atuaw oje, e oje, [eu]- [eu ólo]- [nayci]-
 eu nayci católica, eu já fiz ECC, eu já fui carismática, e oje eu sô
 ispfrita, e [nu~]- nu~ neg'a ninguém qu'eu sô ispfrita, apesá do pessuaw
 [<a->]- achá qui ispiritism'[é]- [é]- é catimbó nu~ tem nad'a vê, é u~a
 religiãõ belíssima, muitjo boa, tá s'indentificano com mi~a
 pssonalidade, já, dumingo mehmo, a palexta qui ðve lá, [eu]- chega mi~
 dueu no meu coraçãõ quondo+ Seu Têxera disse: "*Esse <mun->-"
 *Falano né? do mundo a essas cois'erradaφ, e futuramente vai se cumê é
 pedra, aí meu Deuφ do céu, [fico]- você tá ven'al já a seca, a carixtia
 qui nóys'ixtamós é a seca é puque nu~ tem nada, plantar'e nu~ deu nada,
 [e]- e vai sê mais'e- *Já notô qui [cada <tem->]- cada ano se passa, tá
 ficano maiφ sêco, nu~ tem chuva não, iss'é o caxtigo+ p'us'omes qui
 [quiria]- querem sê meló de que Deus mais'inteligente de que Deus,
 Deus'é Deus e ninguém+ tente querê sê maix de qu'ele, sendo qui nóys
 quem ixtamo sofreno, né? todos.

E* Conte um caso de violênciã qui le marcô.

I* Eu achei muito trixte aquele+ do Rio de Janêro, viu? puqu'eu acho qui+ pur mais+ ruim qui você seja, você nu~ tem direito de+ ninguém tirá a sua vida você durmino, você+ de coxt'assim como fizeru (hes) comu da Candelara (est) alí foi péssimo, ai! trixte, aquil'ali marcô todo mundo. *Apesá desses mininoφ quondo quere le matá, le furá ele nu~ pensa duas vezis não.

E* É.

I* Eles nu~ pensa não nem pense qu'eles pensa não, [|mayφ|]- |mayφ| pur'isso a gente nu~ [vai+ querê]- vai odiá e querê maw das pessoas também, né? eles também têm o lado delex também, [awgu~a coisa]- eles tão passano aquilo ali pur'awgu~a coisa. *E você sabia qui no ispiritismo (hes) eles'acham assim qui+ [as pessoaφ]- essas pessoas oje são pobreφ, esses faveladoφ, um i~xempl'assim: na outra vida- porque eles'e- acredita muito reencarnação. *Você acredita? *(hes) Alí eles'acham assim qui+ você [na]- na ôtra vida você foi u~a pessoa qui teve muitjo e nu~ deu a ninguém, (est) alí você vowtô pobre pra voc~e sintí+ o qui é a pobreza, porque [o ispríto]- o ispríto é o mesmo qui foi de muitos'anos, só a carne qui muda |mays| o ispríto é o mesmo. *[Eu]- [eu]- eu te~o pôco tempo, né? qu'eu tô nessa religião e nu~ intendo mu~to bem @inda não, |mays|'eu acho qu'iss'é certo mehmo, viu? [qui você]- tanta gente qui tem condiçôes, |mayφ| vê se ajuda pobre ne~um, é mais fáci um pobre ajudá um pobre, do que um rico ajudá [um rico]- [o]- o pobre, (est) ajuda não, ajuda não qu'eu co~eço pessoas qui têm condiçôes mehmo, e nu~ ajudá não e na familia mehmo ahente vê+ pessoas qui tem condiçôes e nu~ ajuda o irmão qui tem condiçôes e nu~ ajuda o irmão qui tem necessidade, qui não qui acha qui cada um tem qui se fazê não, se você pode ajudá ajude. (est) *Agor'eu tamém acho qui+ brasilêro, viu? é muitj'acomodado, muitjo pidão, muitjo priguiçoso, muitjo priguiçoso mehmo, porque+ [a gente]- tem tempo qu'eu tô sozi~a e nu~ tem u~a pessoa, e alí nesse baxo Roge tem tanta minina meu Deus do céu alí naquela favela do ES nu~ sei de onde, |mays| qué trabalá? *Nu~ qué, qué pidi, qué pidi pidi e nu~ qué [vi~ fazê]- vi~ trabalá, pa ga~á quato cinco miw qué não, quere não, pode í atrays, passei um ano sem ninguém aqui, um ano sem impregada, cum medo de botá quwqué pessoa, puque fay medo, né} *Mi~'irmã agora butô u~'impregada vei de @lagoi~a, (município da Paraíba) el'era du~a gang de Ricife. *Agora [ela]- ela deu logo na vixta na primêra semana ela rá começô a robá, bexter'assim: (est) tecido, u~a lata de leite qui tava nu~ canto ela butô no ôto acho qui quondo fosse+ na viage qu'ela fa cum quinze diaφ ela já fa levá sabão, essas cois'assim, bextera, |mays| iss'al já era- depois'ôla ela+ se cumbinava cum a gang dela e nu~ fa assawtá. *E essa danada vi~a morá aqui cumigo trabalá cumigo, @inda bem qui- mi~'irmã arengô tanto cumigo: “*A impregad'é mi~a é mi~a.” *Eu disse: “*Oia, taí veno, meu sant'é forte.” (risos F)

E* A TV na sua opinião contribui par'os'atos de violência?

I* Eu acho.

E* Pur quê?

I* [Televisão]- televisão oje nu~ tem- s'eu pudesse, oje, a mi~a casa nu~ ti~a maiφ televisão não eu dihligava, eu nem goxto de repórte nem goxto de novela, quand' é um fiwme assim bozi~ [|mayφ| nu~]- |mayφ| eu nuncamais mi~ sentei assim pa dizê: “*Oj'eu vð assixtí isso.” *Novela, o qu' é novela? *Novela tá insinano+ o pessuaw sê maiφ ruim ainda, pode assistí essa novela de sete oras, qu'eu acho um abisurdo, ah novelaφ oj' o sex' é isplícito. *Toda criança oje sabe o qui é sexo mi~a fila, esse meu minino tem doze anoφ ele sabe de tudo agor' ele né minino+ de sai+ dizeno o qu' ele sabe não el' é- |mayφ| sabe. *Ahente as vezeφ convssa, ela sowta cada u~a, eu digo: “*|Mayφ| minino tu já sabe disso?” *É é, ele dis fazê aquilo sabe? fazê aquilo mai~a, quond' eu fizê aquilo. *Eu digo: (falando rindo) “*Qui quilo, minino?” (F) “*Tu nu~ sabe mai~a.” (risos F) *É é, |mays|' é quem? *[É a <nove->]- é as noveli~aφ qui qui insina. *[Eu impeço |mayφ|]- [eu]- eu nu~ goxto de televisão não. *Ahente liga [na]- a televisão [o report' é]- [é um <cho->]- o repórte só dá nutícia ruim, e quando nu~ dá aumento de gasulina, né? qu' @ind' é pió ainda. *Nu~ goxto de televisão mais não, goxtava de televisão- quand' eu era piquena ficava iscondida, pa assixti novela, debaxo da mesa meu pai nu~ quiria não viu? *Ole, [<naque->]- ole fay tempo, e meu pai não quiria qui a gente @ssixtisse novela, lá i~ casa criança nu~ assixtia novela agora, eu e mi~as ismãs (inint) quond' ahente consiguiu entrá de baxo da mesa (inint) *Apesá [qu'ela]- naqueles tempo assim ti~a aquelas mesaφ qui ti~a aquelas tuaa, né a gente ficava pur' ali brechano, |mayφ|, po pai dexá assixtí novela. *Oje a gente dexa, vai fazê o quê? *Nu~ tem p' onde corrê não. *E têm pessoas pur' aí qui+ são+ já de idade+ bem avançada qui nu~ goxta de televisão não. *Tem pessoas qui nu~ tem televisão e tem sim no seu quarto, trancado [pra você]- (inint) só os' adutoφ assistí, porque ole aquilo qui ove, domingo no Rio de Janêro, né? ali na praia do Rio de Janêro, foi orrive. *Disse qui já vão fazê aqui domingo. *[Por que]- eu não sei por que o pessuaw copia, fica copiano o qui acontece, principawmente aqui, né? fim de mundo qui ninguém nu~ sabe nem quem é João Pessoa. *(hes) Aquele minino mehmo, qui morreu, Ulisseφ Guimarãeφ João Pessoa, [nu~ sabe nem <on->]- nu~ sabe nem onde danado fica João Pessoa, fim do mundo, (est) aqui [tud' é]- [tud' é]- tud' é ruim, ninguém sabe nem ond' é iss' aqui. *João Pessó é a cara do Brasiw (est)

E* (inint)

E* Pur quê?

I* Um Brasiw vei desse, a gente tem tudo [pra sê]- pra vivê bem, [temos]- temos petrólo, onde tem tudo, (“eu te~o certeza”) o Brasiw tem tudo, |mayφ| pobre pobre qui nu~ entra u~a pessoa qui+ dê um jeito nesse Brasiw, e esse qui tá lá agora (falando rindo) eu nu~ nem dizê o nome dele puque+ depoiφ chega lá no uvido dele, (F) não, Deuh me live, piorð muitjo o nosso Brasiw. (est) *Eu nunca pensei assim

quond'eu tivé- e mi~'infança foi tão boa, né? *Oj'eu cum trinta e sete anoφ@inda sô jovem, né? (est) *|Mayφ| [eu]- a vida é muito difici se vivê oje, mu~to difici, mu~to difici mehmo.

E* Conte awgu~ fato ô noticia qui ti marcô.

I* O qui me marcô foi a morte de Traquedo Neves. *Eu quiria tanto qu'ele tivesse sido Presidente da República, eu achava+ qu'ele fa dá um jeito no nosso Brasiw, eu @inda ti~a fé nele, |mays|, nu~ deixaru. (est)

E* Pur que você iscuta Toni Show no rádio?

I* A! eu goxto demais de Toni Show, [ele]- [ele]- eu ach'ele sincer'assim, fala de todo mundo, tem esse negoço de tá+ babano ninguém, babano governadô babano nu~ sei quem prefeito, (inint) dizê mehmo, fala de presidente da república fala de+ deputado fala de veriadô, ele fala mesmo, eu goxto dele pur'isso.

E* Você acha qui o rádio tem awgu~a importância na comunidade?

I* Tem, pa dá nutícia, né? e também às vezes você tá num bax'astraw ai você liga um raydi~o sai uma musicazi~a bem massa, aí você vai milorano, vai milorano. *Eu goxto de música.

E* Goxta?

I* Goxto muitjo.

E* Quaw a música qui você mais goxta no momento?

I* Qu'eu goxto mais no momento, [nu~ tem]- nu~ tem maih não, nu~ tem mais music'assim de momento não, agente tem música de momento quand'ahente é sowtera, (risos F) qui tem coisa qui marca fica marcano.

*[A]- oj'eu nu~ tem maiφ músic'assim qui-

E* É quant'ao cinema?

I* Goxto não.

E* Não?

I* Goxto de cinema não.

E* Pur quê?

I* Nunca goxtei de cinema, e a gente oje tem um cinema i~ casa na televisão nu~ é um cinema, os fiwmeφ qui passa [no]- [lá]- no cinema cum pôcos tempo passa na televisão, eu acho qui [é]- é jogá di~êro fora. *[Eu nu~]- [eu]- eu goxt mais'assim fiwme de+ guerra, eu goxto de fiwme [de]- de luta, de briga assim, fiwme qui mi~ dêx'assim bem+ [a]- [a]- nevos'assim, aih meu Deus, eu gosto, nu~ goxto de fiwme de sexo não, e se fô brasileiro pió ainda, qu'é tud'iguaw, sempr'a mehma coisa.

E* Conte awguns fiwmes qui le marcaru.

I* Sabe quaw foi Djiu com'eu tji amo, já viu falá?

E* Não.

I* Um fiwme muito bom.

E* Com'é a ixtória do fiwme?

I* É um casaw qui se amava muitjo. *E também Romeu e Julieta, [eu]- @inda foi meló ainda, Romeu e Julieta é [o mais bunito]- o fiwme mais bunito qu'eu já assisti. *E eu também assisti um fiwmizi~o bom agora cum meuh mininoφ qu'eu fui esse dos+ dinossauroφ, eu achei bunito aquele fiwme.

E* Com' é a ixtória desse fiwme?

I* É varios tipoφ de dinossauro, é, [eles]- eles pegam (hes) ovos de que? *[De bicho]- de bicho diferente, [e vão]- <trans->- [ai eles]- u~a (hes) eles'usam os'ovos, é um negoço qui tem lá pra fazê+ vários tipoφ de dinossauroφ [é]- tanto tipo de dinossauro, [cada]- cada dinossauro; eu nu~ sei direito não, [Juyno qui]- Juyno quem mi~ conta direitocomo é. *Eu assixti |mayφ|, pu causa deles agor'achei bunito pur causa dos bichão cada bichão, (est) e, de como eles foram produzidoφ, qui nu~foi de ovos de dinossauro não foi qu'eles'incontraru ovus nu~ sei de quê, [e <fi->]- e foram butano lá nesse+ laboratório, er'um laboratório qui ti~a, é tanto qu'eles criaru dinossauro brabo qui só, né? *Foi+ bunito qui só o fiwme. *Só nu~ sei contá direito a ixtória qu'eu nu~ sô mu~to+ boa de- (est) *(inint) mi~a cabeça nu~ (inint).

E* Já s'indentificô com awgum pssonage?

I* Não.

E* Nunca?

I* Nunca.

E* Pur que você goxta de lê livros'ispiritaφ?

I* Eu goxto purque+ é mais reaw, é diferente, visse? dos católicoφ, mu~to diferente. *Eu já li a auto sugextão, é um livro isplrita, já li Cura#te, também. *Auto sugextão ele tem+ [cada]- cada coisa qui [você]- você nem imagina, u~a dô qui você tá sintino ele+ [le]- le moxta cum' é qui você deve agi, porque+ a genti+ quando tá+ c' u~a dô a gente fica: "*Ai qui dô ai qui dô." *|Mayφ| [né pra gente]- é pra gente isquicê aquela dô [tentá]- eles mostra qui a gente não deve sinti dô, a gente deve sempre mudá os pensamentos, nu~ deve fica- puque se (hes) duença, você cria, você quem cria, [eu]- [eu]- sô u~a pessoa mu~to textada assim, eu acho qu'eu já sô isprita de muito tempo. *Um rapays diss'a mim que dexde de dizesseis'anoφ qui eu já te~o esse sintoma de- *E eu passava maw dento de casa, era, eu tive cada crise aqui dento de casa. *O pessoaw: "*Essa minina vai ficá doida." *A mi~a família: "*Ela vai ficá doida." *|[mays|]- |mays|, [<ê->]- eu nu~ aceitava também, sabe? qu'eu era carismática, católica, fiz ECC, já imaginô, de repente [tê qui <ispi->]- sê isprita, e pra você se decidi é muito difici, foi difici demaiφ pra mim, mi~a famil' é toda católica. *A [mi~a mãe]- mi~a mãe não, mi~a mãe o qu'eu decidi tá bom, meu marido no começo nu~ quiria não, (inint) eu achava qu'ele não aceitava não puque- [ele]- quond'eu tav'aqui cuidano dos meus ("trempei") ele [nu~]- ficava mei assim: "*Depoiφ isso passa isso passa." *|Mayφ|- e, tem ora qui eu chutav' assim, tanto pensamento ruim pra mim, de duença ruim, todo tipo de duença ruim qui você imagina, e depois qu'[eu fii]- eu fui pra- vovozi~a [qui lá]- eu participo de lá, né? (est) eu mi lorei muito, é tanto qui quando vem [pensamento]- pensamento ruim, são os ispritoφ ruim qu'ixtão ali, fazeno cum qui você pense tudo isso (inint). (est) *E a gente [tem de]- [tem]- tem de lutá contra eles, se não você+ termina duente. *Eu oj'era pra tá de cama, era (inint) |mayφ|, o la, até

mi~a pressão+ oscila, é eu ti~até problema de pressão é mi~a pressão, de repente, tav~atrasada (inint) meu Deus do céu. *Chegava nas carimáticaφ, [eu tava na ora]- naqueles lovores- *Já foi?

E* Uma veys.

I* É eu ía, [é]- eu sô assim, quod'eu+ tô nu~ canto eu me dedico mehmo, eu fui pas carimática, um ano, todas'as quintas#feiras, tentano+ incontrá lá o qu'eu tava procurano. *O pessuaw, a primêra veys qu'eu fui, me viru o ixtado qu'eu cheguei eu paricia u~a doidi~a c'ua blibia aqui assim ói, nu~ sowntava a blibia de jeito ni~um [eu]- eu achava qu'eu ía ficá doida mehmo, visse? *Aí elas fazia aquelas'orações pra mim, |mayφ| nu~ dava muit'atenção qu'eu necessitava não, nu~ dava não, e todo mundo me co~ecia puque você vai toda quinta#fêra p'um lugá, eu ficava na frente eu ficava log'ali perto de Jerônimo, cu~ece?

E* Humhum.

I* El'é da Univesidade, Jerônomo, professô da Univesidade.

E* (inint)

I* I* ("Ah minina") tudi~ eu nu~sabia |mayφ| [quond'eu tava i~]- quond'eu ti~a um dia qu'eu tava assim apavorada, eu digo: "[Vai]- [oj'eu]- dava vontade de corrê aí curria pa sala aí elas já sabia, aí vi~a [u~as]- u~as deys+ fazê oração pra mim e eu braba qui só lá. *|Mays| [quando <te->]- [eu ficava <bo->]- eu vovtav'assim, elas diziam qui+ (inint) "*Você oje se dá bem cum seu marido." *(inint) isso né problema de marido não, nem de família não, meu marido, ahente se dá bem, mi~ dô bem cum meus fiлоφ cum mi~a família. *E vocês sabe qui isso [nu~ é]- qui nu~ é u~a coisa normaw, isso nu~ é normaw o qui [acontece]- vi~'aconteceno cumigo nu~ é normaw, agor'[é]- eu sô meydia, e l'eles nu~ aceitu, (est) entendeu? *E com'[eu nu~ <sa->]- eu nu~ sabia não @inda nu~ sei dotriná o meu isprito, @inda nu~ sei |dotriná ele| qu'eu @inda tô fazeno+ a preparação. *Aí eu vô teça e toda quinta agora, [da]- na teça [é]- eu tô teno dificuldade puqu'[eu te~o]- eu te~o mu~ta dificuldade i~ mi~ concentrá, uita dificuldade, [eu quero]- eu fic'aqui quereno mi~ concentra [e <vio->]- i~algu~a coisa vem u~a coisa towtalmente diferente, pur'isso qui sinto muita dificuldade. *E lá na vovozi~aφ, eles não, o rapays qui mi~ assixtiu a primeira veys, qui (inint) eu tava quereno dá u~'agunia. "*Vô |chamá ele| pa tu+ [dá]- faz~e u~as-- orações." *Ele mandô mi~ chamá eu fui. *("Aí ele") disse: "*Oi Rejane você tem qui faz~e um dotrinamento, iss'ái é puque você é meydum, se você quisé." *[Aí eu digo]- aí eu+ cheguei pu meu marido digo: "*Ole, agor'eu vô, no dia qui mi~'irmã nu~ fô voc~e vai me levá e me buscá tem mais essa." *Poque+ me pegaru aqui u~ djia i~ casa eu passei duas'oras manifestada. *Meuh mininoφ ficaru doidi~oφ os bichi~oφ, choraru. "*Eu já sabia, mai~a tá daquel jeito." *Eu nu~ ía ficá daquele jeito pu meus fiлоφ. (est) *[Pessoas nu~ acredita]- as pessoas nu~ acredita, |mays| eu nu~ ía fazê o qu'eu fazia, cum meuh mininoφ [qui é]- [qu'eu goxto]- adoro meus fiло), eu ía fazê aquilo qu'eu fazia, ficava doidi~aaqui dento de casa. *E lá não, lá quond'eu

chego [na]- na teça#fêra, qui [o]- o minino da mesa chega, né? ele: “*Rejane, você tá me ló?” *Qué dizê, tem assim interesse, entendeu? *Lá é todo mundo+ falano cum todo mundo “*[E]- e tá goxtano, e tá se sintino bem?” *(“Pra mim”) iss’ é muito importante, qui [na nossa]- na mi~a religião+ católica não ixixte, nu~ ixixte não [<cato->]- (“união”) dos católicos, (est) ele tem é- *Quanto tempo qu’eu vó a essa igreja do Roge qu’eu fa- *(inint) esse pessuaw do Roge deve sê isprita. *Mi~a madri~a, el’ é bem católica daquela que reza deys teço por dia. “*Mi~a fi-la você tá naquele negoço, né?” *Digo: “*É madri~a.” *Aí nu~ ent’i~ deta-le não, sabe? *E se dé certo se nu~ dê certo [eu dô]- eu gowto pa mi~a religião, né? eu tô tentano. *Agor’ é bunito [o]- a religião isprita é bunito, e eu quero mi~ aprofundá mesmo, eu quero sê um isprita de verdade, (est0 não um isprita [pa]- pa faz~e maw a ninguém, com’ixixte (“isprita”) pur’ái, eu quero pa fazê caridade como lá fazem na novozi~a. *Eles dão awmoço, dão janta nu~ sei quantas pessoaf já vi. *E é u~ entidade qui [não é]- não é assi-xtida nem pru prefeitura, nem pu ixtado nem pu gunverno federaw, pur nada, eles saem pidino dia de domingo, e, as pessoas qui+ também, né? dá u~a ajuda todo mêys, né? a gente também leva+ um macarrão, um arroys, o qui você quisé você leva [toda]- toda semana, quando você quisé, ele nu~ izige di~êro de ninguém, izige não você dá o qui você quisé. *E [você]- daqui essas novozi~af, é u~a das’entidade mais ola, dexde qu’eu m’intendo de gente qu’[eu]- [eu]- eu+ iscuto falá nas novozi~af nas novozi~a, poque lá [abrigava]- é um awbergue de ve-lo, sabe? [<obri->]- abrigava-antogamente era ve-la demaiφ, é tanto qu’ é inorme lá, oje só tem dizenove veli~os, [ele]- eles’ ainda tem dizenove lá, e fora+ pessoas de noite qui passa pa tumá sopa. *Disse qui é muito difici você chegá lá e [nu~]- nu~ pidi u~a cumida e eles nu~ tê pa dá. *Né bunito? *[você]- lá são caridosos mehmo, lá é amô e caridade, nu~ é nada de ruim não nem de maw não ninguém nem pense, puque o pessuaw é inguinorante, pensa qui sê isprita [é]- é sê catimbozêro, @guinorancia. *[Mi~a <co->]- incontrei u~a colega mi~a, eu fis ECC cum ela na americana. “*|Mayφ| Rejane vai pa fexta de Roge?” “A! mulé vó não, a fext’ aqui do Roge aquela fexta+ já foi boa, quond’ eu era soterá era boa.” “*E ECC tu tem ido?” (inint) “A! agora sô isprita.” *Minina, a minina quase qui cai. “*O quê?” *Digo: “*Sô, eu sô isprita agora.” *Quond’ eu carismática eu dizia também, (“Oje”) eu nu~ vó inganá ninguém, puque tem pessoas qui têm vergo~a de dizê qu’ é isprita, eu nu~ te~o vergo~a agor’ eu nu~ vó sai de cas’i~ casa: “*Eu sô isprita, eu sô isprita viu?” *Nu~ tem lógica+ um negoço desse, (inint) sô isprita, [e recebo]- e tô recebeno u~a image+ de Nossa Si~ora, [tem u~a qui fays]- já fays dois’anos qu’ela tá+ aqui no Roge, é Maria. *Já viu falá u~a santa qui and’ aqui no Roge

E* (inint)

I* É+ mãe rai~a e treys vezes’ admiráve d’Isnilar. *E eu |recebo ela| todo mêys’ ainda, é puque+ [eu acho qui]- eu só vó dexá de |recebê ela|

quond' [eu]- eu tivé um aviso qu' eu nu~ devo maiφ recebê- puque também+ você nu~ pod' ajudá- [ô]- ô você é católico, ô você é isprita, né? (est) apesá qui+ o isprita [ele]- eles tem coisa muita coisa [da]- do católico muitja, muita mesmo, [mays] 'eu @inda tô [recebeno ela]. *Aí te~o medo de tá+ errano também, @inda vô procurá sab~e, puque s' eu tivé errano aí eu vô tê qui intregá a ôtra pessoa, né? (est) *|Mayφ| a mulé [qui]- qui toma conta ela sabe qu' eu vô (inint) pas vovozi~as, ela nu~ tirô daqui de casa, (inint) e acho qu' ela nu~ qué também não, qui tem pessoas qui quere, [é briga]- antigamente era briga pel' essa Santa. *Ela pass' o dia toti~ na sua casa, ela cheg' a noite, você só intrega no outro dia à noite.

E* É u~' imagem?

I* É u~' imagem, [é]- [é um]- [é de]- é u~a casi~' assim de pau, reza quond' ela chega, rez' um teço, rez' a oração de chegada, aí rez' o teço, né? [qui]- |mayφ| eu acho qui [<re->]- rezá teço, nu~ é nada não. *Mi~a madri~a reza deyx teço pu dia (inint) [tem]- tem sintido u~a coisa dessa? *[E a gente]- o ispiritismo nu~ reza, né? ahente fica+ pidino ahente pede |mayφ| é diferente, você se concentra e cumeça pidi, (est) pede pu todo mundo, pelo disabrigado, pelo pessuaw da cadeia, ped' assim geraw, e a gente católico não, vô rezá u~' ave maria, ofiricida+ a alma ("de fulano de taw"), né assim?

E* Humhum.

I* É diferente, eu acho miλό puque ahente+ se concentr' ali fica pidino pu fulano fulano (inint) qui afixta [os]- os maws de nossa vida. *É bunito sê isprita.

E* Como o ispiritismo cumeçô pra você?

I* Foi a muitjo tempo, muitja gente quiria qu' eu fosse, porque esse caso qu' eu tem [já fays]- já fazem uns quatro anos qu' eu sinto [esse]- esse negoço qu' eu sentia. (est) *Eu sei lá parece manifextada, é u~a palavra [tão]- tão chata [mays], qui nu~ é manifextada; [é]- eles' usa obicecada, são os ispritoφ obicecadores qui tão ali cum você. *E, isso fay uns quatro anos qui cumeçô eu cumecei senti esse negoço dento de casa

ENTREVISTA 07 - 07.AL.U.M
Projeto VALPB
Informante: ANTÔNIO LIMEIRA

E* Em que bairros de João Pessoa você já morou?

I* Eu só morei em um bairro.* Até agora, Bairros dos Estados.* Ondi até agora, eu moro.

E* Você gosta do bairru ondi mora?

I* Sim, eu acho agradável sim.* Bem agradável.

E* Si você tivessi que mudar para outro bairro, qual escolheria?

I* (hes) talvez o Jardim Luna, né? (inint) o pessoal é muito legal lá.* O ambiente, né?* É [tem]- tem quadra, né? [Tem]- [tem]- tem mais cantus di lazer pra pessoa morar.* Até- quer dizer morar assim- tô falando- você perguntou ("ondi") eu gostaria de morar.* Eu gostaria de morar, quando casar* Ter uma futura casa, prá já pensar [em]- em futuros planos, né?* Pra um ambiente melhor, né? Entendeu? * <Me-> menos baralho.* Lá- o Jardim Luna realmente, eu vejo- lá tem um pessoal, [lá por perto lá].* E, vejo, né?

* Um- a pessoa- tem ária de lazer e muito- tem mita ária de lazer.

E* U que você gostaria que tivessi no seu bairro?

I* Como eu falei antes: * "Uma praça, num é?* Comu agora a prefeitura [tá]-[tá]- tá mais nessa- [nesse]- nesse programa aí, [de]- de adote uma praça, né?* Porque realmente é importante isto qu'eli tá fazendo aí.* Porque (inint) essi negócio de uma praça, ficô uma praça já resistente.* [Mais] ele criaro mais praça entendeu- ter ária de lazer pros meninos tudinho.* Comu um condominio fechado em cidades grandes.* Isso é otimo.* É a coisa [mais]- mais maravilhosa.

E* I seu relacionamento com os vizinhos, como é?

I* [É complicado]- é complicado, porque- [pela]- pela faixa de idade, né?* Até agora, porque- vamos supor:* "Eu sô jovem, né?* I os vizinhos realmente- principalmente esse vizinhos qu'eu tenho.* Tanto de um lado, e do outro.* São pessoas mais adultas, né? [Di]- di viver na dela assim.* Agente, sempri faz uma festinha, né? * Bota um sonzinho mais alto, (hes) conversa mais tarde da noite, essas coisas.* Aí, reclama.* [Se]- se coloca algum- fazer <algu-> alguma construção. eles [são contras.]* Eles diz ("que") vai prejudicar [a]- [a]- o vento.* Sei lá, qualquer coisa.* Tem quem prejudique eles.* Quer dizer:* "Eu [num]- num- minha opnião- gostar de vizinho.* Esses qu'eu tenho stáí, num gosto não.

E* Você já teve algum problema sério com vizinhos?

I* Eu não, [mais] [minha]- [minha família]- minha família já teve sim.* Num era pequeno, né?* Meu pai mesmo já teve problema sério.* Justamente isso de fazer reforma, de num mexer- ele num podia mexer nem de um muro do lado di lá, do lao isquerdo, nem do muro do lado direito.* Quer dizer, fa mexer em que muro.* Tinha que fazer uns quatro muros, pra num mexer em canto nenhum.* Quer dizer, [eles teve] lá problema.* Eu era menor tinha mais ou menos assim uns dez anos, dozi anos, [mais] mi lembro ainda.* U único problema sério foi esse.

E* Se você tivesse que ajudar algum vizinho seu, quem você ajudaria?

I* Teria que dizer o nome da pessoa?

E* Se você quiser.

I* Ah, ajudaria.* Si tivessi numa posição bem melhor do que eles.* S'eu tivesse condições.* Vamos supor:* "Condições mesmo."* Amplas condições, né* Que além [de]- de ter condições de ajudar a mi e a família, de ter como também ajudar.* [Né]- ne dando dinheiro não.* [Di <δ-> de outras formas, né?* Ou até mesmo junto com outros- si fossi um futuro empresário, até mesmo- tô colocando [um]- um assim- ajudando, né?* Até os filhos dos vizinhos. Dos meus vizinhos.* (hes) ser empregado, alguma coisa.* Ajudando mais na forma social, né? Do que assim...E* É, você acha o estudo algo importante?I* Não entendi.

E* Você acha o estudo algo importante?

I* Fundamental o estudo, né? * Eu acho- sem estudo agente já- as coisas aqui são mais difíceis né?* Aqui no Brasil.* Principalmente aqui no Brasil.* [Sem]- sem o estudo agente se torna- praticamente impossível se conseguir uma coisa na vida.* É ta certo assim:* "Mesmo com estudo sempre- é difícil você conseguir <algu-> (hes) algum emprego, (hes) até mesmo assim alguma colocou, num é?* Na sua vida pública.* É difícil, [mais] sem ele se torna praticamente impossível.* Assim <me-> praquelas pessoas [que]- que tem a visão assim bem ampla de- quer crescer.* Num quer cair no comodismo, né?* Quer crescer, [quer]- quer [eu quero]- eu quero um- ter uma visão de ser um empresário, ou [di]- di ser alguém importância] nu futuro.* Então o estudo é fundamental.* [Até mesmo]- até mesmo [de]- [de]- de- às vezes você faz um curso, que no futuro você nem vai usar aquele curso, [mais] aquele curso que você fez, você tanto estudou, você tanto batalhou, te deu uma idéia a mais de vida.* Então, vale a pena.* Mesmo você entrando no curso errado, [mais] sai, termine, sai entre no outro, que a vida é longa.* Então, o estudo pode ser longo também.* Até você morrer.

E* Como você vê o estudo de hoje?

I* Tá realmente- cada vez mais caindo.* Tá precário mesmo o estudo.* Principalmente na- eu mesmo tô na universidade, e vejo que se o aluno tiver interesse de estudar, de procurar- hoje o ensino- os professores de hoje num tão nem aí, entendeu?* (inint) se possa dizer que u problema é [de]- [de]- [de]- [de]- de salário, né?* Agente pode- agente mexe [logo]- logo com salário, porque pesa no bolso.* Aí, eles num tem mais vontade, [nem]- nem determinação de ensinar nada.* Então, pode ser- problema de salário não, problema de governo, né?* Porque se o governo fosse sériu e desse condições aos professores de té- ou na pública ou [na]- n privada (hes) de ensinar, eu acho que a qualidade de ensino ia mudar, sem dúvida, né?* Entã, eu acho qui o ensino [hoje]- hoje tá precário.* Hoje não tão ganhando, u qui deveria ganhar os professores.* Aí ficam naquela:* "[O]- [o]- os professores faz de conta que dão aula, os alunos faz de conta que aprende, e no final é tudo um faz de conta.

E* Das escolas que você estudou, qual a que mais gostô?

I* Da Escola Técnica Federal da Paraíba.* Eu terminei lá.* [Uma]- uma- é um grupo mais assim- [uma <equi->]- uma equipe, né? Mais organizada.* A escola técnica- os professores, realmenti se apegam com os alunos.* A coordenação- a diretoria fica em cima dos

professores.* Isso é importante.* Isso na universidade num existe.* Existe sim, prá quem começa o curso.* Quem podi vê hoje- e hoje-cumeçô as aulas ontem.* Hoje mesmo na universidade, (hes) só tem aula pra quem tá iniciando.* Quer dizer, prá dar encentivo aquelas pessoas qui tão entrando.* |Mais| quem ta lá dentro a muito tempo, |no quatro|, 100
 quintu sexto periodo morre.* Os professores morrem.* Praticamente morrem.* Num aparece, num existe.* O aluno tem qui procurar.* E na escola técnica, eu mau.* Eu- desde quando eu entrei- quando eu sai os 105
 professores sempre dando apoio, [até]- até mesmo pra pessoa arranjar um emprego.* Da uma força moram mesmo prá pessoa.* Mesmo aqueles alunos que num queriam nada mesmo, eles davam uma força.* Quer 110
 dizer, ficam preocupados.* Quer dizer eles lá se- eu num sei, eu [num tenho]- num tenho dados aqui [de]- de- s'eles ganham mais do que a universidade.* |Mais| deve ser o mesmo- a mesma categoria.* |Mais| eles lá são- eu acho que [a]- a coordenação à funciona.* Quer dizer, [a]- a coordenação pra mim [se]- [se]- se- prá mim tem qui funionar do 115
 jeito que funciona na escola técnica.* É claro tem os seus defeitos, |mais| tá melhor do que a universidade.* Então, foi la ("ondi") eu gostei.

E* Conte- você lembra de alguma estória marcante vivida na escola técnica?

I* Alguma estória assim, de que? Que me aconteceu.

E* Em sala di aula.

I* A respeito de que? (inint)

E* Assim, você lembra de alguma estória marcanti que aconteceu na 120
 escola técnica.* Tipu brincadêras que você foi ponido ou não?

I* Ah, é! Sempre- logo no primeiro ano, né? Na escola, né? (hes) são aulas extensivas mesmo.* Extensivas no período da manhã, tarde e 125
 noite, né?* Então, no primeiro ano, você faz o científico e faz o técnico, né?* É porisso qui é puxado demais.* E agente fica o dia todinho num é?* Aí tem aquelas horas de lazer tudinho.* É como eu te falei é uma equipe os professor fica- os alunos- se os professores ficam agrupados com os alunos, imagine os alunos com <ou-> alunos e 130
 alunas, né?* Quer dizer ficam realmente [aquele]- aquela turma mesmo, né? [de]- [de]- do começo ao final do curso.* Intão, aquilo ali fica um entrosamento [entre]- entre a gente mesmo.* Aí aconteci (hes) piadas (hes), até bagunça mesmo num é?* |Mais| [iss'ê]- iss'ê- faz parti do colégio, faz parte da vida, sim.* Isso é [até]- até melhor entendeu?* 135
 Issu é até assim, vou te dizer assim.* "Isso pode ser até-- alimentador, né?"* Até (inint) fica- realmente é, issu funciona.* Tem qui ser assim.* [Num pode]- num pode ser comu quartel.* Tem que ser assim.* Isso funciona.

E* Você teve algum professor especial?

I* Sim tive.* Tive, ele é um professor- ele hoje é um empresário e 140
 professor também.* Nunca deixou [de]- de ser professor, porque- [s'ele]- s'ele quisesse, |ele dexasse| pela vida qu'ele leva.* É um empresário, |mais| ele gosta de ensinar.* É porisso que |tu diz| que- na escola técnica eu sempre |gostei melhor, né?* Quer dizer ele- realmente

ele dá [um]- um exemplo, né? [De]- [de]- de gostar [de]- de ensinar.*
 45 Ele é muito bom um- na area técnica mesmoné?* Tanto na area técnica,
 na area moral [de]- de- passava pro aluno, né?* E realmente ele foi um
 dos professores [qu'eu ,ais]- qu'eu mais gostei?

E* Você acha [os cursos]- técnicos [mais válidos]- mais válido?

I* Tem que existir <cur-> curso técnicos.* Tanto como cursos
 50 superiores, comu cursos técnicos.* Porque [um]- [um]- uma nação, né?
 Um estado, e a- vamos supor:* “Ela num pode existir só de técnicos, e
 nem de doutores.”* Tem que ter a duas classes divididas.* Issu tem que
 existir.* Classe [de]- [nível]- nível méd’u, nível superior ou PHD tudo
 55 doutorado.* (inint) ter doutorado.* Então isso- tem que ter uma [<inter->]-
 [<inter->]- degradação [de]- de classes, né?* Então, eu acho
 bárbaro curso técnico,* Porque comu é que vai um- vamos supor:* “Por
 exemplo, numa empresa, com’é que a impresa [vai]- vai ter só u que?
 Funcionários i supervisores [ou]- ou até cargo, ou pessoal- ou
 doutores? E os técnicos, num é? Isso é importanti.”* Tem que existir.*

60 Isso não podi, num é?

E* Comu foi que você conseguiu entrar na escola técnica?

I* (inint) numa prova, né?* Num exame [de]- de lá do pró-técnico, né?*
 Desdi o pró-técnico, né?* Entrei desde o pró-técnico.* Quer dizer que-
 65 é como num vestibular, você faz um- é um mini-vestibular qui tem.* Até
 hoji tem.* Você faz a prova tudinho- comu eu passei.

E* (hes) comu vei a decisão de fazer esse curso [na <esco->]- [na]-
 universidade?* U seu curso atual, comu veio a decisão?

I* Comu eu cheguei [a]- a

E* Sim

70 I* [Eu]- eu sempre- né sempre eu gostei, né?* Eu tenho interesse de
 política.* Simplimente política.* A família- (hes) eu tenho pessoas
 dentro da minha família [são políticos].* Eu sempre gostei, né?* Até
 meu pai mesmo, tem uma tendência de político.* E, eu sempre gostei de
 política.* Então, u curso [qu'eu]- qu'eu tô fazendo de economia é certu
 75 qu'é um curso difícil, porque num tem área.* [Mais] eu acho o
 seguinte:* “O pessoa bota na cabeça que curso tem que ser medicina,
 curso tem que ser direito, cursu tem que ser engenhria.”* [Mais] num é
 bem assim.* Um curso bem feito, seja ele qual for, a pessoa se sai
 bem.* De todo jeito vai se sair bem.* Porque o melhor num vai (inint)
 80 prá fora não.* [E]- e num adianta você ser- fazer um curso de medicina,
 i num saber de nada.* Terminar o curso- vai terminar matando gente.* I
 comu hoje tem, né?* A operação mata um, a outra operação mata outro.*
 Quer dizer termina- acaba matando um carrêra de tantos anos que'ele
 tentô fazer, sem a- sem ser da vocação deli.* Então sendo o melhor, eu
 85 acho que é válido.

E* Quais as dificuldades que você encontra no seu curso?

I* É comu eu já falei anteriormente: * “É do ensino.”* Principalmente
 economia é excasso os professores.* Quase não existe, né? * Então é-
 90 [[por]- por também o curso ser muito difícil.* Hoje mesmo, (inint) [d]-
 do inicio-* [O]- os alunos que terminam hoje economia, entram numa
 sala de aula de cinquenta, cinquenta, até sessenta alunos hoje entra n

a universidade, fica numa sala.* E termina no final do curso, três, quatro alunos.* E daí se começa a escassez dos professores.* Quer dizer:* “Só quem pode ser professor é quem [e]- é aluno de economia.”* Isso é óbvio.* Então se tem- se já começa nos alunos- o curso tá muito pesado.* Quer dizer, eu olhando assim- eu no quarto período já sinto o curso pesado, imagine no sétimo e oitavo período.* Quer dizer, s’ele tá começando daí, tem algum erro aí.* [Se]- se um chega- [se]- se matrícula cinquenta pessoas [numa]- numa determinada sala, chega no final do curso três pessoas se formam.* [Chega lá]- chega lá no quadro dos formantes, né?* Então isso- então, começa daí.* Quer dizer:* “Dos alunos.”* Quer dizer pra chegar os professores.* E, pra ser professores- quer dizer, são três que se formam num semestre.* Dois vai ganhar a vida, se sobrar um é pra fazer mestrado, prá tentar ensinar.* Ou até um doutorado.* Quer dizer, [você]- você pode olhar- e lá [em]- em economia tô falando economia, porque eu faço economia.* (inint) economia você vê lá um professor [de]- de mestrado dando um aula [de um aluno.]* Dando uma aula pra um aluno.* Quer dizer, esse aluno vai precisar trabalhar, então vai ter que trabalhar, então deixa.* E isso,- quer dizer, [em <to->]- em dois anos- eu acho que em dois, cinco anos aparece um professor de economia.* E isso numa área determinada, numa área qu’ele escolheu, específica.* [Quer dizer]- quer dizer, cadê os outros professores? Cade aquele rodízio de professores.* Tem professor de economia- setenta anos na universidade.* E vai lá c’uma preguiça de ensinar.* Sae- eu sei que sabe.* Setenta anos [de] de vida, e mais estudando, lendo, principalmente lendo tem o que ensinar, né?* [Mais] ele tá perto de apusentar, num tá com aquela preocupação, não.* Então, hoje [o]- a dificuldade do curso de economia é essa.* É que não tem professores no- então o problema vem debaixo, vem da base, vem dos alunos.* Tem que fazer alguma coisa, que incentive mais os alunos.* Ou na área- abrir mais comércio, prá os economistas (inint) entendeu?* [Ou]- ou mesmo facilitar mais (hes), ou até incentivar [mais]- mais os professores [de]- [de]- de ensinar (hes) os alunos, né? [De]- do curso de economia.* Porque se num for assim, a tendência é u quê? [De]- de diminuir cada vez mais.* Se for esperar daqui a dez anos pra (inint) isso.* Quer dizer num- principalmente aqui na Paraíba mesmo, num vai ter professor.* Num vai ter professor que ensine prá os alunos.* Vai terminar o curso acabando.* E um curso (inint) Brasil.* O Brasil é um país [mais]- mais político do mundo né?* Isso é conhecido no mundo inteiro.* E mais democrático, o político do mundo.* E é muito- até nos Estados Unidos tem gente que- vem aqui estudá a política do Brasil.* Como é- quer dizer, como é que agente consegue viver tanto c’uma inflação alta, depois baixa, depois zera.* Quer dizer [é]- é uma coisa que só aqui no Brasil mesmo tem.* Experiência, né?

E* Se você tivesse que escolher outro curso, qual escolheria?

I* É engenharia mecânica, qu’eu terminei técnico mecânico na escola técnica.* Eu fiz pra- primeiro vestibular fo engenharia mecânica.* Só que [pela]- pela- é mesmo pela necessidade, né?* Porque engenharia

mecânica é um curso diurno.* É uma coisa que você tem que fazer- [pagar]- passar o seu tempo todinho na universidade.* Então, pela família da gente.* Até mesmo a minha, né? Uma família pobre então tu tem que ajudar, tem até mesmo- me levantar, né? Então, eu escolheria um curso que fosse a noite.* Então, ou é administração qu'eu gosto muito ou contabilidade qu'eu num gosto, e economia.* Aconteci que eu escolhi economia, e pretendo terminar.* Caso- tomara qui num aconteça nada, né? Porque ninguém sabe o destino, ninguém sabe o futuro.* Então tomara que num aconteça nada do- pelo contrário que me incentive mais, i de intendimentu, uma nova oportunidade de terminar o curso, né?

E* Você acha o vestibular uma seleção correta?

I* Eu acho.* Eu acho que no Brasil tem que ser- tem que ter vestibular.* O pessoal fala:* "Ah, o Brasil devia ser igual ao Estados Unidos que num tem seleção, num tem vestibular."* É claro porque lá tem um estrutura já montada.* Aí é diferente.* Quer dizer, é a [coisa]- coisa mais social.* [Quer dizer]- num da pra fazer um parâmetro entre Brasil [e]- e Estados Unidos.* Lá é lá, aqui é aqui. * Vamos supor, lá o ensino é assim, [mais] começou isso de longe, isso [de]-de muito longi.* Isso de muitas décadas atras, né? Do ensino lá- é <tu-> as universidades são- as maiores universidades lá são particulares, são pagas, num é? I são os melhores ensinios porque tem estrutura pra isso.* Aqui no Brasil se não tiver vestibular aí sim.* Aí que vai acabar com tudo.* Qui já- aqui tá é uma desosnetidade maior do mundo.* O pessoal tudo tomando- um tomando proveito do outro.* Amigo tomando proveito do amigo.* Quer dizer, se aqui não tivesse uma seleção, sériapior.* Tem que existir vestibular porque quem vai acreditar em médias [em]- colégios.* Porque se não tiver vestibular vai ser média, num é isso.* Então, quem vai acreditar? Cadê a fiscalização, se não tem fiscal [pra]- pra fiscalizar a receita, o fisco estadual, imagine prá fiscalizar o ensino que é- eu acho que [é]- é- deve ser [a]- a- [dá]- [de]- da décima, deve ser a nona preocupação [do]- do governo do estado.* Então, tem que ter a seleção.* Pela minha opnião num tem que deixar.* Até enquanto num mudar a estrutura [do <bra->]- do país, né? Que agente ta falando do Brasil.* Então tem que ter a seleção.* Não tem outro caminho não.

E* Você é contra ou a favor da privatização das universidades?

I* Olhe, isso aí- realmente eu tô indeciso ainda.* Dependi.* Porque aí dependi muita coisa.* É claro que o gverno privatizando vai deixar [de]- [de]- de- num é que vai deixar.* Vai tirar [aquela]- [aquela]- aquele peso enorme, né? Aquela receita qui o governo tem que bancar, né? Tem que- quer dizer- pra o governo é excelente a privatização, num é? Vai pros cofres dele, né? Vão- num vai sair dinheiro.* Pra genti é comu eu tô falando.* [Eu vou]- [eu vou]- eu vou do lado do ensino.* Uma privatização (hes) melhorasse o ensino.* Talvez [a melhorar]o ensino.* Porque eu digo isso? Porque se privatizar a- uma empresa particular, uma empresa.* Um- vamos supor:* "Comprar a universidade federal agora da Paraíba, si colocar os professores-

selecionar bem selecionados, né?* E tivesse [um]- uma federação, comu
eu falei um fiscalização frequente [de]- [de]- de- pra ele dá- do
90 ensino, né?* [De]- de dar aula, [ta lá]- tá lá presente pelo menos pra
<encenti->.* O presente todo dia [na]- na- [em todas]- [em todas as]-
em todas aulas, né?* É um encentivo pra o aluno, os professores dando
aulas.* Quer dizer, se o professor faltar duas vezes por semana os
alunos [falata]- faltam quatro, ta entendendo?* Quer dizer, na minha
95 opnião se provatizasse ia melhorar o ensino.* Quer dizer, [talvez
melhoraria] o ensino.* [Mais] eu num tenho muita certeza não.* Agora
[porque]- porque se um porfessor [hoje]- hoje da universidade
(gaguejos) até diz se é- eu acho que é até um insulto a um professor
desse.* [Mais] a mentalidade di professor hoje é coisa pública, é do
100 governo.* Eu vou aonde quero.* Eu assino o ponto trinta dias <depo->
adiante.* Quer dizer, eu assino- eu pego o ponto- o professor chega lá,
pega o ponto, e assina trinta dias.* Quer dizer tá lá garantido trinta
dias* Quer dizer (inint) s' é do governo, é do povo- do governo, num é
de- ninguém.* A mentalidade num é só [do]- [do]- da pessoa não.* Do
105 aluno- do professor também.* Tem professor que pensa desse jeito.*
Que isso até dói.* Isso dói mesmo.* [Mais] tem professor que pensa
assim dessi jeito.* Quer dizer, se fosse privatizado, num ia pensar
assim.* Tá lá marcado.* Todo dia tava lá, entendeu?* Dando aula.*
Pelo menos tava lá aprendendo.* Podia assinar logo- se tivesse de num
110 dá aula a noite, [mais] tava lá, incentivando os alunos a comparecer, e
ir as aulas.* E não af- essa pôca vergonha af, já cumeçô sigunda-feira.*
Eu to falando- [hoje]- hoje é [vinte]- vinte e três, né?* [Hoje é vinte e
dois]- hoje é vinte e dois.* Depois do dia vinte e um.* Ontem né?*
[Até]- até agora, eu num tive aula.* Quer dizer, num tive professor
115 ainda pra uma cadeira af.* Quer dizer, eu [já]- já paguei o básico
todinho, vô começar agora o curso de economia.* Até agora [num]- num
sei de nada de economia, vô cumeçar agora- as cadeiras de economia.*
Paguei o meu básico, né?* E justamente, a primeira cadeira que eu- que
fa- fundamentos da economia dois, né?* Que eu realmente vim saber o
20 qui era economia, que ia começar a estudar gráficos, essas coisas.*
Análises de gráficos, essas coisas.* Oferta, demanda essas coisas
começava ensinar, começava aprender.* Do curso qu'eu vou fazer,
qu'eu t6o fazendo num tem professor.* Quer dizer, cheguei na
coordenação- cheguei lá, olhe, num tem professor pr'essa turma, [mais]
25 na outra semana eu vou se eu consigo, eu vou ver s'eu consigo* A
própria coordenadora dizendo isso.* Quer dizer, isso é uma
esculhanbação, isso é falta de- isso é uma desorde.* Falta de
coordenação, num é?* Coordenação pricisa ter lá um coordenador e um
vice-coordenador que fazem nada* De qualquer forma é verdade isso.*
30 É porisso que você falou- a privatização pode ser boa, pode ser ruim.*
É claro que vai afetar só a faixa etária- aos pobris, né? Vão afetar,
porque num vão ter condições de pagar a universidade.* [Mais] a
privatização melhora o ensino.* Eu acho que num tenho dúvidas não.*
Porque lá [no]- no estados Unidos é assim.* [A]- a universidade- a
35 pessoa num tem nem privatização.* As universidades são pagas [e]-

[e]- e ótimas, né?* Disse que pra conseguir uma bolsa é maioir dificuldade.* Tem que relar muito lá.* Então-quer dizer, fica uma competição bem mais gostosa do que assim.* Até é facil demais.* Hoje entrar na universidade federal é fácil.* Até medicina, diretio hoje é fácil,tá intendendo?

E* Você já pensou em deixar o Brasil?

I* Deixar o Brasil-- * (Risos) defendi.* Com muita, muita grana asim, eu deixaria o Brasil.* Né deixar.* De visitar, né?* Deixar o Brasil, não.* Eu acho que- o patriotismo da gente eu acho muito forti.* Quem é brasileiro sabe o qu' é isso. * Deixar mesmo não, porque [nasci]-nasci aqui, né? E mesmo com dinheiro, ficaria aqui.* Agora claro que ia visitar, ter experiênciã lá fora.* Aproveitaria fazia curso lá fora, |mais| deixar o Brasil, eu acho que não.

E* Você trabalha?

I* Eu to estagiando.* Só um estante.* Eu to estagiando na caixa economica.

* É um estágio, né? Que a pessoa- concurso tem a nada a ver, |mais| experiênciã de trabalho, já.* Assim como carteira assinada, e tudo mais.* Hoje eu tô estagiando, né?* Já prá compartilhar com o curso que to fazendo, e cum estágio que são seis horas.* Dá tempu estudar, da tempo [de]- de ir a universidade tudinho.

E* O que você faz nesse estágio?* Comu é seu trabalho nesse estágio?

I* Atendimento ao público em geral.* Eu to num setôr de conbrança.* É um dos setoris mais delicados, né?* Você tem que ter-- uma boa conversa assim...* É mais a coisa <psi-> psicologa, né?* Você [é]- é um verdadeiro atendente, |mais| um psicologo ali.* Tá ali [dando]- dando (hes) incentivo, né?* Eu to na |parte de habitacional|- é incentivando assim:* "Num faça isso, porque [vai]- vai prejudicar lá na frenti."* (hes) o pessoal com dificuldade [de <compr->]- [de]- de pegar, né?* Pessoas cum cobranças.* E agente ta la, né? prá falar, conversar, até desdobrar tudo, [e]- [e]- [e]- as vezes a pessoa chega assim cum dinheiro, né? Pra pagar [aquela]- aquela prestação, [e]- e se você não conversar muito, termina aquela pessoa num pagando.* Quer dizer, [ela]- ela vem conversar [com <vo->]- contigo, né? [E]- termina vamos supor, te conquistando, [tu]- tu resovento o problema dela, sem ela pagar, né?* Quer dizer, você tá na função [de]- de [arrancar]-arrancar cada vez mais, né?* E isso é pra caixa, né?* Quer dizer isso- agente somos orientados num digo treinado, somos orientados [de]- de conquistar cada vez mais, de arrancar cada vez mais, até consiguir dinheiro mesmo do povo.

E* Já aconteceu algum fato interessante que você lembra?

I* [Lá]- lá na caixa econômica.* Já sim.* Eu tô- como eu já falei [a]- a- [chega]- [chega]- chega pessoas lá chorando mesmo dizendo que não tem dinheiro, que- com medo de perder a casa, essas coisas, que agente conversa tudinho.* Agora agente dá um prazo.* É- aí o pessoal mesmo pensa que eu tô ajundado.* |Mais| não, eu tô trabalhando no- eu tô trabalhando assim, na determinação da chefia.* [Eu tenho]- eu tenho aquele prazo pra dar [o]- mutuário, né?* E, ele pena que eu que tô

dando.* E eu atendendo, só diferente dos outros.* Então, essa pessoa, ficou alegre demais. Tava chorando, chegou, saiu rindo.* Até voltou noutro dia pra dar um presente, dizer que foi bem atendido.* Quer dizer, [eu tô]- eu tô enganando aquela pessoa.* Eu num fiz aquilo de coração, porque eu num pode.* Eu só um auxiliar.* Nem s'eu fosse chefe, eu poderia fazer.* |Mais| ela- eu fiz cum que aquela pessoa pensasse qu'eu tava ajudando ela, e isso foi importante, por isso eu achei superinteressante.

E* O que você mais gosta no seu trabalho?

I* É de fazer tudo.* Tudo eu faço lá.* Quer dizer, isso é bom prá mim, né? * Experiência.* É telex- passar telex, passar fax, sobe lá, faz isso, abri essa conta aqui, essas coisas.* Faço isso, (hes) monte um processo.* Tô gripado.* (inint) esse gravador- vai pegar gripe esse gravador, ai.* Como antes eu já falei, né? * De fazer um monte de coisas.* É de- s'eu- faz tudo da estrela lá, né? * Então isso é importante.* Quer dizer, é desgastante, |mais| é importante, porque é um estágio ao tempo.* É uma coisa [que]- que- em dois anos.* É um período, né? * Então [prá]- prá- vamos supor:* "Se fosse minha função, se fosse meu trabalho, seria desgastante prá mim, né? * S'eu passasse vinte anos trabalhando desse jeito, num podia.* Então ra mim, eles tão me explorando, |mais| pra mim tá sendo bem gratificante.* Eu sei que futuramente, eu vou precisar.* Mesmo qu'eu num trabalhe [na]- na área [de]- de cobrança, |mais| tudo é experiência.* Na vida é experiência.

E* E o que menos gosta no seu trabalho?

I* (hes) tem muita gente (gaguejo) assim- tem muita gente (hes) metida [a]- a chefe, né? * Ta certo a pessoa subordinada tem que aguentar, |mais| de gente assim- tem gente que num tem- você nota [que]- que- eu acho que tem- eu num vou dizer assim- pessoas que quer mandar em você, sem ela ter [nem um]- nem um argumento.* (inint) [ela]- ela- prá começar, ela é de outro nível.* Quer dizer, né nível superior, não.* Eu tô falando nível de vida, né? * Nível de conhecimento, de estudo.* Lá- tem gente lá, de nível lá embaixo pra mim.* (inint) eu me sinto bem bem mais humilde, do que muitas pessoas de lá.* E são os meus chefes.* E, (inint) [manda]- manda fazer alguma coisa, eu sei que tá errada.* Que coisa, que serviço [sem]- sem lógica, [pra]- pra num ficar parado.* (hes) realmente eu [fico]- fico cum raiva, né? * Num posso fazer nada, |mais| eu fico com raiva.* São pessoas que num tem- sei lá, num tem gabarito de tá lá, né? * A caixa antigamente tinha ela selecionou, né? Pessas de segundo grau, né? * Realmente de nível- tem muita gente de nível lá de segundo grau.* Num passa de segundo grau, não.* Pode ser isso.* Também, pode ser também qu'ele- [num tem gabarito]- num tem gabarito.* eu vejo que num tem.* Aí, só por ter- só por ta la- ser uma pessoa que- sem ser [estagiária]- estagiária, sem uma funconária- muito tempo, funcionária, já, determina, já manda algum serviço pur estagiário.* Só o fato de ser [um]- um auxiliar, um substitutu de nível superior, [sem]- [sem]- sem gabarito nenhum, manda fazer, e a merna coisa [sem]- sem |anexo| sem lógica.* Isso eu fico revoltado.

E* Quando você era criança, u que pensava ser?

I* Mudança em? Virge.* Quando eu era criança, o qu'eu pensava ser?* Olha, jogador de futebol.* Nada a ver, |mais| eu pensava assim.

E* Como foi a sua infância?

I* Minha infância num foi muito- assim.* "De brincar, eu brinquei muito."* Como qualquer criança normal.* |Mais| assim [de]- del* Menina!

E* Eu?

I* Bem aí mata, num vai morrer não.

E* Ele vai fazer lá fora.

I* [Minha]- minha infância foi muito boa assim nessa parte, né?* |Mais| (hes) foi bom prá mim, porque [eu]- eu (hes) com' é que se diz:* "Virei homem <ma-> bem mais cedo do que uma criança poderia- virá a ser, se fosse bem manhosa, né?* Têm tudo nas mãos, né?* Eu acho que [isso tudo]- isso tudo foi experiência.* [Isso]- isso vem de infância.* Vamos supor:* "Se aquela pessoa nasceu numa família de classe média baixa, [ela]- ela tem uma dificuldade até de estudar, de ter as coisas na vida."* |Mais| quando tem, é um coisa glorificante.* [Né]- né- num é igual a uma criança da classi média, alta não, que com tudo o que sonhar tem nas mãos, né?* Então, até [pra ela]- ela- na vida vai dificultar isso.* Vamos supor:* "[Se]- se um pai num quer mais, (hes) morre, aí a pessoa fica independente, e tem aqueles costumes anteriores."* Isso vai prejudicar no futuro [essa]- essa pessoa.* Então, prá mim foi gratificante.* Foi uma lição de vida, fo importante prá meu futuro, né?

E* O que você mais gostava de brincar quando criança?

I* Andar de bicicleta e jogar bola.

E* Porque?

I* Ah, é o que mais eu fazia, né?* Corria muito [de]- de bicicleta, né?* Tinha um preparo bom, e bola- eu sempre gostei de bola.* Num é muito interessante, |mais| eu sempre gostei.* Porisso, qu'eu queria ser jogador de futebol, |mais| num consegui não.

E* Vocâ admira algum jogador de futebol?

I* S'eu adimro.* Admirar mesmo assim, não.* Isso é- eu sô mais assim- eu |acho [tudo]- tudo igaul,| entendeu?* É claro que todo time tem detalhes diferentes dos outros, se destacam mais do que os outros, né?* Questão de sorte ou questão mesmo de talento.* |Mais| ad- admirar algum (inint), num admiro.* Nenhum time.* eu gosto daquele time que tá sempre organizado, né?* É como eu digo:* "A vida, um grupo, ou uma igreja organizada, ela sempre vai vencer."* Desorganizou-se-- eu acho que num venci né?* Num chega lá no objetivo.

E* Você lembra de alguma estória marcante da sua infância?

I* Um não.* Marcante da minha vida.* Não.* Lembro de nenhuma estória não.* (inint) minha infância foi pouco (inint).* Mais marcante mesmo- aconteceu <no-> coias normais.* Foi uma infância normal.

E* Você namora muito?

I* S'eu namoro? * Desde de pequeno (risos).* Ah, desde de dez anos, já queria tá c'uma namorada lá im casa.* Sempre quis- tô cum vinte e

(inint) anos ainda num noivei ainda.* (risos) (inint) tá na hora de casar, |mais| não, namorar é melhor.

E* O que você pensa sobre o casamento?

I* Ah, casamento é coisa séria, né?* É claro que isso- se hoje mesmo nesse dia- nesse mundo de hoje, né? Você pode casar- foi uma infantilidade sua, (hes) ou até mesmo da namorada.* A sogra morreu, você vai ter que casar ou até mesmo cedo demais.* Mais casamento- eu acho [se]- se se realmente- casamento já tá dizendo:* “É uma união de duas pessoas.”* E essas duas pessoas de melhorar a vida.* Não continua a mesma coisa ou piora.* Se hoje, eu pudesse casar, ia casar c’uma pessoa qu’eu vejo que vou melhorar de vida.* Tanto cumigo, tanto cum ela.* Quer dizer, ela tem uma vida padrão hoje, eu tenho uma vida padrão hoje.* Então ela temque melhorar.* Quer dizer, ela vai sair da vida padrão, eu vou continuar sendo a mesma vida ou melhorar.* [Cair]- cair num é casamento.* Pra mim, num acho casamento.

E* Comu você conheceu sua namorada?

I* Foi em show, em show.* Saindu (inint)- em show, né?* (hes) eu achu que é o point- agora [nesse]- nesse show.* Shows, sorveterias, essas coisas assim.* Eu acho que trabalho é muito difícil.* Em trabalho é difícil de encontrar uma pessoa, porque em trabalho, ninguém confia no outro.* É, todo mundo é segundas intenções.* Então, [é]- [é]- é mais (hes) assim nus points mesmo [das]- [das]- das noites.* Nos shows, casa de shows, (hes) sorveterias, shoppings.* Eu acho- ainda é assim, ainda.* Eu acho- no trabalho é- é claro que (inint) no trabalho, num é?* [Ate]- até jogando bola.* Qualquer canto se encontra uma pessoa, |mais| eu acho, que |é mais| [em]- em noitadas, né?

E* Comu você se diverte?

I* Olhe, estando bem eu- a pessoa sendo feliz.* Ah, é a primeira diversão, que eu podia ter, era ser feliz, né?* Pra ser feliz hoje, é preciso |ter que| tá bem financeiramente, tem que ter um padrão de vida bom,* Principalmente, aquelas pessoas que tem visão futuras de- sempre tem aquele sonho de crescer, de ser [um]- um alguém na vida, né?* Alguém [que]- [que]- que que- há pessoas que te viu lá atrás, né?* Poxa, você ta assim, você já- é [essa]- essa pessoas.* Então, quem tem essa visão eu acho- [só]- só vai ser feliz [quando]- quando conseguir.* E, tem pessoas que são bem acomodadas, né?* São bem acomodadas [de]- [de]- de- ficar naquela [de]- [de]- de até mesmo num ir trabalhar, num s’forçar.* De viver aquela vida humilde.* Eu acho que pra mim viver- eu num sou assim, eu num quero ser assim.* Mais tem pessoas que |fica felizes| assim, (inint).* Então,- ei! Isso [é]- é uma pergunta delicada que você fez ai.* Porque hoje, na minha concepção mesmo, (hes) eu [só]- só vø ser feliz na minha vida quando eu conseguir, meus objetivos todinho, todos meu sonhos, qu’eu quero.* (inint) todos os objetivos que eu tenho em mente, s’eu num conseguir num vou ser uma pessoa feliz.* É isso qu’eu tenho na minha cabeça.

E* O que você faz nos fins-de-semana?

I* [Eu tento]- eu tento (hes) me divertir, sair um monte.* Até shows continuo indo, né? Cum minha namorada.* |Mais| quando tem alguma

coisa prá fazer, né? De ajeitar- lavar casa, ajeitar casa, ou até mesmo um carro assim.* Se for pra ajeitar ou casa, carro.* Então, primeiro os deveres, né? Depois |as diversão|. Pra mim, é importante se divertir, né?* Você tem praticamente dois dias da semana.* Tem gente que só tem um dia, |mais| é importante a pessoa ter- se divertir.* Tem que ter-reservar [uma hora]- uma hora pra se divertir, né só trabalhar.* É importante divertimento.

E* Como é seu relacionamento com a família?

I* Com a minha família?* É o mais normal pussível.* Eu sô muito [na]-na- eu sô muito na minha, ninguém s'intromete, né? Na minha vida particular.* Isso é até bom que ajuda.* |Mais| [a]- a eu acho mais normal.* É assim, num tem- num é aquilo que tá aqui.* Eu num sô bem apegado assim:* "Meu filho você vai pra onde?* Fica naquela preocupação."* É a coisa mais liberal, entendeu?* Eu vou onde eu quero, né?* Porque? [Porque <se->]- porque sempre eles confiaram em mim, né?* (hes) sempre eu tive aquela vida difícil, né?* [E comu eu tinha falado ates, (hes) um filho de papai, hoje, ele tem a vida muito fácil então, [a]- a preocupação dos pais hoje [é]- [é <dos>]- [é]- é cuidar mais, né?* [De]- [de]- de ter mais preocupação cum os filhos.* Porque sabe que eles tã [num circulo]- num circulo de amizade muito perigoso, né?* Sempre porque os filhinhos de papai sempre tem algo mais, né? A oferecer.* Então, eu nunca fui filho de papai, tomara que meu filho seja, |mais| eu nunca fui.* |Mais| porisso [por]- por'eu ter essa liberdade, por- ninguém s'intrometer na minha vida particular.* Porisso que- pronto, você falou na minha- relacionamento com os <me->- com a minha família é essa.E- a mais normal.* Bem normal mesmo.* Só.

E* Seus pais [lhe orientavam]- lhe orientavam quando você era adolescente?

I* [Não]- [não]- não.* Só aquelas preocupações, né?* Meu filho não faça isso, não faça isso, não faça aquilo.* |Mais| orientar mesmo assim, ser orientado, não.* Num teve preocupação, porque eu acho- depende mais da pessoa, né? Eu minha <pre->- eu mesmo, meu irmão, minhas irmãs, nunca foram orientadas,-- e nunca tiveram problemas também não.

E* Você gosta de televisão?

I* Gosto um pouco.* Eu gosto de televisão.* A única coisa qu'eu |gosto é|:* "Filmes, jogo e jornais."* São as três qu'eu mais gosto na televisão:* "Filmes, jogo e jornais."* Jornais do SBT- jornais do SBT fala bem franco.* Da globo também é bom.* Noticiários, essas coisas é o qu'eu mais gosto.* Fora isso- novela eu não quero nem ver na minha frente.* De filme, e programa (inint) seriado, porque é a mesma coisa de novela.* Filmes tem que ser duas horas, e pronto.

E* Você lembra de algum filme interessante, que você já assistiu?

I* Meu filme é mais policial.* Então- interessante seria [se]- se |eu já assistisse| assim um filme de drama, né? Estória, né?* Eu teria o que contar, |mais estória aquilo| mesmo, aquela ação, né?* Agente tá lá-

(gaguejos) são os mesmos, |mais| os meios diferentes.* Então interessante mesmo- são os melhores.* Esse foi o melhor qu'eu assisti.

E* Você gosta de ir ao cinema?

I* Eu gostava de ir ao cinema, |mais| nos temos agora cinema em (inint).* Cinema da gente é em casa, né?* Então, isso acabou mais, né?* Antigamente cinema [era]- [era]- era prá todo mundo.* Todo mundo <nun-> ninguém ("tinha") televisão, imagine video naquela época.* Então o cinema tá acabando, e eu acho que [vai]- vai chegar um tempo que vai acabar, né?* Porque agene tem um cinema dentro de casa.* É só colocar a fita lá, e assistir, né?* Então- quer dizer, |ao cinema| mesmo não, |mais| o filme agente gosta.* Eu gosto muito.

E* Você acha que a televisão influência as pessoas?

I* Influência e muito.* [Não]- [não só <influ->]- (hes) não só influência, [como]- [como]- como vicia também as pessoas.* Principalmente, as novelas (inint)- [são]- são as qe lança modas, né?* (hes) a vida conjugal de um casal também.* E isso como- (hes) isso vai ao vício, né?* A pessoa tá lá assistindo.* Tem gente que assiti as novelas toda, todinha.* Todos'os canais.* Uns diverge de ora, né?* Porque mesmo [esses]- esses programas que tem novela- [de]- [de]- de um canal tem novela tanto de tal ora.* Aí noutro canal tem uma novela e tal.* Quer dizer, tem gente que passa o dia todinho assitindo novelas, e passa prá vidareal.* Então isso fica- influência, e vai influenciar a cada vez mais, porque vai passar o tempo.* Vai influenciar...* Pra mim influenciar muito.* Influencia assim, as partes qu'eu gosto.* Quer dizer, você as vezes [tem]- tem que acreditar naquilo que você ta vendo ali, porque se você num acreditar, que tem auto-crítica também, tudo bem, tá certo.* |Mais| você tem que acreditar.* Você tá assitindo ali um jornal- você tem que |acreditar aquilo| ali, oh!* Você tem qe ser influenciado, tem que ter alguma influência.

E* Você acha que influencia as pessoas na hora de falar?

I* Falar assim de que?* Falar alguma coisa, argumentar alguma coisa?

E* Sim, de ma- (hes) na maneira das pessoas falarem, você acha qu'ela influência?

I* Do jeito da <perso-> copia.* É uma cópia.* Claro [quem]- quem assiti um programa assim todo dia- de diário, né? Muda.* A pessoa muda o jeito de falar, o jeito de andar, o jeito de correr, de se vestir.* Tem até um cabelo.* Acho que muda, copia [do]- [do]- [dos]- dos artistas, né? Dos atores também.

E* E o que você acha da sua forma de falar?

I* Comu, do jeito qu'eu tô falando aqui.* Ah! Horrível, né?* Sei lá, eu tenho uma voz horrível, maneira de falar horrível, sou muito tímido, e num gosto muito de falar (riso).

E* O que você mudaria no seu modo de falr?

I* Eu queria mudar mito.* Eu acho que [a]- a |pessoa falando| bem, é você ler bem.* O segredo ta na leitura.* [Se você]- se você é uma pessoa que le muito, [que]- que- porque sua mente é um vocabulário de palavras, né?* Se você le, você vai tá arquivando as palavras.* Quer dizer, isso facilita, e como facilita você falar prá os outros, se

expressar.* Isso é importante.* Então você lendo, você [tem mais]- tem mais argumento, tem mais vocabulário [de]- [de]- de falar, de dizer alguma coisa.

E* Você acha que todos os brasileiros falam do mesmo jeito?

I* Fala do mesmo jeito.* Fala mais- agido mesmo jeito.* Agi, [mais] flar do mesmo jeito não.* Como é teu nome, que eu num perguntei ainda.

E* Luciana.

I* Luciana, né?

E* Então Luciana, num fala do mesmo jeito, não.* Sempre- quase sempre é diferente.* É um povo de raça misturadas, né?* <Vá-> você lendo alguma coisa no (inint) as pessoas tem os mesmos hábitos, né?* Fala brasileiro- até o [mesmo]- mesmo sutaque.* E os brasileiros são tão- [são tudo doidos,] falam diferente, entendeu?* Eu acho- prá mim falam diferente.* Agora, agem [da]- da mesmo forma, né?* Sempre agem da mesma forma.* Com- de chegar no trabalho na mesma hora, [de]- de agir no trabalho na mesma hora, [de]- de- vamos supor:* "A inscrição de um concurso tal, tal, o pessoal deixa pra última hora, último dia."* Quer dizer, agem do mesmo <je-> pensam da mesma forma, agem do mesma forma.* Quer dizer, [que]- que eles falam do mesmo jeito, eu acho muito difícil ser assim.* Agora, [que di agir] as mesma coisas agi, agi.

E* Você conheceu alguém que fala diferente de você?

I* Não.* Vários, né?* São vários, como eu falei num são iguais.* Eu acho que todo mundo fala diferente.---* É claro, tem a exceção tem alguma pessoa falar- mais eu acho muito difícil.* Até mesmo no modo de você pensar.* Você- prá falar você tem que pensar mil vezes antes de falar.* Que a sua mente ta pensando [bem]- [bem]- bem mais rápido do que você ta falando.* [Então]- então, isso é uma maneira que [vai]- vai t'influenciar entre uma pessoa e outra.* Então é comu eu falei:* "Se a pessoa tem mais leitura, [mais] argumento tem prá falar."

E* Para você o que é falr correto?

I* Falar correto, é ler correto.* É você [ter]- [ter]- ter uma boa leitura.* Você você lendo muito, sendo-ter um bom orientador, você sem dúvida vai falar bem.* Eu vou ter que ler muito pra falar bem melhor.* <Ô-> eu hoje mesmo, eu num falo essas coisas.* eu falo o que todo mundo fala.* [Mais] eu acho, eu acredito que daqui uns quatro ou até mesmo antes, três anos, v6o falr [bem]- bem mesmo.* Eu vou m'isforçar prá isso-

ENTREVISTA 08 - 08.RVA.U.M

Projeto VALPB

Informante: RICARDO VERAS DE ARAÚJO

I* Ricardo Veras di'Araújo

E* Anus di'escolarizaçãu:

I* Níveu superio# completu

E* Endereçu

I* Condomínio residenciaw Pahqui dus Ipêys U~.

E* Comu você vê u extudu di oji?

I* U ixtudu di oji, u níveu mesmu tá muito baxu, né? Coleju ixtaduaw (hes) nu~ tá sihvi~du, muito maw tem aulas i só us pahicularis, qui'agenti vêu níveu laycima, né? U rextanti tá muito baxu.

E* Comu era u ixtudu da su épuca?

I* Nu meu tempu, eu ixtudei um... inicie i~ coléju ixtaduaw, né? Mays nu meu tempu, pelo menus ixtaduaw, ai~da i~sinava awguma coisa. Nãu é i~relaçãu a oji, né? Oji ixtá mais fracu du que antjigamentji.

E* Du seu tempu di ixtudanti, quaw a materia qui você mais goxtava?

I* Educaçãu física.

E* Puh que?

I* Puhque eu sempri goxtei di'ispohtis.

E* Você acha qui (hes) essa matéria deveria se# mais valorizada?

I* Ah! Issu deveria si~! Mays só quii nãu existi campu p'ra issu, aqui, nu Extadu, né?

E* Quaw u seu cuhsu?

I* Adjiminação di'impresas

E* Você goxta... você <go-> goxtô di tê# cuhsadu...

I* Goxtei si~! Pena qui agenti nãu tem+ é... nãu tem+ campu di trabalhu aqui, né? Todu...p'ra quem tá iniciandu si tohna muito difficiw puhque elis... todu impregu qui você procura; tem qui te# ixiência

E* Como ve~u essa iscolha?

I* A iscolha veiu mais, assi~, [poh]+ poh [quere#] quere# intende# mais di awguma coisa. Ve# [comu é qui si] comu é qui si trabalha im impresa.

E* Qui dificuwdadis você incontrou na univehsidadi?

I* Ne~uma. Pra mii~... eu nãu incontru nenhuma.

E* Comu foi u cuhsu?

I* O cuhsu, nu iníciu, p'ra... nu iníciu agenti nãu vê quasi nada. Em yehmu di administração, agenti nãu vê nada. A pahti# du quintu perfudu e qui agenti vêem ve# awguma coisa sobri administração. É a pahti# dai qui agenti começa a si'interessa# pela... [pelu próprio] pelu cuhsu, nu~ é?

E* Você exehci sua profissãu?

I* + poucu, mas exehçu!

E* Si você tivessi qui'iscolhe# outra profissãu, quaw você Escolheria?

I* Medicina

E* Poh que?

I* Poh que medicina é um imprego já garantidu, né? Dependendu [du] [du] du profissionaw, né? Nu casu, si você é um bom ixtudanti, você, automaticamenti você já é aproveitadu, né?

E* - - I a sua infância? Como foi? Comu era asua vida di'ixtudanti na infância?

I* Comu assi~?

E* Quando você era criança, comu você si relacionava co~ uys ixtudus?

I* Ixtudus mesmu, assi~, eu nu~ca goxtei (inint) meu negóciu mais era brinca#. Mays tem, di todú jeitu, ahenti ti~a qui'ixtuda#, né? Nu~podia dexta# di ixtuda#. Mays, fui uma criança comu otra quawque#, né? Brincava i <ti-> ti~a u tempu di ixtuda# né?

E* Você tevi preferéncia pur'awgu~ professo#?

I* Nãu, nãu. Nãu tive neu~ma, nãu

E* Qua~du você era criança, quaw a brincadera qui você maix goxtava?

I* Jogah bola! I oji continua se~du!

E* [comu] comu <é-> é... sãu essas peladas? <Comu-> comu você sai, joga...

I* Di'infciu, piquenu, agenti tem u pessoaw cunhecido, né, du mesmu bairru, entãu agenti... dava u oráriu, agenti si reunia i saia p'ra joga#. Mays, quando você vai crescenu, já vai joganu em timis... fohmanuys campionatus, tohneus, ai...

E* Comu sua mãe criô você?

I* -- Criô nohmawmenti [comu] comu <otu-> otu mininu: dandu educaçu, moxtranu u qui'era cehtu, u qui'era erradu, p'ragenti sigui# a vida completa, né?

E* Você tem awguma ixtória mahcanti da sua infância?

I* -- Nãu! Qu'eu mi lembri, assi~, agora nãu! mas sempri, cada um tem uma coisa mahcanti, qui sãu muitas coisas qui agenti, assi~, fica difficiw di dize#, né?

E* Você tem filhus?

I* Te~u filhus. Um mininu.

E* Comu é seu relacionametu? Comu você trata seu filhu?

I* Ah! tratu muito beym. Mai filhu... achu qui é tudu u qui agentji tem é <u-> [é] é u filhu, né?

E* O que você sentiu quando soube qui ia se# pai?

I* P'ra mi~a idadi, assi~, agenti fica um pocu, assi~, chocadu, qui'agenti nu~ sabi a reaçu, cume qui vai se#. Mays, depois, cu~ u tempu ahenti [vai] vai vendu, né?

E* Comu você conheceu sua esposa?

I* Na univehsidadi. Extudãdu na univehsidadi.

E* Comu é u relaciunametu di vocêys?

I* U relacionametu d'agenti é bem abehtu, né? U qui um tá sintindu fala p'ra u otu i vici-vehsa

E* Você já foi infiew a sua esposa?

I* Nãu, nãu! (risos) Nãu!

E* U qui você acha dainfidelidadi?

I* A infidelidadi? Eu achu qui' é u siguinti, [si você] si você iscolheu uma companhe~ra p'ra tá au seu ladu, intãu, nãu tem qui procuha# ni~guém, né?

E* U quê você mais goxta na sua isposa?

I* A manera dela mi trata# .

E* I u qui menus goxta?

I* --- Quando eu quehu saii# cu~ ela i ela tá cansada, nu~ que# sai#. É issu. Queru mi divehti# i ays vezes nãu, tem tempu

E* Comu você vê a mulhe# brasilera?

I* --- (cochicho)

I* Pelo menus em nossu uxtadu, si você tive#... só baxta você [te# um automóview] ter um automóview é u qui elas querem. Tá sainu, gaxtãdu di~eru. é u qui elas pensam é issu, né? I na realidadi nu~ podi se# issu, nu~ podi ixixtji issu.

E* Você acha qui essas mudanças qui aconteceram cu~ as mulheres, qui ixtá acontecendu, é bom ou é rui p'ra u omem?

I* Eu achu qui é bom! É mais uma oportunityadi, né, eu achu qui issu ai tá melhorãdu pra'gentji.

E* É (hes) Você é contra ou a favo# du abohtu?

I* Eu sou a favoh! Pohquê [nem todú mundu] nem todú mundu tem condições di sustenta# uma criança i si (hes) si a criança naysci p'ra sofre#, entãu é melho# qui ela nãu nayça né? Nãu chegui a sofre#

E* Você adotaria um mininu di rua?

I* Claru qui si~, tendu condiçõis... é u qui é impohtantji. Eu achu qui eli vai se# um garotu iguaw a um otru quawque# comu si fossi meu filhu nohmaw

E* U qui você acha [du] du programa "Criança Isperança" qui é feito pela redi Globu?

I* Eu achu qui aquilu é uma fahsa. Pohquêe, você vê, em nossu extadu é muito difficiw agenti vê# aquela fexta toda, daqui qui u di~eru chegui, chega <ma-> chega mais ligeru na mãu delis du que na própria days criançaØ, nas próprias mãus das criançaØ, né? Entãu, eu achu qui issu é mais uma fahsa. É awguém ganhandu di~eru atravéys days crianças.

E* Você acha qu'ia televisãu influencia a violência?

I* Muito, muito. [Ela insina] Ela insina a violência. Ela passa a transmiti# a violência

E* Você vai dexa# <se-> seu filhu assixti fiwmis dessa manera? U que qui você vai faze# p'ra evitar issu?

I* Nãu! Eu achu corretu você moxta# u cami~u corretu ao seu filhu, entãu [agenti nu~ podi] agenti nu~ podi desliga# uma televisãu. Agenti tem qui dexa, agora, sempri moxtãdu u cami~u corretu p'ra eli.

E* Quais us fiwmis qui você goxta di assixti#?

I* Eu+ aquelis fiwmis di faroextji di antigamenti é u meu prediletu!

E* Conti um fiwmi mahcanti qui você assixtiu e nunca esqueceu:

I* É (hes) Tubarãu Um

E* Comu foi essa ixtória?

I* Nãu. [É um fiwmi] é um fiwmi qui chamo atençãu, né? Qui eli nu tempu... us fiwmiØ qu'iagenti [nãu ti~a] nãu ti~a cinema nu~ passava essis fiwmi assi~, entãu, foi um fiwmi qui chamô muito a atençãu, pela fohma, a fohma tãu vehdadera qui u fiwmi apresenta, né?

E* Você acha [qui] qui agora cu~ u videu as pessoas estãu dexanu~ di frequenta# u cinema?

I* Nãu, nãu. Eu achu qui nãu. U cinema continua vivu i tai, né? Nem sempri... pohque [cõ u vídiu] cõ u vídiu só cõ detehminadu tempu é qui vai chega# p'ras pessoas i~ casa, né? Pori~quantu us lançamentus, u pessuaw assixti i~ cinemas mesmu.

E* Comu você vê u cinema di oji?

I* U problema é qui nossu ixtadu é muito atrasadu. Daqui qui cheguem uys fiwmis boyns é... a demora é muitugrandi, intãu, u cinema d'agenti é muito fracu é falhu, né? Nãu dá. Quando u pessuaw nãu que# mais assixti# us fiwmiØ é qui chega nu nossu estadu.

E* Quaw a sua atriiz preferida?

I* Vera Fishi#

E* Puuh que?

I* A mãnera dela se#. A beleza dela

E* [Você acha] Você acha qui Vera Fishi#, reawmenti, teria qui se# punida pelu qu'ielá feyz, pela Redi Globo?

I* Nãu, nãu! Eu achu qui nãu. Issu aí... cada um tem seu jeitu di se# i agenti tem qui respeita#

E* Você nãmorou muito?

I* --- Namorei, sim! Namorei! Gostava di sai#! Sempri goxtei di namora#

E* Comu eram seus namorus?

I* Dependi, issu ai pela minina, né? Ai, pelu jeitu da minina. Cada uma é um namoro diferente!

E* [comu} comu você conheceu sua primera namorada?

I* Ela ixtudava nu coléju. Nu mesmu coléju qu'eu ixtudava, foi ai... Na mesma sala, i ai qu'agenti si conheceu.

E* U qui você pensa sobri u amo#?

I* U amo#? U amo# é muito impohtanti. Eu achu qui'a coisa... uma das coisas milhoris qui ixixti é u amo#. Cê te# essi sentimentu né?

E* Você acredita i~ amo# a primera vixta?

I* Nãu, nãu! A primera vixta, nãu. Nãu acredito, nãu

E* Poh que?

I* Pohque nem sempri, [as vezis] as vezis é puhque cê tá na solidãu, e as vezis você pensa qui [aquela] aquela pessoa é a pessoa cehta p'ra você. I as vezis tá inganadu, né? I aí você podi bate# cu~ a pohta na cara.

E* Antis da sua isposa, você viveu uma paxãu arrebatadora?

I* Sim, sim. Passei... tivi sim.

E* Comu foi?

I* Ah! Foram seti anus di namoru ii é comu eu falei né: nem sempri é aquilu qui agenti pensa. As vezis agenti pensa qui é u amo# mesmu i quando vai ve#, nu~ é issu qui agenti tá pensandu.

E* Puh que vocêys tehminaram?

I* <puh-> Eu achu qui foi puh causa dissu: puhque agentji parecia mais dois ihmãu dji tanta cõvivência, agentj parecia dois ihmãu. Intãu, eu achu qu'era issu qui tava sigurandu mais agentj. Era...

E* Você acha qui a rotina é (hes) acba o amo#?

I* Ixatamentil! Eu achu qui sim. Si nu~ tive# renovaçãu, tehmina acabandu.

E* Que tipu di mulhe# você goxta?

I* Eu goxtu di uma mulhe# sincera, né? Qui chegui i seja abehta, cu~vehsi [é] [é]- é... prefiru é essa

E* Você tem medo da Aidys?

I* Eu nu~ te~u medu [pohque] pohque agentji si previni, né? Mays medu, mesmu, ai achu qui nãu. Achu quii, dji quawque# jeitu agentji tem qui acredita# i~ Deus, né? Achu qui cada um qui co~tem essa due~ça, eu achu qui awguma coisa di erradu feyz p'ra pode# te# essi caxtigu.

E* Comu é u seu relacioname~tu cõ Deus?

I* Nu~ sou católicu <protex-> <é-> <-e> <é-> p'ra tá todus uys dias [na] na igreja, né. Mays sei qui exixti um Deus (hes) e rezu muito puh'eli

E* U que você sempri pedi à Deus?

I* Sempri <u-> um bom impregu i pessoas amigas qui ajudi pessoas qui ixtãu necessitandu, comu eu também i olha# pr'aquelis qui precisam mais do que eu, né?

E* <U> U qui você acha qui tá causandu essi disimprego tãu grandi nu Brasiw, apesa# da inflaçãu ixtá# ixtávew?

I* Oh! A inflaçãu, achu qui ixtá ixtávew p'ra elis, né? Puhque, comu elis falam. Deflaçãu, mays, olhanu direitu nada dissu tá acontecendu, né? I u disimprego... só ixixti disimprego p'ra quem nãu tem condiçõs financeiras, né? P'ra quem tem: sempri tem um lugahzi~u p'ra elis, lá.

E* U qui você acha qui u govehnu devi faze# para da# mais impregu au povu?

I* Impregu exixti, agora rexta só u guvehnu procura# ays pissoas capacitadas, né?

E* Comu você vê essi novu Presidenti?

I* Comu otru quawque#. Otru quii ixtá bitoladu+ às grandis impresas, né? Tá... ele é govehnadu pelas impresas e nãu pu'reli mesmu né? [comu todo] comu todus presidente já foi né?

E* Si você fossi presidenti u qui faria pelu povu?

I* Achu qu'ia primera coisa era impregu. Da# impregu para u povu. I sigundu: paha pode# si imprega# ti~a qui se# capacitadu.

E* I si você ganhassi na loteria, u qui faria cõ u di~eru?

I* Eu ajudava, primeru, a mi~a familia. Depois eu procurava ve# as pessoas+ amigas i ajudaria tantu as pessoas amigas comu otras qui, agenti vê qui podia faze# awguma coisa pu'relas.

E* Quê sonhu pahricula# seu, você realizaria?

I* Eu achu qui é (hes) ajuda# crianças, né? Quii você, quandu sai, você entra na favela, você vê as pessoas sofrendu, né. I sofrendu, nãu puh causa delis, né, e si~ pelu govehnu, né?

E* Para você o qui é passa# fomi?

I* Passa# fomi? É quandu chega a hora di... qui todus mundu tem di come# i aquela pessoa nu~ tem nada p'ra come#. Eu achu qui é issu qui é passa# fomi. A pio# coisa qui é, é issu. Qu'ieli sabi qui nas otras

casas têm cumida i na deli, quando eli chega a ora, mew-dia, qui é a ora du awmoçu, na deli nu~ te~ nada.

E* As pessoas dizem qui us faveladus têm cuwpa di estarem lá. Você acha issu?

I* Nãu. Eu achu qui nãu.

E* Poh que?

I* Pohque nãu. Puhque issu ai [nãu] [nãu] [nãu]... eu achu qui fayz pahti [di] [di] [di] [di] [di], achu qui di [quawque#] quawque# um. [Nu~] [nu~] achu qui [nu~] [nu~] nu~ exixti, nãu, issu.

E* U que você acha qui u govehnu deveria faze# pu'ressas pessoas?

I* Achu qui divia i~centiva# né. Primeramenti, ixtudu, né? Dá# u ixtudu corretu i depois aproveita#, né? danu... você danu ixtudu direitu ii+ cu~ tempu só entraria <da-> daria um impregu as pessoas capacitadas. Eu achu qui si ouvessi issu todú mundu, eu achu qui, ixtudaria sabendu qui futuramenti [ia] ia te# awguma coisa na vida.

E* Você acha qui a sociedadadi é cuwpada?

I* Nãu. Eu achu qui a sociedadadi nu~ tem nada a ve# nãu. Us cuwpadus sãu elis, qui ixtãu nu pode#. Comu todus qui entram. Qui cada um qui que# intra, qui que# só coloca# as pessoas di casa, nu pude# também.

E* É (hes) [você] você acha... u qui você pensa sobri a violência?

I* A violência é consequência, é <uma-> é a revowta. Issu é consequência da educaçãu, qui nãu exixtem im nossu paiis

E* Você já foi vítima di violência?

I* Nãu, nãu! Violência, mesmu, assi~, nãu. Nunca fui.

E* Comu você acha <q-> qui agiria nu~ momentu comu essi?

I* Comu um outru quawque#, né? Si... você tentaria [si] si defende#, né? Mays, na hora, você olhanu direiti~u u cuwpadu nãu sãu elis, né? Elis tãu ali puhque tãu precisanu

E* Você já ixtevi awguma veyz, em awguma situaçãu difficiw em qui tenha ditu para você mesmu: "Chegô a mi~a ora"?

I* Nunca passei por issu, nãu!

E* É (hes) voc^é contra ou a favo# da pena di mortu?

I* + Eu siria a favoh si ouvessi justiça em nossu paiis. Ai, eu seria a favoh. Mais, comu nãu há juxtiça correta muitju... nu nossu paiis muitus iam paga# puh coisas qui nãu tinham feitju

E* Você já pehdeu awguém muitu queridu?

I* Já! Pehdi mi~a avó. Era a pessoa qu'eu goxtava muitu

E* Comu foi?

I* Ela ti~a+ cance# di mama. E, ai, ela chegô a falice#.

E* Oji muitas mulheris sofrem dissu, né? U que você acha <q-> qui devi se# feito para evita#?

I* Achu qui devia [procura#] procura# ux poxtus di saúdi i pidi# mais infohmaçõis, já qui, naqueli tempu, quando aconteceu cu~ mi~a avó nãu ixixtia comu oji, né. Oji a televisãu tá moxtrandu comu devi se# feitju, né?

E* [U que] U que você achaqui tem após a mohti?

I* Eu achu qui <a-> após a mohtji, eu achu qui [um dia] um dia você vai vowta#. Achu qui inixti otra vida p'ra você.

E* O que deixa você mais feliz?

I* Eu achu qui te+ dê tẽ saúdi i qui mi~a família... te# meus pais au ladu, todus cu~ saúdi.

E* E o que deixa você mais triste?

I* Sabe# qui um dia+ agentji podi pehde# a família, né? tanto pehde# antis ou agenti dexa# primeru a família

E* Você tem irmãos?

I* Te~u. Dois irmãos?

E* Comu é seu relacionamentu cõ elis?

I* [Bem] Bem apesar deli se# casadu, quando era sowteru agenti tuduuntu. É difehenti. Agora, casadu agenti só si vê assi~, finaw di semana ai intãu, finaw di mêys, dificiwmentji. Cada um trabalha, intãu fica difficiw.

E* Você lembra di awguma ixtória mahcanti qui aconteceu entri você i seus irmãos?

I* Le~bru si~. Le~bru. Disintedimentu cu~ meu irmão. Brigas, comu quawque# um otru briga

E* Conti uma qui você não esqueceu di jeitu awgum:

I* Quando... (risos) Quando eu tava brigandu cu~ meu irmão i mi~a mãe chegô p'ra da# i~ mi~eu mi~ ajuelhei cu~ medu, pidi pehdãu i ela ficô rindu na hora. Nu luga# di dá i~ mi~ ela fico rindu

E* Você é uma pessoa qui pehdoa fáciw?

I* [Nãu] [nãu] [nãu] nãu só, nãu.

E* Puh que?

I* Nãu. Eu continueu u mesmu. [Nu~] nu~ pehdi nãu. Sempri fui a mesma pessoa <nu-> nunca deixei di se# u qu'eu era.

E* Comu é u seu relacionamentu cu~ us amigos?

I* Amigus mesmu, é difficiw agenti conta# né? Agenti olhandu direiti~u du jeitu qui tá+ tem amigu p'ra tudu qu'ié coisa. Tem amigu di ba# <te-> nu~ tem é, você alohandu direiti~u, você nu~ tem amigu sinceru. Você conta a dedu, né? Quantus você tem. Mays nu relacionamentu cu~ essi, essis qui dizem qui é amigu, eu achu qui é u melho# pussivew.

E* <Quis-> que sonho seu você goxtaria direaliza#?

I* Arranja# um bom impregu p'ra pode# ajudá mi~a família

E* I comu você si divehti?

I* -- Oji, depois di casadu si tohno mais difficiw, né, puhque agenti tem qui dá mais atençãu a família. Intãu, u único divehtimentu, as vezis é finaw di semana quando eu te~u qui joga# bola, mi acohdu di ci~cu oraØ p'ra i joga#. Prontu. U único divehtimentu é essi. I sai# cu~ a isposa e filhu.

E* Si chegassi awguém aqui dizendu qui daria u qui pedissi, o que pidiria?

I* Um bom impregu p'ra moxta# mi~a capacidadi.

E* O que você faz todus us dias?

I* + Cê fala é (hes)...

E* Sigunda, tehça

I* Tudu a mesma coisa, sempri, nu casu eu trabalhu na mehcearia, então, mi~a rotina é chega# aqui di seti oras, sai# di seti i meia. Tudu a mesma coisa. Dispacha# as pessoas qui vem...

E* I a sua isposa? U que qui ela fayz?

I* Ela tá... atuawmenti ela extá ixtagianu nu Bancu du Brasiw i istagiandu nu TRT.

E* <é-> (hes) Você goxta du bairru ondi mora?

I* Puhque... du bairru mesmu i si+ nu~ te~u nada a fala# puhque eu, pratjicamenti, eu nu~ vivu lá. É só finaw di semana, só chegu nu sábadu di ci~cu oras... I eu moru i~ apahtamentu. Apahtamentu, você só cu~vehsa cõ as pessoas qui tão dentru du apahtamentu.

E* Comu você <com-> comprou essi apahtamentu?

I* Foi atravéys di um carru qui meu pai mi deu, agentji, quando eu mi casei, agentji vendeu p'ra pode# compra# u apahtamentu.

E* Moradia, oji tá difficiw, né? Comu você acha... o qui u govehnu diviria faze# p'ra tê# mais moradia?

I* Facilita# u financiamentu, né? Da# ophtunidade a essas pessoas qui nãu tem essa condições todas para pude# compra# casas, apahtamentus. U guvehnu diviria baxa# mais u... já qui uma pessoa <ol-> assalariado oji em dia nãu tem condições di mora# em casa própria, né?

E* <Vo-> você+ [pretendi] pretendi te# mais filhus?

I* Nãu. pohi~quantu nãu. Pelas condiçõeyys quẽ-- <q-> <q-> qu'eu te~u, nãu tem condiçõeyys [dji]+ [dji] te# mais.

E* É (hes) você (hes) fayz sehviçus doméxticus [p'ra] p'ra ajuda# sua esposa?

I* Façu. Ajudu. U qui teive# p'ra faze# eu façu. Issu aí, nu~ te~u...issu aí eu sempri ajudei i ajudu.

E* [Comu <vo->] Comu você vê u machismu di oji?

I* Eu achu qui oji i~ dia ixixti né, mas achu qui muito pocu. Issu ai tá mais nas pessoas [mais] mais aduwtas, né qui ainda ixixti, mais, eu achu qui u pessoaw mais novus, na faix'etária di até vinti i cinco, trinta anus, u pessoaw tá cu~ otru pensamentu. Achu qui nãu tá inixtindu tantu comu antis, né.

E* Comu você vê u jovem di oji?

I* Achu qui u jovem di oji, menus pensativu, né? U jovem tá muito sowtu, tem qui mante# a cabeça nu luga#. I u jovem oji nãu pensa muito.

E* Você é contra ou a favo# du divóhciu?

I* Sô a favo#. Se você tá cuma pessoai <n-> nu~ deu mais cehtu, intãu é melho# você dexa# aquela pessoa.

E* Você já tomou droga?

I* Nãu. Nunca!

E* I comu você vê u jovem qui fayz issu? U qui você acha qui leva um jovem a faze# issu?

I* As vezis a situaçãu pelu qui eli tá passanu, u qui eli tá venu, u qui uys amigus têm i eli nãu tem, muitas vezis i u disisperu. *Eli fayz issu p'ra vê si isqueci, né. Issu aí é um erru qui todus fazem, né?

E* U qui você faria si tivessi um filhu nessas condições?

I* Achu qui procurahia cu~vehsa# cõ eli, moxtra# qui u cami~u cehtu nãu é essi, né? Se tem qui procura# moxtra# à eli+ vê u qui eli tá precisanu p'ra vê si você podi chega# i da# aquilu qu'eli tá precisanu

E* Você acha qui a televisãu influênciã us jovens a faze# issu?

I* A televisãu influênciã muitju! Muitas vezis, fiwmi qui você passa, as vezis a pessoa nunca tentô, mays quando vê uma coisa dessa vai vê u qui é qui vai acontece# cu~ eli. Achu qui issu ai influi muito.

E* Quais us programas di televisãu qui você assixti?

I* Johnaw, uys... johnaw bandeirante, johnaw Nacionaw, futibow é (hes)... finaw di semana é só ospohti qu'eu assixtu

E* Quaw seu time preferidu?

I* É u fluminense

E* Poh que?

I* Pohque desdi pequenu aprenditohce# puh eli i até oji eu goxtu muito.

E* Conte um jogu inesquecívew:

I* Foi fluminensi i flamengu, agora, em noventa i cincu, quando u fluminensi si tohnô campiãu. Apesah du timi du flamengu tá superio#, né. I u fluminensi nãu tem as contrataçõeis qui eli tem i tehminô sendu campiãu

E* Quaw u seu jogado# preferidu?

I* Eu achu qui meu jogado# preferidu- cê fala qui mi mahcô, assi~ [ô] ô (hes)- si é jogado# qui mi mahcô é Edi~u, quando jogava di zagueiru nu fluminensi. I jogado#, apesa# di nu~ te# cunhecidu, mays atraveys [di] [di] [di] di fitas é u Garrincha.

E* Você acha [<q->] qui oji u jogado# [eli] eli joga puhque ama a profissãu ou pelu di~eru?

I* Ixixti jogadoris qui iscolhem aquela profissãu, né? Ixixti oji qui tá ali só pelu di~eru. É u casu di mitus qui agenti vê ai qui+ u qui impohta p'ra eli é u dinheru i nãu u tjimi qui eli ixtá, né. Nu~é amo# à camisa

E* Você assumiria uma profissãu só pelu di~eru?

I* Nãu. Eu achu qui issu nu~ adiantaria p'ra você. Eu achu qu'issu ai nu~ é a saída correta pohque futuramenti você vai cai#, né? Intãu você tem qui procura# u qui você goxta

E* Você ficaria cõ uma mulhe# qui lhe sustentassi?

I* Nãu. Eu achu qui jamais ficaria cõ uma pessoa... cê si tohna inútiw.

E* Poh que?

I* Puhque cada um, se'rumanu tem qui moxtra sua capacidadi i nãu [tá] tá si'sintindu inútiw. Eu achu qui issu nãu devi exixti#

E* Que notícia você viu na televisão que mais... que mais você maix goxtou?

I* --- *Assi~, nu~ dá p'ra lembra# bem assi~. Qui as vezis sãu tantas notícias qui agenti...+ quiagora nu~ dá p'ra lembra# mesmu. nu~ te~u, purinquantu... eu nu~ te~u ne~uma, assi~, qui chamô mi~a atençãu.

E* I a qui você menus goxtou di te# assixtidu, di te# vixtu?

I* É (hes) qu'eu assixti i as vezis assixtji é quando u Brasiw é derrotadu pel'Ahgentina. É u único país qu'eu achu qui u Brasiw nu~ deveria pehde#

E* [Você acha qui] Você acha qui Maradona deve se# punidu? Deve [te]- se# dexadu joga#?

I* Nãu! Eu achu qui nãu, pohque eli... eu achu qui'a cuwpa nãu é deli, puhque eli si'nvowveu cu~ drogas, né? I awguma coisa errada aconteci cu~ eli. Intãu, agenti nãu devi ixclui# eli. né? Pessoa qui tem capacidadi agenti tem qui dá opohtunidadi, agora, também, tem qui te# um acompanhamento cu~ eli

E* É (hes) <fu-> poh que qui você nãu que# qui'u Brasiw não seja derrotadu pela Ahgentina, nunca?

I* pelu jeitu eli-

I* Nãu é (hes) joga# futibow i si~ da# pancada. I issu nu~ é futibow. Futibow é uma ahtji, né?

E* Comu você vê [as]- a violênciã nos estádius?

I* [Issu] issu sãu pessoas, é um grupu... sãu pessoas qu'eu achu qui sãu treinadas p'ra issu. Issu ai nãu fayz pahti, eu achu qu'issu nu~ é uma tohcida ohganizada, issu sãu rebewdis, né? Issu ai sãu pessoas qui istãu ali só p'ra+ faze# a violênciã. Intãu, issu, eu achu qui issu nãu é tohcida ohganizada. Tohcida Ohg@nizada é aquela qui vai aplaudi# seu timi

E* U qui você acha qui a pulcãia devi faze# p'ra evita#

I* Eu achu qui é faze# u qui'elis tãu fazendu: Nãu dexa u tohcedo# i unifohmizadu p'ra'u campu, p'ra pode# te# uma maio# uniãu, né? Si u tohcedo# tá sem a camisa du seu timi, intãu eli podi fica# au ladu di otru tohcedo#. Intãu, issu nãu vai faze# qui eli queira agridi# puhque eli vai te# medu du seu próprio companheiru qui tá au seu ladu. Intãu... I eli tandu nu <maio#> i~ maio# quantidadi, issu ai já vai diminui#, né, puhqu'eli tá lá cunfiandu nus seus próprios amigus

E* É (hes) si você fossi p'ra um ixtádiu i acontecessi issu cu~ você, o que você faria?

I* Nu casu di confusãu eu deixaria u ixtádiu. Eu procuraria+ sai# pela... quawque# saída. Nãu m'invowve# cu~'a confusãu, né. Procurassi m'isconde# p'ra nãu m'invowve# i~ cofusãu. Pohque (hes) issu ai só trayz consequências p'ra você né?

E* Daqui di João Pessoa, quaw u seu timi?

I* Botafogu

E* Pohque?

I* É puhque é u timi da capitaw, ai-- é u qu'eu iscolhi p'ra tohce# (hes) i contínuu tohcendu, apesa# di nu~ te... du futibow se# muito fracu, né?

E* Você lembra de'awgum jogu inesquecívew du Botafogu?

I* Foi Botafogu i Santus. Nu tempu quii u flamengu... i~ oitenta qui u flamengu foi até poh sinaw, foi campeãu du mundu. I, quando u flamengu veiu joga# aqui, flamengu apanhõ, santus- u único tjimi qui deu foi u santus, <qua-. qui tirõ u botafogu du campionatu brasilêiru.

E* U qui você acha qui diviria se# feito p'ra valoriza# mais ux timis [da] da terra?

I* Eu achu qui diveria da# mais incentivu, pohque us dirigentis qui entram, a intençãu, apesar du timi nãu te# condiçõeys, elis @inda entram cu~'intençãu di retira# mais u~ pôcu du timi. *Nu luga# di

coloca# elis entram cu~'a intençãu di retina#. *Intãu, issu vai afundandu, cada veyz mais [u] u timi, né. Nu luga# di te# incentivu elis fazem issu.

E* U que você sintiu cu~'a mohti di Sena?

I* É um impactu... foi um impactu muito fohtji! *Apesa# di tá trixti au mesmu tempu fiquei alegri, puhque nu dia que sena morreu, puh causa deli naysceu'u meu filhu

E* <Voc->

I* Foi pelu suxtu qui mi~a isposa tevi cu~ a mohti di Sena, qui meu filhu naysceu.

E* [É (hes) você] (hes)... é (hes) você acha que a (hes) as corridas têm u mesmu valo#, mesmu Sena tendu morridu?

I* Nãu. P'ra mim pehdeu u valo# pohque (hes) [eli] [eli] eli... Ayhton Senena era dimais. *Ayhton Sena < > dificiwmenti u Brasiw vai te# uma pessoa comu eli, né? *Pohque (hes) era uma pessoa muito umiwdi. Intãu, issu < > depois dissu nãu assixtu mais corrida, né. Quando [eu]- eu mudu, mudu puhque agenti nu~ tem mais aquela mesma vontadi.

E* das corridas qui você assixtiu, é com Sena, quaw a mais mahcanti?

I* A'queli ganhou u Grandi Prêmiu du Brasiw! Pela primêra veyz.

E* O que você sentiu?

I* Ah! agentji fiva um pôco emocionado, até pelu jeitju [qu'eli] qu'eli gritava, intãu, agenti... parece até que é você, também, qui tá ganhandu, né?

E* Você acha qui foi acidenti?

I* Foi. Puh pahti, foi, né. Agora, nãu cuwpa deli, né. foi cuwpa [du] du... foi pahti mecânica du carru, né?

E* U qui você acha que deveria se# feito p'ra evita# essis acidentis nas corridas?

I* Eu achu qui devia te# u limiti da velocidadi, né? Chega# au pontu qui cada carru nãu pude mais passa daquela velocidadi. Intãu, eu achu qu'issu dai devi fica# dependendu dus pilotus comu exixti na f- Quem fô# u melho# é qui venci.

E* Poh quem você tohci na fohmula Indy?

I* Eu achu... eu uwtimamenti, ai tô tohcendu p'ru Cristjiã Fitipawdi [puh] puh seh uma pessoa nova+ i te# a família qui tem: di vencedoris, né?

E* Ô qui você acha di Rubi~u Bahiquelu?

I* Eli é um corredo# muito bom, só qui nãu tem aquipi boa p'ra pode# leva# i moxta# suas vitórias, né? Tem qui ixixti uma equipi boa. Pu'ri~quantu qu'eli nu~ tive# essa opohtunidade eli vai continua# sendu+ um simplis corredo# comu otru quawque#

E* [Você acha qui nu] Você acha qui nu Brasiw ispohti é valorizadu?

I* Nãu! Ispohti nu Brasiw, di jeitu ne~u. <Nãu> Nunca foi valorizadu

E* Puh que?

I* Puh fawta [du-] [du-] [du-] du patrocíniu, né? Cê vê, oj'em dia> cê vê u Volei, u Volei só tá valorizadu po'huma impresa qui é u Bancu du Brasiw, qui tá patrocinandu, né. Puhque nenhuma impresa que# bota# di~eru {nas mãus assi~} i perde#, né. Ela só que# bota# di~eru si ela

vê# si vai te# retohnu imediatu i nu Brasiw, u pessoaw nãu dá valo# a issu

E* U qui você sentiu quandu u Brasiw foi tetra?

I* Ah! <Issu aí é> Goxtei. É comu todú mundu senti, emoçãu, né, i puh se# a primeira veyz qu'eu tô assixtindu u Brasiw se# campiãu mundiaw.

E* [É-] hes você goxta di cahnavaw?

I* Goxtu, goxtu, muitu!

E* Puh que?

I* <Puhque é> [é u tipu]- é u tipu di brincadera que [você] você bota suas energiaØ p'ra fora

E* Quaw foi u melho# carnavaw di sua vida?

I* Nu~ sei u anu assi~, mas eu achu quandu'eu tji~a dezoito anus, quandu saia nu cahnavaw, acampava i~ barraca. Achu qu'essi aí foi u melho# cahnavaw qu'eu já passei.

E* Comu foi?

I* Si juntava um grupu, dois trêys, agenti saia cu'a barraca, levava p'ra praia; nu tempu, agenti levô p'ra praia di Lucena, i eu achu qui é > só i~ você tá longi da família, poh você tá assi~, pela primêra veyz longi da família, brinca# ninguém p'ra fala#, dize# nada, eu achu qu'issu as é qui é>

E* U que seu pai sempri lh'ensinou?

I* Eli sempri m'ensinou, sempri mi mostrou u caminhu corretu p'ragenti, né? Moxtrou as condiçôes deli+ p'ra pode agenti nãu quere# uwtrapassa# aqueli limite, né?

E* I Quaw u seu tipu di música? Que tipu di música você goxta?

I* Forró, apesa# di [nãu]- nãu dança direitu, mas eu gostu de forró, lambada i essas músicas di |cahnavaw qui tá| aparecendu, suhgindu oji: músicas baianas, né?

E* Você [já]- pá foi passa# > você já passou awgum cahnavaw na Bahia?

I* Nãu, Bahia nunca! Nunca passei, nãu.

E* Cê tem vontadi?

I* vontadi te~u, mas nãu te~u condiçôes!

E* É (hes) essas duplas qui ixtãu aparicendu agora, você goxta?

I* Duplas sehtanejas, sim. Sehtanejas ixixti músicas bunitas [i]- i duplas boas, né?

E* Quaw a música qui mahcou sua vida?

I* É (hes) Nu~ sei si é> eu achu qui é a di Leandru i Leonahdu, aquela > parece qu'é "Tiri us seus lohus {du meu} dus meus... ahu qu'é > u nomi da música mesmu eu nãu sei, nãu. Eu sei qui é assi~, mais ou menus.

E* Poh que?

I* Nãu! Pohque eu achu> eu gostu di música romântica, também, aí eu achei bunita.

E* Quaw sua dupla sehtaneja preferida?

I* A preferida é Leandru i Leonahdu, é Zezé di Camahgu i Lucianu. As mais tocadas né, sãu essas.

E* Você acha qui todus us brasileiro falam du mesmu jeitu?

I* Nãu, nãu. [Sempri]- sempri muda um pouco a linguagem

E* Quaw a diferença?

I* É u sutaqui, né? U nohfextinu tem um sutaqui, u sulista tem otru sutaqui. |Cada um sãu| cuwturas diferentis i issu as vezis até difiçuwta, né?

E* Poh que?

I* Issu devi se# pelus seus antacedentes, né? U nohdextji>, u pessuaw du suw, é u pessuaw> as vezis é u pessuaw europeu. Mas intãu, issu aí tehmina, as vezis, até mudandu sua própria cuwtura du país?

E* U qui você acha di sua fohma di falar?

I* --- Nãu tãu boa, nãu, mays, também nu~ é tãu rui~, né?

E* U qui você mudaria na sua manêra di fala#?

I* Si'eu pudessi (hes) se# mais ixtrovehtidu na ora difala#.

E* Para você u qui é fala# corretu?

I* Fala# corretu, qu'eu achu é + te# uma boa linguagem, né?

E* Você conhece awguém qui fala differenti di você?

I* As vezis sim. tem gentji, pessoas qui tem mais> pessoas qui tem mais facilidade di fala#, né

E* Você acha qui a televisão influencia as pessoas na ora di falah?

I* Nãu. Eu achu qui a televisão, nãu. Achu qui nu~ influencia, nãu. Eu achu qui issu dependi di cada um.

E* Quaw seu livru preferidu?

I* Nenhum. Pohque eu nãu leiu muito, eu nãu te~u livru preferidu.

E* Diga us números di um a deyz:

I* Iscolhe# um ai dize#?

E* Nãu. Pra conta#

I* Um, dois, três, quatu, cincu, seis, setji, oitu, novi, deyz.

E* Diga us dias da semana

I* Duminhu, sigunda, tehça, quahta, quinta sexta i sábadu

E* I us mesis du anu:

I* Janêru, Feverêru, mahçu, abriw, Maio, Junhu, Julhu, agoxtu, setembru, outubru, novembru, dezembru.

F I M
